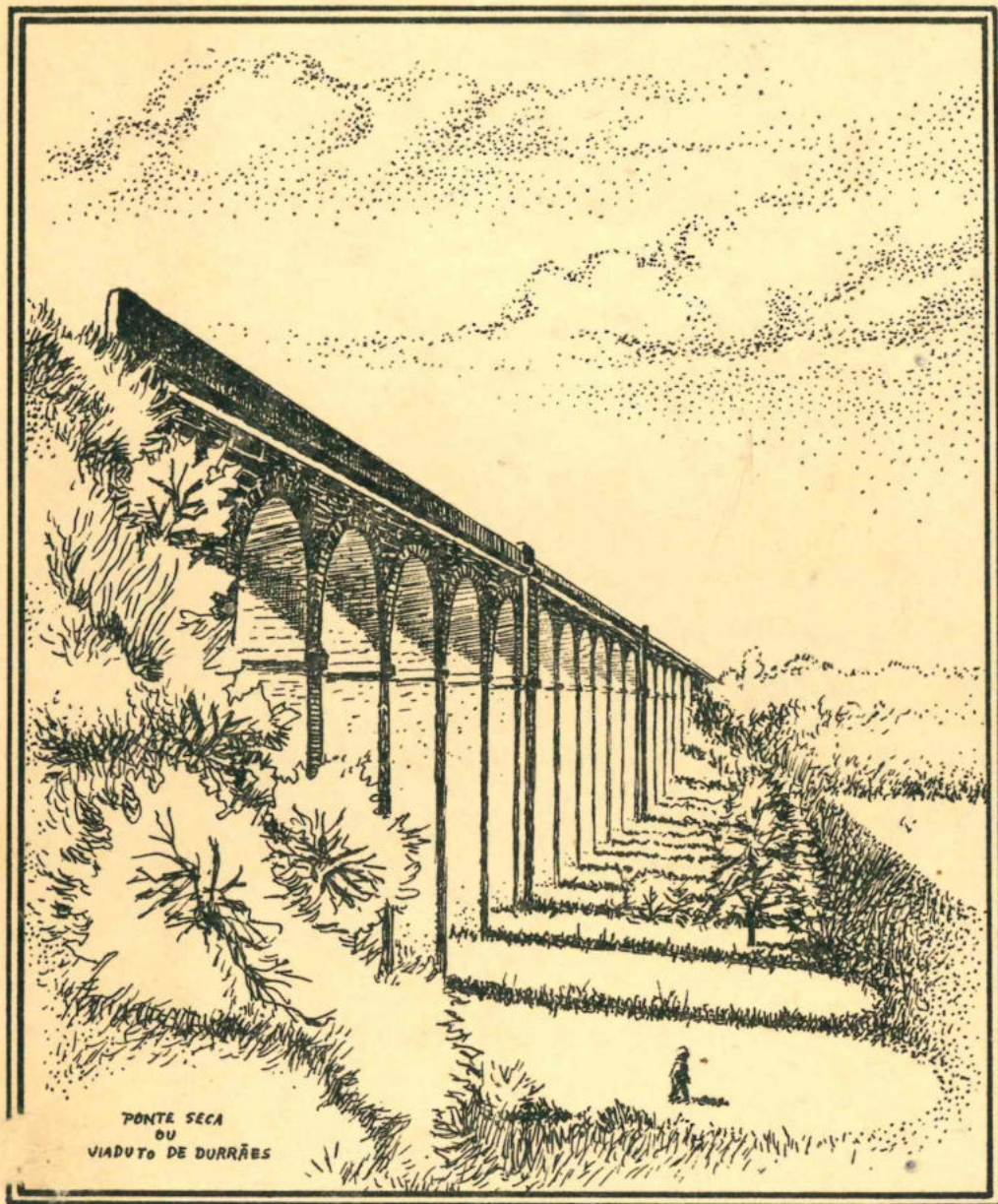


MANUEL JUSTINO PINHEIRO MACIEL

Licenciado em Antropologia e Etnologia

# MONOGRAFIA DE DURRÃES



PONTE SECA  
OU  
VIADUTO DE DURRÃES

BRAGA — 1979







MONOGRAFIA  
DE DURRÃES

C.M.B.  
Biblioteca

1117  
1118  
1119

1120  
1121  
1122

1123  
1124

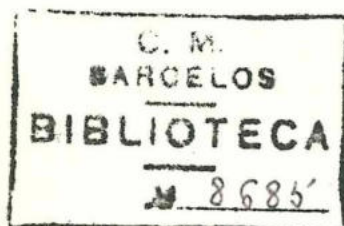


MANUEL JUSTINO PINHEIRO MACIEL

Licenciado em Antropologia e Etnologia

# MONOGRAFIA DE DURRÃES.

C.M.B.  
Biblioteca



*Boraliene*

*Perm.*

BRAGA—1979

MOZOCRAFI  
E DE RHYS

# Durrães ou a emigração como alternativa

## INTRODUÇÃO

Durrães é uma freguesia situada no coração do Minho, sobre a qual não existe nenhum estudo de fundo publicado <sup>(1)</sup>. A análise que se segue é, o ponto de vista histórico, o resultado de anos de paciente e esgotante procura de documentação, embora presentemente apenas exploremos a história desta localidade numa perspectiva de compreensão do «statu quo» actual.

Sob o ponto de vista económico, a análise procurará ser objectiva, quer no passado, quer no presente. Aparece-nos desde logo uma pequena terra que vive da agricultura de subsistência, com algumas indústrias subsidiárias.

No que respeita à parte social, estamos perante uma comunidade em rápida transformação e, portanto, limitar-nos-emos, por agora, a constatar alguns aspectos deste estado de mudança, deixando para outra oportunidade uma análise profunda destas transformações, que agora nos parece difícilima e com risco de uma visão errada do sistema.

Na linha de antropólogos actuais que se têm debruçado sobre as comunidades rurais, como Robert Redfield, esta análise também em Durrães

---

(1) O que existe publicado sobre Durrães, além, evidentemente, das referências corográficas em Dicionários e Enciclopédias, é apenas o seguinte:

T. da Fonseca, *O Concelho de Barcelos Aquém e Além-Cávado*, I, Barcelos, 1948, pp. 223-227.

J. Leite de Vasconcelos, *Etnografia Portuguesa*, V, Lisboa, 1967, pp. 10, 17, 268, 408, 439, 459, 525, 606, 625 e 626. Leite de Vasconcelos, que passou alguns dias em Durrães, refere-se a pormenores de ordem linguística e etnográfica.

L. Pinheiro, *Alguns aspectos etnográficos da Ribeira do Neiva*, Sep. das *Actas do Colóquio de Estudos Etnográficos «Dr. José Leite de Vasconcelos»*, II, Porto, 1960, 9 pgs. Trata de credences populares em Durrães.

M. J. Pinheiro Maciel, *Para uma visão histórica do Vale do Neiva*, Sep. de *O Rio Neiva — Monografia*, Porto, 1978, cita pormenores históricos de Durrães nas pp. 112, 115, 119, 120, 130 e 134. Existe também um artigo sobre a história de Durrães publicado pelo mesmo autor em *O Comércio do Porto* de 21 de Outubro de 1970, p. 14, intitulado *S. Lourenço de Durrães — Terra sem História no presente*.



pretenderia estudar a mudança social, não indo, porém, tão longe como Robert Cresswell, cujo tipo de análise esgotante só levará à conclusão de que estaríamos perante uma comunidade em desintegração. É que, de facto, a situação de uma sociedade rural minhota não varia em substância da de tantas outras em outros países onde a industrialização e a fuga para as cidades vai transformando radicalmente os aglomerados campestres.

Por outro lado, este estudo não abarcará todos os pormenores da vida socio-económica e cultural para evitar a dispersão que daí resultaria, ao mesmo tempo que afirmamos a nossa convicção de que não há monografias totais.

A nossa análise vai procurar ser simples e objectiva para que possa ser entendida pelo próprio povo rural de Durrães. Quer ser uma leitura que o faça debruçar-se sobre a sua própria realidade e não apenas uma «Monografia» para entendidos guardarem nas suas bibliotecas. Não quer ser uma opinião única e autoritária, mas um instrumento de trabalho, mesmo criticável, para a compreensão da realidade rural do Minho. Com efeito, não vamos estudar uma comunidade «dita primitiva» ou isolada num vale ou numa serra, com costumes individualizados. Vamos debruçar-nos sobre uma entre muitas aldeias minhotas, com paralelos evidentes, mas também com características que a individualizam marcadamente, entre as quais citamos as que lhe advêm da sua evolução socio-económica a partir da Idade Média.

Iniciaremos o nosso estudo por uma localização de Durrães no espaço e no tempo, seguido de uma descrição da sua economia no passado e no presente. Por último, tentaremos uma análise do evoluir da sociedade local; será uma visão de fora, que sirva de premissa a futuras conclusões sobre a transformação que Durrães está sofrendo no presente.

Agradecemos ao nosso tio Joaquim Neiva de Oliveira Maciel o ter posto à nossa disposição os seus apontamentos genealógicos e corográficos. Agradecemos igualmente ao Rev.<sup>mo</sup> P.<sup>e</sup> José Martins Mendes, Digníssimo Pároco de Durrães, os elementos estatísticos que fez o favor de nos mandar. A nossa gratidão vai, finalmente, para os nossos progenitores, a quem devemos ter nascido nesta maravilhosa Terra e que nos permitiram uma percepção mais profunda de um passado ainda não muito distante.

## I

### ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO

#### A — Situação Geográfica

Para o viajante que utiliza o comboio, Durrães é um apeadeiro da linha do Minho, localizado sensivelmente a meio caminho entre as cidades de Barcelos, a cujo concelho pertence, e Viana do Castelo, de cujo distrito e concelho é separado apenas pelo Rio Neiva, que corre em todo o lado Norte da freguesia.

Do lado Sul, a povoação é protegida pelo Monte de Durrães, cuja ele-



vação maior, o Alto de Arêfe, atinge 406 metros. Do lado Norte, para lá do Rio Neiva, a povoação é protegida pela Serra da Padela, cujos pontos mais elevados atigem 487 metros (Bouça) e 463 metros (Capela de Santa Justa).

Situada na encosta do Monte de Durrães e tendo em frente, paralelamente, a referida Serra da Padela, esta freguesia situa-se, deste modo, face a um vale abundante de águas e de óptimos espaços cultivados.

Administrativamente, a povoação confina do lado Norte com a freguesia de Carvoeiro, sede do antigo convento beneditino cujo Couto englobava as duas freguesias, e do lado Sul com a freguesia de Fragoso. A Nascente, situa-se a freguesia de S.<sup>ta</sup> Lucrécia de Aguiar e a Poente, a de Tregosa.

Seguindo a classificação geográfica de J. Campos Pereira, que divide o Distrito de Braga em quatro regiões, Durrães fica na Sub-Região Central, caracterizada por um clima temperado e húmido, tendo por culturas dominantes a vinha e o milho e por vegetação florestal, essencialmente, o pinheiro marítimo e o carvalho comum <sup>(2)</sup>.

A primeira delimitação da freguesia de Durrães surge-nos com a Carta de Couto outorgada por D. Afonso Henriques, em 1129, ao Mosteiro de Carvoeiro, posteriormente confirmada em vários reinados. Na referida Carta de Couto refere-se «como se divide Dorrane e Villar e daí por Vermuim até por entre Arefi e Fragoso e daí por onde se divide Santa Logrícia e Dorrane» <sup>(3)</sup>.

Todavia, só em 13 de Outubro de 1803 foi efectuada a declaração de confrontação dos limites da povoação <sup>(4)</sup>, que correspondem aos do Couto de Carvoeiro na parte a Sul do Rio Neiva, com marcos no terreno datando de 1666.

No que respeita à contextura do solo, estamos perante uma região granítica com afloramentos aqui e ali. O terreno tem todo a mesma natureza e pode considerar-se bastante fértil, mercê da relativa abundância de água. No fundo do vale são bons os terrenos de aluvião que permitiram desde sempre uma proveitosa cultura do milho. À medida que se sobe do vale para o monte, o terreno é aproveitado em socalcos mais ou menos extensos, retalhados por muros que isolam os lugares <sup>(5)</sup> que envolvem as habitações. Estas, normalmente, enquadram-se em quintais mais ou menos ampliados, em que se faz o cultivo da vinha e se exploram hortas e outras culturas acentuadamente de inverno. E também nestes quintais que se faz a cultura de árvores de fruto, oliveiras e castanheiros. O vale, junto ao rio, é também aproveitado no cultivo da vinha, mas as culturas nele efectuadas são mais abertas e extensivas.

---

(2) J. Campos Pereira, *A propriedade rústica em Portugal*, Lisboa, 1915, p. 21.

(3) Ver a *Carta de Couto do Mosteiro de Carvoeiro*, em Apêndice X.

(4) Ver a *Declaração e Confrontação dos limites da Freguesia de S. Lourenço de Durrães*, em Apêndice XII.

(5) Por «lugar», entende-se, na localidade, em sentido restrito, o quintal que envolve a casa de habitação.



Quanto mais se aproximam do monte, tanto mais raros e pobres vão sendo os lugares arroteados, até desaparecerem para darem lugar ao monte propriamente dito. Este, até há relativamente poucos anos, era um baldio aproveitado para pastos, com raríssima florestação, salvo alguns carvalhais e soutos de castanheiros nas encostas. Com a partilha do baldio, a florestação tornou-se total.

Sobre a forma de povoamento, constata-se uma evidente dispersão, de acordo com a forma de terreno e a abundância das águas. Como diz Alberto Sampaio, «não é fundamentalmente o estilo de vida teutónico, mas a geologia que vai permitir este povoamento disperso. A abundância de nascentes vai permitir a disseminação das habitações e dos casais» <sup>(6)</sup>. E, de facto, assim se verifica em Durrães. As casas e lugares mais antigos têm nascentes próprias.

Como vemos, a contextura granítica do solo, o retalhado de monte e vale em que a povoação está inserida e a abundância de água dispõem naturalmente para a pequena cultura intensiva, para a agricultura de subsistência, para a grande densidade populacional e para o minifúndio. É neste contexto geográfico que nos aparece Durrães.

#### B — Situação histórica

Seguindo uma pesquisa linear, esta terra só nos aparece historicamente individualizada nos finais do séc. XI. Todavia, há indícios de povoamento bem mais antigo, embora nos faltem elementos para reconstituir o que teria sido a vida económico-social do homem ozoranense <sup>(7)</sup> antes da Reconquista.

Esta localidade tem sido considerada o ponto mais interior do Vale do Neiva em que apareceram testemunhos do Homem Paleolítico que produziu a indústria ancorense <sup>(8)</sup>. Nas nossas pesquisas temos encontrado também pedra lascada do tipo da indústria citada, seja junto a linhas de água com terreno escavado pelas enxurradas de inverno, seja dispersos aqui e ali em terrenos altos que a erosão deixa a descoberto. Daqui o poderemos concluir sem qualquer dúvida que esta povoação era já habitada ou, pelo menos, era ponto de passagem obrigatória entre o interior e a orla marítima, por parte de hordas ou grupos de caçadores do Paleolítico.

O Neolítico também deixou sinais da sua passagem, nomeadamente no planalto do monte, mais conhecido por Chã de Arêfe. Hoje revestido de pinhal, este planalto conserva ainda, na sua orla, vestígios de construções castrejas, que em camadas inferiores revelam testemunhos autênticos da Idade da Pedra Polida, segundo nos foi dado verificar recentemente. Verifica-se ainda na orla da Chã de Arêfe a existência de monumentos

<sup>(6)</sup> A. Sampaio, *Estudos de economia rural do Minho*, in *Estudos Históricos e Económicos*, II, Porto, 1923, Apêndice, p. 173.

<sup>(7)</sup> Ver em Apêndice XX o nosso estudo sobre o topónimo Durrães, oriundo do possessor do Couto de Carvoeiro, e daí nós chamamos Ozoranenses aos habitantes de Durrães.

<sup>(8)</sup> E. Jalhay e A. do Paço, *Páleo e Mesolítico Português*, in *Anais da Academia Portuguesa de História* (Lisboa) 4 (1941) 81.



megalíticos bastante significativos sobre o povoamento pré-histórico do planalto. Prospeções ultimamente feitas atestam o carácter funerário destes monumentos, bem como os alvares da Idade do Bronze.

Tudo leva a crer que o planalto de Arêfe passou a ser cultivado na Idade do Ferro, dada a sua regular extensão e o seu isolamento em pleno monte, junto aos castros fortificados que a circundavam. Hoje, pouco resta destas primitivas habitações da Idade do Ferro, mas ainda se encontram mós castrejas, soleiras de portas e muita cerâmica. Há anos foi lá encontrado um denário, o que revela uma certa romanização, como sucedeu com o vizinho castro de Carmona <sup>(9)</sup>.

Com a romanização deu-se a descida para o vale e seu arroteamento. O rio Neiva era, com efeito, apesar da sua pequenez, conhecido dos Romanos, sendo citado por Estrabão, no séc. I a. C. na sua *Geographia* <sup>(10)</sup>, bem como por Ptolomeu <sup>(11)</sup> e por Pompónio Mela <sup>(12)</sup>. Por outro lado, um marco dedicado a Vespasiano (séc. I d. C.), conservado na ponte romana de Chaves, nomeia vários povos do Noroeste Peninsular, entre os quais os *Nebisoci*, ou seja, os povos do Neiva <sup>(13)</sup>. Desta época pouco ou nada nos resta em Durrães, a não ser alguma toponímia. Os lugares administrativos de Vilar e Subvilar, Souto de Vilar e uma nascente conhecida por Fonte da Vila farão referência, possivelmente, a casas agrícolas romanas exploradas neste verdejante vale.

Não restando vestígios das épocas suévica e visigótica, Durrães vai aparecer-nos como paróquia da Diocese de Braga, logo após a Reconquista. E só aqui começará a sua história propriamente dita, com a integração da posse da terra no direito feudal, a partir do direito de «presúria».

Não virá para aqui a discussão acerca do despovoamento do séc. VIII causado pela invasão árabe no Noroeste Peninsular. Alberto Sampaio era de opinião de que não houve despovoamento, invocando certos documentos da Catedral de Lugo <sup>(14)</sup>. Todavia, a maior parte dos historiadores afirmam que esse despovoamento existiu <sup>(15)</sup>. O ermamento não foi, porém, total, pois só as terras mais próximas das vias de comunicação ficaram desertas, com receio da aproximação dos árabes <sup>(16)</sup>. O Vale do Neiva era

<sup>(9)</sup> M. Cardozo, *Correspondência epistolar entre Emílio Hübnér e Martins Sarmiento (Arqueologia e Epigrafia)*, 1879-1899, Guimarães, 1947. pp. 44 e 151.

<sup>(10)</sup> *Strabonis Rerum Geographicarum Libri XVII, Liber Tertius*, Amstelaedami, 1707, p. 230. Refere *Baenis*, mas é evidente a confusão com *Naegis*.

<sup>(11)</sup> *Claudii Ptolemaei... De Geographia libri octo*, Basileae, 1532, p. 90. Texto em grego.

<sup>(12)</sup> *Pomponii Melae de Situ Orbis Libri Tres*, Salmanticae, 1574, p. 41.

<sup>(13)</sup> J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, II, Lisboa, 1905, p. 77.

Num dos contrafortes do Monte de Durrães, já sobre o Vale, ainda hoje subsistem construções circulares que marcam a progressiva descida dos «castrejos». O nome que hoje tem — lugar dos Castelos — é significativo e pede escavações arqueológicas por técnicos qualificados.

<sup>(14)</sup> A. Sampaio, *As villas do Norte de Portugal*, Porto, 1903.

<sup>(15)</sup> T. de Sousa Soares, *O repovoamento do Norte de Portugal no séc. IX*, in *Biblos* (Coimbra) XVIII (1942) 187-208.

<sup>(16)</sup> R. de Azevedo, *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, I, Introdução, Cap. I, Lisboa, 1937, p. 9.



já nessa época percorrido por uma estrada que ainda hoje conserva determinados troços conhecidos por Estrada Velha, passando exactamente a Norte de Durrães, mesmo junto ao rio. Tudo leva a crer que Durrães, bem como Carvoeiro, sofreram um ermamento nessa época. Apenas há ligeiras referências históricas a uma família que preferiu os recônditos da Serra da Padela, os irmãos Gandarinhos, que viriam mais tarde a garantir o primeiro repovoamento do vale <sup>(17)</sup>.

O facto de estas duas freguesias aparecerem como possessão de um fidalgo de origem galega, a instituição de um padroado entre este e o Mosteiro Beneditino de Carvoeiro, a concessão do Couto e o facto de se ter conservado vigente, até ao séc. XIX, o regime do colonato, revelam perfeitamente que houve um repovoamento do vale do Neiva nos sécs. IX-XII <sup>(18)</sup>.

A integração de Durrães no Couto de Carvoeiro, com a distribuição das terras a rendeiros e colonos que nunca seriam proprietários no pleno sentido da palavra e que tinham de pagar os «foros» ou «prazos» anuais ao Mosteiro, vai condicionar toda a vida económica e social de Durrães. Como diz Alberto Sampaio, face à escassez de braços para cultivarem as suas terras, os grandes donatários e conventos só encontraram uma solução para que as suas terras fossem arroteadas. Adoptaram a enfiteuse romana ou aforamento, com o domínio útil da terra por parte dos colonos, mediante o pagamento de um foro ou prazo. O arrendamento seria por três vidas e depois tornou-se perpétuo <sup>(19)</sup>. E deste modo, no caso de Carvoeiro e Durrães, os donatários do Convento e, mais tarde, também este, conseguiram fixar no vale alguns colonos, uns trazidos da Serra da Padela e, quem sabe, do planalto de Arêfe, e outros de outras zonas, provavelmente da Galiza.

Todavia, se administrativa e economicamente Durrães vai depender do Mosteiro de Carvoeiro, vai também aparecer individualizada como paróquia no Censual do Bispo D. Pedro, nos finais do séc. XI. Nele se faz referência à povoação como paróquia, ao citar: «De Sancto Laurenti de Zloranes» <sup>(20)</sup>.

Outras referências históricas a Durrães verificar-se-ão nas Inquirições Régias e documentos eclesiásticos em 1220, 1258, 1320 e 1520 <sup>(21)</sup>.

Em 21 de Dezembro de 1440, a paróquia é anexada à de S. Fins de Tamel pelo Arcebispo D. Fernando da Guerra, por ser pequena e não ter o suficiente para manter o pároco, além de estar já vaga há anos. O mesmo arcebispo ordena que «a sirvam no espiritual de missas e sacramentos e

---

(17) Frei Leão de S. Tomás, *Benedictina Lusitana*, II, Coimbra, 1651, p. 109. Veja-se a transcrição do texto em Apêndice VIII.

(18) Consulte-se a Carta de Couto, em Apêndice X.

(19) A. Sampaio, *Estudos de Economia Rural do Minho*, in *op. cit.*, p. 172-173.

(20) A. de J. da Costa, *O Bispo D. Pedro e a Reorganização da Diocese de Braga*, I, Coimbra, 1959, p. 292.

(21) M. J. Pinheiro Maciel, *Para uma visão histórica do Vale do Neiva*, Sep. de O Rio Neiva — Monografia, Porto, 1978, p. 134, n. 53.



reparem no temporall per caseiro que em ella moore e fumegue as casas, lavre e aproveite as vinhas e searas della» (22).

Passados anos, a freguesia recuperou a independência religiosa, pois em 1548 era feito o tombo dos bens e propriedades da Igreja Ozoranense, por ordem do Arcebispo D. Manuel de Sousa, sendo Mestre João abade de Durrães (23).

Do Séc. XVI para cá as referências históricas passam a ser mais frequentes. É instituído o Morgadio de Malta pelo Abade João Pires, Morgadio esse que teve bastante importância na vida social de Durrães até ao liberalismo, nomeadamente pela luta que manteve contra a influência do Mosteiro de Carvoeiro (24).

Com o aparecimento do liberalismo e a extinção das ordens religiosas, dos morgadios, dos foros e outras instituições feudais, pode dizer-se que a vida sócio-económica na freguesia sofreu grandes transformações, se bem que sem grande perturbação aparente do «statu quo» social. De facto, as terras foreiras ao Convento eram já transmitidas de família em família e o sentimento de propriedade consolidou-se com a abolição dos prazos. Todavia, ao consolidar-se este sentimento de propriedade, verificou-se um crescimento do individualismo local, pois deixaram de existir os factores que até então levavam à unidade no sentimento de exploração feudal a que todos estavam sujeitos. Esta realidade, ligada à correspondente subida dos índices populacionais, veio contribuir para um agravamento das condições de emigração.

A abolição dos foros applicou-se também aos bens da Igreja paroquial, que em parte tinham sido vendidos, arrendados ou aforados em data que não conseguimos apurar. O antigo arrendamento de grande parte dos bens da igreja obrigava os seus novos proprietários a considerarem-nos como «dízima a Deus», sinal de que pagavam por eles à Igreja os respectivos prazos. Assim vemos nos testamentos do Doutor Manuel Cardoso Soares, de 1749, e do Capitão António Bernardino, de 1813 (25). Isto vem confirmar a tese de Alberto Sampaio: «As famílias abastadas actuais possuem na generalidade as suas terras por emprazamentos, quer às extintas comendas e corporações religiosas, quer aos donatários seculares... Os terrenos alodiais eram raros, e onde apareciam alguns retalhos nestas condições chamavam-se em sítios dízimos a Deus, como indicando que não tinham outro senhorio, nem estavam sujeitos a mais encargos senão àquele imposto eclesiástico abolido em 1833» (26).

E cremos ter referido o fundamental para uma compreensão histórica da vida actual de Durrães.

(22) Arquivo Distrital de Braga, Cx. 26, Col. Cronológica, Documento sem número.

(23) Veja-se o *Tombo de Durrães*, transcrito em Apêndice VII.

(24) Existem documentos, em Durrães, sobre a criação do Vínculo de Malta, que não publicamos por terem pouco interesse.

(25) Referência a estes testamentos em Apêndice IX.

(26) A. Sampaio, *Estudos d'Economia Rural do Minho*, in *op. cit.*, p. 216. Segundo informação que colhemos junto do Rev.<sup>mo</sup> Pároco da Freguesia, ainda hoje



## ECONOMIA OZORANENSE

## A — No passado

A economia desta freguesia foi, durante séculos, a economia do tipo feudal. As terras pertenciam ou ao Convento de Carvoeiro, ou à Igreja de Durrães. Eram trabalhadas e aproveitadas de modo a satisfazer a todas as necessidades e ao pagamento dos dízimos e dos foros.

A primitiva situação da economia ozoranense está de acordo com o seu povoamento e é comum à vizinha freguesia de Carvoeiro. Se lermos o relato que Frei Leão de São Tomás faz sobre o Mosteiro local <sup>(27)</sup>, não teremos a menor dúvida de que o tipo de economia existente em Durrães e Carvoeiro até 1833 era totalmente feudal, pesem embora as discussões que conhecemos sobre se houve ou não feudalismo em Portugal. Quem conhece a fundo a questão, bem como a problemática dos concelhos, é levado a crer, e a nosso ver com razão, que a nível institucional geral não houve feudalismo em Portugal. Todavia, pequenos enclaves houve em que esse sistema imperou, sem dar nas vistas, mercê nomeadamente da importância e influência de certas ordens religiosas, como foram os Beneditinos, e da complacência dos nossos reis. Assim aconteceu, efectivamente, no Couto de Carvoeiro.

De facto, neste couto, a actividade económica era unicamente a agricultura. As terras pertenciam ao Mosteiro e eram tratadas por colonos que, com o tempo, ficavam ocupantes efectivos dos terrenos mas sem a posse plena deles, uma vez que não podiam dispor da sua propriedade sem licença do D. Abade e pagavam anualmente os respectivos foros. Por outro lado, as próprias pessoas não eram livres, dado ser necessário obter licença para casar e todos os problemas judiciais terem de ser resolvidos pelo Abade Conventual.

Tudo isto nos permite classificar de feudal a sociedade existente em Durrães até 1833, pois nela estavam subjacentes os caracteres gerais do feudalismo <sup>(28)</sup>.

a Casa da Quinta paga à Igreja a quantia simbólica de trinta escudos e duas galinhas, todos os anos, o que revela o antigo emprazamento de terras da Igreja Paroquial. Extinto civilmente em 1833, este foro tem sido mantido unicamente por deferência para com a Igreja, segundo cremos.

<sup>(27)</sup> Frei Leão de S. Tomás, *op. cit.*, p. 109-114. Veja-se a transcrição em Apêndice VIII.

<sup>(28)</sup> C. Parain, C. E. R. M. — *Sobre o Feudalismo*, Trad. de Maria de Fátima Martins Pereira, Lisboa, 1973, pp. 17-18.

Segundo o autor, os caracteres gerais do feudalismo serão:

1. É em torno da terra que se estabelecem as relações sociais de produção (a agricultura).
2. Os camponeses trabalham a terra com base num direito de utilização e ocupação, mas a sua propriedade não lhes pertence, mas sim ao Senhor ou Senhores.
3. Os trabalhadores, não sendo escravos, não têm inteira liberdade pessoal. Dependem do Senhor, não podem abandonar a terra sem licença, nem dispôr dela.



Evidentemente que a comunidade mantinha a sua individualidade e coesão face à autoridade senhorial do Convento. Essa individualidade vinha-lhe da independência religiosa que, em regime feudal, contava muito. A Igreja Paroquial serviu de base a esta independência. Todavia, se esta individualidade e coesão está mais ligada ao problema das relações sociais, também encontramos nas relações económicas sinais de práticas muito anteriores à dominação senhorial ou dela totalmente distintas, particularmente as de cunho comunitário, que davam aos trabalhadores da terra direitos de utilização colectiva de águas, pastos, zonas florestais e logradouros. Muitos deles subsistiram até princípios deste século, como seja a utilização comum do monte para colheita de matos, plantio de árvores e pastagem, o uso de forno público, a conservação colectiva de capelas e caminhos e a divisão das águas de rega, como veremos mais adiante.

Como refere Charles Parain, esta exploração de recursos comuns permitia aos camponeses encontrar uma certa independência face à autoridade senhorial, independência essa que lhes permitia resistir melhor à exploração e dispor de recursos extra <sup>(29)</sup>.

Tudo isto permitiu o progressivo enriquecimento das pessoas, quer pelo trabalho da terra, quer pelas funções complementares dos artífices, das técnicas de fiação e tecelagem, etc., fazendo com que através dos anos todos constituíssem o seu património, estando aqui uma das razões por que em Durrães ainda hoje todos são proprietários, mesmo aqueles que trabalham como assalariados.

\*  
\*   \*  
\*

A economia agrícola era, com efeito, determinante em Durrães. Os mais antigos testemunhos falam-nos em «lavar e aproveitar as vinhas e searas» <sup>(30)</sup>. O Tombo de 1548 refere como pertencente à Igreja um eido de gado <sup>(31)</sup>, um lagar, algumas casas telhadas e um palheiro

---

4. A autoridade é exercida de pessoa para pessoa. A justiça é administrada directamente pelo Senhor aos seus vassalos.

Ora tudo isto foi uma realidade em Durrães e Carvoeiro. Leia-se o que diz Frei Leão de São Tomás, conforme transcrevemos em Apêndice VIII e não restarão dúvidas de que o sistema feudal existiu realmente no Couto de Carvoeiro.

<sup>(29)</sup> C. Parain, *op. cit.*, p. 26.

<sup>(30)</sup> Arquivo Distrital de Braga, Cx. 26, Col. Cronológica, Documento sem número.

<sup>(31)</sup> Do latim *aditum*. Termo que tanto pode significar o lugar de habitação, como quinteiro ou curral onde pernoita o gado. Jorge Dias, in *Vilarinho da Furna, uma aldeia comunitária*, Porto, 1948, refere várias vezes que lá chamavam *eido* à própria povoação, realidade por nós constatada quando lá estivemos em 1968, nas vésperas da diáspora causada pela construção da albufeira que viria a submergir as suas casas e os seus campos. Publicámos, então, um artigo intitulado *Vilarinho da Furna, uma Aldeia Comunitária sob as águas do Rio Homem*, no Caderno LETRAS E ARTES de NOVIDADES, em 28 de Outubro de 1968, em que referimos o vocábulo *eido*.



velho. Cita ainda o cultivo do trigo, do centeio e da vinha em terras regadas com água própria ou partilhada.

Mas debrucemo-nos sobre o património de um grupo doméstico dos princípios do Séc. XVIII. Num inventário datado de 1730, declara-se que o defunto era possuidor de metade do assento e casas onde vivia, com a respectiva casa e quinteiro e metade de cinco moinhos que estavam dentro do mesmo assento, foreiros ao Mosteiro de Carvoeiro. Mais possuía as seguintes propriedades consideradas por ele como «dízimas a Deus»: duas azenhas, uma alveira e outra negreira, uma pequena terra lavradia com vinha e mato, no lugar do Rio, uma leira de terra nas Lamas, que levava de sementeira três quartos de centeio e duas leiras de terra lavradia que levavam de sementeira dois alqueires. A tudo isto acrescentava a posse de uma devesa, bem como oitenta e nove carvalhos e catorze castanheiros dispersos por várias partes da freguesia, entre o monte e o rio Neiva <sup>(32)</sup>.

Este inventário revela de certo modo a estrutura económica da família ozoranense antiga. Aliás, é um legado que define o tipo de infra-estrutura económica neste género de vida rural que sobreviveu até aos nossos dias: a casa de habitação com um quinteiro <sup>(33)</sup> e um assento que tudo envolve e que vai permitir o cultivo da vinha e de hortas para satisfação das maiores necessidades do agregado familiar. Neste assento, normalmente murado, se vão construir os «cobertos» necessários ao abrigo das alfaias agrícolas, dos cereais, dos fenos e outras colheitas, além de permitirem as instalações de palheiros, espigueiros, medas e moreias <sup>(34)</sup>.

Além da casa, seu assento e quinteiro, que são a base de operações da família agrícola, encontramos no protótipo testamentário citado os seguintes constituintes básicos para a economia de Durrães: terras de sementeira para produção de cereais. Moinhos e azenhas <sup>(35)</sup> para a transformação destes em farinha. Um stock de carvalhos e castanheiros suficiente para qualquer obra nova, restauro das casas e moinhos ou fabrico de móveis e alfaias agrícolas.

---

(32) Poder-se-á ver o Inventário dos bens de António Peixoto (1730) em Apêndice IX.

(33) Recinto para onde dão as cortes dos animais. Tem equivalência ao eido, como já referimos atrás.

(34) A meda e a moreia são, normal e vulgarmente, sinónimos, significando o acastelamento da palha de cereais em torno de uma vara, permitindo que a água das chuvas escorra sem penetrar no seu interior. Na localidade, meda é termo aplicado apenas quando se trata de palha de centeio ou de simples erva seca e moreia utiliza-se quando se trata de palha de milho. A moreia é sempre mais alta que a meda, estando normalmente encostada a ramos de árvores, principalmente oliveiras e carvalheiras.

(35) O moinho distingue-se da azenha por ter rodízio interno, na vertical — a água passa por baixo. A azenha tem roda árabe com eixo horizontal — a água passa ao lado. O moinho é antiquíssimo no Noroeste, remontando à ocupação romana. Anteriormente a esta, a moagem era manual, como o revelam as mós dos povoados castrejos. A azenha foi difundida pelos árabes (do árabe *as-sāniya*). No Rio Neiva predominam as azenhas. Nos ribeiros afluentes, os moinhos.



Falta apenas, neste testamento, a indicação de lagares e fornos de cozer pão. No que respeita àqueles, existiam em propriedades que os justificassem, servindo os demais que deles necessitassem. Já citámos que, em 1548, a Igreja possuía um lagar. No que respeita aos fornos de cozer pão, Durrães tinha um forno público, certamente pertencente ao Mosteiro de Carvoeiro, e que existiu no largo ainda hoje conhecido por Campo do Forno. Todavia, todas as casas antigas da povoação têm forno próprio, o que pressupõe o facto de os vários núcleos domésticos se bastarem a si neste domínio há muito tempo.



A economia ozoranense no passado estava, pois, limitada à agricultura. Todavia, era uma agricultura fechada, sem comercialização de excedentes nem trocas de vulto. Como vimos, há uma infra-estrutura essencial na família ozoranense, constituída por casa, quintal, terras dispersas e respectivas co-estruturas instrumentais de trabalho. No entanto, o grupo doméstico que aproveitava todo este conjunto limitava-se a explorar a terra de acordo com as necessidades de sobrevivência e manutenção do património familiar, como unidade de produção e de consumo.

#### B — No presente

Actualmente, a vida económica da freguesia continua a ter como base a agricultura. Porém, a emigração, o emprego na cidade (escritório ou fábrica), o desenvolvimento de certas explorações, tais como aviários e indústria de madeiras, fazem com que, em grande parte das famílias, a agricultura seja feita por assalariados ou rendeiros pequenos proprietários ou então pelos próprios nos momentos vagos das suas outras ocupações. Os campos continuam a ser cultivados, embora sem aquela azáfama e movimentação que se constatava há uns vinte anos a esta parte, porque a população activa escasseou com a emigração e também porque certos trabalhos, como as lavradas, são já efectuados mecanicamente. A diferença é que se vive hoje melhor, porque a agricultura já não é o único recurso para a maioria das famílias. Mas, para que se possa ter uma compreensão mais perfeita da realidade, começemos por descrever o calendário agrícola, que se mantém mais ou menos nos moldes seguidos desde o século passado, altura até onde pudemos remontar com base em testemunhos orais. As técnicas utilizadas têm variado, naturalmente. Mas o produto procurado, as datas e altura da sua produção e a situação geral dos preparativos agrícolas não mudaram em substância.

##### 1. *Calendário agrícola*

Depois da arrumação dos cereais e dos vinhos, o ano agrícola, praticamente, começa no Outono. Antes que venham as chuvas, há primeiramente a preocupação de roçar no monte mato suficiente para recamar as



cortes do gado e fazer as rumas ou estrumeiras nos quinteiros para curtirem durante o inverno. Se o stock de mato roçado não chegar, volta-se a roçar em Maio, tenro e verde, sendo então junto a algum estrume para adubar as terras mais húmidas.

Antes da partilha do monte, cada lavrador recolhia nele o mato necessário, se bem que os mais abastados recolhessem sempre a melhor parte. Hoje, feita a apropriação individual do baldio, cada grupo doméstico roça nas bouças que lhe couberam em sorte, comprando ou vendendo quando tem a menos ou em demasia. Normalmente, as roçadas terminam com o mês de Outubro.

No mês de Novembro, limpam-se as terras em vista ao novo ano agrícola; corte de silvados, preparação e cava do terreno das vinhas, dando-se, no fim do mês, o começo das podas. Entretanto, semeia-se erva para os gados, preparam-se os terrenos dos quintais para a plantação de hortas e inicia-se a sementeira das favas e das ervilhas.

Dezembro regista a apanha da azeitona, que se prolonga até Fevereiro quando o inverno se apresenta rigoroso. A safra da azeitona costuma demorar, em virtude de permitirem que as oliveiras atinjam grande porte, o que torna demorada e perigosa a ripagem, principalmente quando os troncos das árvores estão húmidos com as chuvas. Entretanto, continuam as podas até Fevereiro, além de outros trabalhos de inverno. Começa a cava ou lavra dos terrenos para a sementeira do centeio, tanto nas terras de sequeiro como nas de regadio, embora de preferência nestas. E, por altura do Natal, a matança dos porcos, os dias pequenos e a festa da família não permitem grandes trabalhos agrícolas, que serão apenas retomados no princípio de Janeiro.

Então, com os prados já viçosos, assistia-se e ainda hoje se assiste um pouco ao pilha-pilha das águas de lima. Em Janeiro continuam os trabalhos de inverno iniciados em Novembro e Dezembro.

Em Fevereiro ultimam-se os trabalhos atrás referidos. Planta-se o cebolo e o alho e inicia-se a sementeira da batata temporã em terrenos de sequeiro («batata do cedo»). Terminada a poda, procede-se ao arjoamento das vides mais novas, põe-se varas ou caibros nos lateiros e escoram-se os vinhedos e latadas<sup>(36)</sup>. Também neste mês se inicia a enxertia das videiras bravas, que continua por Março fora e procede-se ao plantio do bacelo que se destina à venda ou à enxertia no ano seguinte, também nesta época. De facto, Durrães ainda hoje é um dos centros mais importantes de produção viveirista de videiras no Minho. As vides são vendidas em bravo nos meses de Dezembro, Janeiro e Fevereiro e vendidas enxer-

---

(36) Lateiros, latadas, vinhas e ramadas são, em geral, sinónimos, significando as armações sobre esteios e caibros para onde sobem as videiras. É interessante notar que *ramada* quer dizer no Minho vinha e, no Algarve, na zona serrana do Sotavento, a mesma palavra é utilizada para nomear a corte do gado, conforme pudemos já constatar pessoalmente. Leia-se, a propósito, J. Leite de Vasconcelos, *Etnografia Portuguesa*, V, 1967, p. 625, n. 1, em que se fala de Durrães e do sentido que aqui se dava à palavra «lato», de onde vem lata, lateiro e latada.



tadas, passados dois anos, no mesmo período. As castas de bravo mais vendidas são: corriola, cordiofolia, morango de Pêrre e aramão. As castas enxertadas são principalmente o azal branco, o moscatel também branco, o vinhão, poeirinho, borraçal, espadeiro, etc., todas produtoras de vinho verde. Mas, se há produção viveirista para comércio, facilitada em grande parte pelo escoamento feito pelo caminho de ferro, também há produção mais limitada para as necessidades de cada agricultor.

Março é o grande período das lavradas. Antigamente, estas ocupavam o mês todo, uma vez que eram feitas com tracção animal. Hoje, usa-se já o tractor, próprio ou pago à hora. Ainda neste mês, continua-se a plantação da batata temporã.

Em Abril inicia-se a sementeira da batata «do tarde», em terrenos de regadio. Continuam as lavradas, seguidas das sementeiras do milho e do feijão, juntamente com a abóbora (cabaca), couve nabiça e nabiça que, uma vez colhidos o milho e o feijão, ficarão nas terras até ao inverno. O milho híbrido é pouco utilizado. Além do milho a que chamam mouro, há outras espécies que se vão introduzindo mas que o lavrador não distingue em substância. O feijão é de preferência o branco, catarino, manteiga e frade.

Em Maio terminam-se as lavradas em terras de regadio, dá-se início à primeira sulfatação das vinhas e corta-se a erva da semente, já seca ou em vias disso, para armazenamento em medas e para sementeira no Outono.

Com Junho aparecem as sachadas dos milheirais e feijoais, que irão até ao mês seguinte, com a respectiva rega. Faz-se a colheita do centeio e do trigo, este hoje muito raro. Continuam as sulfatações e colhe-se a batata «do cedo».

Em Julho malha-se o centeio <sup>(37)</sup>. Continuam as sulfatações, colhe-se a batata «do tarde» e a cebola, ao mesmo tempo que continuam as regas. Agosto regista os mesmos trabalhos, com incidência nas regas dos milhos.

Setembro, o último mês do ano agrícola, é a época da colheita dos milhos de sequeiro e, no fim do mês, iniciam-se as vindimas. Com a chegada de Outubro, colhe-se o milho de regadio, ultimam-se as vindimas e correlativos trabalhos de adega. É o «São Miguel», a época das colheitas, altura em que as terras arrendadas são entregues aos seus donos pelos rendeiros e vice-versa e quando os «caseiros» pagam a renda, nomeadamente em rasas de milho e de feijão.

## 2. Recursos naturais comuns e sua apropriação individual-grupal

No calendário agrícola que acabámos de transcrever, pois quisemos respeitar, na medida do possível, a própria linguagem dos nossos informadores, imediatamente transparecem duas realidades em substracto que irão permitir a exploração agrícola dos campos: um verdadeiro «espaço

---

(37) Ver em Apêndice XVIII uma descrição das malhadas em Durrães.



vital» que vai permitir as pastagens quando os campos estão cultivados e vai fornecer a matéria-prima para a adubação das terras antes das lavradas, bem como a reserva de riqueza que consiste na madeira de pinheiro e eucalipto — o monte; e, por outro lado, o aproveitamento do caudal de Arêfe, que pode regar toda a área agrícola da freguesia, sendo considerado património comum.

Não perfilhamos a ideia de que o comunitarismo foi uma das formas de vida económico-social que dominou na Europa em épocas remotas e da qual existam últimos redutos, relíquias aqui e acolá, especialmente em zonas mais isoladas. O comunitarismo é baseado em razões de ordem natural, mais do que de ordem histórica <sup>(38)</sup>. Effectivamente, o comunitarismo existe hoje ou existiu em sociedades fortemente dependentes da economia pastoril, mas que se apoiam igualmente na agricultura, necessitando de um aparelho próprio que lhe permita cultivar os campos com assiduidade, ao mesmo tempo que os seus rebanhos são pastoreados em perfeita vigilância.

Em Durrães não há propriamente vestígios de comunitarismo. A existirem esses vestígios, encontrá-los-íamos no uso comum do monte e na repartição das águas de rega. Referir-nos-emos primeiramente àquele, conhecido antes da partilha, na década de 1920, por «Monte Maninho» <sup>(39)</sup>.

A posse do monte era comum, no sentido de que cada um tirava dele o que precisava. Todavia, a sua exploração era desigual, dada a necessidade de mão-de-obra, que poderia ser fornecida em maior abundância pelos proprietários mais abastados. Daí que os mais ricos estivessem interessados em manter o «statu quo» do baldio, que passava muito para lá do dobro da superfície cultivada e da área social da freguesia.

Qualquer pessoa podia plantar árvores no monte maninho, onde quisesse. A quando da partilha, as pessoas que as tinham mantiveram a sua posse e o direito sobre elas até serem cortadas. O mato era de quem o cortasse. Todavia, os melhores e mais bem situados talhões eram também, na prática, pertença dos mais ricos, a quem os pobres não ousavam fazer frente, tanto mais que, sendo embora pequenos proprietários, não raro trabalhavam como assalariados nas casas dos mais abastados.

No que respeita ao pastoreio no baldio, considerava-se toda a área disponível. Não existiam «extremas» com o monte pertencente às freguesias vizinhas e vice-versa, embora, evidentemente, os gados não fossem pastar para muito longe, por razões óbvias. Nessa altura, o gado regressava sem pastor ao povoado, ao cair da tarde, havendo cancelas nos caminhos que davam para o rio. Aí se iam buscar as reses que se haviam

---

<sup>(38)</sup> Jorge Dias, *op. cit.*, p. 4.

<sup>(39)</sup> Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, *Elucidário*, II, Lisboa, 1798, p. 113, diz-nos que, na Idade Média, se chamavam maninhos aos bens que ficavam de alguém que, não tendo filhos, morria sem fazer testamento e não tinha herdeiros directos até ao 10.º grau. Nesse caso, os bens passavam para a Coroa. Ainda hoje, quando alguém, nesta povoação, quer fazer valer os seus direitos de propriedade, se costuma dizer: — «Pensam que é maninho!» Ou então: — «Isto não é maninho!».



transviado no regresso do monte. Com a partilha, foi proibido o pastoreio das cabras, que comiam os pinheiros semeados para florestação, o que, de facto, veio contribuir para a transformação do monte, de calvo descampado, em verdadeira floresta, como é actualmente.

Só o gado vacum continuou a pastar no baldio, depois da partilha individual deste, mas apenas desde o término das lavradas, em meados de Maio, quando as terras deixaram de ter pasto, até princípios de Setembro. Actualmente, o gado é cada vez mais raro nas casas agrícolas ozorenenses, mas ainda se vê uma ou outra cabeça pastando no monte, na altura que referimos. Como a maior parte das casas se limita a criar uma ou duas vacas (touras) para venda, o monte não se torna muito necessário, uma vez que as terras produzem sempre algum pasto nas orlas não cultivadas.

Em conclusão, sobre o Monte de Durrães: funcionou, e ainda funciona, como fazendo parte do património comum, estando hoje repartido por todas as famílias que têm actividade agrícola com património próprio. Há mesmo que prefira ter uma bouça no monte do que terreno de cultivo, pois, dizem, este necessita de trabalho e aquele, sem cuidado, produz madeira que tem boa saída no mercado. Todavia, a relação com a agricultura continua a ser fundamental, uma vez que o mato continua a ser essencial à revitalização periódica das terras. A partilha do baldio foi benéfica, dado que permitiu direitos iguais, à partida, sobre a posse do monte. Hoje, continua a funcionar, principalmente, como reserva de madeira, lenha, mato para estrume e, em último caso, pastoreio. A madeira é fonte de lucro, pois vende-se facilmente. Como é natural, após a partilha, alguns desfizeram-se dos talhões que lhes couberam em sorte e, a partir daí, outros acumularam. Mas isso já é outro assunto.

Abordemos agora a questão da divisão e usufruto das águas de rega, que esteve também sempre ligada à posse comunitária do monte. Com efeito, as principais nascentes efluem do Alto de Arêfe e daí o serem conhecidas por Água de Arêfe. É um manancial bastante grande que vai sendo represado em várias «poças», entre as quais se destacam a «poça velha» e a «poça nova».

A água de Arêfe entra em giro na véspera do dia 20 de Abril ao pôr-do-sol, e termina no dia 6 de Setembro <sup>(40)</sup>, igualmente ao pôr-do-sol. Os dias de água são contados também de um pôr-do-sol a outro, dividindo-se geralmente em terços: noite, manhã e tarde. A noite acaba ao nascer do sol e a manhã ao meio dia solar. A sua repartição pelas várias terras, que é imemorial, faz-se apenas durante as semanas que intercalam o período de 20 de Abril a 6 de Setembro, acima referido. A água tem a sua última etapa de armazenamento na «Poça Nova», a meia encosta do

---

(40) Embora terminando o giro no dia 6, a água só poderá ser utilizada para lima a partir do dia 7 de Setembro, ao pôr-do-sol.



monte. O «consorte» <sup>(41)</sup> que a vai tapar só o poderá fazer depois de a poça se encontrar vazia, a não ser que o caudal das nascentes já tenha transbordado da «Poça Velha». Estas duas represas recebem, por sua vez, a água de três poças de Trás-de-Arêfe, excepto às quartas-feiras e sábados, dias em que pertencem, por tradição, às terras de Arêfe, enclave cultivado no meio do monte <sup>(42)</sup>.

Fora deste período anual de rega, qualquer pessoa, consorte ou não, tinha direito a utilizar a água do monte, nome também dado às nascentes de Arêfe. Todavia, como os interessados eram sempre muitos, tornava-se necessário ir tomar a vez junto à «Poça Nova», uma ou duas vezes por dia. Nestas ocasiões, originavam-se mal-entendidos e não raro os contendores eram lançados à água, a ponto de se perguntar em baixo, no povoado, nesses dias: — «Quem é que 'caiu' hoje à Poça?»

Estes desentendimentos e a necessidade de regar já na Primavera é que fizeram com que se chegasse à situação actual, de rega a partir de 20 de Abril, conforme decisão da Junta de Freguesia, lavrada em Acta em 15 de Abril de 1951. Até então, o giro da água de Arêfe começava apenas em 29 de Junho, dia de S. Pedro.

Esta água, que em tempos regava todo o terreno em declive até às margens do Neiva, está hoje mais limitada às encostas, devido à má conservação dos regos e à grande vegetação e arborização junto às nascentes e represas. Isto deve-se à incúria dos utentes, muitos dos quais não precisam desta água por disporem de outros recursos, nomeadamente no vale, onde possuem motor para arrancar a água, em abundância, do Rio Neiva.

A sua divisão, como referimos, é imemorial, devendo remontar à colonização da zona, após a Reconquista. Provavelmente, a sua distribuição fez-se sob a égide do Mosteiro de Carvoeiro <sup>(43)</sup> ou do seu patrono, quando se promoveu o repovoamento.

Em 1548, o Tombo de Durrães faz-lhe referência ao afirmar que umas terras pertencentes à Igreja tinham água de Arêfe de sábado à noite a Domingo à noite <sup>(44)</sup>. Efectivamente, ainda hoje as terras pertencentes ao Passal e à Quinta, bem como terras que outrora pertenceram também à Igreja, têm água aos domingos. Isto confirma que a divisão se transmitiu por via oral durante séculos até 1936, altura em

---

<sup>(41)</sup> *Consorte* é o nome dado a todo aquele que tem direito à água de Arêfe ou a outra água qualquer que seja partilhada.

<sup>(42)</sup> A Poça Velha foi arranjada e ampliada há poucos anos, com pedra e cimento, sendo uma iniciativa digna de registo por mostrar que é possível um aproveitamento mais racional do caudal da água para melhor satisfazer as necessidades da rega em Durrães. Bom seria que não se ficasse por aqui, mas que se fosse pensando em aproveitar a quantidade e a qualidade desta água no saneamento básico da freguesia, cheia de carências neste sector.

<sup>(43)</sup> Nos Livros de Sentenças e de Audiências do Mosteiro de Carvoeiro aparecem por vezes referências a penas aplicadas a moradores em Durrães por não conservarem devidamente os regos e poças da água de Arêfe. Veja-se Apêndice XI.

<sup>(44)</sup> Cf. *Tombo de Durrães*, em Apêndice VII.



que foi passada a escrito <sup>(45)</sup>, a fim de evitar problemas que sempre surgiam.

Naturalmente, com a divisão das terras por herança ou compra, tornou-se necessária, não raro, a divisão do tempo de consumo. Assim, assistimos aos seguintes factos: terras que têm  $\frac{2}{3}$  de água diária, como é o caso da Quinta,  $\frac{1}{3}$ ,  $\frac{1}{4}$ ,  $\frac{2}{8}$  e até  $\frac{1}{8}$  do tempo diário de rega.

A água dos Domingos tem uma divisão homogénea e constante, dado ser só para a Quinta, Passal e terras deste desmembradas no período da implantação da República.

A água das segundas-feiras, terças, quartas, quintas e sábados, segue divisão diferente nos anos pares e nos anos ímpares. Assim, se num ano a água pertence à terra de fulano, no ano seguinte já pertencerá, no mesmo dia, a outro consorte.

A água das sextas-feiras é a que desperta mais curiosidade, pois a sua divisão repete-se de seis em seis anos, havendo, portanto, seis grupos de rega que entram em giro em anos próprios. Por exemplo, o grupo A tem giro próprio, neste dia, nos anos de 1936, 1942, 1948, 1954, 1960, 1966, etc. O grupo B, em 1937, 1943, 1949, etc. <sup>(46)</sup>.

Além da água de Arêfe <sup>(47)</sup>, que regava, como dissemos, quase toda a freguesia, há outras nascentes que são represadas e que a sucessão de heranças e vendas tem transformado em águas partilhadas por vários consortes, fazendo igualmente parte activa da economia de Durrães. São elas a água da Fonte da Vila, com dez consortes <sup>(48)</sup>, a água da Fonte de Egra, com seis consortes <sup>(49)</sup>, a água da Fontainha, com outros seis <sup>(50)</sup>. Há ainda outras, como a água de Tirolorrio, do Poço da Loba, da Cotorela e de Subvilar <sup>(51)</sup>. Além destas, que poderíamos chamar de águas públicas, há outras que estão ainda divididas apenas a nível de parentela, mas que com o tempo passarão à categoria das primeiras, como é óbvio.

---

<sup>(45)</sup> Veja-se o *Rol das Águas de Arêfe*, fixado por escrito pelo Prof. José Maria Neiva de Oliveira Maciel e seu irmão Joaquim Neiva de Oliveira Maciel, em 1936, em Apêndice II.

<sup>(46)</sup> *Rol das Águas de Arêfe*, Apêndice II.

<sup>(47)</sup> A consulta do *Rol das Águas de Arêfe* permite ver, paralelamente, a progressiva divisão da propriedade rústica nesta zona. Quanto mais partilhada ela se encontra, mais revela, geograficamente, as terras que antigamente se encontravam unificadas numa única família. Isto é fácil de ver se contarmos os giros em cada dia,

<sup>(48)</sup> Esta água obedece também ao princípio dos anos ímpares e anos pares, tendo em cada um deles a subdivisão em semanas de Ponte e em semanas de S. Julião, referência às feiras alternadas de Ponte de Lima e de S. Julião de Freixo. Veja-se o respectivo *Rol de Águas*, em Apêndice III.

<sup>(49)</sup> Também sujeita à divisão quinzenal de Semanas de Ponte e de S. Julião. Veja-se também o respectivo *Rol*, em Apêndice IV.

<sup>(50)</sup> Apêndice V.

<sup>(51)</sup> São cerca de quarenta as águas partilhadas em Durrães, pelo que nos referimos às principais. Repare-se na designação *Tirolorrio*: água tirada do rio. A poça respectiva encontra-se junto ao ribeiro de Arêfe e recebe água de nascente próxima. No que respeita à água de Vilar, veja-se o Apêndice VI.



A água é fundamental na economia agrícola, principalmente quando esta está na base da vida de uma comunidade. A sua necessidade vital explica que em Durrães ela esteja há séculos dividida e pertença à memória sócio-económica da população.

Qualquer grupo doméstico está consciente da importância deste património comum e individualiza-o em dias próprios, transmitindo este direito de geração em geração como fazendo parte integrante do património particular do grupo. Chamamos a atenção para a leitura do Rol das Águas de Arêfe e dos outros citados, dado que são pontos de partida para posteriores estudos com interesse.

### 3. *Relações de produção e forças de trabalho*

O trabalho agrícola em Durrães obedeceu já a características mais intensivas que actualmente. Todavia, ainda que esbatidas, elas continuam hoje patentes nos grupos domésticos de economia predominantemente agrícola.

Há fundamentalmente três tipos de exploração agrícola em Durrães, no que diz respeito a forças de trabalho e a relações de produção: o primeiro, é o seguido nas duas principais quintas locais, ou seja, na Quinta de Malta e Quinta propriamente dita. O segundo tipo, é o dos médios proprietários. O terceiro tipo, o dos pequenos proprietários. Passemos à caracterização destes três tipos de exploração agrícola, tendo desde já em conta que eles vão determinar todo o comportamento social, cultural e económico na localidade, não só a nível individual como a nível colectivo.

O 1.º tipo obedece mais ou menos ao seguinte esquema: um proprietário que administra a sua terra directamente ou através de um feitor, sem ter contacto directo com os trabalhos agrícolas. Este contacto é feito unicamente por assalariados e criados. Os familiares do proprietário também não têm contacto directo com a terra. Foi esta a caracterização essencial da exploração agrícola nas duas principais quintas de Durrães, até época muito recente. Actualmente, a forma de arrendamento a um caseiro predomina na exploração destas quintas. Todavia, o caseiro, utilizando embora a força de trabalho dos membros da sua família, recorre a assalariados que lhe vão permitir o amanho de toda a terra, que é vasta. Os criados de lavoura que trabalhavam neste tipo de exploração agrícola desapareceram, por sua vez, com a introdução dos caseiros, procurando o amanho das terras por arrendamento ou emigrando.

O 2.º tipo, caracteriza-se pelo trabalho da terra sob a administração directa do proprietário, mas ele próprio trabalha na agricultura com a sua família, contratando os assalariados necessários.

Finalmente, o 3.º tipo é o dos pequenos proprietários que, trabalhando as suas terras com a sua família, não têm assalariados e, no tempo que lhes sobra do amanho das próprias terras, trabalham como



assalariados para os proprietários do 1.º e 2.º tipo. Colocamos também neste tipo os rendeiros que, a partir do momento em que a emigração começou a levar os braços das famílias mais abastadas, foram suprir a falta deles, cultivando as terras pelo terço da produção e, hoje, as cultivam «a meias». Em certos casos, estes rendeiros têm os campos quase de graça, exceptuando a parte respeitante ao vinho. Todos estes caseiros provêm, em geral, dos pequenos proprietários.

Evidentemente, este quadro não é absolutamente rígido, existindo, de facto, situações intermédias.

De entre as pessoas do 3.º tipo saíam os artífices, nomeadamente carpinteiros, pedreiros, ferreiros e correlativos, que trabalhavam quer para a freguesia, quer para as povoações limítrofes. Actualmente, eles ainda existem, mas a emigração tem levado os mais novos e a velhice os mais velhos. Muitos dos trabalhadores da construção civil ocupados actualmente em Durrães, em casas de habitação ou obras públicas, são de freguesias limítrofes.

Mesmo dentro do 2.º tipo há bastante emigração, uma vez que se trata por vezes de famílias numerosas que não poderão encontrar futuro num tipo de economia agrícola em que as terras cada vez produzem menos com maior despesa, porque cada vez estão mais divididas.

\*  
\*   \*  
\*

Passemos agora à análise de alguns tipos de trabalho agrícola, com base em informações recolhidas em grupos domésticos do 2.º tipo, que é o mais representativo.

Refiramo-nos às roçadas. Quem intervinha neste tipo de trabalho, normalmente efectuado em Novembro? Os filhos que pudessem manejar a enxada eram todos escalados. Normalmente, as filhas participavam mais no acompanhamento dos carros de bois e na leva do almoço, bem como outros trabalhos que exigissem menos esforço braçal, o que não as impedia de fazer os restantes trabalhos se houvesse falta de homens. Normalmente, o grupo partia para o local de madrugada, onde afluíam também os assalariados contratados. Só ao meio dia chegava o carro de bois com o jantar <sup>(52)</sup>, quando o mato se encontra roçado e em postas, pronto a ser carregado. Normalmente, a mãe ficava em casa. O Pai presidia sempre aos trabalhos e o que ele decidisse não admitia discussão. Era ele que marcava o dia e a hora das tarefas, num sistema perfeitamente patriarcal. Não admira, pois, que os filhos se sentissem numa certa servidão, sem uma palavra activa que, para os homens só terminava com o serviço militar e o casamento e, para as mulheres, com este

---

(52) Na linguagem local, jantar é a refeição do meio-dia, reservando-se para a refeição da noite o termo ceia.



último. Hoje, isto ainda se continua a verificar, embora não de maneira tão generalizada.

As lavradas. Eram feitas e ainda hoje o são, quando não é utilizado o tractor, pelos médios proprietários, com uma ou duas juntas de bois ou vacas, à frente dos quais vai sempre um rapaz ou uma rapariga, ou ainda, se o grupo doméstico os não tiver, uma mulher, que geralmente é a esposa. Quem conduz, de preferência, o arado, quem «lavra», é sempre alguém de responsabilidade, geralmente o chefe do grupo. Do mesmo modo, quando se usa a grade, para aplanar os campos lavrados. O facto de hoje esta divisão de trabalho não ser tão patente deve-se o facto do uso generalizado do tractor pago à hora.

A poda e limpeza das vinhas é apanágio exclusivo dos homens, a partir dos quinze anos, mas, normalmente, só se vêem adultos neste trabalho. A enxertia das videiras é também especialidade dos homens, embora de poucos, e geralmente causa de uma certa emulação social, pelos efeitos conseguidos.

Nas vindimas há também uma grande repartição de trabalhos. Quase todas as tarefas estão reservadas às mulheres, com excepção do trabalho das adegas, que é exclusivo dos homens. As mulheres vindimam mais que os homens, «acarretam» as uvas em cestos para os lagares, quando próximos, ou para as dornas, quando nos campos afastados. Elas transportam os «cântaros» de vinho nas incubas ou nas trasfegas. Elas apanham os bagos quando estes caem durante a vindima e não há crianças até aos doze anos a quem se cometa esta tarefa. Os trabalhos de adega, tais como lavagem, desinfecção e tampagem do vasilhame, prensagem, controle de fermentação e de incubagem são, como referimos, atribuídos sempre aos homens.

Estes alguns exemplos da forma como se dava a atribuição de tarefas ontem e ainda hoje, em que a emigração tem deixado a mulher encarregada de quase todos os trabalhos agrícolas.

Normalmente, tanto o rapaz como a rapariga, a partir dos 15 anos, entram em todas as tarefas. Simplesmente, o primeiro acaba por deixar de viver em permanência na terra a partir da idade do serviço militar. A rapariga é que vai aguentar o sistema e daí o facto de ao homem restarem apenas os trabalhos especializados. Esta especialização passa a ser confundida com trabalho próprio para homem: podas, sulfatação, lavras, enxertias, trabalhos de adega. Tudo o mais é não especializado e, portanto, trabalho das mulheres: transporte de materiais em cestos, sacos, cântaros ou molhos, actividades de sacha, sementeira da batata, do feijão, da ervilha e da fava, plantio do cebolo e das hortas, vindimas, apanha da azeitona, malha dos cereais, etc. A especialização não provém hoje da maior aptidão dos homens, que é discutível, pois a mulher em nada é inferior ao homem, mas antes das cargas tradicionais e da emigração, que faz rarear este. Aqui devemos procurar, tendo em consideração a preponderância masculina até ao presente nas nossas zonas rurais, a explicação para o facto de o salário dos homens ser superior ao das mulheres.



Quais as relações de trabalho existentes nesta sociedade de economia agrícola, entre proprietários e assalariados? Elas serão, naturalmente, baseadas no tipo de produção em que se desenrolam. Se, nas explorações do 1.º tipo, o jornaleiro é tanto preciso no Verão como no Inverno, nas do 2.º há épocas do ano, principalmente na estação fria, em que os seus serviços são dispensados, pois os trabalhos agrícolas conhecem uma grande pausa.

Até cerca dos anos sessenta, os pequenos proprietários que trabalhavam como assalariados, necessitavam a tal ponto de trabalho que chegavam a solicitar a sua aceitação como jornaleiros nas casas agrícolas dos médios e grandes proprietários, fazendo o possível para não perderem o lugar. Lembramo-nos perfeitamente desse tempo, em que essas casas eram percorridas por pobres das aldeias vizinhas e mesmo da própria terra, solicitando um caldo, um pedaço de pão, um copo de vinho, enfim, uma esmola. Esses pobres, tendo casa própria e pequeno quintal, não conseguiam obter rendimento suficiente para sobreviver quando a doença ou a velhice os impedia de trabalhar ou de emigrar, ou quando, podendo trabalhar, não havia trabalho.

Depois dos anos sessenta, a emigração libertou a povoação de um excedente populacional que se havia acumulado por quebras em anteriores correntes migratórias. O novo fluxo de emigração iniciado em 1960, nomeadamente para países europeus, veio, por um lado, elevar o nível de vida dos que ficaram e, por outro, no que se refere aos assalariados, fez com que eles rareassem, a ponto de serem agora os médios e grandes proprietários, ou seus caseiros, a procurarem dar trabalho no inverno aos jornaleiros, para que eles não lhes falem nos períodos dos grandes trabalhos agrícolas. Mas as transformações do sistema não ficam por aqui: os assalariados já fazem verdadeiros favores aos proprietários do 1.º e 2.º tipo, a tal ponto a mão-de-obra escasseia com a emigração interna ou externa <sup>(53)</sup>.

#### 4. *Outras formas de economia*

Todas as demais formas de economia em Durrães gravitam em torno da agricultura ou dela dependem para prosseguir os seus fins.

O linho foi bastante cultivado nos terrenos húmidos e alagados, embora fosse só utilizado para consumo local.

---

(53) Antigamente, quem chamava jornaleiros dava-lhe de comer e beber. Depois passaram a ser contratados a comer ou «a seco», conforme interesse das duas partes, sendo ainda hoje uso perguntar-se: «é a seco ou a de comer?»

De 3 de Maio a 8 de Setembro, os trabalhadores tinham duas horas de sesta, desde o meio-dia às 14 horas. Hoje isso já não acontece, tanto mais que é muito comum trabalhar só meio-dia.



Já referimos os viveiros de bacelo. Durrães tinha e ainda tem viveiristas que concorrem com qualquer outro produtor do Minho com boas cepas das castas mais procuradas na região do vinho verde. O comboio ajuda bastante o escoamento desta produção.

A moagem, a serração e os lagares são indústrias subsidiárias já seculares. Os moleiros e os donos dos engenhos hidráulicos são todos da terra, mesmo tendo as sua azenha ou serrações do outro lado do Rio Neiva. Tem este rio, na extensão de toda a freguesia, nove açudes, existindo em todos eles construções com vista ao aproveitamento da força da água. Hoje, muitas delas estão em ruínas. Mas registemos as que estão e estiveram em actividade, pois isso ajudará a compreender a forma da vida sócio-económica da povoação que vimos estudando:

No 1.º açude, uma azenha, na margem esquerda e um engenho de linho, na margem direita, ambos em ruínas.

No 2.º açude, uma azenha e um engenho de serra, este trabalhando presentemente a electricidade, ambos na margem esquerda.

No 3.º, uma azenha, um engenho de linho e um lagar de azeite, todos também na margem esquerda.

No 4.º, uma azenha em laboração na margem esquerda e um engenho de serra, parado, na margem direita.

No 5.º, uma azenha em laboração na margem esquerda e, na margem direita, um lagar de azeite, hoje desactivado.

No 6.º, uma azenha e um moinho em laboração na margem direita, onde restam vestígios de um engenho de linho.

No 7.º, uma azenha em laboração na margem direita, bem como um moinho nas mesmas condições e, na margem esquerda, um engenho de serra, hoje trabalhando exclusivamente a electricidade.

No 8.º, uma azenha em ruínas, na margem direita, conhecida por Azenha dos Frades, por ter pertencido ao Convento de Carvoeiro.

Finalmente, no 9.º açude, uma azenha e um moinho, ambos em ruínas, na margem direita.

Todas as azenhas referidas e actualmente em laboração, servem principalmente a população local. Todavia, a sua proximidade em relação a Carvoeiro e a Santa Lucrécia de Aguiar faz com que tenham bastantes clientes destas duas freguesias. Poderíamos ainda referir, no que respeita à moagem, a existência de quatro moinhos no ribeiro formado no inverno pelo caudal de Arêfe, dos quais só trabalha, actualmente, um. São os moinhos dos Rasões, ou dos Lousos, do Grijão, da Senra e de Tirolorrio. Do lado de Carvoeiro, outro moinho, o da Caniça, junto à Estrada Velha.

\*

\*

\*

Registemos ainda outras indústrias subsidiárias: duas marcenarias, recentes. Uma tanoaria, esporádica. Uma loja de sapateiro. Três oficinas de tamancaria, que acabaram há cerca de dez anos devido a terem entre-



tanto caído em desuso os tamancos e os socos. Existiu também uma oficina de ferreiro.

Ultimamente, desenvolveu-se a construção e exploração de aviários, para criação de frangos e produção de ovos. Ao todo, existem seis aviários ligados a cooperativas com sede no exterior e que têm contribuído bastante para a elevação da economia local. Todavia, a proliferação desta indústria na região tem sido de molde a desencorajar o seu desenvolvimento em Durrães, dada a crise que tem vindo a atravessar.

De registar ainda dois alambiques para destilação de aguardentes e uma oficina de cabos de madeira.

O comércio de madeiras tem vindo também a desenvolver-se, dada a actual riqueza florestal do monte. Nesse sentido, os comerciantes locais interessados conseguiram uma terraplanagem dos velhos caminhos, a fim de facilitar a passagem dos tractores. Muita desta madeira, que é em grande parte de pinheiro, tem por destino a fábrica de papel da Celnorte, situada na margem esquerda do Rio Lima.

### 5. *Canalização de excedentes*

Voltando à classificação dos três tipos de exploração agrícola, verificamos que, propriamente, só há comercialização de produtos agrícolas por parte das explorações do 1.º tipo. Essas, vendem leite, batata, feijão, milho e vinho em quantidade, com compradores à porta. As do 2.º tipo, vendem quase só vinho, algum milho e batata, para contrabalançar as despesas de sulfatação, adubagem e «jornais». Os do 3.º tipo, é raro terem excedentes.

A venda de leite em regime de cooperativa, com sede no exterior, tem vindo a ser ultimamente uma forma de canalizar o leite excedentário, quando o há, pois só é retido em casa o necessário para a alimentação, principalmente das crianças, ou para fazer favor a algum vizinho. Já referimos que existem também aviários em regime cooperativo. Todavia, tanto neste caso, como na canalização do leite produzido, as sedes das cooperativas estão bastante longe e só no caso dos aviários há uma participação directa, na sua gestão, por parte dos cooperantes, embora não de todo satisfatória. Podemos dizer que a população de Durrães, pelo individualismo que a caracteriza, não está ainda preparada para o desenvolvimento das cooperativas, que seriam sem dúvida uma saída possível e talvez única para o impasse económico em que actualmente vive.

### 6. *Conclusão sobre a economia ozoranense.*

Como vimos, estamos na presença de uma economia cem por cento de tipo agrícola, com formas subsidiárias, por um lado, e complementares, por outro.

A terra foi sempre o centro de interesse, porque toda a organização económico-social a ela sempre esteve ligada, em regime feudal, até meados



do século passado. Só no presente as pessoas se estão libertando desta servidão da terra, quer pelo trabalho mais diferenciado, quer pela emigração permanente ou temporária, quer pela educação e frequência de escolas na cidade, quer pelo emprego em fábricas e na administração.

De facto, a cultura da terra já não é tão intensiva, havendo primariamente o cuidado de conservar e fazer produzir os vinhedos e outras culturas de interesse para consumo directo, tais como a batata e os legumes.

Todavia, ainda continua a ser do máximo interesse a posse da terra, pelo que aos três tipos de proprietários existentes em Durrães correspondem na prática três classes, embora sem grande diferenciação social. Estas três classes são o sucedâneo da situação feudal que a povoação viveu durante nove séculos. Como veremos, constatamos nesta povoação uma sociedade estratificada, em que a hierarquia se define pela posição face à posse da terra, primariamente, embora com a actual permuta entre o campo e a cidade, o emprego nesta, a emigração e a formação de administrativos e intelectuais, essa definição pareça pouco visível em certos casos.

Mas a lei geral, no que diz respeito à posse dos meios de produção locais, que são essencialmente as terras, mantém-se, uma vez que a apropriação ou privação destes meios continua a ser sinal de subida ou descida na escala social.

### III

#### A SOCIEDADE OZORANENSE

##### A — Dominantes sociais

Em Durrães há três dominantes que caracterizam e integram todas as relações sociais: o factor religioso, o parentesco e, como sucedâneo mais directo da determinante económica, a emigração. É impossível ter uma compreensão exacta do que é esta freguesia sob o ponto de vista social sem a olhar em conjunto sob estes três aspectos.

A religião encarna todos os actos individuais e colectivos. É recebida na infância como instituição ancestral, vivida conscientemente.

O parentesco é a base da integração social e económica e ponto de partida para a realização pessoal e inter-pessoal a nível das relações colectivas.

A emigração, que atinge desde os meados do século XIX mais de metade da população, é condição de sobrevivência e necessidade vital para o indivíduo e para a colectividade.

Analisemos cada uma destas dominantes.



## 1. O factor religioso

A cristianização dos «pagi»<sup>(54)</sup>, por volta do Séc. IV, no Norte de Portugal, com a destruição dos santuários gentílicos e a progressiva assistência às comunidades rurais a partir das cidades episcopais, em breve levou ao incremento de um modo de vida diferente nas populações dos campos. Com o tempo, estas comunidades começaram a ser assistidas por delegados dos bispos, não só por uma questão de fortalecimento dessas comunidades, como até para um controle mais directo sobre todas as parcelas da «Ecclesia».

Desde muito cedo a Igreja teve grande aceitação entre os «pagani»<sup>(55)</sup>, pois a evangelização dos rurais efectuou-se já na época constantiniana, em que a Igreja dispunha já do apoio do Estado, o que lhe dava uma grande autoridade na administração, no ensino, etc. Quando surgiram os Bárbaros, foi à volta da Igreja que os habitantes dos campos se juntaram, procurando protecção. Assim surgiram os «filii ecclesiae» ou filhos da Igreja, os «filigreses», fregueses, unidos à volta do seu campanário, por vezes fortificado, e do seu pastor.

Há referências a Durrães, como paróquia, desde os finais do Séc. XI. Desde então toda a vida social foi impregnada do sentido religioso cristão, com as características próprias da cristandade sacral medieval. A Igreja passará a ter a primazia no aproveitamento dos tempos de lazer, que cristianiza e institucionaliza — Dias Santos, Festividades, Peregrinações. Possui igualmente a primazia dos produtos da terra, que lhe são oferecidos para manutenção das despesas paroquiais. Ainda hoje o contributo anual que se entrega ao Pároco para seu sustento se chama «primícia», o que revela o costume de se entregarem à Igreja os primeiros frutos da terra<sup>(56)</sup>.

Do nascimento à morte tudo se passava em redor do campanário e ainda hoje isto se mantém, dado o facto de o povo se manter profundamente religioso. Os ritos essenciais da fé cristã continuam intactos, se bem que outros que tiveram enorme importância no comportamento social ozoranense tenham já desaparecido, mercê da mudança dos tempos e da

---

(54) «Pagi», plural de «Pagus», eram as povoações rurais do interior que, por estarem longe das cidades e das vias de comunicação, demoraram mais tempo a serem cristianizadas. Como não eram cristãos, os habitantes das cidades, ao falar destes habitantes dos «pagi», os «pagani», deram ao termo «pagão» o sentido de não cristão e daí hoje este termo ter essa conotação. Veja-se esta explicação numa obra de um autor do Séc. V, natural da região bracarense: Paulo Orósio, *Adversum Paganos*, I, Prol., in *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum*, V, Viena, 1866, p. 3.

(55) Como referimos já, *pagani* eram os habitantes das zonas rurais.

(56) Numa época bastante recente, chegou a efectuar-se em Durrães, anualmente, uma Festa das Colheitas, no princípio do Outono. Esta festa caiu em desuso, mas o povo quer reavivá-la agora que reconstruiu a Capela de S. Miguel, uma Capela pertencente desde tempos remotos ao povo ozoranense e cuja festa coincide com a época das colheitas, aplicando o produto das ofertas em prol das necessidades da comunidade eclesial.



própria renovação litúrgica. Estão entre eles as Obradas, as preces «ad pluviam» <sup>(57)</sup> e a procissão do Senhor fora <sup>(58)</sup>. Dentro dos que ainda se mantêm, são de alto valor social a Missa diária aplicada por alma dos que morrem e sempre participada por familiares, a Missa Dominical, os sacramentos de iniciação cristã, o «confesso», os tríduos anuais, a peregrinação à Senhora Aparecida de Balugães em 15 de Agosto, a visita pascal e a festa anual do Padroeiro S. Lourenço, esta última com expressões culturais próprias, como a «parada», que consiste na montagem e passagem de um cortejo etnográfico, com carros representativos das actividades locais, de episódios bíblico-hagiográficos e cenas alegóricas.

Pela sua importância no contexto local queremos referir e descrever, de uma maneira especial, as Obradas. Sempre que morria alguém em Durrães, havia determinados ritos que culminavam as celebrações fúnebres e que recebiam no Minho a designação geral de Obradas <sup>(59)</sup>. Todavia, conforme as terras, assim essas celebrações revestiam aspectos particulares. Em Durrães efectuavam-se no Domingo que se seguia ao funeral. Consistiam no seguinte, de acordo com a narrativa de pessoas que participaram nelas: Saía um pequeno cortejo da casa do defunto, encabeçado por uma mulher vestida de luto e com uma saia pela cabeça, transportando um cestinho (açafate) forrado e coberto com um pano preto. Normalmente, para que o cesto se equilibrasse bem na cabeça, era posto no fundo dele uma pequena pedra.

Este cortejo era apenas constituído, além da mulher vestida de negro, por homens familiares do morto. Ao chegar à Igreja, todos eles acendiam velas, penetrando com elas acesas dentro do templo, parando no arco-cruzeiro. Aí esperavam pela chegada do Pároco, que rezava tantos resposos quantas as pessoas que faziam parte do cortejo. Enquanto cada pessoa, frente ao Sacerdote e de joelhos, rezava um Pai-nosso, segurando a vela acesa, o oficiante proferia um responso. A primeira pessoa a «obradar» era sempre a mulher vestida de negro, seguida do grupo de homens que a acompanhava. Quando este grupo tivesse «obradado», a mulher que

---

<sup>(57)</sup> Eram efectuadas em procissão à Capela de S.ta Justa, na serra da Padela.

<sup>(58)</sup> A. Lima Carneiro, *Uma impressionante solenidade religiosa de outros tempos — O Senhor fora*, in *Boletim Cultural do Concelho de Santo Tirso* (Santo Tirso), 3 (1954) 39-45.

<sup>(59)</sup> *Obrada* provém do latim *oblata*, que significa oferta. A prática das Obradas foi comum em muitas terras, principalmente do Norte, revestindo-se de diferentes características. Antigamente dizia-se *obradaçom* ou *obraçom*, simbolizando a oferta feita ao pároco. *Obradeira* era a mulher que apresentava na Igreja as ofertas deixadas em testamento por algum defunto. Em algumas terras, chamava-se *obradório* à oferta que a família do defunto entregava ao Pároco, e que consistia numa broa (do gótico *brauth*), um bacalhau e uma garrafa de vinho.

Jorge Dias, *op. cit.*, p. 143, diz-nos o seguinte: «Em Vilarinho há o costume de sair uma mulher com a *obrada* (oblata) num çafate, à cabeça, antes do defunto sair de casa. A oblata é uma espécie de oferenda especial que se faz a Deus, mas que é entregue ao padre. Consta de meia rasa de milho e meio quilo de toucinho.

Esta mulher deve caminhar à frente do enterro, muito séria, sem voltar a cabeça para trás, nem falar a ninguém, de contrário iria perturbar a sua alma».



os precedia dirigia-se para a sacristia, onde arrumava o cesto. Os homens que a acompanhavam aguardavam que todas as pessoas presentes na Igreja fizessem a sua obrada (oblata = oferenda). Normalmente, todas as famílias enviavam o seu representante à Igreja, mostrando assim a sua solidariedade perante a morte de alguém.

Em que consistia esta obrada? Como já referimos, consistia em cada pessoa se aproximar e rezar um Pai-Nosso junto do Sacerdote. Seguidamente, quem fazia a obrada ia à sacristia, onde alguém da família do defunto registava o nome e a quantia de dinheiro oferecido (oblata). Nos últimos tempos, esta quantia era de 1\$00 por responso rezado pelo sacerdote. Este dinheiro era depois oferecido ao pároco, para seu sustento.

A mulher do açafate, entretanto, voltava à Igreja, para assistir à Missa que se seguia às Obradas e, no fim, voltava logo para casa do defunto. Os homens, esses, ficavam no adro da Igreja, onde havia uma grande mesa de pedra <sup>(60)</sup> na qual, entretanto, se oferecia comida àqueles que tinham feito a sua obrada. A família dorida punha lá, nomeadamente, uns cântaros de vinho que se destinavam a ser distribuídos por aqueles que participaram na cerimónia. Chegava a acontecer alguns repetirem segundo e terceiro copo, conforme o valor das suas obradas, ou seja, se «obradaram» mais de uma vez.

Mas as cerimónias não terminavam aqui. Seguidamente, todos voltavam a casa do defunto, onde havia uma grande jantarada. No final do repasto, todos se levantavam e fazia-se então uma reza em torno da mesa, por alma do falecido. O «rezador» tinha nas mãos um raminho de oliveira, enquanto entoava as orações, lembrando seguidamente os nomes dos pais, padrinhos e demais parentes do morto que também já tivessem falecido, invocando ao mesmo tempo os seus anjos da guarda e os santos dos seus nomes.

Terminada a reza, o raminho de oliveira era colocado sobre o pão que sobrou, sendo este pão dado ao primeiro pobre que batesse à porta.

Nestes dias, as casas atingidas pelo luto eram administradas por estranhos, para que os familiares pudessem estar recolhidos. Esta administração, agravada pela despesas que se faziam nos funerais e pela distribuição de vinho e comida, levava muitas casas ao caos económico.

Em 1966 ainda assistimos pessoalmente às Obradas por alma de uma pessoa falecida em Durrães. Mas nessa altura já estavam limitadas ao ritual estritamente religioso, sem o cortejo da mulher vestida de negro nem as libações de reminiscência pagã que tinham lugar no adro da Igreja. De então para cá, as pessoas que vão aos mortórios deixam lá, em nome da família que representam, uma oferta em dinheiro que depois é aplicado em missas por alma da pessoa falecida. Com a extinção das Obradas terminou também a procissão dos defuntos, efectuada aos Domingos imedia-

---

(60) Com a construção da nova Igreja Paroquial e a nova disposição do adro, esta mesa de pedra já não existe, pelo menos com as mesmas funções. Não sabemos o destino que lhe foi dado.



tamente antes da segunda Missa, conhecida por Missa do dia. Esta procissão consistia em dar a volta ao adro da Igreja, indo o Juíz da Igreja com a Cruz à frente do Sacerdote, entoando este os responsos salmodiais, acompanhados da reza pessoal do Pai-Nosso, por intenção de todos os defuntos da freguesia, que eram nomeados um a um. Nesta procissão se incorporava sempre muita gente, havendo mesmo a superstição de que, quem não fosse a esta procissão em vida iria depois de morto...

Independentemente da singularidade do costume que eram as Obradas, ressaltava a sua importância social. Todas as famílias participavam nelas, através de um representante, manifestando assim a sua solidariedade. A mistura, por outro lado, de um rito cristão, a oração pelos mortos, com um rito pagão, as libações, mostra até que ponto séculos de cristianismo não conseguiram extirpar um certo tipo de comportamento animista, que se reflecte também num sem número de superstições e ritos paralelos que remontam à época pré-romana <sup>(61)</sup>.

De qualquer maneira, as Obradas inseriam-se perfeitamente no contexto económico-social da localidade. A sua importância era directamente proporcional à riqueza do defunto que era sufragado. Ao mesmo tempo, a morte de alguém que detinha mais meios de produção como que levava a um desejo de participação colectiva dos produtos agrícolas deixados pelo falecido. A consciência existente entre os ozoranenses de que algumas casas ficavam aruinadas no ano agrícola correspondente à morte do seu proprietário, pode bem ser um indicativo dessa realidade.

Cremos que Durrães foi das últimas freguesias do Minho a praticar o ritual das Obradas. Com efeito, padres houve que vieram à paróquia prestar serviço religioso, quando a freguesia esteve sem pároco, por volta de 1950, e manifestaram a sua admiração pelo costume, mesmo sob o ponto de vista puramente religioso. Estamos convencidos de que o costume teria continuado, por vontade popular, até ao presente, não fosse a recusa das autoridades eclesiásticas em lhes continuar a dar cobertura.

\*

\*      \*

Outras formas de comportamento seriam de registar, como as ligadas à festa religiosa, na qual se manifestava e ainda se manifesta a maior ou menor detenção dos meios produtivos da sociedade agrícola. Dada a

---

(61) Em Apêndice XVI poderão ser constatados certos tipos de comportamento supersticioso verificados ainda hoje em Durrães. Veja-se, a propósito, o trabalho publicado por Luís Pinheiro, por nós citado na nota (1), bem como a tese que apresentamos na Universidade Católica Portuguesa, *O «De Correctione Rusticorum» de S. Martinho de Dume*, em que analisamos sob o ponto de vista socio-religioso as superstições existentes na zona de Braga no séc. VI, as quais ainda hoje, na sua maioria, sobrevivem. A nossa tese foi publicada na Revista BRACARA AUGUSTA, 1980, II Tomo.



generalidade destes comportamentos no Minho e não só, referiremos apenas algumas destas manifestações.

Como em muitas outras terras, nem toda a gente poderia pegar ao púlpito nas procissões. Era e ainda é privilégio de poucos, exactamente daqueles que se encontram mais prestigiados pela posse das terras. Do mesmo modo, a hierarquização verificada na atribuição de funções nas comissões de festas está dependente da capacidade de poder subsidiar possíveis necessidades. Compete ao Juiz a orientação geral da festa. À Juíza, o pagamento do sermão. Os Mordomos têm a seu cargo o pagamento do andor do santo festejado, a cera que se gasta em velas, nomeadamente a que se gasta na tribuna da Igreja e, se quiserem, os foguetes. Durante a celebração da festa litúrgica, Juizes e Mordomos tinham lugar de destaque na Igreja. Antes da Consagração, ou seja, a meio da Missa, os mordomos entregavam às mordomas velas ornamentadas, recolhendo depois à sacristia, de onde voltavam a sair apenas dois, ou um só, para acender as velas às mordomas. Todos ocupavam o respectivo lugar na procissão que se seguia e, no fim desta, acompanhados apenas pela banda de música que abrilhantava a festa, davam três voltas à Igreja, enquanto o povo presenciava. Dali seguiam todos para casa do Juiz, onde se realizava o jantar da festa. O cerimonial que ligeiramente referimos vai sendo hoje ultrapassado com a mudança dos tempos e daí nós o considerarmos como pertencendo já ao passado. Todavia, o costume mantém-se, dado que ainda há bem pouco tempo assistimos à nomeação de Juizes e Mordomos para determinada festa, nomeação essa que se faz antes do Sermão proferido em honra do Santo festejado e sempre para o ano seguinte. É pelo «São Miguel» ou época das colheitas que os Mordomos «tiram» a esmola para a festa de que são encarregados. As pessoas oferecem hoje principalmente dinheiro. Antigamente, estas ofertas consistiam em produtos da terra: linho já «assedado» e preparado em estriga, milho e feijão branco. No fim do dia do peditório, havia igualmente um jantar em casa do Juiz. Embora tudo isto tivesse por finalidade a festa religiosa, a única existente em Durrães, verifica-se uma organização de base económico-social que vai permitir a preparação e institucionalização da festa na comunidade local, dando-lhe um cunho verdadeiramente representativo.

Para terminar as referências que vimos fazendo a formas exteriores de comportamento religioso, citaremos ainda alguns dados relativos à Procissão do Senhor fora, quando a Eucaristia era levada aos enfermos. Sempre que os sinos tocavam «ao Senhor fora» saía uma pessoa de cada casa para acompanhar o pároco, que levava o viático aos moribundos. Se fosse de noite, iam só homens e, se o enfermo fosse de Durrães, as pessoas de Carvoeiro acendiam velas nas suas janelas, vendo-se tudo iluminado. Se o doente era de Carvoeiro, era a vez de Durrães iluminar as suas casas. Chegada a procissão a casa do doente, todos esperavam fora que lhe fosse ministrada a comunhão, indo então todos visitá-lo. Esta procissão não era silenciosa, mas acompanhada do cântico «Bendito e louvado seja». Hoje não se verifica a mesma participação popular de



antanho quando é ministrado o Viático. As razões desta mudança, como de muitas outras no campo do comportamento religioso devem-se em grande parte ao agravamento do individualismo trazido nomeadamente pela emigração e a outros factores, como teremos ocasião de sublinhar.

O facto de reconhecermos em muitas formas de comportamento religioso, em Durrães, o reflexo da determinante económica local e o «modus vivendi» da exploração agrícola minifundiária, não implica da nossa parte a aceitação de que, de facto, a religião nesta terra serve apenas para manter o «statu quo» sócio-económico existente. De maneira nenhuma. É certo que não faltam mentalidades obscurantistas que se servem dela para manter o povo na ignorância e alienação. Mas os tempos estão a mudar e o factor religioso cristão, em Durrães, está transparecendo cada vez mais o que sempre, na realidade, foi: um factor de verdadeira libertação e realização total do Homem.

## 2. *O parentesco*

As relações de parentesco em Durrães são relevantes apenas a nível de grupo doméstico. Fora deste, parece-nos que, embora reconhecidas, elas não ultrapassam, a nível prático, as relações de boa vizinhança. Refiro-me, evidentemente, aos tempos presentes, os únicos passíveis de análise objectiva neste campo. Daí o não nos referirmos nem explorarmos a noção de parentela nesta freguesia, ou seja, como se relacionam aqui todos os que se consideram parentes. Para a não relevância da noção de parentela contribui o facto de em Durrães todos serem parentes. Talvez isto cause estranheza. Mas é um facto: todos nesta terra têm consanguinidade em menor ou maior grau, como veremos. Por isso, a importância do parentesco a nível da funcionalidade global só tem significado dentro do grupo doméstico, em que a relação entre pais e filhos se exprime como conducente à sobrevivência da célula familiar, deixando de ser representativa quando se dá a cisão deste grupo por motivo de casamento ou herança.

O nosso estudo sobre o parentesco será, por isso, um contributo para uma visão de fora e não para uma visão interior do sistema. Este não funciona como sistema de parentesco, embora faça parte da memória histórica da população. A análise das relações genealógicas ajudará a perceber como, quanto mais próximos se encontram os vários grupos domésticos actualmente existentes, tanto mais isoladamente eles se comportam em relação uns aos outros.

Ao abordarmos o problema das relações sociais voltaremos a tocar neste assunto. Por agora, limitar-nos-emos a analisar uma cadeia genealógica em que estão inseridos todos os actuais grupos domésticos de Durrães, enquanto procuramos tirar algumas conclusões gerais.

Tendo sido consultados os livros de registos baptismais a partir do Séc. XVI, foi escolhida uma família de meados do Séc. XVII como ponto de partida, tendo-se chegado à conclusão de que todas as actuais famílias



de Durrães descendem desse tronco comum. O ano de referência mais antigo é de 1650 e o mais recente, o de 1950. Não ultrapassaremos muito esta data, dado principalmente o facto de muitos emigrantes terem tido filhos já no estrangeiro a partir dos meados do actual século, e cujo desconhecimento nos impede de ter uma visão aproximada da realidade social actual no que diz respeito a todos os ozoranenses com laços de consanguinidade. De facto, há emigrantes que casaram, já no estrangeiro, com mulheres da terra e outros que casaram com mulheres de fora. Daí a actual impossibilidade de conseguir ver claro na evolução de muitas famílias que, formadas no estrangeiro, se encontram actualmente em Durrães.

Ao todo são 280 as famílias estudadas nesta genealogia dos actuais ozoranenses. Dessas 280 famílias, formadas, como referimos, entre 1650 e 1950, 140 resultaram de casamentos endogâmicos e 115 por casamentos exogâmicos. Daqui se conclui que a amostra estudada revela que nesta freguesia a organização do parentesco se manifestou até meados do nosso século como predominantemente endogâmica. O número de casamentos com cônjuge da terra é maioritário, apesar de revelar apenas 50 % do total de famílias estudadas, porque os casamentos exogâmicos apenas atingem 41 %. Os restantes 9 % são de famílias incompletas no sentido tradicional: dentro do quadra estudado, há referência a 25 mães solteiras, a maior parte com apenas um filho, outras com 2, 3 e até com 4.

Os casamentos endogâmicos referidos não fogem, em geral, às características da endogamia nas zonas rurais minhotas. As trocas matrimoniais davam-se, em geral, dentro das respectivas «classes» sociais, embora com algumas excepções. Com a emigração, estas «classes», que correspondem aos três tipos de economia local, vão-se equilibrando mais, fazendo com que os casamentos mostrem hoje um leque mais aberto.

A consanguinidade entre as famílias é bem manifesta. Se bem que seja raro o casamento entre primos directos, é comum e quase geral, nestes casamentos endogâmicos, a consanguinidade em 3.º, 4.º e 5.º graus e por aí adiante. Aliás isso se explica devido à exiguidade da população e aos pequenos limites geográficos da freguesia. O facto de todos os actuais naturais de Durrães terem um mesmo antepassado comum situado nos meados do Séc. XVII é bem sinal desta consanguinidade difusa que converge ciclicamente num espaço físico reduzido.

No que concerne aos casamentos exogâmicos, poderíamos talvez fazer uma subdivisão: os realizados com pessoas provenientes de terras vizinhas e os realizados com pessoas provenientes de terras distantes. Evidentemente que há uma diferença entre um casamento com uma mulher ou com um homem que se conhecem por serem de uma terra próxima e outro que é efectuado numa zona geográfica mais distante. Todavia, aqui consideramos todos os casamentos realizados com cônjuges de fora como pertencendo à mesma categoria, dada a forte individualidade da freguesia ozoranense, individualidade essa que, por vezes, se transforma mesmo em rivalidade com freguesias confinantes. Estas freguesias são aquelas que registam maior número de trocas matrimoniais com Durrães. Na amostra



por nós estudada verificamos sete casamentos com pessoas de Aguiar, vinte e três com pessoas de Carvoeiro e oito com pessoas de Tregosa. Com efeito, ainda hoje grande número de terras pertencentes a habitantes de Durrães se encontram em Aguiar, Tregosa e, principalmente, na faixa Sul da freguesia de Carvoeiro, ao longo do Rio Neiva. Muitas dessas terras pertencem a proprietários ozoranenses, não só por antigos aforamentos do Convento de Carvoeiro, como, tradicionalmente, com base em trocas matrimoniais que se processaram nos últimos séculos.

São as seguintes as terras donde provieram indivíduos, por via exogâmica, segundo a amostra genealógica que nos serve de base: Aguiar (Santa Lucrécia) (sete), Aldreu (três), Alvarães (um), Amares (um), Balugães (dez), Barcelos (um), Barroselas (nove), Carapeços (um), Carreço (um), Carvoeiro (vinte e três), Cossourado (três), Deão (um), Fragoso (cinco), Geraz do Lima (um), Guimarães (um), Lijó (um), Mujães (dois), Marinhãs (um), Navió (um), Nogueira (um), Quintiães (cinco), Santa Comba de Ponte de Lima (um), Santa Cruz de Riiba Tâmega — Guimarães (um), S. João de Vila Boa — Tamel (um), S. Paio da Ponte do Porto (um), S. Romão de Gândara (um), S. Romão do Neiva (dois), S. Salvador do Campo (um), S. Salvador de Ginzo (um), Silveiros (um), Tamel (um), Tregosa (oito), Viana do Castelo (um), Vila de Punhe (três) e Vitorino de Piães (um).

Fora da província do Minho outras se poderiam referir, embora o seu interesse seja menor, em virtude da sua dispersão: Cinfães, Góios, Lisboa, Rio Tinto, Torres Vedras, etc....

As causas destes casamentos exogâmicos são as mais variadas: emigração, feiras e concentrações anuais por motivo de peregrinações e festas religiosas. As trocas matrimoniais com as terras vizinhas provêm da proximidade e constante permuta de valores materiais. Com as terras vizinhas de Carvoeiro, Tregosa, Aguiar, Balugães e Barroselas contavam bastante os trabalhos agrícolas em terras de ozoranenses situadas em enclaves daquelas freguesias, havendo assim um maior contacto social.

Para a compreensão desta exogamia há que referir ainda que saiu de Durrães um número superior de indivíduos em relação àqueles que entraram, nas trocas matrimoniais. Os laços familiares estabelecidos com outras terras foram corroborados com novas alianças matrimoniais. Assim, quase todas as localidades que citámos receberam em troca indivíduos de Durrães, que nelas casaram e nelas se fixaram. São elas: Aguiar (com nove indivíduos), Alvarães (um), Balugães (treze), Barcelos (sete), Barroselas (nove), Braga (três), Carapeços (dois), Carvoeiro (vinte), Cossourado (um), Deocriste (um), Duas Igrejas (um), Esposende (um), Famalicão (um), Fragoso (três), Góios (um), Lisboa (onze), Manhente (um), Maia (um), Moledo do Minho (um), Mujães (um), Nogueira (oito), Porto (nove), Quintiães (um), Setúbal (um), Subportela (um), S. Romão do Neiva (um), Tamel — S. Veríssimo (um), Torres Vedras (quatro), Tregosa (catorze), Viana (três), Vila Cova (um), Vila de Punhe (dois), Vitorino das Donas (um) e Vitorino de Piães (um).



Seria agora altura de inserir aqui a cadeia genealógica que nos serve de base a estas considerações. Todavia, a sua dimensão iria provocar um desequilíbrio no plano geral do estudo que vimos fazendo, pelo que remetemos para um dos Apêndices a sua consulta <sup>(62)</sup>.

A endogamia básica da sociedade ozoranense vai diminuindo à medida que aumenta a população e, ao mesmo tempo, a emigração. Esta é condicionamento de um maior movimento exogâmico. A partir de 1950 a exogamia vai agravar-se, como podemos constatar nesta amostra significativa, referente apenas aos casamentos realizados em Durrães:

| ANO  | ENDO GÂMICOS | EXO GÂMICOS |
|------|--------------|-------------|
| 1952 | 2            | 6           |
| 1956 | 1            | 2           |
| 1960 | 2            | 2           |
| 1964 | 3            | 5           |
| 1967 | 2            | 4           |
| 1970 | 2            | 5           |
| 1976 | 2            | 5           |

Como referimos já, toda esta rápida análise serve apenas para uma visão de fora acerca do modo como têm evoluído as alianças matrimoniais nesta povoação. Estas são essencialmente dependentes do tipo de economia vigente e do regime de propriedade e, por isso, intimamente ligadas à questão da emigração. Esta leva à exogamia, naturalmente. Quem não emigra é levado à endogamia, por razões de evidente carácter económico, como são a posse das terras que se juntam assim no património dos novos grupos domésticos da população-emigração, bem como à progressiva diversificação dos meios de subsistência.

### 3. A emigração

Como muitas outras terras minhotas, Durrães tem sido autêntico viveiro de emigrados, que procuram em terra estranha o próprio sustento e o dos seus. Porém, como diz Alberto Sampaio, não foram só as dificuldades económicas que levaram o minhoto a emigrar. Foi também o espírito de aventura <sup>(63)</sup>, embora hoje ele não se verifique tanto. De facto, a emigração que nos últimos tempos se tem efectuado para França e Alemanha, que tem atingido todas as famílias do 3.º tipo, é produto exclusivo da

<sup>(62)</sup> Consulte-se o Apêndice I.

<sup>(63)</sup> A. Sampaio, *Estudos...*, in *op. cit.*, p. 181.



necessidade de sobrevivência. Os indivíduos pertencentes a famílias do 2.º tipo que emigram hoje, fazem-no acima de tudo pelo desejo de enriquecer e não propriamente por necessidade imediata, se bem que isso seja também para todos uma maneira de evoluir no meio e progredir.

A emigração que actualmente se mantém e se vai agravando, nomeadamente para a Venezuela, é um indicativo formal do impasse a que se chegou nesta como em tantas comunidades, em que o êxodo rural se tornou um facto. Com Michel Samuel e C. Meillassoux, verificamos que este impasse se manifesta pelo seguinte: a agricultura não permite a sobrevivência de todos, sendo a emigração a única saída possível. Todavia, esta não vai garantir o ideal de vida, agravando a situação e obrigando outros a emigrar também, tentando, individualmente, escapar a um destino colectivo <sup>(64)</sup>.

A emigração cria um círculo vicioso, porque a falta de braços na agricultura destrói sistemas de produção que não são retomados pelas gerações seguintes, obrigando-as a seguir o caminho da geração anterior, enquanto a exploração da terra é mantida como agricultura de auto-subsistência em terras cada vez mais divididas pelo aumento populacional. Nesta localidade constatamos isto mesmo. Iniciada quando a população começou a acusar excedentes, nomeadamente com a implantação do liberalismo do Séc. XIX, a emigração ozoranense não parou até ao presente.

É impossível criar mecanismos que impeçam este fenómeno que se repete em cadeia numa zona em que reina o minifúndio. Faltam estudos que definam processos de fixação populacional a curto e longo prazo. Talvez uma pedagogia bem aplicada que levasse à difusão de movimentos cooperativos surtisse algum efeito numa sociedade agrícola onde a emigração agrava constantemente as manifestações individualistas.

Cremos que os números nos falarão mais que as palavras. Vejamos:

Até 1960, das 280 famílias consideradas na cadeia genealógica que publicamos em apêndice, 130 tiveram filhos emigrantes, ou seja, 46,4 % das famílias de Durrães enviaram, até então, e desde o Séc. XVIII, um ou mais filhos para a emigração, no País ou no estrangeiro. Os dois quadros seguintes mostram-nos as famílias que tiveram filhos emigrantes.

---

(64) C. Meillassoux, *Mulheres, Celeiros & Capitais*, Trad. de António Figueiredo, Porto, 1977, p. 208, n. 3.



### FAMÍLIAS COM FILHOS EMIGRANTES P/ ESTRANGEIRO

| Número de filhos por família | Número de famílias c/ filhos emigrantes | Número de filhos emigrados |
|------------------------------|-----------------------------------------|----------------------------|
| 1 filho                      | 4 famílias                              | 4 famílias c/ 1            |
| 2 filhos                     | 4 famílias                              | 1 família c/ 2 e 3 c/ 1    |
| 3 filhos                     | 6 famílias                              | 4 c/ 1 e 2 c/ 2            |
| 4 filhos                     | 4 famílias                              | 1 c/ 1, 1 c/ 2 e 2 c/ 4    |
| 5 filhos                     | 1 família                               | 1 c/ 1 filho               |
| 6 filhos                     | 9 famílias                              | 4 c/ 1 e 5 c/ 2            |
| 7 filhos                     | 10 famílias                             | 8 c/ 1 e 2 c/ 2            |
| 8 filhos                     | 4 famílias                              | 1 c/ 1, 2 c/ 3 e 1 c/ 4    |
| 9 filhos                     | 1 família                               | 1 c/ 3 filhos              |
| 10 filhos                    | 2 famílias                              | 1 c/ 4 e 1 c/ 6            |
| 11 filhos                    | 1 família                               | 1 c/ 1                     |
| 12 filhos                    | 3 famílias                              | 1 c/ 5 e 2 c/ 8            |
| 13 filhos                    | 1 família                               | 1 c/ 9 filhos              |

### FAMÍLIAS COM FILHOS EMIGRANTES DENTRO DO PAÍS

| Número de filhos por família | Número de famílias c/ filhos emigrantes | Número de filhos emigrados                      |
|------------------------------|-----------------------------------------|-------------------------------------------------|
| 1 filho                      | 6 famílias                              | 6 famílias c/ 1                                 |
| 2 filhos                     | 4 famílias                              | 2 c/ 1 e 2 c/ 2                                 |
| 3 filhos                     | 6 famílias                              | 4 c/ 1 e 2 c/ 2                                 |
| 4 filhos                     | 5 famílias                              | 3 c/ 1, 1 c/ 2 e 1 c/ 4                         |
| 5 filhos                     | 11 famílias                             | 5 c/ 1, 2 c/ 2 e 4 c/ 5                         |
| 6 filhos                     | 11 famílias                             | 3 c/ 1, 3 c/ 2, 2 c/ 3, 2 c/ 4 e 1 c/ 5         |
| 7 filhos                     | 13 famílias                             | 7 c/ 1, 4 c/ 2 e 2 c/ 4                         |
| 8 filhos                     | 9 famílias                              | 3 c/ 1, 3 c/ 4, 2 c/ 5 e 1 c/ 8                 |
| 9 filhos                     | 6 famílias                              | 1 c/ 1, 1 c/ 2, 1 c/ 3, 1 c/ 4, 1 c/ 5 e 1 c/ 6 |
| 10 filhos                    | 4 famílias                              | 1 c/ 1, 2 c/ 2 e 1 c/ 5                         |
| 11 filhos                    | 1 família                               | 1 c/ um filho                                   |
| 12 filhos                    | 1 família                               | 1 c/ 8 filhos                                   |
| 13 filhos                    | 1 família                               | 1 c/ 6 filhos                                   |



Como referimos, estes dados são meramente estatísticos a partir da amostra genealógica que transcrevemos em Apêndice. Eles não ultrapassam a década de 50, mas permitem vislumbrar até que ponto esta pequena comunidade minhota sofre endemicamente o verdadeiro flagelo da emigração. De 1950 para cá, o fluxo avolumou-se por razões que se torna desnecessário apontar, por se inserirem nas causas mais gerais da actual emigração portuguesa. Limitar-nos-emos a transcrever os dados que possuímos <sup>(65)</sup> e que permitirão compreender o estado actual do movimento populacional de Durrães.

Número de emigrantes conforme censos periódicos:

|            |     |
|------------|-----|
| 1954 ..... | 65  |
| 1957 ..... | 71  |
| 1960 ..... | 90  |
| 1961 ..... | 87  |
| 1962 ..... | 89  |
| 1963 ..... | 94  |
| 1964 ..... | 94  |
| 1965 ..... | 102 |
| 1966 ..... | 104 |
| 1967 ..... | 107 |
| 1968 ..... | 118 |
| 1970 ..... | 128 |
| 1971 ..... | 140 |
| 1976 ..... | 186 |

Referimo-nos, evidentemente, apenas à emigração para o estrangeiro. Esta emigração pode durar muitos anos, nas normalmente o emigrante parte sempre com a intenção de voltar e visita periodicamente a terra natal. No período compreendido entre 1954 e 1976, referido no apontamento estatístico atrás transcrito, apenas sete famílias se foram juntar ao chefe do respectivo agregado familiar, no estrangeiro, o que revela o carácter forçado e intencionalmente esporádico da emigração nesta e em outras terras minhotas.

A emigração tem sido a solução única para a sobrevivência de uma grande maioria dos ozoranenses. Como já sublinhámos, é um mal necessário que não vem sozinho. Há dramas humanos por parte de quem parte, muitas vezes perante a indiferença de quem «pode» ficar. A comunidade não parece encarar «comunitariamente» este problema que a todos afecta, mesmo os economicamente mais favorecidos. Os factos têm mostrado que a evolução económica, cultural e patrimonial desta freguesia está em grande parte dependente daqueles que partiram e que duplamente garantem a sobrevivência da povoação.

---

(65) Dados que agradecemos ao Rev. Snr. Abade de Durrães.



Podemos dizer que não há em Durrães nenhuma família que não tenha sido atingida por esta necessidade de emigrar. Esta é uma das razões que leva à não relevância dos conceitos de parentela e de família extensa, dentro do que seria de esperar numa zona em que os laços de parentesco se cruzam constantemente.

O problema da sobrevivência, que noutras situações espacio-temporais levou ao comunitarismo e à cooperação, leva aqui, mudados que são os condicionalismos económicos motivados pelo crescimento populacional em espaço restrito, à individualização progressiva dos grupos domésticos, como mecanismos de defesa individual-grupal face ao espectro migratório, que acaba sempre por atingir alguns dos seus elementos.

## B — As Relações Sociais

A partir das dominantes sociais referidas, conjugadas com a determinante económica, perceberemos satisfatoriamente o processo social ozoranense.

Não há propriamente classes sociais, mas estratos sociais baseados nos três tipos de exploração agrícola atrás citados, nos administrativos e nos emigrantes que vão trazendo nova vida ao ambiente sócio-económico.

Estamos, porém, perante um sistema de transformações que leva a uma progressiva interpenetração dos estratos citados, sem, todavia, nos ser possível determinar a sua trajectória, contentando-nos em verificar a sua génese.

Já referimos, de uma maneira geral, que as relações essencialmente económicas levaram a uma estratificação evidente da sociedade local, de tal modo que ainda hoje constatamos os três tipos de exploração agrícola sucedâneos do antigo regime feudal. A posse da terra continua a ser factor essencial de prestígio, nomeadamente para o ex-emigrante, que procura investir o produto do seu trabalho. Mas o prestígio da posse da terra já não isola hoje o seu detentor em relação aos estratos considerados inferiores. Nestes, já existe hoje um maior sentido de independência e de consciência dos próprios direitos, nomeadamente após o 25 de Abril de 1974. Se bem que a maioria da população mantenha uma ideologia acentuadamente conservadora, os actuais acontecimentos sociais e políticos no País não têm de modo nenhum passado despercebidos e têm actuado, mesmo através de um possível desencanto, muito positivamente na consciencialização das pessoas, apesar de se verificarem em certos estratos certas tendências para posições de extremismo. De facto, muitos dos privilegiados de outrora não compreendem facilmente os desprotegidos de então, que hoje também procuram, não raro, recuperar tempo, querendo, por vezes, ir mais além do que, no consenso local, parece legítimo.

As relações sociais em Durrães são, todavia, marcadas por um acentuado individualismo, verificado no sentido de independência face ao exterior, pese embora a existência de um Apeadeiro do Caminho de Ferro,



num exagerado sentido de propriedade privada, na prática pouco comunitária da vivência religiosa e na frieza de muitas relações interpessoais.

De facto, Durrães não é uma terra isolada. Todavia, a sua história revela-nos que esteve sempre longe dos grandes mercados, das grandes festas e romarias do Minho e viveu sempre fechada no pequeno circuito da vida agrícola. Daí um inconsciente sentimento de isolamento, que contribuiu para que a freguesia se fechasse ao exterior. Ao contrário, porém, do que sucedeu noutras terras, em que este isolamento provocou o comunitarismo, nesta freguesia assistimos, já no passado, a um seccionamento das células familiares, individualizando-as no seu «lugar» e respectiva casa, com um enorme apego ao respectivo património e direitos adquiridos. Este individualismo era manifesto igualmente na recusa a qualquer inovação, particularmente de cariz ideológico, assim como na obstrução passiva ou activa a grupos estranhos que pudessem influenciar o meio ou pôr em causa o «statu quo» vigente.

Intimamente ligado ao acentuado apego ao património do grupo doméstico constata-se um sentimento de propriedade que exageradamente se revela em problemas de serventias, de divisão e passagem de águas, de complicações sociais surgidas de uma árvore que não é cortada ou podada porque pode fazer sombra à vinha do vizinho, etc. Os próprios «lugares» se transformam, por vezes, em verdadeiras «torres de marfim», totalmente isolados por serem circundados de altos muros de pedra, onde ninguém pode entrar sem licença, pelo menos tácita, do proprietário. Este exagerado sentimento de propriedade como que faz parte do património comum da freguesia, levando, não raro, a desentendimentos entre os próprios familiares, principalmente em caso de partilhas por herança, por vezes seguidas de certas demonstrações de posse.

Igualmente a vivência religiosa, que atrás referimos ser um dos factores de maior importância social nesta povoação, se reflecte desta psicologia colectiva. Frequentemente se ouvem apelos a uma maior abertura inter-pessoal, que apenas na camada jovem vão encontrando resposta em manifestações várias, as quais, todavia, tendem a desaparecer nos adultos. A religião, em Durrães, é comunitária apenas no seu aspecto exterior. Na realidade, a sua dimensão comunitária, tal como é apresentada e defendida, não encontra eco na sociedade local. Evidente sinal desta individualidade na prática religiosa é ainda o facto de muitas pessoas preferirem os serviços religiosos de Igrejas vizinhas aos da Igreja Paroquial. Se é certo que há vários factores em presença, é uma realidade que o principal motivo é não dar nas vistas na comunidade local.

E, por fim, ainda sobre o individualismo, verificamos um comportamento acentuadamente inibido nas inter-acções sociais entre as pessoas. Ou é a história familiar, ou factores temperamentais ou de carácter, ou ainda situações de conflito, que levam os indivíduos a deixarem de se saudar, o que é considerado uma falta de consideração bastante grave que conduz, a partir daí, a ignorarem-se vizinhos e mesmo famílias.



Tudo isto é bastante negativo, é certo, mas verifica-se igualmente em muitas terras do Minho de formação histórica idêntica e com estruturas sociais paralelas. Limitamo-nos a constatar este facto, assim como verificamos que, por outro lado, existe latente a consciência das consequências negativas deste individualismo, que se procuram ultrapassar por mecanismos de compensação que vão desde a procura da sinceridade na prática religiosa à colaboração em iniciativas esporádicas de bairrismo <sup>(66)</sup> e de manifestações culturais <sup>(67)</sup>.

O regresso de emigrantes e seus filhos, a fixação de algumas famílias regressadas das ex-colónias portuguesas e a vinda cadenciada de naturais da terra que se vão reformando dos seus empregos nas cidades, têm vindo a renovar o espectro social de Durrães, contribuindo para uma revitalização populacional, económica e até cultural. cremos que se caminha para um futuro em que esta povoação, mais que uma terra de actividade fundamentalmente agrícola, se converterá acentuadamente numa comunidade mais diferenciada, socialmente mais rica e culturalmente mais aberta. O aumento populacional tem feito desenvolver a área social, com casas novas, muitas delas servindo-se das ruínas de outras mais antigas. Só é pena que muitas delas venham degradando os bons solos aráveis, diminuindo progressivamente os espaços cultiváveis, quando o monte poderia ser progressiva e racionalmente aproveitado nesse sentido. Diminuindo as terras aráveis, reduz-se a produção agrícola que assim corresponde cada vez menos ao crescimento do consumo.

O futuro de Durrães continuará, pois, infelizmente, a depender da emigração interna e externa, o que aumentará ainda mais o grande amor e apego à Terra-Mãe, que para muitos é madrastra. Daí um agravamento do individualismo que temos vindo a focar, que funciona como mecanismo inconsciente de defesa para uns e de orgulho para outros.

A realidade é bem dura, mas a ligação ao torrão natal pelo nascimento e pela família continuará a ser um sentimento gravado no mais fundo da mente de todos. Será talvez a única coisa que une realmente todos os ozoranenses: o amor à Terra, aos seus campos eternamente verdes, ao seu rio «calmo e bonançoso», para citarmos uma frase de um poeta emigrante <sup>(68)</sup>, enfim, a tudo aquilo que os identifica com o meio em que nasceram e cresceram.

---

<sup>(66)</sup> Recordamos aqui a recente reconstrução da Capela de S. Miguel, no Lugar dos Castelos, em que todos se empenharam por existir a consciência de que a mesma era património comum.

<sup>(67)</sup> Referimo-nos a iniciativas quase todas ligadas à Igreja Paroquial, através dos seus organismos de Acção Católica, como são as representações teatrais da Juventude local de há quarenta anos a esta parte, bem como as acções culturais a que serve de infra-estrutura a Casa do Povo ozoranense. Poderemos ainda citar o Jornal Paroquial «*Lírio do Neiva*», publicado desde 1958, enviado a todos os emigrantes e onde tem sido publicados artigos variados, em prosa e em poesia, de representantes de todas as camadas sociais de Durrães.

<sup>(68)</sup> Horácio Pinheiro, *Sonetos*, Barcelos, 1971, p. 11.



## CONCLUSÃO

Poderíamos tentar esgotar os dados sobre esta freguesia do Vale do Neiva <sup>(69)</sup>. A nível de etnografia propriamente dita, haveria muito que referir, principalmente no que respeita às técnicas. Estas poderão constituir estudos parcelares posteriores, com vista, essencialmente, a transmitir para as gerações vindouras o conhecimento do «modus vivendi» ozoranense antes da mecanização, como são as técnicas de fiação e tecelagem, o aproveitamento hidráulico do Rio Neiva para serração, moagem e lagares, os instrumentos e alfaías agrícolas, etc., etc. Não consideramos, porém, oportuna a sua inserção nesta monografia, porque somos de opinião ser necessário um estudo etnográfico mais prolongado no espaço, ou seja, um estudo feito a nível regional, muito mais significativo.

Do mesmo modo, seria de considerar um estudo dos comportamentos, a nível da psicologia social. Mas, se fôssemos a explorar este filão, certamente teríamos de escrever muito mais do que escrevemos. Foi nossa intenção ficar pelo estudo do sistema económico-social existente e, conscientes de que não há monografias totais, embora não pondo de parte o problema da totalidade, procurámos enquadrar Durrães no espaço e no tempo e, a partir daí, perceber um pouco a sua organização económico-social. Ela se nos manifestou como o produto de uma evolução temporal fechada num sistema feudal cuja extinção levou, com a maior afirmação da propriedade individual, a um agravamento das condições que levam à emigração, agravamento esse que se vem manifestando progressivamente até ao presente.

O sistema social ozoranense encontra-se em transformação e o seu futuro vai depender, hoje e amanhã cada vez mais, da determinante económica que lhe for imposta ou condicionada pelo exterior.

Como dissemos no início deste estudo, não queremos que esta abordagem do sistema ozoranense seja uma última palavra, mas antes um ponto de partida para reflexão sobre a realidade local. Para tal, já nos limitámos apenas àquilo que considerámos essencial. A nossa análise não é perfeita, mas procurou ser objectiva. Estudos posteriores, nossos ou de outros, nos dirão se estamos ou não no bom caminho.

---

<sup>(69)</sup> Reservamos para os Apêndices a este trabalho certas informações de que dispomos e que fomos coligindo ao longo dos tempos, cuja inserção no texto evitamos por uma questão de clareza e método.



## APÊNDICES

### APÊNDICE I

#### RELACIONAÇÃO EVOLUTIVA DO PARENTESCO EM DURRÃES

O que se segue será o desenvolvimento de uma família, desde o ano de 1645 até cerca de 1950. Todos os actuais ozoranenses descendem da primeira família abaixo indicada, mesmo aqueles que, porventura, não constem da genealogia que desenvolveremos, dado que se efectuaram outras alianças matrimoniais com elementos descendentes da primeira célula familiar considerada, alianças essas que se omitem para não complicar demasiado a árvore genealógica e os seus ramos.

Este trabalho é obra do nosso tio Joaquim Neiva de Oliveira Maciel, verdadeira autoridade local neste assunto, bem como noutros aspectos da historiografia e etnografia ozoranenses. Agradecemos-lhe a autorização que nos deu para fazer a transcrição deste estudo, que num ou noutro aspecto procuramos uniformizar para melhor compreensão numa obra como a que vimos apresentando. Cremos ser útil referir que este trabalho foi feito sobre as relações dos livros de assentos baptismais existentes desde o Séc. XVI e hoje arquivados em Braga, Barcelos e no Cartório Paroquial de Durrães, cuja transcrição foi efectuada igualmente por Joaquim Neiva de Oliveira Maciel, com a colaboração de Justino Oliveira da Costa Maciel. É um trabalho que demorou muito tempo, exigiu muita paciência e talvez seja único no nosso País. Daí o seu valor para futuros estudos a vários níveis.

É atribuído um número a cada indivíduo pertencente à cadeia genealógica, a fim de permitir a sua mais fácil localização e relação no conjunto.

FRANCISCO VELOSO, casado com MARIA PEIXOTA, viveram em Durrães e tiveram os seguintes filhos:

|                    | Ano de Nasc. | Informações sobre cada indivíduo, quando as há: |
|--------------------|--------------|-------------------------------------------------|
| 1. Manuel          | 1645         | —                                               |
| 2. Antónia         | 1646         | —                                               |
| 3. João            | 1648         | —                                               |
| 4. Maria           | 1650         | —                                               |
| 5. Catarina        | 1651         | —                                               |
| 6. Natália Peixoto | 1655         | Casou c/ Gregório Rodrigues.                    |
| 7. Mariana         | 1657         | —                                               |
| 8. António Peixoto | 1662         | C/ com Ana Pires.                               |



NATÁLIA PEIXOTO, n.º 6, casou com GREGÓRIO RODRIGUES, nascido em 1655. Tiveram os seguintes filhos:

|                       |      |                                  |   |
|-----------------------|------|----------------------------------|---|
| 9. Antónia            | 1684 | Solteira                         |   |
| 10. Maria             | 1686 |                                  | — |
| 11. Catarina          | 1687 |                                  | — |
| 12. Francisco         | 1689 |                                  | — |
| 13. Paula             | 1691 | Solteira                         |   |
| 14. Manuel            | 1693 | Casou nas Beiras.                |   |
| 15. Teresa R. Peixota | 1695 | C/c Manuel Marques de Magalhães. |   |

ANTÓNIO PEIXOTO, n.º 8, casou com ANA PIRES, filha de Manuel Pires e de Catarina Rodrigues. Moraram no Lugar dos Cincos e tiveram os seguintes filhos.

|                     |      |                         |   |
|---------------------|------|-------------------------|---|
| 16. António Peixoto | 1700 | C/c Maria Soares.       |   |
| 17. Maria Peixota   | 1701 | C/c Domingos Fernandes. |   |
| 18. Ana Peixota     | 1704 | C/c António João.       |   |
| 19. Boaventura      | 1706 | Faleceu em vida do Pai. |   |
| 20. Lourenço        | 1707 | Faleceu em vida do Pai. |   |
| 21. Manuel          | 1707 | Faleceu em vida do Pai. |   |
| 22. Diogo           | 1708 |                         | — |
| 23. Lourenço        | 1711 |                         | — |
| 24. Manuel          | 1714 |                         | — |

TERESA RODRIGUES PEIXOTA, n.º 15, casou com MANUEL MARQUES DE MAGALHÃES; natural de Santa Cruz de Riba Tâmega (Guimarães). Tiveram:

|                            |      |                                                            |   |
|----------------------------|------|------------------------------------------------------------|---|
| 25. Manuel M. de Magalhães | 1723 | C/ 1.ª vez c/ Benta Correia.<br>C/2.ª vez c/ Inácia Maria. |   |
| 26. Tomaz                  | 1724 |                                                            | — |
| 27. António Marques        | 1726 | C/c Isabel Soares.                                         |   |
| 28. Agostinho Marques      | 1728 | C/c Maria Josefa.                                          |   |
| 29. João Marques           | 1730 | C/c Rosa Barbosa.                                          |   |
| 30. Custódio Marques       | 1732 | C/c Maria da Cunha.                                        |   |

ANTÓNIO PEIXOTO, n.º 16, casou com MARIA SOARES, filha de Boaventura Soares e de Joana Martins. Moraram no Lugar dos Castelos e tiveram:

|                     |      |  |   |
|---------------------|------|--|---|
| 31. Lourenço        | 1734 |  | — |
| 32. Feliciano       | 1736 |  | — |
| 33. Esperança Luísa | 1737 |  | — |
| 34. Águeda          | 1740 |  | — |



|                      |      |                               |
|----------------------|------|-------------------------------|
| 35. António Peixoto  | 1742 | C/c Francisca Teresa Martins. |
| 36. Custódia         | 1745 | —                             |
| 37. Maria Teresa     | 1749 | —                             |
| 38. Catarina Peixoto | 1751 | C/c António Luís de Miranda.  |

MARIA PEIXOTA, n.º 17, no estado de solteira, teve:

|                |      |   |
|----------------|------|---|
| 39. Boaventura | 1729 | — |
|----------------|------|---|

MARIA PEIXOTA, n.º 7, casou com DOMINGOS FERNANDES, natural de S. Paio da Ponte do Porto. Moraram no Lugar do Campo e tiveram:

|                        |      |                         |
|------------------------|------|-------------------------|
| 40. Persina            | ?    | —                       |
| 41. Lourenço           | 1737 | —                       |
| 42. Domingos Fernandes | 1740 | C/c Francisca Carvalha. |

ANA PEIXOTA, n.º 18, casou com ANTÓNIO JOÃO, filho de Domingos João e de Maria Martins, e neto paterno de Belchior João e de Domingas Gonçalves. Moraram no Lugar dos Cincos e tiveram:

|                               |      |                                          |
|-------------------------------|------|------------------------------------------|
| 43. Ana Maria                 | 1728 | —                                        |
| 44. Maria Peixota             | 1729 | C/c Manuel Afonso Maciel.                |
| 45. Lourenço Peixoto          | 1731 | C/c Maria Luísa, viúva de António Bento. |
| 46. Rosa                      | 1732 | —                                        |
| 47. Bento                     | 1734 | —                                        |
| 48. Teresa                    | 1736 | —                                        |
| 49. João                      | 1737 | —                                        |
| 50. Custódia                  | 1739 | —                                        |
| 51. José Bernardo             | 1741 | —                                        |
| 52. Andreza ou Andreia        | 1743 | —                                        |
| 53. Manuel Peixoto da Fonseca | 1746 | C/c Maria Inês.                          |

MANUEL MARQUES DE MAGALHÃES, n.º 25, casou com BENTA CORREIA, filha de João Alves Correia e de Antónia Martins. Moraram no Lugar do Rio e tiveram:

|                       |      |                         |
|-----------------------|------|-------------------------|
| 54. Ana Maria Marques | 1748 | C/c Domingos Francisco. |
| 55. Manuel            | 1751 | —                       |
| 56. Maria             | 1753 | —                       |

MANUEL MARQUES DE MAGALHÃES, n.º 25, casou em 2.<sup>as</sup> núpcias com INÁCIA MARIA, filha de Luís de Faria e de Maria Correia, solteira. Moraram no Lugar do Souto e tiveram:

|                               |      |                             |
|-------------------------------|------|-----------------------------|
| 57. Teresa Maria Marques      | 1757 | C/c José Rodrigues.         |
| 58. Agostinho M. de Magalhães | 1759 | C/c Maria Antónia da Graça. |
| 59. Maria Marques             | 1762 | C/c Manuel de Miranda.      |



|             |      |   |
|-------------|------|---|
| 60. António | 1765 | — |
| 61. António | 1767 | — |
| 62. Tomaz   | 1770 | — |

ANTÓNIO MARQUES, n.º 27, casou com ISABEL SOARES, filha de Boaventura Soares e de Joana Martins. Tiveram:

|                       |      |                            |
|-----------------------|------|----------------------------|
| 63. Maria Teresa      | 1751 | —                          |
| 64. Agostinho Marques | 1753 | C/c Maria Peixota, n.º 89. |

AGOSTINHO MARQUES, n.º 28, casou com MARIA JOSEFA, filha de Manuel Dias, de S. Romão do Neiva, e de Paula Correia, de Durrães. Tiveram:

|                         |      |                      |
|-------------------------|------|----------------------|
| 65. Manuel              | 1758 | —                    |
| 66. Manuel Marques Dias | 1760 | C/c Teresa de Jesus. |
| 67. António             | 1764 | —                    |

JOÃO MARQUES, n.º 29, casou com ROSA BARBOSA, filha de António Barbosa, de Durrães, e de Maria Gomes, de Rial, Carvoeiro. Tiveram:

|                          |      |                        |
|--------------------------|------|------------------------|
| 68. Custódio             | 1755 | —                      |
| 69. Custódio             | 1756 | —                      |
| 70. Maria                | 1760 | —                      |
| 71. Precina ou Percina   | 1763 | —                      |
| 72. Manuel Gomes Marques | 1772 | C/c Maria Luísa Meira. |

CUSTÓDIO MARQUES, n.º 30, casou com MARIA DA CUNHA, filha de Cristóvão da Cunha e de Domingas Rodrigues <sup>(70)</sup>. Tiveram:

|                             |      |                     |
|-----------------------------|------|---------------------|
| 73. Custódio Maria da Cunha | 1757 | C/c Manuel Correia. |
|-----------------------------|------|---------------------|

ANTÓNIO PEIXOTO, n.º 35, casou com FRANCISCA TERESA MARTINS, filha de Manuel Martins, de Rial, Carvoeiro, e de Rosa Maria Barbosa de Durrães. Tiveram:

|                       |      |                              |
|-----------------------|------|------------------------------|
| 74. Custódia          | 1759 | —                            |
| 75. Manuel            | 1770 | —                            |
| 76. Diogo             | 1772 | —                            |
| 77. João              | 1776 | —                            |
| 78. Francisco Peixoto | 1778 | C/c Maria Rodrigues da Cruz. |

---

(70) Descendente dos Cunhas da Quinta de Malta.



CATARINA PEIXOTO, n.º 38, casou com ANTÓNIO LUÍS DE MIRANDA, filho de Domingos Miranda, de Balugães, e de Joana Pereira, de Cossourado. Tiveram:

- |                              |      |                                                                                                           |
|------------------------------|------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 79. Manuel José de Miranda   | 1777 | Morreu solteiro. Trabalhou em Viana.                                                                      |
| 80. João Baptista de Miranda | 1780 | C/ 1. <sup>a</sup> vez c/ Maria J. Marques, n.º 102.<br>C/ 2. <sup>a</sup> vez c/ Maria Martins, n.º 162. |
| 81. Maria Peixota            | 1783 | C/c António Rodrigues.                                                                                    |
| 82. Antónia Luísa Peixota    | 1787 | C/c Silvestre Gonçalves.                                                                                  |

DOMINGOS FERNANDES, n.º 42, casou com FRANCISCA CARVALHA, filha de João da Cunha, de Carrêço, e de Catarina Carvalha, solteira, de Capareiros. Moraram no Lugar dos Castelos e tiveram:

- |                     |      |                             |
|---------------------|------|-----------------------------|
| 83. Rosa Fernandes  | ?    | C/c Domingos Álv. do Campo. |
| 84. Diogo Fernandes | 1766 | C/c Luísa Maria Rosa.       |
| 85. João Fernandes  | 1770 | C/c Maria Luísa.            |
| 86. Maria           | 1772 | —                           |
| 87. Ana Maria       | 1775 | —                           |
| 88. Francisco Maria | 1777 | —                           |

MARIA PEIXOTA, n.º 44, casou com MANUEL AFONSO MACIEL, filho de André Afonso, de S. Romão da Gandra, e de Isabel Maciel, de Durrães. Tiveram:

- |                        |      |                                |
|------------------------|------|--------------------------------|
| 89. Maria Peixota      | 1754 | C/c Agostinho Marques, n.º 64. |
| 90. António            | 1756 | —                              |
| 91. Ana Peixota Maciel | 1758 | C/c Manuel M. de Carvalho.     |
| 92. Joana              | 1761 | —                              |
| 93. Manuel             | 1764 | —                              |
| 94. Lourenço           | 1768 | —                              |
| 95. Rosa               | 1772 | —                              |

LOURENÇO PEIXOTO, n.º 45, C/c MARIA LUÍSA, viúva de António Bento. Tiveram:

- |                           |      |   |
|---------------------------|------|---|
| 96. António (ou Antónia,) | 1781 | — |
|---------------------------|------|---|

MANUEL PEIXOTO DA FONSECA, n.º 53, casou com MARIA INÊS, filha de José de Araújo, de Santa Lucrécia de Aguiar, e de Maria Rosa, de Santa Comba de Ponte de Lima. Tiveram:

- |            |      |   |
|------------|------|---|
| 97. Manuel | 1783 | — |
|------------|------|---|



PERCINA, ou PRECINA, n.º 40, no estado de solteira, teve:

|                |      |   |
|----------------|------|---|
| 98. Maria      | 1763 | — |
| 99. Rosa       | 1766 | — |
| 100. Francisca | 1767 | — |

ANA MARIA MARQUES, n.º 54, casou com DOMINGOS FRANCISCO, filho de Miguel Francisco e de Maria Gonçalves, de S. Salvador de Ginzo. Tiveram:

|                           |      |                                 |
|---------------------------|------|---------------------------------|
| 101. Manuel Marques       | 1774 | C/c Teresa Maria Meira.         |
| 102. Maria Josefa Marques | 1776 | C/c João B. de Miranda, n.º 80. |
| 103. Teresa               | 1779 | —                               |
| 104. Agostinho            | 1782 | —                               |
| 105. José                 | 1784 | —                               |
| 106. José Marques         | 1786 | C/c Maria Luísa.                |
| 107. Rosa                 | 1790 | —                               |

TERESA MARIA MARQUES, n.º 57, casou com JOSÉ RODRIGUES, filho de André Rodrigues e de Ana Afonso, de S. Romão do Neiva. Moraram no Lugar do Souto e tiveram:

|                                          |      |                             |
|------------------------------------------|------|-----------------------------|
| 108. M. <sup>a</sup> Teresa M. Rodrigues | 1786 | C/c António José de Castro. |
| 109. Antónia Rodrigues                   | 1789 | C/c António dos Santos.     |

AGOSTINHO MARQUES DE MAGALHÃES, n.º 58, casou com MARIA ANTÓNIA DA GRAÇA, filha de Torcato António da Graça e de Maria Rodrigues da Costa. Moraram no Lugar de Novais e tiveram:

|                           |      |                                                |
|---------------------------|------|------------------------------------------------|
| 110. Maria Josefa Marques | 1788 | C/c José Bento, de Carvoeiro.                  |
| 111. Teresa               | 1789 | —                                              |
| 112. José Manuel Marques  | 1791 | C/c Maria Josefa, de Carvoeiro.                |
| 113. Rosa                 | 1793 | —                                              |
| 114. Manuel Marques       | 1795 | C/c Maria Luísa Fer. <sup>des</sup> , n.º 153. |
| 115. António              | 1798 | —                                              |

MARIA MARQUES, n.º 59, casou com MANUEL DE MIRANDA, filho de José de Miranda e de Catarina de Miranda, de Carvoeiro. Tiveram:

|                       |      |                                 |
|-----------------------|------|---------------------------------|
| 116. Teresa Maria     | 1792 | —                               |
| 117. Luzia de Miranda | 1794 | C/c António de Castro, n.º 177. |

AGOSTINHO MARQUES, n.º 64, casou com MARIA PEIXOTA, n.º 89. Tiveram:

|                                           |      |                              |
|-------------------------------------------|------|------------------------------|
| 118. Maria                                | 1783 | —                            |
| 119. Manuel                               | 1785 | —                            |
| 120. José Ant. <sup>1º</sup> Marq. Soares | 1789 | —                            |
| 121. Maria Teresa                         | 1792 | —                            |
| 122. João Baptista Marques                | 1796 | C/c Joana da Cunha, n.º 131. |



MANUEL MARQUES DIAS, n.º 66, casou com TERESA DE JESUS, filha de Manuel Martins Leite e de Maria Soares, de Tregosa. Tiveram:

|                    |      |   |
|--------------------|------|---|
| 123. Manuel        | 1792 | — |
| 124. José          | 1796 | — |
| 125. Maria Antónia | 1798 | — |
| 126. Maria         | 1802 | — |

MANUEL GOMES MARQUES, n.º 72, casou com MARIA LUÍSA MEIRA, filha de Francisco Meira e de Francisca Maciel, de Vila de Punhe. Moraram no Lugar do Espinheiro ou Castelos. Tiveram:

|                          |      |                                  |
|--------------------------|------|----------------------------------|
| 127. Francisco           | 1815 | —                                |
| 128. Maria Luísa Marques | 1820 | C/c Bernardo Gonçalves Carapito. |

CUSTÓDIA MARIA DA CUNHA, n.º 73, casou com MANUEL CORREIA, filho de Martinho de Sousa e de Catarina Correia. Tiveram:

|                           |      |                                  |
|---------------------------|------|----------------------------------|
| 129. Maria Josefa Correia | 1783 | C/c António José da Costa.       |
| 130. Rosa Maria           | 1786 | —                                |
| 131. Joana da Cunha       | 1789 | C/c João Bapt. Marques, n.º 122. |

FRANCISCO PEIXOTO, n.º 78, casou com MARIA RODRIGUES DA CRUZ, filha de João da Costa e de Maria Rodrigues da Cruz, de Aldreu. Moraram no Lugar das Lages. Tiveram:

|                              |      |                                 |
|------------------------------|------|---------------------------------|
| 132. Diogo Peixoto           | ?    | C/c Joana do Rego, de Arcozelo. |
| 133. Manuel Peixoto          | ?    | C/c Isidora Martins.            |
| 134. António Peixoto         | ?    | C/c Maria Marq. Meira, n.º 170. |
| 135. José Peixoto da Fonseca | ?    | C/c Maria Josefa Figueiras.     |
| 136. Benta Peixota           | ?    | C/c António José L. Figueiras.  |
| 137. Custódia Peixota        | 1822 | Solteira c/ filhos. Tecedeira.  |
| 138. Joaquim Peixoto         | 1824 | C/c Isabel Maria Alves.         |
| 139. Rosa                    | 1826 | —                               |

JOÃO BAPTISTA DE MIRANDA, n.º 80, casou com MARIA JOSEFA MARQUES, n.º 102. Moraram no Lugar do Souto. Tiveram:

|                           |      |                                      |
|---------------------------|------|--------------------------------------|
| 140. Teresa B. de Miranda | 1810 | C/c Manuel da Costa Neiva.           |
| 141. Maria B. de Miranda  | 1816 | C/c António José de Castro, n.º 177. |

JOÃO BAPTISTA DE MIRANDA, n.º 80, casou em 2.ªs núpcias com MARIA MARTINS, n.º 162. Moraram no Lugar dos Cincos e tiveram:

|                            |      |                             |
|----------------------------|------|-----------------------------|
| 142. António B. de Miranda | 1826 | C/c Maria Martins da Costa. |
|----------------------------|------|-----------------------------|



MARIA PEIXOTA, n.º 81, casou com ANTÓNIO RODRIGUES, filho de João Rodrigues e de Custódia Maria, de Vila de Punhe. Tiveram, no Lugar dos Castelos:

|                      |      |                                |
|----------------------|------|--------------------------------|
| 143. Antónia Peixota | 1821 | C/c Francisco da C. Pinheiro.  |
| 144. Ana Rodrigues   | 1824 | C/c Manuel Fernandes, n.º 278. |

ANTÓNIA LUÍSA PEIXOTA, n.º 82, casou com SILVESTRE GONÇALVES, filho de Rafael Gonçalves e de Custódia Alves. Tiveram, no Lugar do Fojo:

|                           |      |                              |
|---------------------------|------|------------------------------|
| 145. Manuel               | 1826 | —                            |
| 146. Manuel G. de Miranda | 1831 | C/c Antónia Maria de Amorim. |

ROSA FERNANDES, n.º 83, casou com DOMINGOS ALVARES DO CAMPO, filho de Domingos Álvares do Campo e de Custódia Francisca. Tiveram:

|                           |      |                      |
|---------------------------|------|----------------------|
| 147. Manuel               | 1797 | —                    |
| 148. Maria Luísa Campos   | 1799 | Solteira c/ filhos.  |
| 149. António Alves Campos | 1803 | C/c Maria Gonçalves. |

DIOGO FERNANDES, n.º 84, casou com MARIA ou LUÍSA MARIA ROSA, filha de André Gonçalves da Silva, de Cossourado, e de Rosa Maria. Moraram no Lugar do Campo e tiveram:

|                          |      |                                                                           |
|--------------------------|------|---------------------------------------------------------------------------|
| 150. Manuel              | 1795 | —                                                                         |
| 151. João F. do Campo    | 1800 | C/c Rosa da Silva Andrade.                                                |
| 152. Domingos Fernandes  | 1803 | C/ 1.ª vez c/ Francisca Teresa.<br>C/ 2.ª vez c/ Teresa Peixota da Silva. |
| 153. M.ª Luísa Fernandes | 1805 | C/c Manuel Marques, n.º 114.                                              |
| 154. António F. do Campo | 1808 | C/c Rosa Alves.                                                           |
| 155. Ana Fernandes       | 1813 | C/c Manuel Figueiras.                                                     |

JOÃO FERNANDES, n.º 85, casou com MARIA LUÍSA, filha de António Bento e de Maria Luísa. Moraram no Lugar do Rio e tiveram:

|                               |      |                          |
|-------------------------------|------|--------------------------|
| 156. Manuel Marcos            | 1798 | —                        |
| 157. Manuel                   | 1799 | —                        |
| 158. Diogo                    | 1802 | —                        |
| 159. António Fernandes do Rio | 1804 | C/c Ana Soares.          |
| 160. M.ª Luísa do Rio         | 1807 | C/c Casimiro de Azevedo. |
| 161. Ana                      | 1809 | —                        |



ANA PEIXOTA MACIEL, n.º 91, casou com MANUEL MARTINS DE CARVALHO, filho de Manuel Martins e de Rosa Barbosa, de Rial, Carvoeiro. Moraram no Lugar dos Cincos e tiveram:

|                               |      |                                          |
|-------------------------------|------|------------------------------------------|
| 162. Maria Martins            | 1781 | C/c João Baptista de Miranda,<br>n.º 80. |
| 163. Joana Martins            | 1783 | C/c António Maciel.                      |
| 164. Antónia                  | 1785 | —                                        |
| 165. Manuel                   | 1787 | —                                        |
| 166. Rosa                     | 1789 | —                                        |
| 167. António M. de Carvalho   | 1792 | C/c Ana Luísa Leite.                     |
| 168. Ana da Conceição Martins | 1795 | C/c João Soares Cardoso.                 |
| 169. Rita                     | 1798 | —                                        |

MANUEL MARQUES, n.º 101, casou com TERESA MARIA MEIRA. Moraram no Lugar do Souto e tiveram:

|                          |      |                               |
|--------------------------|------|-------------------------------|
| 170. Maria Marques Meira | 1819 | C/c António Peixoto, n.º 134. |
| 171. Ana Marques         | 1821 | C/c António Gomes.            |
| 172. José Marques        | 1826 | C/c Ana Ferreira.             |
| 173. António             | 1829 | —                             |

JOSÉ MARQUES, n.º 106, casou com MARIA LUÍSA MEIRA, filha de José António e de Rosa Maria. Tiveram no Lugar do Souto:

|                            |      |                                |
|----------------------------|------|--------------------------------|
| 174. João Baptista         | 1819 | —                              |
| 175. Teresa Maria M. Meira | 1821 | C/c Manuel Francisco dos Reis. |

MARIA TERESA MARQUES RODRIGES, n.º 108, casou com ANTÓNIO JOSÉ DE CASTRO, filho de António Manuel e de Ana Maria, de Cossourado. Tiveram no Lugar do Souto:

|                             |      |                                                                                             |
|-----------------------------|------|---------------------------------------------------------------------------------------------|
| 176. José António           | 1807 | —                                                                                           |
| 177. António José de Castro | 1809 | C/ 1.ª vez c/ Luzia de Miranda,<br>n.º 117.<br>C/ 2.ª vez c/ M.ª Bapt. Miranda,<br>n.º 141. |
| 178. Tomaz                  | 1811 | Faleceu solteiro.                                                                           |
| 179. Maria Rodrigues        | 1814 | C/c Bernardo da Costa Neiva.                                                                |

ANTÓNIA RODRIGUES, n.º 109, casou com ANTÓNIO DOS SANTOS, filho de Manuel Dias dos Santos e de Josefa Maria, de Guimarães. Tiveram:

|                               |      |                                         |
|-------------------------------|------|-----------------------------------------|
| 180. M.ª Rodrigues dos Santos | 1827 | C/c António Soares Cardoso,<br>n.º 298. |
| 181. António José dos Santos  | 1830 | C/c Maria Lima.                         |



MARIA JOSEFA MARQUES, n.º 110, casou com JOSÉ BENTO, de Carvoeiro, e tiveram:

182. José

1823

—

JOSÉ MANUEL MARQUES, n.º 112, casou com MARIA JOSEFA, filha de José de Araújo Martins e de Francisca Gomes, de Carvoeiro. Tiveram, no Lugar de Novais:

183. Francisca

1839

—

184. M.<sup>a</sup> Marques de Novais

1842 C/c José Neiva, n.º 238.

185. José Marques de Novais

1844 C/c Maria Figueiras.

186. Manuel M. de Novais

1847 Faleceu no Brasil.

187. Isabel M. de Novais

1850 C/c José Ferreira da Silva.

188. Joaquim M. de Novais

1854 Faleceu solteiro.

MANUEL MARQUES, n.º 114, casou com MARIA LUÍSA FERNANDES, n.º 153. Tiveram, no Lugar de Novais:

189. Rosa

1843 C/c José Gonçalves, s/ filhos.

190. Ana

1844 C/ em Barcelos.

191. Maria

1846 C/ em Vitorino de Piães.

192. Luísa

1847 Faleceu solteira.

LUZIA ou LUÍZA DE MIRANDA, n.º 117, casou com ANTÓNIO DE CASTRO, n.º 177. Tiveram no Lugar do Souto:

193. Teresa de Miranda

1835 C/c António F. do Rio, n.º 281,  
s/ filhos.

JOÃO BAPTISTA MARQUES, n.º 122, casou com JOANA DA CUNHA, n.º 122, casou com JOANA DA CUNHA, n.º 131, e tiveram:

194. José Marques Maciel

1826 C/c Maria Joaq. Leite, n.º 295.

195. Manuel Marques Maciel

1829 Arcipreste, resid. em Aguiar.

MARIA LUÍSA MARQUES, n.º 128, casou com BERNARDO GONÇALVES CARAPITO, filho de Domingos Gonçalves Carapito e de Maria da Costa, de Mujães. Tiveram, no Lugar do Espinheiro ou Castelos:

196. Joana Luísa Carapita

1857 C/c José Pires Carneiro.

MARIA JOSEFA CORREIA, n.º 129, casou com ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA, filho de Francisco da Costa e de Grácia Gonçalves, de S. Salvador do Campo. Tiveram no Lugar dos Cincos:

197. Domingos

1807

—

198. Maria Josefa Correia

1808 C/c Manuel Joaquim Maciel.



|                                |      |                                        |
|--------------------------------|------|----------------------------------------|
| 199. Rosa Correia              | 1811 | C/c António Gonçalves, de Cos-sourado. |
| 200. Lourenço da Costa Correia | 1815 | C/c Maria Eusébia.                     |
| 201. Joana                     | 1817 | —                                      |
| 202. Joana Correia             | 1819 | C/c Manuel Gonçalves Machado.          |
| 203. Silvestre                 | 1825 | —                                      |

MANUEL PEIXOTO, n.º 133, casou com ISIDORA MARTINS, filha de António José Martins e de Maria Teresa, de S. João de Vila-Boa, Tamel. Tiveram, no Lugar da Lage:

|                              |      |                                         |
|------------------------------|------|-----------------------------------------|
| 204. Maria                   | 1845 | —                                       |
| 205. Joaquina                | 1847 | C/c António Leite, n.º 468, sem filhos. |
| 206. António                 | 1851 | —                                       |
| 207. Urbana                  | 1851 | Faleceu solteira.                       |
| 208. João Peixoto da Fonseca | 1854 | —                                       |

ANTÓNIO PEIXOTO, n.º 134, casou com MARIA MARQUES MEIRA, n.º 170. Tiveram:

|                 |      |   |
|-----------------|------|---|
| 209. Ana        | 1842 | — |
| 210. Clementina | 1848 | — |
| 211. Custódia   | 1853 | — |

JOSÉ PEIXOTO DA FONSECA, n.º 135, casou com MARIA JOSEFA ou MARIA TERESA FIGUEIRAS, filha de Manuel de Sousa Lobo e Ana Figueiras. Tiveram, no Lugar do Souto:

|                             |      |                                           |
|-----------------------------|------|-------------------------------------------|
| 212. Custódia Maria Peixota | 1835 | C/c José Gomes da Costa.                  |
| 213. António Peixoto        | 1837 | C/c Maria da Costa Pinheiro, s/ filhos.   |
| 214. Ana Peixota            | 1839 | C/c Domingos Fer. <sup>des</sup> n.º 268. |
| 215. José Peixoto Figueiras | 1842 | C/c Maria M. dos Reis, n.º 306.           |

BENTA PEIXOTA, n.º 136, casou com ANTÓNIO JOSÉ LOPES FIGUEIRAS, filho de António José Figueiras e de Maria Lopes ou Maria Josefa Lopes <sup>(71)</sup>. Tiveram, no Lugar de Carvalhinhos:

|                                           |      |                                                      |
|-------------------------------------------|------|------------------------------------------------------|
| 216. M. <sup>a</sup> Peixota L. Figueiras | 1839 | C/c António Gonç. Machado.                           |
| 217. Manuel                               | 1841 | Faleceu solteiro. Conhecido por Brasileiro da Benta. |
| 218. José                                 | 1843 | —                                                    |
| 219. Lourenço                             | 1845 | Faleceu no Brasil.                                   |

(71) Esta descendente dos Morgados de Malta.



|                           |      |                           |
|---------------------------|------|---------------------------|
| 220. António              | 1847 | Faleceu no Brasil.        |
| 221. Joaquim              | 1850 | Faleceu no Brasil.        |
| 222. Ana                  | 1852 | Faleceu solteira.         |
| 223. Joana                | 1855 | —                         |
| 224. José                 | 1858 | Faleceu solteira.         |
| 225. Rosa Lopes Figueiras | 1861 | Faleceu solteira em 1933. |

CUSTÓDIA PEIXOTA, n.º 137, no estado de solteira, teve:

|                      |      |                                |
|----------------------|------|--------------------------------|
| 226. Rosa Peixota    | 1844 | C/c Manuel Vent. da Conceição. |
| 227. Joaquim Peixoto | 1846 | C/c Maria Barreto de Almeida.  |
| 228. António Peixoto | 1847 | Foi p/ S. João de Vila Boa.    |
| 229. Maria           | 1850 | —                              |
| 230. Teresa Peixota  | 1853 | C/c Francisco Xavier Ferreira. |

JOAQUIM PEIXOTO, n.º 138, casou com ISABEL MARIA ALVES, filha de Domingos Alves da Cunha e de Teresa Alves, de Capareiros (Neves). Tiveram:

|                              |      |                                                                              |
|------------------------------|------|------------------------------------------------------------------------------|
| 231. Rosa                    | 1850 | —                                                                            |
| 232. Maria Alves Peixoto     | 1852 | Solteira c/ filhos.                                                          |
| 233. Francisco P. da Fonseca | 1855 | C/ 1.ª vez c/ Casimira Gomes,<br>n.º 299.<br>C/ 2.ª vez c/ Antónia Ferreira. |

TERESA BAPTISTA DE MIRANDA, n.º 140, casou com MANUEL DA COSTA NEIVA, filho de António da Costa e de Maria Neiva. Tiveram, no Lugar da Cruz:

|                          |      |                                          |
|--------------------------|------|------------------------------------------|
| 234. Maria               | 1835 | —                                        |
| 235. Teresa Baptista     | 1838 | C/c António da Costa Maciel.             |
| 236. Ana                 | 1841 | Faleceu solteira.                        |
| 237. António             | 1844 | Casou em Capareiros.                     |
| 238. José Neiva          | 1847 | C/c Maria Marques de Novais,<br>n.º 184. |
| 239. João da Costa Neiva | 1850 | C/c Maria Rod. Lima, n.º 316.            |
| 240. Maria Baptista      | 1855 | C/c Manuel José da Cruz.                 |

MARIA BAPTISTA DE MIRANDA, n.º 141, casou com ANTÓNIO JOSÉ DE CASTRO, n.º 177. Tiveram:

|                             |      |                                           |
|-----------------------------|------|-------------------------------------------|
| 241. António Luís de Castro | 1846 | C/c M.ª Rodrigues dos Santos,<br>n.º 312. |
| 242. Ana                    | 1848 | Faleceu solteira em 1900.                 |
| 243. Manuel Luís de Castro  | 1849 | «Brasileiro» Castro. Faleceu solteiro.    |



|                             |      |                                          |
|-----------------------------|------|------------------------------------------|
| 244. José de Castro         | 1851 | Faleceu solteiro.                        |
| 245. Maria                  | 1854 | Faleceu solteira em 1909.                |
| 246. Joaquim José de Castro | 1857 | C/c Maria Fernandes Peixota,<br>n.º 254. |
| 247. Luís                   | 1860 | Fal. solteiro no Porto, em 1933.         |

ANTÓNIO BAPTISTA DE MIRANDA, n.º 142, casou com MARIA MARTINS DA COSTA, filha de Agostinho Martins Figueiras, de Durrães, e de Joana da Costa, de Carvoeiro. Tiveram no Lugar dos Cincos:

|                                            |      |                                                            |
|--------------------------------------------|------|------------------------------------------------------------|
| 248. Joaquim Bapt. de Miranda              | 1859 | Faleceu solteiro.                                          |
| 249. Maria Bapt. de Miranda                | 1862 | C/c Manuel M. Maciel, n.º 333.                             |
| 250. Teresa Bapt. de Miranda               | 1863 | C/c Manuel Fer. <sup>des</sup> de Castro <sup>(72)</sup> . |
| 251. Ana Bapt. de Miranda                  | 1866 | C/c Joaquim da Costa Maciel,<br>n.º 410.                   |
| 252. Antónia B. <sup>(73)</sup> de Miranda | 1869 | C/c José Monteiro da Costa <sup>(74)</sup> .               |

ANTÓNIA PEIXOTA, n.º 143, casou com FRANCISCO DA COSTA PINHEIRO, filho de Manuel da Costa Pinheiro e de Rosa Gonçalves. Tiveram:

|             |      |                    |
|-------------|------|--------------------|
| 253. Manuel | 1861 | Faleceu no Brasil. |
|-------------|------|--------------------|

ANA RODRIGUES, n.º 144, casou com MANUEL FERNANDES, n.º 278. Tiveram, no Lugar do Rio:

|                              |      |                                         |
|------------------------------|------|-----------------------------------------|
| 254. Maria Fernandes Peixota | 1861 | C/c Joaquim José de Castro,<br>n.º 246. |
|------------------------------|------|-----------------------------------------|

MANUEL GONÇALVES DE MIRANDA, n.º 146, casou com ANTÓNIA MARIA DE AMORIM, filha de Manuel José de Amorim Carvalho e de Maria Luísa da Silva, de Aguiar. Tiveram, no Lugar do Fojo:

|                            |      |                                         |
|----------------------------|------|-----------------------------------------|
| 255. Maria Gonç. de Amorim | 1862 | C/c Domingos Franc. da Silva,<br>viúvo. |
|----------------------------|------|-----------------------------------------|

MARIA LUÍSA CAMPOS, n.º 148, teve, em solteira:

|              |      |   |
|--------------|------|---|
| 256. Joaquim | 1824 | — |
| 257. Maria   | 1828 | — |
| 258. António | 1834 | — |
| 259. Manuel  | 1838 | — |
| 260. Ana     | 1842 | — |

<sup>(72)</sup> Do Lugar da Feira, Capareiros. Os descendentes moram em Barroselas e Brasil.

<sup>(73)</sup> Usou também o nome de Antónia Martins da Costa.

<sup>(74)</sup> Descendente dos Morgados de Malta.



ANTÓNIO ALVES CAMPOS, n.º 149, casou com MARIA GONÇALVES, filha de António Gonçalves Brandão e de Joana Maria, de Cossourado. Tiveram:

|                |      |   |
|----------------|------|---|
| 261. António   | 1831 | — |
| 262. Francisco | 1833 | — |
| 263. Maria     | 1837 | — |
| 264. Manuel    | 1839 | — |

JOÃO FERNANDES DO CAMPO, n.º 151, casou com ROSA DA SILVA ANDRADE, filha de António José da Silva e de Maria Josefa, de Carapeços. Tiveram no Lugar do Campo:

265. António Fernandes Dias      1867    C/c Rosa Martins da Silva.

DOMINGOS FERNANDES, n.º 152, casou com FRANCISCA TERESA, filha de João José de Vilas-Boas e de Francisca Teresa, de Tamel. Tiveram:

266. Maria                              1824    Casou em Mujães.

DOMINGOS FERNANDES, n.º 152, casou em 2.<sup>as</sup> núpcias com TERESA PEIXOTO DA SILVA, filha de José da Silva e de Maria Rosa, de Carvoeiro. Tiveram:

|                              |      |                           |
|------------------------------|------|---------------------------|
| 267. Ana Maria               | 1834 | Faleceu solteira.         |
| 268. Domingos Fernandes      | 1835 | C/c Ana Peixota, n.º 214. |
| 269. Maria Fernandes Peixota | 1838 | C/c José Afonso Leite.    |
| 270. Rosa Fernandes Peixota  | 1841 | Solteira c/ filhos.       |

ANTÓNIO FERNANDES DO CAMPO, n.º 154, casou com ROSA ALVES, filha de Rafael Gonçalves e de Custódia Alves. Tiveram no Lugar do Campo:

271. Manuel Fern. do Campo      1838    C/c Ana da Costa.

ANA FERNANDES, n.º 155, casou com MANUEL FIGUEIRAS, filho de António José Figueiras e de Maria Lopes. Moraram no Lugar do Rio. Tiveram:

|                         |      |                                             |
|-------------------------|------|---------------------------------------------|
| 272. Maria              | 1850 | —                                           |
| 273. Luísa Fernandes    | 1851 | C/c Manuel Lopes Monteiro <sup>(75)</sup> . |
| 274. Joaquina Fernandes | 1854 | C/c António Martins Sobreiro.               |
| 275. Rosa               | 1859 | Faleceu menina.                             |
| 276. Ana                | 1859 | Faleceu solteira.                           |

---

(75) Descendente dos Morgados de Malta.



ANTÔNIO FERNANDES DO RIO, n.º 159, casou com ANA SOARES, filha de Manuel Soares e de Tomásia Maria, de Tregosa. Tiveram, no Lugar do Rio:

|                               |      |                                               |
|-------------------------------|------|-----------------------------------------------|
| 277. Bento                    | 1824 | —                                             |
| 278. Manuel Fernandes         | 1828 | C/c Ana Rodrigues, n.º 144.                   |
| 279. Tomaz                    | 1831 | Faleceu solteiro.                             |
| 280. António                  | 1835 | —                                             |
| 281. António Fernandes do Rio | 1837 | C/c Teresa de Miranda, n.º 193,<br>s/ filhos. |

MARIA LUÍSA DO RIO, n.º 160, casou com CASIMIRO DE AZEVEDO, filho de pais incógnitos <sup>(76)</sup>. Tiveram no Lugar do Rio:

|                              |      |                                      |
|------------------------------|------|--------------------------------------|
| 282. Bento de Azevedo Gama   | 1830 | C/c Emília de Jesus, a «Brasileira». |
| 283. José Joaquim de Azevedo | 1832 | C/c Ana Lopes Monteiro.              |
| 284. Maria de Azevedo        | 1835 | Faleceu solteira.                    |
| 285. Margarida de Azevedo    | 1839 | Casou em Mujães.                     |
| 286. Benta de Azevedo        | 1841 | C/c Manuel Lamosa.                   |
| 287. Ana de Azevedo          | 1844 | C/c Francisco Antunes.               |
| 288. Rosa de Azevedo         | 1850 | C/c Manuel Gonçalves.                |

JOANA MARTINS, n.º 163, casou com ANTÔNIO MACIEL, filho de Manuel Maciel e de Rosa Barbosa. Tiveram, no Lugar do Rio:

|                           |      |                                |
|---------------------------|------|--------------------------------|
| 289. Maria Martins Maciel | 1815 | C/c João da Rocha, em Tregosa. |
| 290. Manuel               | 1817 | —                              |
| 291. Ana Rita             | 1819 | —                              |
| 292. Manuel Maciel        | 1821 | C/c Teresa Machada, de Lijó.   |
| 293. Ana Martins Maciel   | 1823 | C/c João da Costa.             |
| 294. António Maciel       | 1825 | Faleceu solteiro.              |

ANTÔNIO MARTINS DE CARVALHO, n.º 167, casou com ANA LUÍSA LEITE, filha do Cap. António Bernardino Leite <sup>(77)</sup> e de Maria Josefa de Abreu, sendo ele natural de Vila do Conde e ela de Palme. Tiveram, no Lugar da Corujeira:

|                           |      |                                 |
|---------------------------|------|---------------------------------|
| 295. Maria Joaquina Leite | 1829 | C/c José Marq. Maciel, n.º 194. |
| 296. Antónia              | 1833 | —                               |
| 297. Bernardina           | 1834 | —                               |

(76) Casimiro de Azevedo foi educado pelos Frades Bentos de Carvoeiro. Diz-se que apareceu um dia no terreiro do Convento e os Frades recolheram-no e deram-lhe trabalho.

(77) Que comprou a Quinta da Igreja.



ANA DA CONCEIÇÃO MARTINS, n.º 168, casou com JOÃO SOARES CARDOSO, filho de Manuel Soares Cardoso e de Engrácia Maria, de Tregosa. Tiveram:

- |                             |      |                                          |
|-----------------------------|------|------------------------------------------|
| 298. António Soares Cardoso | 1826 | C/c Maria Rodrigues dos Santos, n.º 180. |
|-----------------------------|------|------------------------------------------|

ANA MARQUES, n.º 171, casou com ANTÓNIO GOMES, filho de José Gomes e de Maria Gomes, de Tregosa. Moraram no Lugar do Souto e tiveram:

- |                     |      |                                            |
|---------------------|------|--------------------------------------------|
| 299. Casimira Gomes | 1858 | C/c Francisco Peixoto da Fonseca, n.º 233. |
| 300. Manuel         | 1862 | Foi para o Brasil.                         |

JOSÉ MARQUES, n.º 172, casou com ANA FERREIRA, filha de Rosa Ferreira da Silva, de Quintiães. Tiveram, no Lugar do Souto:

- |                       |      |                               |
|-----------------------|------|-------------------------------|
| 301. Luísa            | 1862 | Faleceu no Porto.             |
| 302. Teresa           | 1864 | Faleceu no Porto.             |
| 303. António          | 1865 | Faleceu solteiro.             |
| 304. Francisco        | 1868 | Faleceu solteiro.             |
| 305. Domingos Marques | 1872 | C/c Maria Fernandes da Silva. |

TERESA MARIA MARQUES MEIRA, n.º 175, casou com MANUEL FRANCISCO DOS REIS, filho de José Francisco dos Reis e de Teresa da Costa, de Alvarães. Moraram no Lugar do Souto e tiveram:

- |                           |      |                                 |
|---------------------------|------|---------------------------------|
| 306. Maria Meira dos Reis | 1846 | C/c José P. Figueiras, n.º 215. |
| 307. José                 | 1848 | Faleceu solteiro.               |
| 308. João                 | 1850 | Faleceu solteiro.               |
| 309. António              | 1852 | Faleceu solteiro.               |
| 310. Custódia             | 1864 | Faleceu solteira.               |

MARIA RODRIGUES, n.º 179, casou com BERNARDO DA COSTA NEIVA, filho de ? ? ? e de Maria Rosa Neiva. Tiveram:

- |                              |      |                   |
|------------------------------|------|-------------------|
| 311. António de Castro Neiva | 1861 | Faleceu solteiro. |
|------------------------------|------|-------------------|

MARIA RODRIGUES DOS SANTOS, n.º 180, casou com ANTÓNIO SOARES CARDOSO, n.º 198. Tiveram no Lugar do Souto:

- |                              |      |                                      |
|------------------------------|------|--------------------------------------|
| 312. Maria Rod. dos Santos   | 1852 | C/c António Luís de Castro, n.º 241. |
| 313. Ana Joaq. R. dos Santos | 1857 | C/c Domingos José da Cunha.          |



ANTÔNIO JOSÉ DOS SANTOS, n.º 181, casou com MARIA LIMA, filha de Joaquim José de Barros e de Rosa Lima. Tiveram:

|                             |      |                                |
|-----------------------------|------|--------------------------------|
| 314. Rosa Maria             | 1856 | Faleceu solteira.              |
| 315. Teresa dos Santos      | 1858 | Solteira c/ um filho.          |
| 316. Maria Rodrigues Lima   | 1861 | C/c João da C. Neiva, n.º 239. |
| 317. Francisco              | 1863 | Faleceu solteiro no Brasil.    |
| 318. Antônio                | 1866 | Faleceu solteiro no Brasil.    |
| 319. Tomaz                  | 1870 | Faleceu solteiro no Brasil.    |
| 320. Bernardina Santas      | 1872 | Faleceu solteira.              |
| 321. Manuel José dos Santos | 1876 | C/c Joaquina. S/ filhos.       |

MARIA MARQUES DE NOVAIS, n.º 184, casou com JOSÉ NEIVA, n.º 238. Moraram no Lugar de Novais e tiveram:

|                                         |      |                                                         |
|-----------------------------------------|------|---------------------------------------------------------|
| 322. Manuel                             | 1871 | Faleceu solteiro.                                       |
| 323. Teresa                             | 1874 | Faleceu solteira.                                       |
| 324. João da Costa Neiva                | 1876 | C/c Maria Madalena da Silva.                            |
| 325. Isabel                             | 1878 | Solteira                                                |
| 326. Antônio da Costa Neiva             | 1881 | C/c Urbana Fernandes Peixota Leite, n.º 471. S/ filhos. |
| 327. Isabel Maria Marq. Neiva de Novais | 1885 | C/c Antônio da Costa Pinheiro.                          |

JOSÉ MARQUES DE NOVAIS, n.º 185, casou com MARIA FIGUEIRAS, filha de Bernardo Sampaio, exposto, e de Antônio Figueiras. Tiveram, no Lugar de Carvalhinhos:

|                              |      |                              |
|------------------------------|------|------------------------------|
| 328. Silvério Marques Novais | 1890 | C/c Casimira da Conc. Lopes. |
|------------------------------|------|------------------------------|

ISABEL MARQUES DE NOVAIS, n.º 187, casou com JOSÉ FERREIRA DA SILVA, filho de Antônio Francisco da Silva e de Ana Maria Rosa, de Aguiar. Tiveram:

|                               |      |                                                    |
|-------------------------------|------|----------------------------------------------------|
| 329. Florinda Marq. de Novais | 1872 | Casou em Quintães.                                 |
| 330. Antônia Marq. de Novais  | 1874 | C/c Antônio Fer. <sup>des</sup> do Campo, n.º 474. |
| 331. Domingos                 | 1876 | Faleceu menino.                                    |
| 332. Maria Joaquina           | 1878 | Faleceu menina.                                    |

JOSÉ MARQUES MACIEL, n.º 194, casou com MARIA JOAQUINA LEITE, n.º 295. Tiveram:

|                            |      |                                         |
|----------------------------|------|-----------------------------------------|
| 333. Manuel Marques Maciel | 1860 | C/c Maria Baptista de Miranda, n.º 249. |
| 334. João Marques Maciel   | 1862 | Foi Pároco de Aguiar.                   |



|                             |      |                                 |
|-----------------------------|------|---------------------------------|
| 335. Ana                    | 1862 | Faleceu solteira.               |
| 336. Marcelina              | 1865 | Faleceu solteira.               |
| 337. Teresa                 | 1867 | Faleceu menina.                 |
| 338. António Marques Maciel | 1869 | Foi Pároco de Durrães e Aguiar. |
| 339. Bernardino             | 1871 | Faleceu solteiro, em África.    |

JOANA LUÍSA CARAPITA, n.º 196, casou com JOSÉ PIRES CARNEIRO, filho de Bernardo Pires Carneiro e de Feliciano Martins Fontoa, de Marinhãs, Esposende. Tiveram no Lugar dos Castelos:

|                                 |      |                             |
|---------------------------------|------|-----------------------------|
| 340. Rosa                       | 1880 | Faleceu solteira.           |
| 341. Ana                        | 1882 | Faleceu solteira.           |
| 342. Maria                      | 1884 | Faleceu solteira.           |
| 343. Manuel Ant. Pires Carneiro | 1888 | C/c Urbana de P. Figueiras. |

MARIA JOSEFA CORREIA, n.º 198, casou com MANUEL JOAQUIM MACIEL, filho de José Luís Maciel e de Teresa Macedo. Tiveram no Lugar dos Cincos:

|                  |      |                   |
|------------------|------|-------------------|
| 344. Manuel      | 1828 | —                 |
| 345. Joaquina    | 1831 | —                 |
| 346. António     | 1834 | —                 |
| 347. Lourenço    | 1838 | —                 |
| 348. Ana Correia | 1842 | C/c Manuel Alves. |

LOURENÇO DA COSTA CORREIA, n.º 200, casou com MARIA EUSÉBIA, filha de José Luís Pereira e de Maria Josefa Coutinho, de Balugães. Tiveram:

|              |      |   |
|--------------|------|---|
| 349. Teresa  | 1862 | — |
| 350. Ana     | 1864 | — |
| 351. António | 1867 | — |

JOANA CORREIA, ou DA CUNHA, n.º 202, casou com MANUEL GONÇALVES MACHADO, filho de Francisco Gonçalves Machado e de Paula Figueiras. Tiveram:

|                             |      |                        |
|-----------------------------|------|------------------------|
| 352. Rosa                   | 1844 | Casou em Aguiar.       |
| 353. José Gonçalves Machado | 1848 | C/c Antónia Figueiras. |

JOÃO PEIXOTO DA FONSECA, n.º 208, casou com MARIA DA COSTA, de Capareiros. Tiveram:

|                                  |   |   |
|----------------------------------|---|---|
| 354. Felicidade Peix. da Fonseca | ? | — |
|----------------------------------|---|---|



CUSTÓDIA MARIA PEIXOTA, n.º 212, casou com JOSÉ GOMES DA COSTA, filho de Manuel Gomes e de Rosa da Costa, de Tregosa. Tiveram:

|              |      |                   |
|--------------|------|-------------------|
| 355. Manuel  | 1860 | Foi para Tregosa. |
| 356. Ana     | 1861 | » » »             |
| 357. José    | 1863 | » » »             |
| 358. Maria   | 1867 | » » »             |
| 359. António | 1869 | » » »             |

ANA FIGUEIRAS PEIXOTA, n.º 214, casou com DOMINGOS FERNANDES, n.º 268. Tiveram:

|                               |      |                             |
|-------------------------------|------|-----------------------------|
| 360. Angelina                 | ?    | Faleceu solteira em 1951.   |
| 361. José Fernandes Peixoto   | 1872 | C/c Emília de Jesus Alves.  |
| 362. Maria Joaquina Figueiras | 1878 | Solteira c/ filhos.         |
| 363. Maria Josefa             | 1881 | Foi para Setúbal.           |
| 364. António Fer. Figueiras   | 1885 | C/c Maria Martins da Cunha. |

JOSÉ PEIXOTO FIGUEIRAS, n.º 215, casou com MARIA MEIRA DOS REIS, n.º 306. Tiveram:

|                               |      |                              |
|-------------------------------|------|------------------------------|
| 365. Manuel                   | 1876 | Emigrou.                     |
| 366. Maria J. Meira Peixoto   | 1877 | Solteira c/ filhos.          |
| 367. Ana Joaq. Meira Peixoto  | 1879 | C/c Manuel de Miranda.       |
| 368. António Meira Peixoto    | 1881 | Faleceu solteiro em Lisboa.  |
| 369. Maria Ang. Meira Peixoto | 1885 | C/c António Gonçalves Pires. |
| 370. Joaquim                  | 1887 | Casou em Lisboa.             |
| 371. José                     | 1889 | Foi para o Brasil.           |

MARIA PEIXOTA LOPES FIGUEIRAS, n.º 216, casou com ANTÓNIO GONÇALVES MACHADO (conhecido por Tio António Sousa), filho de Agostinho Gonçalves Machado e de Maria de Sousa. Tiveram:

|                             |      |                                                                                          |
|-----------------------------|------|------------------------------------------------------------------------------------------|
| 372. Leonarda Rosa          | 1874 | Faleceu em menina.                                                                       |
| 373. Benta Lopes Figueiras  | 1875 | C/c Vicente A. Leite, n.º 470.                                                           |
| 374. Maria Lopes Figueiras  | 1877 | Faleceu solteira.                                                                        |
| 375. José Gonçalves Machado | 1879 | Faleceu solteiro.                                                                        |
| 376. Maria Josefa           | 1881 | Faleceu menina.                                                                          |
| 377. António                | 1883 | —                                                                                        |
| 378. Manuel Gonç. Machado   | 1885 | C/ 1.ª vez c/ Ana da Cunha, de Carvoeiro. C/ 2.ª vez c/ Maria Martins Sobreiro, n.º 488. |



ROSA PEIXOTA, n.º 226, casou com MANUEL VENTURA DA CONCEIÇÃO, filho de António José da Conceição e de Narcisa Urbana, todos de Balugães. Tiveram:

|                                             |                                   |
|---------------------------------------------|-----------------------------------|
| 379. Maria                                  | 1871 Faleceu menina.              |
| 380. Manuel Vent. da Conceição              | 1872 C/c. Maria de Jesus.         |
| 381. Casimira Peixota                       | 1874 C/c Joaquim Pereira.         |
| 382. Custódia Peixota                       | 1875 Faleceu solteira em 1948.    |
| 383. Maria                                  | 1877 Faleceu solteira em V. Cova. |
| 384. Domingos                               | 1878 Faleceu solteiro.            |
| 385. Urbana da Conceição                    | 1881 Solteira c/ filhos.          |
| 386. Felizarda Rosa Peixota da<br>Conceição | 1882 Solteira c/ filhos.          |
| 387. Rosalina de Jesus                      | 1887 Solteira                     |

JOAQUIM PEIXOTO, n.º 227, casou com MARIA BARRETO DE ALMEIDA, filha de Maria Barreto de Almeida, de Capareiros. Tiveram:

|                             |                                  |
|-----------------------------|----------------------------------|
| 388. Manuel Ventura Peixoto | 1869 C/c Joaquina de Castro.     |
| 389. António                | 1871 Casou em S. João de V. Boa. |
| 390. José                   | 1875 Casou em Espanha.           |

TERESA ROSA PEIXOTA, n.º 230, casou com FRANCISCO XAVIER FERREIRA, filho de Francisco Ferreira e de Rosa Rodrigues, de Geraz do Lima. Tiveram:

|                |                              |
|----------------|------------------------------|
| 391. Manuel    | 1880 Foi para Nogueira.      |
| 392. Ana       | 1882 Foi para Nogueira.      |
| 393. João      | 1883 Foi para Nogueira.      |
| 394. Francisco | 1885 Faleceu menino em 1886. |
| 395. Joaquina  | 1887 Foi para Nogueira.      |
| 396. Joaquim   | 1889 Foi para Nogueira.      |
| 397. Urbana    | 1891 Foi para Nogueira.      |
| 398. Francisco | 1895 Foi para Nogueira.      |

MARIA ALVES PEIXOTO, n.º 232, solteira, teve:

|                                          |                                               |
|------------------------------------------|-----------------------------------------------|
| 399. José Alves Peixoto                  | 1889 Foi para o Brasil.                       |
| 400. Rosa                                | 1893 C/c José Gonçalves, viúvo de<br>n.º 189. |
| 401. Maria da Conceição Alves<br>Peixoto | 1898 Solteira c/ filhos.                      |

FRANCISCO PEIXOTO DA FONSECA, n.º 233, casou com CASIMIRA GOMES, n.º 299. Tiveram:

|               |                      |
|---------------|----------------------|
| 402. Domingos | 1883 Faleceu menino. |
|---------------|----------------------|



FRANCISCO PEIXOTO DA FONSECA, n.º 233, casou em 2.<sup>as</sup> núpcias com ANTÓNIA FERREIRA, filha de João Dourado, exposto, e de Ana Ferreira, de Aguiar. Tiveram:

|                             |      |                                         |
|-----------------------------|------|-----------------------------------------|
| 403. Domingos               | 1897 | Foi para Aguiar.                        |
| 404. Maria Ferreira Peixoto | 1898 | C/c Melquisedeque Sá Neiva, de Fragoso. |
| 405. Joaquim                | 1900 | Foi para Aguiar.                        |
| 406. José                   | 1904 | Foi para Aguiar.                        |

TERESA BAPTISTA, n.º 235, casou com ANTÓNIO DA COSTA MACIEL, filho de António da Costa Maciel e de Maria Gonçalves Guerra. Tiveram:

|                              |      |                                       |
|------------------------------|------|---------------------------------------|
| 407. José da Costa Maciel    | 1865 | C/c Antónia da Costa Figueiras.       |
| 408. António da Costa Maciel | 1868 | C/c Maria Amélia da Cruz.             |
| 409. Joaquim                 | 1871 | Faleceu no mesmo ano.                 |
| 410. Joaquim da Costa Maciel | 1874 | C/c Ana Baptista de Miranda, n.º 251. |
| 411. Maria da Costa Maciel   | 1878 | C/c António da Rocha Costa.           |

JOÃO DA COSTA NEIVA, n.º 239, casou com MARIA RODRIGUES LIMA, n.º 316. Tiveram:

|                            |      |                                |
|----------------------------|------|--------------------------------|
| 412. João dos Santos Neiva | 1888 | Faleceu solteiro.              |
| 413. Rosa dos Santos Neiva | 1893 | C/c Boaventura de Oliv. Costa. |

MARIA BAPTISTA, n.º 240, casou com MANUEL JOSÉ DA CRUZ, exposto. Tiveram:

|                              |      |                               |
|------------------------------|------|-------------------------------|
| 414. Ana Felicidade Baptista | 1888 | C/c António da Cunha Bandeira |
| 415. Josefa                  | 1891 | Faleceu solteira.             |

ANTÓNIO LUÍS DE CASTRO, n.º 241, casou com MARIA RODRIGUES DOS SANTOS, n.º 312. Tiveram:

|                                |      |                                                            |
|--------------------------------|------|------------------------------------------------------------|
| 416. Manuel Luís de Castro     | 1880 | Faleceu solteiro.                                          |
| 414. Ana                       | 1882 | Faleceu solteira, em 1956.                                 |
| 418. António José de Castro    | 1884 | C/c Rosa Felicidade dos Santos, n.º 528.                   |
| 419. Maria dos Anjos de Castro | 1886 | C/c Paulo da Costa Pinheiro.                               |
| 420. Luís Maria                | 1888 | Faleceu solteiro.                                          |
| 421. José de Castro            | 1890 | Faleceu solteiro.                                          |
| 422. Augusto de Castro         | 1892 | Casou no Porto, c/ Ermelinda Rosa M. de Castro, s/ filhos. |



- |                                             |      |                                                |
|---------------------------------------------|------|------------------------------------------------|
| 423. Torcato                                | 1894 | Faleceu solteiro.                              |
| 424. Maria da Conceição Rodrigues de Castro | 1897 | C/c Joaquim Alves Barbosa Maciel, de Quintães. |

JOAQUIM JOSÉ DE CASTRO, n.º 246, casou com MARIA FERNANDES PEIXOTA, n.º 254. Tiveram:

- |                                        |      |                                                     |
|----------------------------------------|------|-----------------------------------------------------|
| 425. Teresa Fernandes Peixota          | 1886 | C/c Manuel José de Faria.                           |
| 426. Maria dos Anjos Fernandes Peixota | 1888 | C/c Manuel de Barros Lima, em Capareiros (Boticas). |
| 427. Ana de Jesus Fernandes Peixota    | 1890 | C/c João José de Faria.                             |
| 428. Manuel José de Castro             | 1892 | C/c Ana da Costa Cruz, n.º 627.                     |
| 429. Antónia de Castro Peixoto         | 1895 | C/c Lourenço da Costa Maciel, n.º 625.              |
| 430. António Fern. de Castro           | 1898 | C/c Antónia da Costa Maciel, n.º 634.               |
| 431. Rosa Fernandes de Castro          | 1901 | C/c António da Costa Maciel, n.º 443.               |

MARIA BAPTISTA DE MIRANDA, n.º 249, casou com MANUEL MARQUES MACIEL, n.º 333. Tiveram:

- |                                          |      |                                                      |
|------------------------------------------|------|------------------------------------------------------|
| 432. Júlia de Jesus Marq. Maciel         | 1889 | C/c Domingos Fer. <sup>des</sup> Grilo, de Balugães. |
| 433. Marcelina Luísa M. Maciel           | 1890 | C/c Mateus António da Rosa, de Aguiar.               |
| 434. Antónia da Conceição Marques Maciel | 1892 | C/c Francisco da Costa Maciel, n.º 623.              |
| 435. Ana Cândida M. Maciel               | 1893 | Faleceu menina.                                      |
| 436. João Marques Maciel                 | 1895 | C/c Maria Lopes de Faria.                            |
| 437. António Marques Maciel              | 1896 | C/c Teresa da Costa Maciel, n.º 621.                 |
| 438. Manuel Marques Maciel               | 1898 | Faleceu solteiro.                                    |
| 439. Marcolino Marques Maciel            | 1900 | Foi para África (Angola).                            |
| 440. Maria Amélia M. Maciel              | 1901 | Faleceu em 1903.                                     |
| 441. Cândida Marques Maciel              | 1903 | Faleceu em 1904.                                     |
| 442. Domingos Marques Maciel             | 1904 | C/c Maria Clara Baptista de Abreu, n.º 864.          |



ANA BAPTISTA DE MIRANDA, n.º 251, casou com JOAQUIM DA COSTA MACIEL, n.º 410. Tiveram:

- |                              |      |                                            |
|------------------------------|------|--------------------------------------------|
| 443. António da Costa Maciel | 1904 | C/c Rosa Fernandes de Castro, n.º 431.     |
| 444. Júlia Baptista          | 1906 | C/c António Gonçalves Machado.             |
| 445. Manuel da Costa Maciel  | 1908 | C/c Rosa da Rocha.                         |
| 446. Maria do Carmo Baptista | 1909 | C/c Domingos Barbosa Maciel, de Quintiães. |

ANTÓNIA BAPTISTA DE MIRANDA, ou MARTINS DA COSTA, n.º 252, casou com JOSÉ MONTEIRO DA COSTA, filho de João da Costa Rocha e de Antónia Monteiro. Tiveram, no Lugar dos Cincos:

- |                                           |      |                                                            |
|-------------------------------------------|------|------------------------------------------------------------|
| 447. António Monteiro da Costa            | 1898 | C/c Luísa da C. Cruz, n.º 630.                             |
| 448. Luís Monteiro da Costa               | 1900 | C/c Maria dos Anjos Azevedo dos Reis, n.º 833.             |
| 449. Joaquim                              | 1902 | Faleceu em 1903.                                           |
| 450. Joaquim da Rocha Costa               | 1904 | C/c Maria Marq. Novais, n.º 552.                           |
| 451. Maria da Conceição Baptista da Costa | 1906 | C/c Augusto da Costa Maciel, n.º 624.                      |
| 452. Ana Baptista da Costa                | 1908 | C/c Joaquim Neiva de Oliveira Maciel, n.º 871.             |
| 453. Amélia Baptista da Costa             | 1910 | C/c Manuel Gonçalves da Cunha.                             |
| 454. Domingos B. da Costa                 | 1912 | C/c Maria Amélia M. da Rosa, n.º 710. Residente em Aguiar. |
| 455. Manuel                               | 1915 | Faleceu menino.                                            |

MARIA GONÇALVES DE AMORIM, n.º 255, casou com DOMINGOS FRANCISCO DA SILVA, viúvo de Maria Henriqueta da Conceição, brasileira, filho de António Francisco da Silva e de Ana Maria Rosa, de Aguiar. Tiveram:

- |                                     |      |                            |
|-------------------------------------|------|----------------------------|
| 456. Marcelina Luísa Alves da Silva | 1882 | C/c Manuel José Gonçalves. |
| 457. Joaquim                        | 1889 | Faleceu menino.            |

ANTÓNIO FERNANDES DIAS, n.º 265, casou com ROSA MARTINS DA SILVA, filha de Manuel Martins da Silva e de Josefa Maria Martins, de Vila de Punhe. Tiveram, no Lugar do Campo:

- |                             |      |                                                    |
|-----------------------------|------|----------------------------------------------------|
| 458. João Fernandes Dias    | 1898 | C/c Maria José Fer. <sup>des</sup> Neiva, n.º 912. |
| 459. Manuel Fernandes Dias  | ?    | Foi para Espanha.                                  |
| 460. Maria Martins da Silva | ?    | C/c Manuel Rodrigues Ramalho, de Vila de Punhe.    |



- |                                 |      |                                                                    |
|---------------------------------|------|--------------------------------------------------------------------|
| 461. Rosa Martins da Silva      | 1904 | C/c António Alves Fernandes,<br>n.º 569.                           |
| 462. Conceição Martins da Silva | 1906 | C/c Francisco Fer. <sup>des</sup> do Campo,<br>n.º 553. S/ filhos. |
| 463. José Fernandes Dias        | 1908 | C/c Alzira da Silva Figueiras.                                     |
| 464. António Fernandes Dias     | 1912 | Casou em Balugães.                                                 |

MARIA FERNANDES PEIXOTA, n.º 269, casou com JOSÉ AFONSO LEITE, filho de António Afonso Leite e de Maria Pereira. Tiveram:

- |                                        |      |                                                    |
|----------------------------------------|------|----------------------------------------------------|
| 465. Ana                               | 1863 | Faleceu menina.                                    |
| 466. Domingos                          | 1865 | Foi para o Brasil.                                 |
| 467. Teresa                            | 1868 | Faleceu menina.                                    |
| 468. António Leite                     | 1868 | C/c Joaquina Martins Peixoto,<br>n.º 205.          |
| 469. José                              | 1870 | Casou em Góios.                                    |
| 470. Vicente Afonso Leite              | 1873 | C/c Benta L. Figueiras, n.º 373.                   |
| 471. Urbana Fernandes Peixota<br>Leite | 1877 | C/c António da Costa Neiva,<br>n.º 326, s/ filhos. |

ROSA FERNANDES PEIXOTA, n.º 270, no estado de solteira, teve:

- |                         |      |                              |
|-------------------------|------|------------------------------|
| 472. Domingos Fernandes | 1871 | —                            |
| 473. Maria Fernandes    | 1875 | C/c Manuel da Silva Esteves. |

MANUEL FERNANDES DO CAMPO, n.º 271, casou com ANA DA COSTA, filha de Agostinho Martins Figueiras e de Joana da Costa. Tiveram, no Lugar do Campo:

- |                             |      |                                            |
|-----------------------------|------|--------------------------------------------|
| 474. António Fern. do Campo | 1873 | C/c Antónia Marques de Novais,<br>n.º 330. |
|-----------------------------|------|--------------------------------------------|

LUÍSA FERNANDES, n.º 273, casou com MANUEL LOPES MONTEIRO, filho de Joaquim Lopes Monteiro e de Maria Josefa, Morgados de Malta. Tiveram, no Lugar do Rio:

- |                              |      |                              |
|------------------------------|------|------------------------------|
| 475. João Lopes Monteiro     | 1882 | Casou em Aguiar.             |
| 476. Manuel Lopes Monteiro   | 1885 | Casou em Balugães.           |
| 477. Antónia Lopes Figueiras | 1887 | C/c José Gonçalves de Sousa. |
| 478. José Lopes Monteiro     | 1889 | C/c Ana Lopes Figueiras.     |
| 479. António Lopes Monteiro  | 1891 | Solteiro.                    |
| 480. Domingos Lopes Monteiro | 1894 | Faleceu solteiro em Lisboa.  |



JOAQUINA FERNANDES, n.º 274, casou com ANTÓNIO MARTINS SOBREIRO, filho de António Martins e de Albina Clara, de Nogueira. Tiveram, no Lugar do Espinheiro:

|                                                      |      |                                 |
|------------------------------------------------------|------|---------------------------------|
| 481. Gaspar                                          | 1878 | Casou em Duas Igrejas.          |
| 482. Maria Luísa                                     | 1880 | Faleceu solteira.               |
| 483. João Martins Sobreiro                           | 1881 | C/c Arminda Martins de Azevedo. |
| 484. Ana Martins Sobreiro                            | 1884 | Faleceu solteira.               |
| 485. Rosa Martins Sobreiro                           | 1886 | Faleceu solteira.               |
| 486. António M. Sobreiro                             | 1888 | Casou em Moledo do Minho.       |
| 487. Antónia M. Sobreiro                             | 1891 | Solteira c/ filhos.             |
| 488. Maria Martins Sobreiro ou<br>Fernandes do Campo | 1896 | C/c Manuel G. Machado, n.º 378. |
| 489. David Martins Sobreiro                          | 1899 | C/c Teresa Lopes de Miranda.    |

BENTO DE AZEVEDO GAMA, n.º 282, casou com EMÍLIA DE JESUS, «A Brasileira», filha de José Bernardino da Cruz e de Alexandrina Rosa da Conceição. Tiveram:

|                   |      |                 |
|-------------------|------|-----------------|
| 490. Maria Josefa | 1859 | Casou em Viana. |
|-------------------|------|-----------------|

JOSÉ JOAQUIM DE AZEVEDO, n.º 283, casou com ANA LOPES MONTEIRO, filha de Joaquim Lopes Monteiro e de Maria Josefa, Morgados de Malta. Tiveram, no Lugar do Rio:

|                                                         |      |                                                                                                         |
|---------------------------------------------------------|------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 491. Joaquim Lopes de Azevedo                           | 1868 | Faleceu solteiro.                                                                                       |
| 492. Maria Luísa de Azevedo                             | 1870 | C/c João A. dos Reis. S/ filhos.                                                                        |
| 493. António Lopes de Azevedo                           | 1872 | C/c Joana da C. Gomes, de Capareiros, s/ filhos e 2.ª vez c/ Rosalina Alves dos Reis, viúva, s/ filhos. |
| 494. Rosa Lopes de Azevedo                              | 1874 | C/c Custódio Alves.                                                                                     |
| 495. Ana Lopes de Azevedo                               | 1877 | C/ em Carvoeiro c/ Joaquim Bento da Costa.                                                              |
| 496. Benta Lopes de Azevedo                             | 1879 | C/c Manuel António dos Reis.                                                                            |
| 497. Teresa Lopes de Azevedo                            | 1881 | C/c Joaquina Maria da Costa.                                                                            |
| 498. Antónia Lopes de Azevedo                           | 1884 | C/c José Gonçalves de Azevedo, n.º 503.                                                                 |
| 499. Margarida L. de Azevedo,<br>fal. em Manaus, Brasil | 1887 | C/c José Ferreira Nobre, de Sub-Portela. S/ filhos.                                                     |

BENTA DE AZEVEDO, n.º 286, solteira, teve:

|                      |      |                       |
|----------------------|------|-----------------------|
| 500. Joaquina        | 1872 | Faleceu menina.       |
| 501. Rosa de Azevedo | 1877 | C/c António da Costa. |



ANA DE AZEVEDO, n.º 287, casou com FRANCISCO ANTUNES, filho de António Antunes e de Mariana Rodrigues, de Deão. Tiveram no Lugar de Regueira, ou Riboeira:

502. Ana de Azevedo 1870 C/c José da Silva Caridade Jr.

ROSA DE AZEVEDO, n.º 288, casou com MANUEL GONÇALVES, filho de Maria do Rosário, de Navió, Ponte de Lima. Tiveram:

503. José Gonçalves de Azevedo 1884 C/c Antónia Lopes de Azevedo,  
504. Joaquim Gong. de Azevedo 1887 n.º 498.  
C/c Rosa Ventura de Castro  
Peixoto ,n.º 614.

MANUEL MACIEL, n.º 292, casou com TERESA MACHADA, filha de Domingos José de Miranda e de Ana Maria Machada, de Lijó. Tiveram, no Lugar do Rio:

505. António 1858 —  
506. Ana Custódia Maciel 1859 C/c Bento da Costa, de Aguiar.  
S/ filhos.  
507. António Machado Maciel 1861 C/c Maria da Foz, de Fiopos,  
Capareiros. Foram p/ Lijó.  
508. Maria Machada Maciel 1863 C/c António Baptista de Abreu,  
de Balugães.

ANA MARTINS MACIEL, n.º 293, casou com JOÃO DA COSTA, filho de Manuel da Costa e de Maria Neiva. Moraram no Lugar do Campo do Forno e tiveram:

509. Manuel da Costa Maciel 1862 C/c Maria Neiva de Oliveira, de  
Aldreu.

DOMINGOS MARQUES, n.º 305, casou com MARIA FERNANDES DA SILVA, filha de Francisco da Costa Pinheiro e de Antónia Fernandes da Silva. Tiveram no Lugar dos Cincos:

510. António 1911 Faleceu menino.  
511. Rosa da Silva Marques 1913 C/c António Pereira de Sousa,  
em Aguiar.  
512. Teresa da Silva Marques 1916 C/c Januário de Sousa Ferreira,  
em Aguiar.  
513. António da Silva Marques 1918 C/c 1.ª vez c/ Teresa Peixota de  
Faria, n.º 673. C/ 2.ª vez c/  
Rosa de Sousa Carvalho, em  
Aguiar.



- |                              |      |                                              |
|------------------------------|------|----------------------------------------------|
| 514. Victória da S. Marques  | 1922 | Solteira, residente no Porto.                |
| 515. Manuel da Silva Marques | 1927 | C/c Teresa de Castro Lima, filha do n.º 426. |

ANA JOAQUINA RODRIGUES DOS SANTOS, n.º 313, casou com DOMINGOS JOSÉ DA CUNHA, filho de Caetano da Cunha e de Joaquina de Araújo, de Carvoeiro. Moraram no Lugar do Souto e tiveram:

- |                                |      |                                                                   |
|--------------------------------|------|-------------------------------------------------------------------|
| 516. Teresa Rod. dos Santos    | 1880 | C/c Manuel da Silva. S/ filhos.                                   |
| 517. Manuel José da Cunha      | 1882 | Casou c/ ???                                                      |
| 518. Maria Rod. dos Santos     | 1884 | Solteira                                                          |
| 519. Vicente José da Cunha     | 1886 | C/c Rosa Fernandes Rodrigues, em Capareiros.                      |
| 520. Ana Rodrigues dos Santos  | 1888 | Casou em Capareiros.                                              |
| 521. Júlia Rodrigues D. Santos | 1890 | Casou em Viana, c/ filhos.                                        |
| 522. Joaquim José da Cunha     | 1892 | Foi p/ uma Ordem Religiosa.                                       |
| 523. António José da Cunha     | 1894 | C/c Maria L. Figueiras, conhecida por Maria do Passal, S/ filhos. |
| 524. Silvério José da Cunha    | 1896 | Foi p/ uma Ordem Religiosa.                                       |
| 525. Inácio José da Cunha      | 1897 | C/c Josefa Rodrigues da Costa Maciel, em Tregosa.                 |
| 526. Bartolomeu José da Cunha  | 1900 | Faleceu em 1901.                                                  |
| 527. Aurora Rod. dos Santos    | 1903 | Solteira c/ uma filha. Faleceu em 1950.                           |

TERESA DOS SANTOS, no estado de solteira, teve:

- |                                 |      |                                      |
|---------------------------------|------|--------------------------------------|
| 528. Rosa Felicidade dos Santos | 1878 | C/c António José de Castro, n.º 418. |
| 529. Manuel António             | 1884 | Faleceu menino.                      |

JOÃO DA COSTA NEIVA, n.º 324, casou com MARIA MADALENA DA SILVA, filha de Domingos Francisco da Silva, de Aguiar, e de Maria Henriqueta da Conceição, mestiça brasileira. Tiveram:

- |                            |      |                                              |
|----------------------------|------|----------------------------------------------|
| 530. Maria                 | 1899 | Solteira                                     |
| 531. Teresa                | 1901 | C/c Aires Cardoso, em S. Veríssimo de Tamel. |
| 532. Isabel da Costa Neiva | 1903 | C/c José da Costa Machado, n.º 597.          |
| 533. José                  | 1907 | Foi para o Brasil.                           |
| 534. Maria da Glória       | 1909 | C/c Carlos da Silva, em Esposende.           |
| 535. Maria Rosa            | 1912 | C/c António de Sousa, no Porto.              |
| 536. Manuel                | 1916 | C/c Conceição de Magalhães, em Aguiar.       |



ISABEL MARIA MARQUES NEIVA DE NOVAIS, n.º 327, casou com ANTÓNIO DA COSTA PINHEIRO, filho de Francisco da Costa Pinheiro e de Antónia Fernandes da Silva. Tiveram, no Lugar dos Castelos:

- |                                |      |                                       |
|--------------------------------|------|---------------------------------------|
| 537. Isabel Maria N. Pinheiro  | 1917 | Faleceu menina.                       |
| 538. Teresa M. Novais Pinheiro | 1919 | C/c Amândio Pereira Peixoto, n.º 607. |
| 539. Isabel Novais Pinheiro    | 1921 | Casou em Balugães.                    |
| 540. João Novais Pinheiro      | 1925 | Foi para o Brasil.                    |
| 541. Conceição Novais Pinheiro | 1927 | Casou em Aveiro.                      |

SILVÉRIO MARQUES DE NOVAIS, n.º 328, casou com CASIMIRA DA CONCEIÇÃO LOPES, filha de Manuel José de Sousa e de Maria Lopes. Tiveram:

- |                       |      |                                                                                 |
|-----------------------|------|---------------------------------------------------------------------------------|
| 542. Bernardina       | 1925 | C/c Luís Rodrigues Pereira Machado. Foram p/ Argentina. C/2.ª vez na Argentina. |
| 543. Manuel           | 1926 | Faleceu jovem.                                                                  |
| 544. Maria da Glória  | 1929 | C/c António da Cunha Maciel, n.º 914.                                           |
| 545. Francisca Emília | 1935 | C/c Joaquim Diamant. n.º 769.                                                   |
| 546. Francisco        | 1937 | Casou em Poiares. Emigrou p/ Canadá.                                            |
| 547. Justino          | 1939 | C/c Gracinda Armanda Costa, n.º 776.                                            |

ANTÓNIA MARQUES DE NOVAIS, n.º 330, casou com ANTÓNIO FERNANDES DO CAMPO, n.º 474. Tiveram:

- |                                        |      |                                                                                                 |
|----------------------------------------|------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 548. Manuel António Fernandes do Campo | 1902 | Foi p/ Argentina. Fal. solteiro.                                                                |
| 549. João                              | 1904 | Casou na Argentina.                                                                             |
| 550. José                              | 1907 | C/c Josefa Amorim Fernandes Lourenço.                                                           |
| 551. António                           | 1911 | C/c Ana de Jesus de Castro, n.º 652.                                                            |
| 552. Maria Marques de Novais           | 1913 | C/1.ª vez c/ Joaquim da Rocha Costa, n.º 450. C/ 2.ª vez c/ António Baptista de Abreu, n.º 863. |
| 553. Francisco Fern. do Campo          | 1915 | C/c Conceição Martins da Silva, n.º 462.                                                        |



MANUEL ANTÓNIO PIRES CARNEIRO, n.º 343, casou com URBANA DE PASSOS FIGUEIRAS, filha de Manuel de Passos, e de Maria Figueiras. Tiveram, no Lugar dos Castelos:

|                         |      |                               |
|-------------------------|------|-------------------------------|
| 554. Manuel             | 1923 | C/c Maria Portela. S/ filhos. |
| 555. António            | 1924 | Faleceu menino.               |
| 556. António            | 1928 | Faleceu menino.               |
| 557. Maria da Conceição | 1929 | Casou em Balugães.            |
| 588. Gracinda Maria     | 1934 | Casou em Quintiães.           |
| 559. Rosa               | 1938 | C/c Adelino Peixoto.          |

ANA DA GLÓRIA, n.º 348, casou com MANUEL ALVES, filho de Francisco José Alves e de Maria Ramos, de Capareiros. Tiveram, no Lugar dos Cincos:

|           |      |                  |
|-----------|------|------------------|
| 560. José | 1871 | Foi para a Maia. |
|-----------|------|------------------|

JOSÉ GONÇALVES MACHADO, n.º 353, casou com ANTÓNIA FIGUEIRAS, filha de Anacleto António, exposto, e de Joana Figueiras. Tiveram, no Lugar de Carvalhinhos:

|                                |      |                      |
|--------------------------------|------|----------------------|
| 561. Maria Gonçalves Figueiras | 1879 | Solteira c/ 1 filho. |
| 562. Ana Custódia              | 1882 | Casou em Tregosa.    |
| 563. Teresa                    | 1887 | Faleceu menina.      |
| 564. Francisco                 | 1889 | Faleceu solteiro.    |

FELICIDADE PEIXOTA DA FONSECA, n.º 354, teve, no Brasil:

|                             |   |                                                                     |
|-----------------------------|---|---------------------------------------------------------------------|
| 565. Artur Peixoto dos Reis | ? | Casou em Durrães, c/ Marcelina, filha de Laura Campos, c/ um filho. |
|-----------------------------|---|---------------------------------------------------------------------|

JOSÉ FERNANDES PEIXOTO, n.º 361, casou com EMÍLIA DE JESUS ALVES, filha de Manuel Alves e de Leonarda Rosa. Tiveram:

|                              |      |                                                |
|------------------------------|------|------------------------------------------------|
| 566. Adelino Alves Fernandes | 1897 | C/c Maria José, de Carvoeiro.                  |
| 567. Ermelinda A. Fernandes  | 1899 | C/c João Martins Pereira Leite, de Tregosa.    |
| 568. Rosa Alves Fernandes    | 1901 | C/c António Gonçalves Pires, viúvo do n.º 369. |
| 569. António Alves Fernandes | 1903 | C/c Rosa M. da Silva, n.º 461.                 |
| 570. Felicidade A. Fernandes | 1907 | C/c Manuel da Costa Ramos.                     |

MARIA JOAQUINA FIGUEIRAS, ou FIGUEIRAS PEIXOTA, n.º 362, teve, em solteira:

|                             |      |                          |
|-----------------------------|------|--------------------------|
| 571. José Fernandes         | 1895 | C/c Ana Eusébia Pereira. |
| 572. Maria da Luz Fernandes | 1898 | C/c Abel Martins Neiva.  |
| 573. Mário                  | 1908 | Foi para França.         |



ANTÓNIO FERNANDES FIGUEIRAS, n.º 364, casou com MARIA MARTINS DA CUNHA, filha de João Miguel Ferreira e de Francisca Martins da Cunha, de Carvoeiro. Tiveram:

|                              |      |                                       |
|------------------------------|------|---------------------------------------|
| 574. Gracinda Fern. da Cunha | ?    | C/c José de C. Maciel, n.º 633.       |
| 575. Clementina              | ?    | —                                     |
| 576. Francisco               | 1914 | Casou em Lisboa (Parede).             |
| 577. David                   | 1916 | Casou em Carvoeiro.                   |
| 578. Maria José              | 1918 | C / c Marcolino M. Sobreiro, n.º 821. |
| 579. Arnaldo                 | 1920 | Casou em Lisboa (Parede).             |

MARIA JOSEFA MEIRA PEIXOTA, n.º 366, em solteira, teve:

|                                       |      |                                      |
|---------------------------------------|------|--------------------------------------|
| 580. Maria da Conceição Meira Peixoto | 1907 | C/c Domingos Gonç. Machado, n.º 596. |
|---------------------------------------|------|--------------------------------------|

ANA JOAQUINA MEIRA PEIXOTO, n.º 367, casou com MANUEL DE MIRANDA, filho de João de Miranda e de Antónia Ramos de Castro, de Capareiros. Tiveram no Lugar do Souto:

|                               |      |                                                     |
|-------------------------------|------|-----------------------------------------------------|
| 581. José Maria P. de Miranda | 1917 | Foi para uma Ordem Religiosa.                       |
| 582. António                  | 1919 | Faleceu menino.                                     |
| 583. Manuel António           | 1919 | C/c Joaquina Rodrigues Teixeira Mota, de Carvoeiro. |

MARIA ANGELINA MEIRA PEIXOTO, n.º 369, casou com ANTÓNIO GONÇALVES PIRES, filho de João Gonçalves Pires e de Isabel de Sousa. Tiveram:

|                       |      |                    |
|-----------------------|------|--------------------|
| 584. Maria Gracinda   | 1909 | Casou em Viana.    |
| 585. Silvério         | 1911 | Faleceu menino.    |
| 586. Manuel           | 1913 | Casou em Alvarães. |
| 587. Silvério         | 1916 | Casou em Espanha.  |
| 588. Antónia de Jesus | 1921 | Foi para Valença.  |

BENTA LOPES FIGUEIRAS, n.º 373, casou com VICENTE AFONSO LEITE, n.º 470. Tiveram:

|                               |      |                                        |
|-------------------------------|------|----------------------------------------|
| 589. José Afonso Leite        | 1901 | C/c Teresa da Costa Maciel, n.º 632.   |
| 590. António Afonso Leite     | 1903 | C/c Maria Teixeira da Mota. S/ filhos. |
| 591. Casimira Figueiras Leite | 1905 | Solteira                               |



|                               |      |                                         |
|-------------------------------|------|-----------------------------------------|
| 592. Amélia do Carmo F. Leite | 1907 | C/c Gabriel Meira Lopes Monteiro.       |
| 593. Urbana Figueiras Leite   | 1909 | C/c Lourenço Lopes de Faria, n.º 671.   |
| 594. Floriano Afonso Leite    | 1913 | C/c Ana Teixeira da Mota, de Carvoeiro. |
| 595. Ana dos Prazeres         | 1915 | Faleceu menina.                         |

MANUEL GONÇALVES MACHADO, n.º 378, casou com ANA DA CUNHA, filha de Domingos António da Cunha e de Quitéria da Costa, de Carvoeiro. Tiveram no Lugar do Monte, ou Carvalhinhos:

|                                         |      |                                                                                       |
|-----------------------------------------|------|---------------------------------------------------------------------------------------|
| 596. Domingos Gonç. Machado             | 1909 | C/c M.ª da Conceição Meira Peixoto, n.º 580.                                          |
| 597. José da Costa Machado              | 1911 | C/ 1.ª vez c/ Isabel da Costa Neiva, n.º 532. C/ 2.ª vez c/ Joaquina Araújo Baptista. |
| 598. Abílio                             | 1914 | Fal. solteiro c/ 21 anos.                                                             |
| 599. Francisca da Conceição             | 1916 | —                                                                                     |
| 600. Maria dos Prazeres Gonçalves Cunha | 1918 | C/c Domingos Rodrigues Martins.                                                       |

MANUEL GONÇALVES MACHADO, n.º 378, casou em 2.ªs núpcias com MARIA MARTINS SOBREIRO, ou FERNANDES DO CAMPO, n.º 488. Tiveram, no Lugar de Carvalhinhos:

|                         |      |                                          |
|-------------------------|------|------------------------------------------|
| 601. Teresa             | 1923 | Casou em Tregosa.                        |
| 603. Maria da Conceição | 1926 | C/c Manuel, n.º 982. Foram p/ Venezuela. |
| 603. António            | 1929 | Foi para a Venezuela.                    |
| 604. Maria Celeste      | 1932 | Casou e foi para a Venezuela.            |

MANUEL VENTURA DA CONCEIÇÃO, n.º 380, casou com MARIA DE JESUS. Tiveram, na Freguesia da Silva:

|                             |   |                                                            |
|-----------------------------|---|------------------------------------------------------------|
| 605. Manuel P. da Conceição | ? | C/c Ester da Silva Pinto, de Carvoeiro. Foram para Lisboa. |
|-----------------------------|---|------------------------------------------------------------|

CASIMIRA PEIXOTA, n.º 381, casou com JOAQUINA PEREIRA, filho de José Pereira e de Rosa da Silva Pereira, de Silveiros. Tiveram:

|                              |      |                                       |
|------------------------------|------|---------------------------------------|
| 606. Manuel Pereira Peixoto  | 1911 | Faleceu solteiro.                     |
| 607. Amândio Pereira Peixoto | 1912 | C/c Teresa Mar. N. Pinheiro, n.º 538. |
| 608. Luís Pereira Peixoto    | 1913 | C/c Aurora da Costa, de Capareiros.   |
| 609. António Pereira Peixoto | 1915 | Faleceu menino.                       |



URBANA DA CONCEIÇÃO, n.º 385, solteira, teve:

- |                                 |      |                                                  |
|---------------------------------|------|--------------------------------------------------|
| 610. João da Conceição Peixota  | 1912 | C/c Teresa Lopes Figueiras.                      |
| 611. Clara da Conceição Peixota | 1916 | C/c Manuel Martins de Azevedo,<br>em Capareiros. |

FELIZARDA ROSA PEIXOTO DA CONCEIÇÃO, n.º 386, solteira, teve:

- |                              |      |                               |
|------------------------------|------|-------------------------------|
| 612. Glória da Conc. Peixota | 1915 | C/c Albino Rodrigues Machado. |
|------------------------------|------|-------------------------------|

MANUEL VENTURA PEIXOTO, n.º 388, casou com JOAQUINA DE CASTRO, filha de Domingos Gonçalves e de Ana Maria de Castro, de Aguiar. Tiveram, no Lugar do Apeadeiro:

- |                                           |      |                                            |
|-------------------------------------------|------|--------------------------------------------|
| 613. Joaquim Ventura de Castro<br>Peixoto | 1890 | Casou em Braga.                            |
| 614. Rosa V. C. Peixoto                   | 1892 | C/c Joaquim Gonçalves de Azevedo, n.º 504. |
| 615. Carolina Rosa                        | 1895 | Solteira c/ filhos.                        |
| 616. Maria                                | 1898 | C/c Armindo Alves de Faria.                |
| 617. Albina                               | 1900 | Faleceu solteira.                          |
| 618. Alberto                              | 1903 | Faleceu na Argentina.                      |
| 619. José                                 | 1907 | Faleceu solteiro.                          |

MARIA DA CONCEIÇÃO ALVES PEIXOTO, n.º 401, solteira, teve:

- |                            |      |   |
|----------------------------|------|---|
| 620. Lucinda Alves Peixoto | 1931 | — |
|----------------------------|------|---|

JOSÉ DA COSTA MACIEL, n.º 407, casou com ANTÓNIA DA COSTA FIGUEIRAS, filha de Lourenço José Figueiras e de Teresa da Costa. Tiveram, no Lugar de Souto de Vilar:

- |                             |      |                                                    |
|-----------------------------|------|----------------------------------------------------|
| 621. Teresa da Costa Maciel | 1892 | C/c António Marques Maciel, n.º 437.               |
| 622. Joaquina               | 1894 | Solteira c/ uma filha.                             |
| 623. Francisco              | 1896 | C/c Antónia da Conceição Baptista Maciel, n.º 434. |
| 624. Augusto                | 1898 | C/c Maria da Conceição Baptista da Costa, n.º 451. |
| 625. Lourenço               | 1900 | C/c Antónia de Castro Peixoto, n.º 429.            |
| 626. Mariana                | 1904 | C/c Manuel Gonçalves Fernandes, em Aguiar.         |



ANTÓNIO DA COSTA, n.º 408, casou com MARIA AMÉLIA DA CRUZ, filha de José da Costa Cruz e de Ana Fernandes Lima, de Carvoeiro. Tiveram, no Lugar do Souto:

|                               |      |                                                                                        |
|-------------------------------|------|----------------------------------------------------------------------------------------|
| 627. Ana da Costa Cruz        | 1894 | C/c Manuel José de Castro, n.º 428.                                                    |
| 628. Maria da Costa Cruz      | 1896 | C/c António Luís Fernandes.                                                            |
| 629. Rosa Amélia da C. Maciel | 1898 | C/c Manuel Rodrigues Gonçalves Pereira.                                                |
| 630. Luísa da Costa Maciel    | 1899 | C/c António Monteiro da Costa, n.º 447.                                                |
| 631. Albertina Maria          | 1902 |                                                                                        |
| 632. Teresa                   | 1904 | Faleceu solteira.                                                                      |
| 633. José da Costa Maciel     | 1908 | C/c José Afonso Leite, n.º 589.<br>C/c Gracinda Fer. <sup>des</sup> da Cunha, n.º 574. |

MARIA DA COSTA MACIEL, n.º 411, casou com, António da Rocha Costa, filho de João da Rocha e de Antónia Monteiro. Tiveram:

|                               |      |                                           |
|-------------------------------|------|-------------------------------------------|
| 634. Antónia da Costa Maciel  | 1902 | C/c António Fernandes de Castro, n.º 430. |
| 635. António da Rocha Costa   | 1904 | Casou em Carvoeiro.                       |
| 636. Maria da Costa Maciel    | 1905 | Solteira c/ filhos.                       |
| 637. Júlia                    | 1908 | Faleceu em 1911.                          |
| 638. Manuel                   | 1909 | Faleceu solteiro.                         |
| 639. Victória da Costa Maciel | 1911 | C/c Luís de Castro Pinheiro, n.º 654.     |
| 640. José da Rocha Costa      | 1914 | C/c Esperança da Costa Maciel, n.º 981.   |
| 641. Francisco da R. Costa    | 1916 | C/c Maria Rosa Maciel Grilo, n.º 709.     |
| 642. Joaquim Maciel da Costa  | 1919 | Casou em Viana.                           |
| 643. Domingos da R. Costa     | 1921 | C/c Maria L. Monteiro, n.º 810.           |

ROSA DOS SANTOS NEIVA, n.º 413, casou com BOAVENTURA DE OLIVEIRA COSTA, filho de José de Oliveira Costa e de Rosa Pereira, de Capareiros. Tiveram, no Lugar do Monte, ou Carvalhinhos:

|                    |      |                                 |
|--------------------|------|---------------------------------|
| 644. Bernardina    | 1924 | Casou em Durrães.               |
| 645. Mariana       | 1927 | Solteira c/ um filho.           |
| 646. Adelaide      | 1930 | Casou em Durrães, c/ uma filha. |
| 647. Maria Balbina | 1932 | Solteira, c/ uma filha.         |



ANA FELICIDADE BAPTISTA, n.º 414, casou com ANTÓNIO DA CUNHA BANDEIRA, filho de Custódio da Cunha Bandeira e de Maria Alves. Tiveram, no Lugar de Carvalhinhos:

|                                |      |                              |
|--------------------------------|------|------------------------------|
| 648. Custódio B. Bandeira      | 1919 | Faleceu solteiro, em 1978.   |
| 649. Joaquim Baptista Bandeira | 1921 | Solteiro.                    |
| 650. Manuel B. Bandeira        | 1923 | Casou fora.                  |
| 651. José B. Bandeira          | 1927 | Casou fora. Faleceu em 1971. |

ANTÓNIO JOSÉ DE CASTRO, n.º 418, casou com ROSA FELICIDADE DOS SANTOS, n.º 528. Tiveram, no Lugar do Souto.

|                                             |      |                                                    |
|---------------------------------------------|------|----------------------------------------------------|
| 652. Ana de Jesus de Castro                 | 1914 | C/c António Fer. <sup>des</sup> do Campo, n.º 551. |
| 653. M. <sup>a</sup> da Conceição de Castro | 1916 | Solteira                                           |

MARIA DOS ANJOS CASTRO, n.º 419, casou com PAULO DA COSTA PINHEIRO, filho de João da Costa Pinheiro e de Maria Lopes Figueiras. Tiveram, no Lugar da Lage:

|                                 |      |                                                                                                   |
|---------------------------------|------|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 654. Luís de Castro Pinheiro    | 1912 | C/c Vitória da C. Maciel, n.º 639.                                                                |
| 655. José de Castro Pinheiro    | 1913 | C/c Maria Acácia Leite de Castro, de Cinfães. Moraram em Moçambique e hoje em Braga. C/ 2 filhos. |
| 656. Torcato Castro Pinheiro    | 1915 | Faleceu menino.                                                                                   |
| 657. Julião Castro Pinheiro     | 1916 | C/c Maria José, de Lisboa. Moraram em Moçambique, hoje em Lisboa. C/ dois filhos.                 |
| 658. Ana de Jesus C. Pinheiro   | 1918 | C/c Justino O. C. Maciel, n.º 874.                                                                |
| 659. António de Castro Pinheiro | 1920 | Casou no Brasil.                                                                                  |
| 660. Manuel de Castro Pinheiro  | 1922 | Foi para o Brasil.                                                                                |
| 661. Joaquim de C. Pinheiro     | 1923 | Foi para o Brasil.                                                                                |
| 662. João da Costa Pinheiro     | 1925 | C/c Sílvia Peres, em Moçambique e hoje em Durrães.                                                |
| 663. Augusto de C. Pinheiro     | 1927 | C/c Ana Luísa, n.º 713. Moraram em Moçambique e hoje em Durrães.                                  |
| 664. Horácio                    | 1928 | Foi para o Brasil.                                                                                |
| 665. Maria da Conceição         | 1931 | C/c Manuel M. Machado, n.º 745.                                                                   |

MARIA DA CONCEIÇÃO RODRIGUES DE CASTRO, n.º 424, casou com JOAQUIM ALVES BARBOSA MACIEL, de Quintiães, filho de Manuel Barbosa Maciel, de Quintiães, e de Rosa Alves, de Durrães. Tiveram, no Lugar do Souto:

|                     |      |                                        |
|---------------------|------|----------------------------------------|
| 666. Ermelinda      | 1929 | C/c Augusto de Castro Maciel, n.º 687. |
| 667. Domingos       | 1931 | C/c Júlia de J. Maciel, n.º 730.       |
| 668. Carlos Augusto | 1933 | C/c Maria de Lurdes, n.º 693.          |
| 669. Fernando       | 1937 | C/c Maria do Sameiro, n.º 1003.        |

TERESA FERNANDES PEIXOTA, n.º 425, casou com MANUEL JOSÉ DE FARIA, filho de Joaquim José de Faria e de Joana Lopes Figueiras. Tiveram, no Lugar do Rio.

|                              |      |                                       |
|------------------------------|------|---------------------------------------|
| 670. Joaquim de Castro Faria | 1920 | C/c Mariana da Costa Maciel, n.º 711. |
|------------------------------|------|---------------------------------------|

ANA DE JESUS FERNANDES PEIXOTA, n.º 427, casou com JOÃO JOSÉ DE FARIA, Filho de Joaquim José de Faria e de Joana Lopes Figueiras. Tiveram, no Lugar do Rio:

|                              |      |                                                     |
|------------------------------|------|-----------------------------------------------------|
| 671. Lourenço Lopes de Faria | 1912 | C/c Urbana Figueiras Leite, n.º 593.                |
| 672. Manuel Lopes de Faria   | 1914 | C/c M. <sup>a</sup> da Conceição A. Reis, n.º 1085. |
| 673. Teresa                  | 1917 | C/c António da S. Marques, n.º 513.                 |
| 674. Joaquim José de Faria   | 1919 | C/c Maria Elisa Peixoto Sá Neiva.                   |
| 675. Rosa                    | 1922 | C/c José da Rosa Costa, n.º 835.                    |
| 676. Antónia                 | 1923 | Faleceu menina.                                     |
| 677. Antónia                 | 1925 | Casou em Famalicão.                                 |
| 678. Antónia da Conceição    | 1928 | Casou em Vila Real.                                 |
| 679. Henrique                | 1933 | C/ em Capareiros (Barroselas).                      |
| 680. Maria de Jesus          | ?    | Faleceu menina.                                     |

MANUEL JOSÉ DE CASTRO, n.º 428, casou com ANA DA COSTA CRUZ, n.º 627. Tiveram:

|                   |      |                                   |
|-------------------|------|-----------------------------------|
| 681. António      | 1923 | Morreu menino.                    |
| 682. Maria        | 1925 | C/c João Azevedo dos Reis.        |
| 683. Ana de Jesus | 1928 | Faleceu menina.                   |
| 684. António      | 1931 | C/c Conceição Rocha, de Tre-gosa. |
| 685. José         | 1935 | C/c Júlia, n.º 758.               |



ANTÓNIA DE CASTRO PEIXOTO, n.º 429, casou com LOURENÇO DA COSTA MACIEL, n.º 625. Tiveram:

|              |      |                         |
|--------------|------|-------------------------|
| 686. António | 1926 | Casou fora.             |
| 687. Augusto | 1927 | C/c Ermelinda, n.º 666. |
| 688. Manuel  | 1930 | Casou fora.             |
| 689. João    | 1932 | Faleceu em Barcelos.    |

ANTÓNIO FERNANDES DE CASTRO, n.º 430, casou com ANTÓNIA DA COSTA MACIEL, n.º 634. Tiveram, no Lugar do Rio:

|                             |      |                                             |
|-----------------------------|------|---------------------------------------------|
| 690. Maria Maciel de Castro | 1927 | C/c Domingos C. M. Maciel, n.º 727.         |
| 691. Victória               | 1930 | C/c Francisco X. M. Costa, n.º 777.         |
| 692. Manuel                 | 1932 | C/c Fernanda Peixoto, de S. Romão do Neiva. |
| 693. Maria de Lurdes        | 1934 | C/c Carlos A. C. Maciel, n.º 668.           |
| 694. Joaquim                | 1937 | C/c Maria da Conc. N. Costa, n.º 775.       |
| 695. António Diamantino     | 1938 | C/c Deolinda J. A. Gonçalves, n.º 1043.     |
| 696. Luís                   | 1941 | Casou em Barcelos.                          |
| 697. Maria Irene            | 1943 | C/c Melquíades Rodrigues, em Barroselas.    |
| 698. Maria Alice            | 1944 | C/c José, n.º 761.                          |
| 699. Maria do Carmo         | 1949 | Solteira                                    |

ROSA FERNANDES DE CASTRO, n.º 431, casou com ANTÓNIO DA COSTA MACIEL, n.º 443. Tiveram, em Souto de Vilar:

|                     |      |                                          |
|---------------------|------|------------------------------------------|
| 700. Maria de Jesus | 1928 | C/c António Vieira, em Tregosa.          |
| 701. João           | 1930 | C/ no Brasil, com Jacinta de Lima Borba. |
| 702. Domingos       | 1933 | Faleceu menino.                          |
| 703. Maria Alzira   | 1934 | C/c António D. C. Maciel, n.º 767.       |

JÚLIA DE JESUS MARQUES MACIEL, n.º 432, casou com DOMINGOS FERNANDES GRILO, filho de Domingos José Fernandes Grilo e de Rosa Maria, de Balugães. Tiveram, no Lugar do Rio:

|                               |      |                                     |
|-------------------------------|------|-------------------------------------|
| 704. António Cândido M. Grilo | 1916 | Faleceu menino.                     |
| 705. Manuel                   | 1917 | Foi p/ a Argentina.                 |
| 706. João                     | 1918 | C/c Joana L. Figueiras, n.º 811.    |
| 707. Domingos                 | 1919 | Faleceu menino.                     |
| 708. Maria dos Anjos          | 1921 | Solteira, c/ uma filha.             |
| 709. Maria Rosa               | 1922 | C/c Francisco da R. Costa, n.º 641. |

MARCELINA LUÍSA MARQUES MACIEL, n.º 433, casou com MA-  
TEUS ANTÔNIO DA ROSA, de Aguiar. Tiveram, em Aguiar:

710. Maria Amélia M. da Rosa    1919    C/c Domingos Bapt. da Costa,  
n.º 454.

ANTÔNIA DA CONCEIÇÃO MARQUES MACIEL, n.º 434, casou com  
FRANCISCO DA COSTA MACIEL, n.º 623. Tiveram, no Lugar da Cruz:

711. Mariana B. da C. Maciel    1922    C/c Joaquim de C. Faria, n.º 670.

712. Manuel    1923    C/c Ester G. Lourenço Maciel,  
viúva do n.º 729.

713. Ana Luísa    1924    C/c Augusto C. Pinheiro, n.º 663.

714. José Lourenço    1925    Faleceu menino.

715. Maria da Conceição    1927    Solteira

716. Júlia de Jesus    1929    Faleceu menina.

717. David    1930    C/c Laura Gomes Lourenço, de  
Figueira de Castelo Rodrigo.

718. Daniel    1932    C/c Idalina Azevedo, de Bar-  
celos.

719. Domingos    1934    C/c Maria da Conceição, n.º 768.

720. Marcolino    1936    C/c Ana Esperança, n.º 774.

JOÃO MARQUES MACIEL, n.º 436, casou com MARIA LOPES DE  
FARIA, filha de Joaquim José de Faria e de Joana Lopes Figueiras. Tive-  
ram, no Lugar de Novais:

721. António    1920    Casou em Durrães.

722. João    1923    C/c Albertina M. Leite, n.º 937.

723. Maria Gracinda    1925    C/c António Azevedo dos Reis,  
n.º 1089.

724. Justino    1927    Casou em Tregosa.

725. Luciana    1929    Solteira c/ filhos.

726. Maria Filomena    1931    C/c José (Forte).

ANTÔNIO MARQUES MACIEL, n.º 437, casou com TERESA DA  
COSTA MACIEL, n.º 621. Tiveram:

727. Domingos    1925    C/c Maria de Castro Maciel,  
n.º 690.

728. Maria    1927    Casou em Vitorino de Piães.

729. Luciano    1929    C/c Ester Lourenço Maciel, de  
Figueira de Castelo Rodrigo.  
Faleceu em 1955.

730. Júlia de Jesus    1931    C/c Domingos, n.º 667.

731. Maria Filomena    1933    Morreu menina.



DOMINGOS MARQUES MACIEL, n.º 442, casou com MARIA CLARA BAPTISTA DE ABREU, n.º 864. Tiveram:

|                            |      |                                           |
|----------------------------|------|-------------------------------------------|
| 732. Adelaide Abreu Maciel | 1929 | Solteira.                                 |
| 733. Marcelina             | 1930 | C/c Jerónimo Cachada.                     |
| 734. António               | 1932 | Casou no Porto.                           |
| 735. Francisco Xavier      | 1934 | Casou em Angola com uma filha do n.º 439. |
| 736. Domingos              | 1937 | Casou em Angola. Hoje, em Durrães.        |
| 737. Manuel                | 1938 | —                                         |
| 738. João Cândido          | 1940 | —                                         |
| 739. Dinis                 | 1942 | —                                         |
| 740. Américo               | 1943 | —                                         |
| 741. Daniel                | 1944 | —                                         |
| 742. Fernando              | 1946 | —                                         |
| 743. Luciano               | 1948 | —                                         |
| 744. Maria Idalina         | 1951 | Casou em Tregosa.                         |

JÚLIA BAPTISTA, n.º 444, casou com ANTÓNIO GONÇALVES MACHADO, filho de Agostinho Gonçalves Machado e de Maria Rodrigues. Tiveram, no Lugar do Apeadeiro:

|               |      |                                                                                                      |
|---------------|------|------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 745. Manuel   | 1933 | C/c M. <sup>a</sup> da Conc. C. Pinheiro, n.º 665.                                                   |
| 746. Delfim   | 1934 | C/ 1. <sup>a</sup> vez c/ Maria de Fátima, n.º 1065.<br>Casou 2. <sup>a</sup> vez. Foi p/ Venezuela. |
| 747. Domingos | 1935 | C/c Ana Sobreiro, n.º 1072.                                                                          |
| 748. Joaquim  | 1936 | C/c Maria do Carmo, de Balugães.                                                                     |

MANUEL DA COSTA MACIEL, n.º 445, casou com ROSA DA ROCHA, filha de Manuel José Alves Quintela e de Rosa da Rocha, de Carvoeiro. Tiveram, no Lugar de Souto de Vilar:

|                     |      |                                                     |
|---------------------|------|-----------------------------------------------------|
| 749. Joaquim        | 1935 | Foi para uma Ordem Religiosa.                       |
| 750. Carlos         | 1937 | Casou c/ Ana de Jesus, n.º 770.<br>Faleceu em 1975. |
| 751. Armando        | 1938 | C/c Maria Alice, n.º 974.                           |
| 752. Maria Rosália  | 1941 | Casou em Espanha.                                   |
| 753. Maria Albina   | 1946 | C/c José Costa, n.º 771.                            |
| 754. António Alípio | 1951 | Foi para Espanha.                                   |

MARIA DO CARMO BAPTISTA MACIEL, n.º 446, casou com DOMINGOS BARBOSA MACIEL, de Quintiães, filho de Manuel Barbosa Maciel, de Quintiães e de Rosa Alves, de Durrães. Tiveram:

|                         |      |                                     |
|-------------------------|------|-------------------------------------|
| 755. Maria da Conceição | 1935 | Foi para uma Congregação Religiosa. |
| 756. Rosa da Graça      | 1937 | Foi para uma Congregação Religiosa. |
| 757. António            | 1939 | Casou fora.                         |
| 758. Júlia              | 1940 | C/c José C. Castro, n.º 685.        |
| 759. Manuel             | 1942 | Casou fora.                         |
| 760. Ana                | 1944 | Foi p/ uma Congregação Religiosa.   |
| 761. José               | 1945 | C/c Maria Alice, n.º 698.           |
| 762. Joaquim            | 1947 | Casou em Barcelos.                  |
| 763. Maria de Lourdes   | 1948 | Casou na Silva.                     |
| 764. Maria Amélia       | 1949 | Foi p/ uma Congregação Religiosa.   |
| 764-A. Maria do Rosário | ?    | C/ em Durrães.                      |

ANTÓNIO MONTEIRO DA COSTA, n.º 447, casou com LUÍSA DA COSTA CRUZ, n.º 630. Tiveram:

|                         |      |                                 |
|-------------------------|------|---------------------------------|
| 765. Maria Amélia       | 1928 | C/c João Correia.               |
| 766. António            | 1930 | Faleceu menino.                 |
| 767. António Domingos   | 1932 | C/c Maria Alzira, n.º 703.      |
| 768. Maria da Conceição | 1933 | C/c Domingos, n.º 719.          |
| 769. Joaquim Diamantino | 1935 | C/ c Francisca Emília, n.º 545. |
| 770. Ana de Jesus       | 1937 | C/c Carlos, n.º 750.            |
| 771. José               | 1938 | C/c Maria Albina, n.º 753.      |
| 772. Maria Albertina    | 1940 | C/c Augusto Peixoto, n.º 972.   |
| 773. Domingos           | 1943 | C/c Ana J. R. Martins, n.º 963. |

JOAQUIM DA ROCHA COSTA, n.º 450, casou com MARIA MARQUES DE NOVAIS, n.º 552. Tiveram:

|                         |      |                              |
|-------------------------|------|------------------------------|
| 774. Ana Esperança      | 1939 | C/c Marcolino, n.º 720.      |
| 775. Maria da Conceição | 1942 | C/c Joaquim, n.º 694.        |
| 776. Gracinda Armanda   | 1945 | C/c Justino Novais, n.º 547. |

MARIA DA CONCEIÇÃO BAPTISTA DA COSTA, n.º 451, casou com AUGUSTA DA COSTA MACIEL, n.º 624. Tiveram:

|                                         |      |                        |
|-----------------------------------------|------|------------------------|
| 777. Francisco Xavier Monteiro da Costa | 1933 | C/c Victória, n.º 691. |
|-----------------------------------------|------|------------------------|



ANA BAPTISTA DA COSTA, n.º 452, casou com JOAQUIM NETIVA DE OLIVEIRA MACIEL, n.º 871. Tiveram:

|                                 |      |             |
|---------------------------------|------|-------------|
| 778. José António da C. Maciel  | 1940 | Casou fora. |
| 779. Maria Amélia de C. Maciel  | 1943 | Casou fora. |
| 780. Isidro B. de O. Maciel     | 1945 | Casou fora. |
| 781. Maria Alice da C. Maciel   | 1948 | Casou fora. |
| 782. Luís Fernando da C. Maciel | 1951 | Casou fora. |
| 783. Maria de Fátima            | 1954 | —           |

AMÉLIA BAPTISTA DA COSTA, n.º 453, casou com MANUEL GONÇALVES DA CUNHA, filho de José Rodrigues da Cunha e de Maria da Cunha Freire, de Carvoeiro. Tiveram:

|                             |      |                          |
|-----------------------------|------|--------------------------|
| 784. Rosa Dulce da C. Cunha | 1947 | C/c Francisco, n.º 1129. |
|-----------------------------|------|--------------------------|

MARCELINA LUÍSA ALVES DA SILVA, n.º 456, casou com MANUEL JOSÉ GONÇALVES, filho de Manuel de Sousa e de Maria Gonçalves. Tiveram:

|                              |      |                                     |
|------------------------------|------|-------------------------------------|
| 785. João Gonçalves da Silva | 1904 | C/c Bernardina A. Baptista.         |
| 786. Maria Alves da Silva    | 1906 | C/c António Martins M. Leite.       |
| 787. Marcelina               | 1909 | Solteira c/ filhos.                 |
| 788. Teresa de Jesus         | 1910 | Morreu menina.                      |
| 789. José Gonçalves          | 1912 | C/c Prazeres da Conceição, n.º 819. |
| 790. Cândido da C. Gonçalves | 1916 | Casou e faleceu em Lisboa.          |
| 791. António                 | 1918 | Solteiro.                           |
| 792. Marcolino               | 1920 | Foi para África.                    |

MARCELINA LUÍSA ALVES DA SILVA, n.º 456, no estado de viúva, teve:

|           |      |                   |
|-----------|------|-------------------|
| 793. Rosa | 1926 | Foi para o Porto. |
|-----------|------|-------------------|

MARIA MARTINS DA SILVA, n.º 460, casou com MANUEL RODRIGUES RAMALHO, filho de Manuel Rodrigues Ramalho, de Fragoso, e de Antónia Alves, de Durrães. Tiveram:

|               |      |                                              |
|---------------|------|----------------------------------------------|
| 794. Gracinda | 1925 | C/c Manuel P. Fer. <sup>des</sup> , n.º 910. |
| 795. António  | 1926 | —                                            |

ROSA MARTINS DA SILVA, n.º 461, casou com ANTÓNIO ALVES FERNANDES, n.º 569. Tiveram:

|                 |      |                                     |
|-----------------|------|-------------------------------------|
| 796. Felicidade | 1926 | C/c Manuel Alves de Faria, n.º 975. |
|-----------------|------|-------------------------------------|

|                       |      |                                            |
|-----------------------|------|--------------------------------------------|
| 797. Maria            | 1927 | Casou em Viana.                            |
| 798. Maria de Lourdes | 1929 | Faleceu menina.                            |
| 799. Engrácia         | 1931 | C/c José Carvalho de Castro, de Quintiães. |
| 800. Cidália          | 1948 | C/c Horácio, n.º 1054.                     |

JOSÉ FERNANDES DIAS, n.º 463, casou com ALZIRA DA SILVA FIGUEIRAS, filha de Domingos José Figueiras, de Durrães, e de Maria Laurinda da Silva Ramos, de Barroselas. Tiveram em Durrães apenas duas filhas. Em Carvoeiro, para onde foram morar, tiveram mais seis filhos.

|                          |      |   |
|--------------------------|------|---|
| 801. Emília da Conceição | 1930 | — |
| 802. Leonor              | 1932 | — |

MARIA FERNANDES, n.º 473, casou com MANUEL DA SILVA ESTEVES, filho de Domingos José Francisco e de Maria Joaquina da Silva, de Góios. Tiveram:

|               |      |                   |
|---------------|------|-------------------|
| 803. João     | 1902 | Faleceu solteiro. |
| 804. Urbana   | 1905 | Faleceu menina.   |
| 805. Angelina | 1905 | Faleceu menina.   |

ANTÓNIA LOPES FIGUEIRAS, n.º 477, casou com JOSÉ GONÇALVES DE SOUSA, filho de Manuel Gonçalves de Sousa e de Maria Gonçalves. Tiveram:

|                           |      |                                        |
|---------------------------|------|----------------------------------------|
| 806. Artur Lopes de Sousa | 1915 | C/c Carolina Rosa Alves, de Carvoeiro. |
| 807. Domingos             | 1918 | Solteiro.                              |
| 808. Isaura               | 1921 | Solteira, residente em Fragoso.        |
| 809. Ana dos Prazeres     | 1923 | Faleceu menina.                        |

JOSÉ LOPES MONTEIRO, n.º 478, casou com ANA LOPES FIGUEIRAS, filha de Joaquim José de Faria e de Joana Lopes Figueiras. Tiveram:

|                            |      |                                 |
|----------------------------|------|---------------------------------|
| 810. Maria da Conceição    | 1918 | C/c Domingos, n.º 643.          |
| 811. Joana Lopes Figueiras | 1920 | C/c João Maciel Grilo, n.º 706. |
| 812. Manuel                | 1922 | Solteiro.                       |
| 813. Mariana               | 1925 | Faleceu menina.                 |
| 814. António               | 1929 | Solteiro.                       |
| 815. Marcolino             | 1932 | Solteiro.                       |



JOÃO MARTINS SOBREIRO, n.º 483, casou com ARMINDA MARTINS DE AZEVEDO, filha de Manuel Martins Lourenço e de Francisca Rosa de Azevedo, de Quintiães. Tiveram, no Lugar do Espinheiro:

|                               |      |                                               |
|-------------------------------|------|-----------------------------------------------|
| 816. António Martins Sobreiro | 1905 | C/c Emília Baptista de Araújo.                |
| 817. Aurélio                  | 1906 | C/c Rosalina Pereira Pinto, de Carvoeiro.     |
| 818. João                     | 1908 | C/c Maria Fer. <sup>des</sup> de Oliveira.    |
| 819. Prazeres da Conceição    | 1910 | C/c José Gonçalves, n.º 789.                  |
| 820. Vicente                  | 1913 | C/c Júlia Luísa Fernandes.                    |
| 821. Marcolino                | 1915 | C/c Maria José, n.º 577.                      |
| 822. Aurora de Jesus          | 1917 | C/c Zulmiro de Lima Pires, em Viana.          |
| 823. Avelino                  | 1921 | C/c Rosa Monteiro da Costa, filha do n.º 495. |
| 824. Maria dos Anjos          | 1924 | C/c Sr. Maia, de Balugães.                    |
| 825. Gracinda                 | 1926 | Solteira, residente em Lisboa.                |
| 826. Deolinda de Jesus        | 1928 | C/c António Ferreira Morense, de Balugães.    |

ANTÓNIA MARTINS SOBREIRA, n.º 487, no estado de solteira, teve:

|                         |      |                                                              |
|-------------------------|------|--------------------------------------------------------------|
| 827. Adelino            | 1917 | Casou 1. <sup>a</sup> e 2. <sup>a</sup> vez em Barroselas.   |
| 828. Maria da Conceição | 1923 | C/c António Augusto Miranda Vieira, de Deocriste. S/ filhos. |

DAVID MARTINS SOBREIRO, n.º 489, casou com TERESA LOPES DE MIRANDA, filha de João da Costa Pinheiro e de Maria Lopes de Miranda. Tiveram:

|                  |      |                                     |
|------------------|------|-------------------------------------|
| 829. Maria Flora | 1926 | C/ na Galiza c/ pessoa de Balugães. |
| 830. António     | 1932 | Casou em Espanha.                   |

ROSA LOPES DE AZEVEDO, n.º 494, casou com CUSTÓDIO ALVES, filho de Manuel Alves e de Leonarda Rosa. Tiveram, no Lugar do Rio:

|                             |      |                                |
|-----------------------------|------|--------------------------------|
| 831. Leonarda L. de Azevedo | 1893 | C/c Domingos António dos Reis. |
|-----------------------------|------|--------------------------------|

BENTA LOPES DE AZEVEDO, n.º 496, casou com MANUEL ANTÓNIO DOS REIS, filho de João António dos Reis e de Antónia Alves. Tiveram, no Lugar do Rio:

|                           |      |                                      |
|---------------------------|------|--------------------------------------|
| 832. Domingos A. dos Reis | 1916 | Casou em Aguiar.                     |
| 833. Maria dos Anjos      | 1918 | C/c Luís Monteiro da Costa, n.º 448. |
| 834. Rosa                 | 1923 | C/c Américo, n.º 940.                |

TERESA LOPES DE AZEVEDO, n.º 497, casou com JOAQUIM MARIA DA COSTA, filho de António da Costa e de Joaquina Rosa. Tiveram, no Lugar dos Cincos:

|                                     |      |                                                                                                                                 |
|-------------------------------------|------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 835. José da Rosa Costa             | 1906 | C/c Rosa, n.º 675.                                                                                                              |
| 836. M. <sup>a</sup> Luísa da Costa | 1908 | C/c Manuel Joaquim Piçarra, de Numão, V. N. de Foz Coa.                                                                         |
| 837. Antónia                        | 1910 | Faleceu menina.                                                                                                                 |
| 838. Rosa da Costa                  | 1912 | C/c José Rodrigues, de Aguiar.                                                                                                  |
| 839. Manuel Azevedo da Costa        | 1914 | C/c Joaquina R. da Cunha, de Carvoeiro.                                                                                         |
| 840. António                        | 1917 | Casou na Argentina.                                                                                                             |
| 841. Afonso                         | 1921 | C/ 1. <sup>a</sup> vez c/ M. <sup>a</sup> dos Anjos Lopes Figueiras. S/ filhos.<br>C/ 2. <sup>a</sup> vez c/ Ana, em Carvoeiro. |

ANTÓNIA LOPES DE AZEVEDO, n.º 498, casou com JOSÉ GONÇALVES DE AZEVEDO, n.º 503. Tiveram:

|                                           |      |                                                           |
|-------------------------------------------|------|-----------------------------------------------------------|
| 842. M. <sup>a</sup> Margarida de Azevedo | 1917 | C/c Francisco António Baptista de Abreu, em Balugães.     |
| 843. Manuel de Azev. Gonçalves            | 1919 | C/c Maria Monteiro da Costa, filha do n.º 495. S/ filhos. |
| 844. António                              | 1921 | C/c Ana de Castro Lima, filha do n.º 426.                 |
| 845. Alberto                              | 1923 | Faleceu solteira em 1951.                                 |
| 846. Augusto                              | 1925 | Faleceu menino.                                           |
| 847. Félix                                | 1927 | Faleceu solteiro.                                         |

ROSA DE AZEVEDO, n.º 501, casou com ANTÓNIO DA COSTA, filho de António da Costa e de Joaquina Rosa, de Balugães. Tiveram, no Lugar da Ribeira:

|                              |      |                         |
|------------------------------|------|-------------------------|
| 848. António                 | 1901 | Faleceu em Barcelos.    |
| 849. Torcato                 | 1902 | Faleceu solteiro.       |
| 850. Joaquim Maria           | 1904 | Foi p/ a Argentina.     |
| 851. Margarida da C. Azevedo | 1906 | C/c António Luís Alves. |
| 852. Cândido                 | 1908 | Foi p/ a Argentina.     |
| 853. Júlia de Jesus          | 1911 | Faleceu menina.         |
| 854. José                    | 1915 | Faleceu solteiro (78).  |

---

(78) Conhecido por José Formiga. Pessoa típica da terra, já falecido. Trabalhador e honesto, ouvimos-lhe muitos rifões populares. Citamos dois, que lhe ouvimos em 29 de Outubro de 1971: *Ninho feito, pêga morta e Tanto faz arroba a mais, como quintal a menos.*



ANA DE AZEVEDO, n.º 502, casou com JOSÉ DA SILVA CARIDADE JR., filho de José da Silva Caridade e de Teresa de Almeida, de Vitorino de Piães. Tiveram, no Lugar da Riboeira:

|               |      |                                |
|---------------|------|--------------------------------|
| 855. Maria    | 1901 | Casou em Manhente.             |
| 856. Deolinda | 1903 | C/c José Fernandes, em Aguiar. |
| 857. Rosa     | 1905 | Solteira.                      |
| 858. Domingos | 1907 | Foi para o Brasil.             |
| 859. António  | 1909 | Faleceu solteiro.              |
| 860. João     | 1911 | Foi p/ a Argentina.            |

JOAQUIM GONÇALVES DE AZEVEDO, n.º 504, casou com ROSA VENTURA DE CASTRO PEIXOTO, n.º 614. Tiveram:

|            |      |                 |
|------------|------|-----------------|
| 861. Maria | 1916 | Faleceu menina. |
|------------|------|-----------------|

MARIA MACHADA MACIEL, n.º 508, casou com ANTÓNIO BAPTISTA DE ABREU, em Balugães. Tiveram, em Balugães:

|                             |   |                                              |
|-----------------------------|---|----------------------------------------------|
| 862. João Baptista de Abreu | ? | Casou em Balugães.                           |
| 863. António                | ? | C/c Maria Marques de Novais, viúva, n.º 552. |
| 864. Maria Clara            | ? | C/c Domingos, n.º 442.                       |

MANUEL DA COSTA MACIEL, n.º 509, casou com MARIA NEIVA DE OLIVEIRA, de Aldreu, filha de José António de Oliveira e de Felicianita Rita Neiva, de Fragoso. Tiveram:

|                                 |      |                                                         |
|---------------------------------|------|---------------------------------------------------------|
| 865. Cândida Neiva de O. Maciel | 1899 | C/c Joaquim Dias da Cruz, de Fragoso.                   |
| 866. Manuel                     | 1901 | C/c Maria da Assunção Martinho, de Torres Vedras.       |
| 867. Daniel                     | 1903 | C/c Marta da Silva e Sousa, de Amares.                  |
| 868. José Maria Neiva Maciel    | 1904 | C/c Maria Irene Clímaco de Oliveira, de Torres Vedras.  |
| 869. Paulina N. de O. Maciel    | 1905 | C/c António Gonçalves Maciel, de Cossourado. S/ filhos. |
| 870. António                    | 1907 | C/c Branca Borges Lourenço, de Lamego.                  |
| 871. Joaquim                    | 1909 | C/c Ana B. da Costa, n.º 452.                           |
| 872. Lucinda                    | 1912 | Faleceu solteira.                                       |
| 873. Cândido                    | 1913 | C/c Guilhermina Augusta Miranda da Silva, de Barcelos.  |

874. Justino Oliv. da C. Maciel 1915 C/c Ana de Jesus, n.º 658.  
 875. Maria Amélia Neiva de Oliveira Maciel 1917 Foi para uma Ordem Religiosa.  
 876. Belmira 1918 Solteira.

AURORA RODRIGUES DOS SANTOS, n.º 527, no estado de solteira, teve:

877. Maria das Dores 1935 C/c João Martins, de Durrães.

ISABEL DA COSTA NEIVA, n.º 532, casou com JOSÉ DA COSTA MACHADO, n.º 597. Tiveram:

878. Manuel 1935 C/c Maria Torres Passos, de Durrães.  
 879. Abílio 1938 C/ em Quintiães.  
 880. António Xavier 1942 Faleceu menino.

TERESA MARINHA NOVAIS PINHEIRO, n.º 538, casou com AMÂNDIO PEREIRA PEIXOTO, n.º 607. Tiveram:

881. António Pinheiro Peixoto 1944 C/ em Tregosa.  
 822. Manuel 1945 C/c Maria dos Anjos, n.º 999.  
 883. Urbana de Fátima 1946 Faleceu menina.  
 884. Maria Goretti 1948 C/c Porfírio da Rosa Baptista, filho do n.º 454, em Aguiar.  
 885. Bernardina Luísa 1950 C/c Cândido Porfírio da Rosa Baptista, filho do n.º 454.  
 886. Maria da Glória 1951 C/c Porfírio, viúvo da n.º 884.

ANTÓNIO FERNANDES DO CAMPO, n.º 551, casou com ANA DE JESUS DE CASTRO, n.º 652. Tiveram:

887. Maria da Conceição 1942 C/ em Carvoeiro.  
 888. José 1943 C/c Uma filha do n.º 454.  
 889. Augusto 1945 C/c Rosalina Machado, n.º 973.  
 890. Manuel 1946 Foi para uma Ordem Religiosa.  
 891. Maria de Lourdes 1948 Faleceu menina.  
 892. António 1950 —  
 893. Armando 1951 —  
 893-A. Carlos —  
 893-B. João —  
 893-C. Luís —

MARIA MARQUES DE NOVAIS, n.º 552, casou em 2.<sup>as</sup> núpcias com ANTÓNIO BAPTISTA DE ABREU, n.º 863. Tiveram, no Lugar do Rio:

894. Maria Madalena 1950 Casou em Aguiar.  
 894-A. Francisco ? Casou em Durrães c/ pessoa de Poiares.



MARIA GONÇALVES FIGUEIRAS, n.º 561, no estado de solteira, teve:

895. João Cândido G. Figueiras 1912 C/c Angelina Rodrigues Mota, de Carvoeiro.

ROSA ALVES FERNANDES, n.º 568, casou com ANTÓNIO GONÇALVES PIRES, viúvo de Maria Angelina, n.º 369. Tiveram, no Lugar do Monte ou Carvalhinhos:

|                             |      |                                                   |
|-----------------------------|------|---------------------------------------------------|
| 896. Maria José Fern. Pires | 1924 | C/ no Porto.                                      |
| 897. Olívia                 | 1925 | Faleceu menina.                                   |
| 898. José António           | 1927 | C/c M. <sup>a</sup> de Lourdes Martins Rodrigues. |
| 899. Gracinda Dolores       | 1930 | C/c Paulo Ribeiro Maciel, de Tregosa.             |
| 900. António                | 1932 | —                                                 |

FELICIDADE ALVES FERNANDES, n.º 570, casou com MANUEL DA COSTA RAMOS. Tiveram:

|                    |      |                                         |
|--------------------|------|-----------------------------------------|
| 901. António       | 1934 | C/c Maria Alice Silva, de Fragoso.      |
| 902. Delfim        | 1936 | Casou em Barroselas.                    |
| 903. Maria Emília  | 1939 | Casou em Quintiães?                     |
| 904. António Maria | 1940 | C/c Maria Augusta, n.º 998.             |
| 905. Domingos      | 1943 | Casou em Poiares.                       |
| 906. Maria Lúcia   | 1945 | Casou c/ pessoa de Poiares, em Durrães. |
| 907. José          | 1948 | C/c Clotilde, filha do n.º 806.         |

JOSÉ FERNANDES, n.º 571, casou com ANA EUSÉBIA PEREIRA, filha de Margarida Exposta. Tiveram, no Lugar dos Castelos:

|                                |      |                                        |
|--------------------------------|------|----------------------------------------|
| 908. António Pereira Fernandes | 1918 | C/c Ana Alves de Amorim, de Carvoeiro. |
| 909. Casimira da Conceição     | 1922 | C/c Eduardo Pereira Pires.             |
| 910. Manuel                    | 1925 | C/c Gracinda, n.º 794.                 |
| 911. Maria                     | 1935 | Solteira, c/ uma filha.                |

MARIA DA LUZ FERNANDES, nu.º 572, casou com ABEL MARTINS NEIVA, filho de António Martins Neiva e de Joana Martins, de Fragoso. Tiveram:

|                             |      |                                        |
|-----------------------------|------|----------------------------------------|
| 912. Maria José Fern. Neiva | 1921 | C/c João, n.º 458.                     |
| 913. Ermelinda              | ?    | C/c Manuel Pereira Maciel, de Fragoso. |

GRACINDA FERNANDES DA CUNHA, n.º 574, casou com JOSÉ DA COSTA MACIEL, n.º 633. Tiveram:

|                         |       |                                                              |
|-------------------------|-------|--------------------------------------------------------------|
| 914. António            | 1931  | C/c Maria M. Novais, n.º 544.                                |
| 915. Manuel             | 1932  | C/c Ana Vieira Faria, de Carvoeiro.                          |
| 916. Maria de Lourdes   | 1933  | Casou em Cossourado.                                         |
| 917. David              | 1936  | Casou em Torres Vedras.                                      |
| 918. Daniel             | 1938  | Casou na Argentina.                                          |
| 919. Maria da Piedade   | 1940  | C/c Manuel da Cunha Maciel, de Carvoeiro.                    |
| 920. Domingos           | 1941  | C/c Maria da Conceição da Cunha Maciel, de Carvoeiro.        |
| 921. Augusto            | -1943 | Faleceu solteiro em França, em 1968.                         |
| 922. Torcato            | 1945  | Casou em Torres Vedras.                                      |
| 923. Maria Madalena     | 1947  | Casou em Balugães.                                           |
| 924. Luísa da Conceição | 1949  | —                                                            |
| 925. Horácio            | 1951  | C/c Maria de La Salette, filha dos n.ºs 641 e 709, n.º 1011. |
| 925-A José Maria        | ?     | C/c Idalina, filha dos n.ºs 912 e 458.                       |

MARIA DA CONCEIÇÃO MEIRA PEIXOTO, n.º 580, casou com DOMINGOS GONÇALVES MACHADO, n.º 596. Tiveram, no Lugar do Souto:

|                         |      |                                |
|-------------------------|------|--------------------------------|
| 926. Maria José         | 1934 | Casou no Porto.                |
| 927. António            | 1935 | Casou em Aguiar.               |
| 928. Ermelinda Victória | 1937 | C/c Manuel Miranda, de Durães. |
| 929. Arsénio            | 1939 | Casou em Tregosa.              |
| 930. Maria Amélia       | 1941 | Solteira.                      |
| 931. Luís Gonzaga       | 1946 | Casou em Aguiar.               |
| 932. António Joaquim    | 1950 | Casou em Fragoso.              |

MANUEL ANTÓNIO PEIXOTO DE MIRANDA, n.º 583, casou com JOAQUINA RODRIGUES TEIXEIRA DA MOTA, filha de João Moreira da Mota e de Ana Rodrigues Teixeira, de Carvoeiro. Tiveram, no Lugar do Souto:

|                     |      |                  |
|---------------------|------|------------------|
| 933. João           | 1947 | Casou em França. |
| 934. Luísa Maria    | 1949 | Faleceu menina.  |
| 935. Luís António   | 1950 | —                |
| 936. Domingos Mário | 1951 | —                |
| 936-A. José         |      | —                |
| 936-B. Conceição    |      | —                |
| 936-C. Luísa        |      | —                |
| 936-D. Manuel       |      | —                |



JOSE AFONSO LEITE, n.º 589, casou com TERESA DA COSTA MACIEL, n.º 632. Tiveram:

|                             |      |                            |
|-----------------------------|------|----------------------------|
| 937. Albertina Maciel Leite | 1929 | C/c João Marques, n.º 722. |
| 938. Aurélio                | 1931 | Casou em Tregosa.          |
| 939. Domingos               | 1934 | —                          |

AMÉLIA DO CARMO FIGUEIRAS LEITE, n.º 592, casou com GABRIEL MEIRA LOPES MONTEIRO, filho de José Lopes Monteiro e de Clara Vicente Meira, de Aguiar. Tiveram:

|                             |      |                                |
|-----------------------------|------|--------------------------------|
| 940. Américo Leite Monteiro | 1929 | C/c Rosa A. dos Reis, n.º 834. |
| 941. Jeremias               | 1931 | Casou em Barcelos.             |
| 942. Joaquim                | 1934 | Casou em Carvoeiro.            |
| 943. António                | 1937 | Casou em Braga.                |
| 944. Maria Branca           | 1939 | Casou em Durrães.              |
| 945. Maria Belmira          | 1942 | Casou em Durrães.              |
| 946. Francisca Deolinda     | 1945 | Faleceu menina.                |
| 947. Anselmo Benjamim       | 1949 | —                              |
| 947-A. José Maria           | ?    | Em França.                     |

URBANA FIGUEIRAS LEITE, n.º 593, casou com LOURENÇO LOPES DE FARIA, n.º 671. Tiveram:

|                      |      |                  |
|----------------------|------|------------------|
| 948. Manuel          | 1936 | —                |
| 949. João            | 1938 | —                |
| 950. Dinis           | ?    | Faleceu menino.  |
| 951. Luís            | ?    | Faleceu menino.  |
| 952. Teresa de Jesus | ?    | Faleceu menina.  |
| 953. José            | 1947 | —                |
| 954. Joaquim         | 1950 | —                |
| 954-A. Joaquina      | ?    | C/ em Carvoeiro. |

FLORIANO AFONSO LEITE, n.º 594, casou com ANA TEIXEIRA DA MOTA, filha de João Moreira da Mota e de Ana Rodrigues Teixeira, de Carvoeiro. Tiveram, no Lugar de Carvalhinhos:

|                                       |      |                                                             |
|---------------------------------------|------|-------------------------------------------------------------|
| 955. M. <sup>a</sup> Irene Mota Leite | 1940 | C/c Manuel de Castro Gonçalves, filho do n.º 844, n.º 1102. |
| 956. Joaquina Felisbina               | 1942 | C/c Fernando Melo, de Aguiar.                               |
| 957. Licínio                          | 1943 | Faleceu menino.                                             |
| 958. Maria Alice                      | 1944 | Faleceu menina.                                             |
| 959. Atílio                           | 1946 | Casou nas Neves, Barroselas.                                |
| 960. Ilda                             | 1947 | —                                                           |
| 961. Maria Alice                      | 1949 | C/c António A. Gonçalves, n.º 1042.                         |
| 962. Maria Genoveva                   | 1950 | Casou em Aguiar.                                            |

MARIA DOS PRAZERES GONÇALVES CUNHA, ou DA CUNHA MACHADO, n.º 600, casou com DOMINGOS RODRIGUES MARTINS, filho de António Martins e de Ana Rodrigues Freire, de Navió. Tiveram, no Lugar de Carvalhinhos:

|                         |                                                                       |
|-------------------------|-----------------------------------------------------------------------|
| 963. Ana de Jesus       | 1944 C/c Domingos, n.º 773.                                           |
| 964. Maria da Conceição | 1947 Casou em Angola, com pessoa de Quintiães. Actualmente, na Silva. |
| 965. Maria Armanda      | 1949 Casou em Fragoso.                                                |
| 966. Maria Amélia       | 1951 C/c Augusto, filho do n.º 799.                                   |
| 966-A. Manuel Maria     | ? Casou fora.                                                         |
| 966-B. Maria Goretti    | ? C/ em Durrães.                                                      |
| 966-C. Gracinda         | ? —                                                                   |

MANUEL DA CONCEIÇÃO PEIXOTO, n.º 605, casou com ESTER DA SILVA PEREIRA PINTO, filha de Manuel da Silva Pinto e de Júlia da Silva Pereira, de Carvoeiro. Tiveram em Durrães, antes de irem morar para Lisboa:

|                    |                       |
|--------------------|-----------------------|
| 967. Rogério       | 1930 Foi para Lisboa. |
| 968. Manuel Antero | 1931 Foi para Lisboa. |
| 969. Valdemar      | 1934 Foi para Lisboa. |
| 970. Benjamim      | 1936 Foi para Lisboa. |
| 971. Delfim        | 1938 Foi para Lisboa. |

JOSÉ DA CONCEIÇÃO PEIXOTO, n.º 610, casou com TERESA LOPES FIGUEIRAS, filha de Manuel Francisco e de Maria Joaquina Lopes Figueiras. Tiveram, no Lugar da Cruz:

|              |                                              |
|--------------|----------------------------------------------|
| 972. Augusto | 1940 C/c M. <sup>a</sup> Albertina, n.º 772. |
|--------------|----------------------------------------------|

GLÓRIA DA CONCEIÇÃO PEIXOTO, n.º 612, casou com ALBINO RODRIGUES MACHADO, filho de Agostinho Gonçalves Machado e de Maria Rodrigues. Tiveram:

|                        |                            |
|------------------------|----------------------------|
| 973. Rosalina de Jesus | 1941 C/c Augusto, n.º 889. |
| 974. Maria Alice       | 1943 C/c Armando, n.º 751. |

MARIA VENTURA DE CASTRO PEIXOTO, n.º 616, casou com ARMINDO ALVES DE FARIA, de Rio Tinto, Gondomar. Tiveram:

|                            |                               |
|----------------------------|-------------------------------|
| 975. Manuel Alves de Faria | 1925 C/c Felicidade, n.º 796. |
| 976. Manuel Antero         | 1928 Casou em Carvoeiro.      |
| 977. José                  | 1930 —                        |
| 978. António               | 1932 Faleceu solteiro.        |
| 979. Mário                 | 1934 Casou em Carvoeiro.      |
| 980. Emília                | 1941 Casou no Canadá.         |



JOAQUINA DA COSTA MACIEL, n.º 662, no estado de solteira, teve:

981. Esperança da C. Maciel      1915    C/c José da R. Costa, n.º 640.

MARIA DA COSTA CRUZ, n.º 628, casou com ANTÓNIO LUÍS FERNANDES, viúvo, filho de Manuel Luís Fernandes e de Maria Fernandes Sousa. Tiveram:

|                    |                                                         |
|--------------------|---------------------------------------------------------|
| 982 Manuel         | 1926    C/c Conceição, n.º 602. Foram para a Venezuela. |
| 983. Rosa da Graça | 1928    Enviuvou no Porto, c/ filhos.                   |
| 984. António       | 1930    —                                               |
| 985. Celeste Rosa  | 1932    Casou no Porto.                                 |
| 986. Paulina       | 1933    C/c António Carvalho de Castro, de Quintiães.   |
| 987. Ana de Jesus  | 1936    Faleceu menina.                                 |

ROSA AMÉLIA DA COSTA MACIEL, n.º 629, casou com MANUEL RODRIGUES GONÇALVES PEREIRA, filho de António Rodrigues Gonçalves Pereira e de Rosa Fernandes. Tiveram, no Lugar da Lage:

|                 |                                        |
|-----------------|----------------------------------------|
| 988. Luísa      | 1927    C/c Manuel Sião, em Tregosa.   |
| 989. José Maria | 1929    Solteiro.                      |
| 990. António    | 1932    C/c Glória, n.º 1064.          |
| 991. Francisco  | 1936    C/c Lourdes Pires, em Tregosa. |
| 992. Diamantino | 1940    Foi para uma Ordem Religiosa.  |

MARIA DA COSTA MACIEL, n.º 636, no estado de solteira, teve:

|                      |                                            |
|----------------------|--------------------------------------------|
| 993. Manuel          | 1929    Casou no Porto. Foi para o Brasil. |
| 994. Victória Leonor | 1945    Faleceu jovem.                     |

VICTÓRIA DA COSTA MACIEL, n.º 639, casou com LUÍS DE CASTRO PINHEIRO, n.º 654. Tiveram, no Lugar das Lages:

|                                            |                                              |
|--------------------------------------------|----------------------------------------------|
| 995. Maria Alice Maciel de Castro Pinheiro | 1939    C / c Marino A. Gonçalves, n.º 1039. |
| 996. Maria Paulina                         | 1941    C/ em Fragoso.                       |
| 997. Maria Helena                          | 1943    C/c Luís, n.º 1067.                  |
| 998. Maria Augusta                         | 1945    C/c António Maria, n.º 904.          |
| 999. Maria dos Anjos                       | 1947    C/c Manuel, n.º 882.                 |
| 1000. António Luís                         | 1948    C/ em Durrães.                       |

JOSE DA ROCHA COSTA, n.º 640, casou com ESPERANÇA DA COSTA MACIEL, n.º 981. Tiveram, no Lugar de Souto de Vilar:

|                        |      |                                                            |
|------------------------|------|------------------------------------------------------------|
| 1001. António          | 1940 | Casou em Carapeços.                                        |
| 1002. Francisco        | 1943 | —                                                          |
| 1003. Maria do Sameiro | 1944 | Casou com Fernando, n.º 669.                               |
| 1104. Ana Lucília      | 1945 | Casou fora.                                                |
| 1005. Manuel           | 1948 | C/c Maria da Conceição Castro Gonçalves, filha do n.º 844. |
| 1006. Maria dos Anjos  | 1949 | C/c Domingos Carvalho, de Durães.                          |
| 1007. João Hilário     | 1951 | C/c Natalina, n.º 1018-B.                                  |
| 1007-A. Luciano        | ?    | C/ em Fragoso.                                             |

FRANCISCO DA ROCHA COSTA, n.º 641, casou com MARIA ROSA MACIEL GRILO, n.º 709. Tiveram, no Lugar do Rio:

|                           |      |                                   |
|---------------------------|------|-----------------------------------|
| 1008. Maria do Céu        | 1949 | C/c António Sá Neiva, de Fragoso. |
| 1009. António             | 1950 | Faleceu menino.                   |
| 1010. Domingos Fernando   | 1951 | Casou fora.                       |
| 1011. Maria de la Salette | ?    | C/c Horácio, n.º 925.             |

ANA DE JESUS DE CASTRO PINHEIRO, n.º 658, casou com JUSTINO OLIVEIRA DA COSTA MACIEL, n.º 874. Tiveram, no Lugar do Apeadeiro:

|                                  |      |                        |
|----------------------------------|------|------------------------|
| 1012. José Maria Pinheiro Maciel | 1947 | C/ em Vila do Conde.   |
| 1013. Manuel Justino             | 1948 | C/ em Lisboa.          |
| 1014. Saúl Julião                | 1950 | C/ no Porto.           |
| 1015. Maria do Céu               | 1951 | C/ no Porto.           |
| 1016. Maria da Conceição         | 1953 | C/ em Moledo do Minho. |
| 1017. Maria Justiniana           | 1954 | C/ em Barcelos.        |
| 1017-A. Tarcísio Daniel          | 1958 | —                      |
| 1017-B. Maria Ermelinda          | 1960 | —                      |
| 1017-C. Maria da Assunção        | 1964 | —                      |

JOAQUIM DE CASTRO FARIA, n.º 670, casou com MARIANA DA COSTA MACIEL, n.º 711. Tiveram, no Lugar do Rio:

|                        |      |   |
|------------------------|------|---|
| 1018. Francisco Xavier | 1950 | — |
| 1018-A. Maria Adélia   | 1951 | — |
| 1018-B. Natalina       |      |   |

...

JOSE DE CASTRO PINHEIRO, n.º 655, casou com MARIA ACÁCIA LEITE DE CASTRO, de Cinfães. Tiveram, na Cidade da Beira, em Moçambique:

|                     |      |   |
|---------------------|------|---|
| 1019. Paulo José    | 1954 | — |
| 1019-A. Pedro Amaro | 1955 | — |



JULIÃO DE CASTRO PINHEIRO, n.º 657, casou com Maria José, de Lisboa. Tiveram:

|                        |      |                   |   |
|------------------------|------|-------------------|---|
| 1019-B. Américo        | 1951 | C/ em Moçambique. |   |
| 1019-C. Carlos Augusto | 1953 |                   | — |

JOÃO DA COSTA PINHEIRO, n.º 662, casou com SÍLVIA PERES. Tiveram em Mocuba, Moçambique:

|                     |      |  |   |
|---------------------|------|--|---|
| 1019-D. Anabela     | 1960 |  | — |
| 1019-E. Paula       | ?    |  | — |
| 1019-F. João Miguel | ?    |  | — |
| 1019-G. Luís Pedro  | ?    |  | — |

AUGUSTO DE CASTRO PINHEIRO, nu.º 663, casou com ANA LUISA BAPTISTA DA COSTA MACIEL, n.º 713. Tiveram em Durrães (1.º filho) e em Mocuba, Moçambique:

|                        |   |               |   |
|------------------------|---|---------------|---|
| 1019-H. Carlos Augusto | ? | C/ em Águeda. |   |
| 1019-I. José Maria     | ? |               | — |
| 1019-J. Fernando       | ? |               | — |
| 1019-K. Maria do Céu   | ? |               | — |
| 1019-L. Luís           | ? |               | — |
| 1019-M. Ana Maria      | ? |               | — |

JOAQUIM JOSÉ DE FARIA, n.º 674, casou com MARIA ELISA PEIXOTO DE SÁ NEIVA, de Carvoeiro, filha de Melquisedeque Sá Neiva, de Fragoso, e de Maria Ferreira Peixoto, de Carvoeiro, descendente do n.º 233, que foi para Aguiar. Tiveram:

|                    |      |  |   |
|--------------------|------|--|---|
| 1020. Maria Helena | 1951 |  | — |
|--------------------|------|--|---|

...

JOÃO MACIEL GRILO, n.º 706, casou com JOANA LOPES FIGUEIRAS, n.º 811. Tiveram:

|                     |      |                  |  |
|---------------------|------|------------------|--|
| 1021. Maria Elisa   | 1945 | C/ na Venezuela. |  |
| 1022. Domingos      | 1947 | C/ em Carvoeiro. |  |
| 1023. Maria Eugénia | 1950 | C/ em França.    |  |

...

MARIA DOS ANJOS MACIEL GRILO, n.º 708, no estado de solteira, teve:

|                      |      |               |   |
|----------------------|------|---------------|---|
| 1024. Maria da Graça | 1950 | C/ em Aguiar. |   |
| 1024-A. Júlia        | ?    |               | — |

MARIA GRACINDA FARIA MARQUES MACIEL, n.º 723, casou com ANTÓNIO AZEVEDO REIS, n.º 1089. Tiveram:

|               |   |                            |  |
|---------------|---|----------------------------|--|
| 1025. Justino | ? | C/c Maria Ester, n.º 1140. |  |
|---------------|---|----------------------------|--|

...

JOÃO GONÇALVES DA SILVA, n.º 785, casou com BERNARDINA ARAÚJO BAPTISTA, filha de José Baptista e de Josefa Alves de Araújo. Tiveram:

|                          |      |                                 |
|--------------------------|------|---------------------------------|
| 1026. António Joaquim    | 1926 | C/ em Vila de Punhe. Falecido.  |
| 1027. Maria dos Anjos    | 1931 | Solteira.                       |
| 1028. José               | 1933 | Casado. Actualmente em Durrães. |
| 1029. Cândida            | 1935 | —                               |
| 1030. Esperança de Jesus | 1937 | —                               |
| 1031. Maria de Lourdes   | 1939 | —                               |
| 1032. Manuel             | 1943 | —                               |
| 1033. Maria Bernardette  | 1946 | —                               |
| 1034. Joaquim            | 1948 | C/ em Durrães.                  |

MARIA ALVES DA SILVA, n.º 786, casou com ANTÓNIO PEREIRA LEITE, filho de Manuel Martins Pereira Leite e de Rosa Gomes Maciel, de Tregosa. Tiveram, no Lugar da Fonte de Egra:

|                        |      |                |
|------------------------|------|----------------|
| 1035. Bernardina Elisa | 1945 | C/ em Durrães. |
|------------------------|------|----------------|

MARCELINA ALVES DA SILVA, n.º 787, solteira, teve:

|              |      |                 |
|--------------|------|-----------------|
| 1036. Aurora | 1932 | Faleceu menina. |
| 1037. Manuel | 1944 | C/ em Lisboa.   |
| 1037-A. José | ?    | —               |

JOSÉ GONÇALVES, n.º 789, casou com CONCEIÇÃO DOS PRAZERES MARTINS DE AZEVEDO, n.º 819. Tiveram, no Lugar dos Castelos:

|                          |      |                                  |
|--------------------------|------|----------------------------------|
| 1038. Simplício          | 1937 | Solteiro.                        |
| 1039. Marino             | 1939 | C/c Maria Alice, n.º 995.        |
| 1040. Maria da Conceição | 1940 | C/ na Venezuela.                 |
| 1041. Manuel             | 1943 | Faleceu solteiro.                |
| 1042. António            | 1945 | C/c Maria Alice, n.º 961.        |
| 1043. Deolinda de Jesus  | 1947 | C/c António Diamantino, n.º 695. |
| 1044. Josefa da Graça    | 1949 | C/ em Tregosa.                   |
| 1045. Domingos           | 1951 | C/ em Durrães.                   |

GRACINDA DA SILVA RAMALHO, n.º 794, casou com MANUEL PEREIRA FERNANDES, n.º 910. Tiveram em Durrães, antes de irem morar para Vila de Punhe:

|                          |      |                         |
|--------------------------|------|-------------------------|
| 1046. António            | 1947 | Foi para Vila de Punhe. |
| 1047. Maria da Conceição | 1949 | Foi para Vila de Punhe. |



FELICIDADE DA SILVA FERNANDES, n.º 796, casou com MANUEL ALVES DE FARIA, n.º 975. Tiveram:

|                        |      |                 |
|------------------------|------|-----------------|
| 1048. Maria de Jesus   | 1945 | Faleceu menina. |
| 1049. Maria Alcinda    | 1947 | C/ em Tregosa.  |
| 1050. Maria de Lourdes | 1948 | Faleceu menina. |
| 1051. Armindo          | 1950 | C/ em Balugães. |
| 1052. Maria Manuela    | 1951 | C/ em Tregosa.  |
| 1052-A. Aurélio        | ?    | —               |
| 1052-B. Rosa Maria     | ?    | —               |
| 1052-C. Antero         | ?    | —               |
| 1052-D. Emília         | ?    | —               |
| 1052-E. Mário          | ?    | —               |

ENGRÁCIA DA SILVA FERNANDES, n.º 799, casou com JOSÉ CARVALHO DE CASTRO, de Quintiães. Tiveram:

|                      |      |                       |
|----------------------|------|-----------------------|
| 1053. Maria Carolina | 1951 | C/c filho do n.º 806. |
| 1053-A. Augusto      | ?    | C/c Amélia, n.º 966.  |
| 1053-B. Rosa         | ?    | Casou fora.           |
| 1053-C. Irene        | ?    | —                     |

MARIA DA CONCEIÇÃO LOPES FIGUEIRAS, n.º 810, no estado de solteira, teve:

|               |      |                                |
|---------------|------|--------------------------------|
| 1054. Horácio | 1946 | C/c Cidália de Jesus, n.º 800. |
|---------------|------|--------------------------------|

MARIA DA CONCEIÇÃO LOPES FIGUEIRAS, n.º 810, casou com DOMINGOS DA ROCHA COSTA, n.º 643. Tiveram:

|                      |   |                |
|----------------------|---|----------------|
| 1054-A. João Cândido | ? | C/ em Durrães. |
| 1054-B. Paulina      | ? | —              |
| 1054-C. Maria Alice  | ? | —              |

ANTÓNIO MARTINS SOBREIRO, casou com EMÍLIA BAPTISTA DE ARAÚJO. Tiveram, no Lugar dos Castelos:

|                          |      |                                |
|--------------------------|------|--------------------------------|
| 1055. Aurélio            | 1927 | Faleceu solteiro.              |
| 1056. Arminda de Jesus   | 1929 | Faleceu solteira.              |
| 1057. Maria              | 1932 | C/ em Balugães.                |
| 1058. Maria de Lourdes   | 1933 | Faleceu menina.                |
| 1059. Maria da Conceição | 1935 | —                              |
| 1060. Maria Beatriz      | 1938 | C/ em Quintiães.               |
| 1061. Maria de Lourdes   | 1940 | C/ em Barroselas.              |
| 1062. Maria Isabel       | 1943 | C/c um enteado do n.º 554.     |
| 1063. Francisco          | 1945 | C/c Rosa Sá Neiva, de Fragoso. |

AURÉLIO MARTINS SOBREIRO, n.º 817, casou com ROSALINA PEREIRA PINTO, de Carvoeiro. Tiveram:

|                         |                                                       |
|-------------------------|-------------------------------------------------------|
| 1064. Glória            | 1932 C/c António, n.º 990.                            |
| 1065. Maria de Fátima   | 1934 C/c Delfim, n.º 746. Fal. em 1967, na Venezuela. |
| 1066. Maurício          | 1936 C/ em Balugães.                                  |
| 1067. Luís              | 1938 C/c Helena n.º 997.                              |
| 1068. Maria Fernanda    | 1939 C/ em Balugães.                                  |
| 1069. Armando Alberto   | 1941 C/ em Vitorino das Donas.                        |
| 1070. Gema              | 1943 Faleceu menina.                                  |
| 1071. Germano           | 1944 C/ em Durrães.                                   |
| 1072. Ana               | 1946 C/c Domingos, n.º 747.                           |
| 1073. Idalina Agostinha | 1948 Faleceu menina.                                  |
| 1074. Idalina de Jesus  | 1950 C/c pessoa de Grimancelos.                       |
| 1074-A. Agostinho       | ? Casou fora.                                         |
| 1074-B. Júlia           | ? Casou fora.                                         |
| 1074-C. Luísa           | ? Casou fora.                                         |

JOÃO MARTINS SOBREIRO, n.º 818, casou com MARIA FERNANDES DE OLIVEIRA, de Balugães. Tiveram, no Lugar dos Castelos:

|                               |                                      |
|-------------------------------|--------------------------------------|
| 1075. Marcolino               | 1938 C/ em Barroselas.               |
| 1076. Romualdo                | 1940 C/ em França.                   |
| 1077. Manuel António          | 1942 —                               |
| 1078. Clementina da Conceição | 1945 C/c pessoa de Paredes de Coura. |

VICENTE MARTINS SOBREIRO, n.º 820, casou com JÚLIA LUÍSA FERNANDES, filha de Manuel Luís Fernandes e de Maria Fernandes de Sousa. Tiveram, no Lugar dos Castelos:

|                       |                                             |
|-----------------------|---------------------------------------------|
| 1079. Maria da Glória | 1935 C/c pessoa de Aguiar. Foram p/ França. |
| 1080. Maria Leonor    | 1937 C/ no Porto.                           |

AURORA DE JESUS MARTINS DE AZEVEDO, n.º 822, casou com ZULMIRO DE LIMA PIRES, filho de Joaquim de Lima Pires e de Tomásia de Lima, de Viana. Tiveram em Durrães, antes de irem morar para Viana:

|                |                   |
|----------------|-------------------|
| 1081. Rosalina | 1946 C/ em Viana. |
|----------------|-------------------|

AVELINO MARTINS SOBREIRO, n.º 823, casou com ROSA MONTEIRO DA COSTA, filho de Joaquim Bento da Costa, de Carvoeiro, e de Ana Lopes Monteiro, n.º 495. Tiveram:

|                      |                          |
|----------------------|--------------------------|
| 1082. Francisco      | 1948 —                   |
| 1083. Maria Madalena | 1949 C/c José, n.º 1142. |

DEOLINDA DE JESUS AZEVEDO SOBREIRO, n.º 826, casou com ANTÓNIO PEREIRA MORENSE, de Balugães. Tiveram:

|                     |        |
|---------------------|--------|
| 1084. Aida de Jesus | 1949 — |
|---------------------|--------|



LEONARDA LOPES DE AZEVEDO, n.º 831, casou com DOMINGOS ANTÓNIO DOS REIS, filho de João António dos Reis e de Antónia Alves. Tiveram, no Lugar do Rio:

|                        |      |                                                     |
|------------------------|------|-----------------------------------------------------|
| 1085. M.ª da Conceição | 1920 | C/c Manuel L. de Faria, n.º 672.                    |
| 1086. Rosa Margarida   | 1923 | C/c José Francisco Rodrigues Miranda, de Carvoeiro. |
| 1087. João             | 1924 | C/c Maria C. Castro, n.º 682.                       |
| 1088. Ana da Graça     | 1927 | C/c Manuel da Costa Meira, de Barrocelas.           |
| 1089. António          | 1928 | C/c Maria Gracinda, n.º 723.                        |
| 1090. Manuel           | 1932 | C/ em Aguiar.                                       |

ROSA DA COSTA, n.º 838, casou com JOSÉ RODRIGUES, filho de Domingos Rodrigues e de Maria Rosa Vicente. Tiveram em Durrães, antes de se ausentarem para a Argentina:

|                       |      |                       |
|-----------------------|------|-----------------------|
| 1091. Teresa de Jesus | 1938 | Foi para a Argentina. |
|-----------------------|------|-----------------------|

MANUEL AZEVEDO DA COSTA, n.º 839, casou com JOAQUINA RODRIGUES DA CUNHA, filha de José Rodrigues Cunha e de Maria da Cunha Freire, de Carvoeiro. Tiveram, no Lugar dos Cincos:

|                    |      |                                    |
|--------------------|------|------------------------------------|
| 1092. Preciosa     | ?    | C/ em Durrães.                     |
| 1093. Rosa         | 1943 | C/ em S. Pedro, Barcelos.          |
| 1094. Maria Sara   | 1945 | C/ em Balugães. Foram para França. |
| 1095. Manuel       | 1947 | C/ em Barrocelas.                  |
| 1096. Domingos     | 1950 | C/ nas Neves, Barrocelas.          |
| 1097. Ambrosina    | 1951 | Faleceu menina.                    |
| 1098. Maria Amélia | 1951 | Casou fora.                        |
| 1098-A. António    | ?    | Casou fora, nas Neves.             |

MARIA MARGARIDA AZEVEDO, n.º 842, casou com FRANCISCO ANTÓNIO BAPTISTA DE ABREU, de Balugães. Tiveram, no Lugar da Ribeira:

|                     |      |                 |
|---------------------|------|-----------------|
| 1099. Maria Manuela | 1948 | —               |
| 1100. Joaquim       | 1949 | Faleceu menino. |
| 1101. Maria Irene   | 1950 | Faleceu menina. |

ANTÓNIO AZEVEDO GONÇALVES, n.º 844, casou com ANA LIMA DE CASTRO, filha de Manuel de Barros Lima, das Boticas, Barrocelas, e de Maria dos Anjos Peixoto, n.º 426. Tiveram:

|                    |      |                     |
|--------------------|------|---------------------|
| 1102. Manuel       | 1945 | C/c Irene, n.º 955. |
| 1103. Torcato      | 1948 | —                   |
| 1104. Maria Sílvia | 1950 | —                   |

...

MARGARIDA DA COSTA AZEVEDO, n.º 851, casou com ANTÓNIO LUÍS ALVES, filho de Manuel Luís Alves e de Rosa Gonçalves, de Mujães. Tiveram, no Lugar da Riboeira:

|                       |      |                      |
|-----------------------|------|----------------------|
| 1105. Maria Luísa     | 1934 | C/ na Areosa, Viana. |
| 1106. Artur           | 1936 | C/ na Areosa.        |
| 1107. Francisco       | 1938 | —                    |
| 1108. Rosa            | 1940 | C/ na Areosa.        |
| 1109. Domingos        | 1942 | Faleceu menino.      |
| 1110. Maria Filomena  | 1944 | Faleceu menina.      |
| 1111. Maria Filomena  | 1946 | —                    |
| 1112. António         | 1948 | —                    |
| 1113. Maria de Fátima | 1950 | —                    |

CÂNDIDA NEIVA DE OLIVEIRA MACIEL, n.º 865, casou com JOAQUIM DIAS DA CRUZ, de Fragoso. Tiveram, em Aldreu:

|                       |      |                                                   |
|-----------------------|------|---------------------------------------------------|
| 1114. José Cândido    | 1921 | C/c Maria Ferreira da Silva, de Moure.            |
| 1115. Maria Esperança | 1923 | C/c Cândido Baptista de Carvalho, de Fragoso.     |
| 1116. Rosa Cândida    | 1924 | Faleceu solteira.                                 |
| 1117. Daniel          | 1926 | C/c Ludovina do Carmo Pereira, de Torres Vedras.  |
| 1118. Mário           | 1928 | C/c Maria Alexandra Lança, de Ervidel, Aljustrel. |

DANIEL NEIVA DE OLIVEIRA MACIEL, n.º 867, casou com MARTA DA SILVA E SOUSA. Tiveram, em Vila Praia de Âncora:

|                      |      |               |
|----------------------|------|---------------|
| 1119. Maria Filomena | 1943 | C/ em França. |
| 1120. Daniel António | 1946 | C/ em Lisboa. |

JOSE MARIA NEIVA MACIEL, n.º 868, casou com MARIA IRENE CLÍMACO DE OLIVEIRA. Tiveram em Torres Vedras:

|                    |      |                 |
|--------------------|------|-----------------|
| 1121. Maria Teresa | 1934 | C/ em Barcelos. |
|--------------------|------|-----------------|

ANTÓNIO NEIVA MACIEL, n.º 870, casou com BRANCA BORGES LOURENÇO. Tiveram, em Lisboa:

|                    |      |                |
|--------------------|------|----------------|
| 1122. Maria Emília | 1937 | C/ no Estoril. |
| 1123. António      | 1952 | —              |

CÂNDIDO NEIVA DE OLIVEIRA MACIEL, n.º 873, casou com GUILHERMINA AUGUSTA MIRANDA DA SILVA. Tiveram, em Barcelos:

|                    |      |              |
|--------------------|------|--------------|
| 1124. Cândido      | 1941 | C/ no Porto. |
| 1125. Maria do Céu | 1943 | C/ em Braga. |



JOÃO CÂNDIDO GONÇALVES FIGUEIRAS, n.º 895, casou com ANGELINA RODRIGUES MOTA, de Carvoeiro. Tiveram:

|                         |      |                             |
|-------------------------|------|-----------------------------|
| 1126. Maria de Fátima   | 1941 | C/ em Carvoeiro. P/ França. |
| 1127. Rosa Almerinda    | 1943 | C/ em França.               |
| 1128. Francisco Amaro   | 1945 | Faleceu menino.             |
| 1129. Francisco         | 1947 | C/c Rosa Dulce, n.º 784.    |
| 1130. Rosália Manuela   | 1949 | C/ em Carvoeiro. P/ França. |
| 1131. Maria Albertina   | 1950 | —                           |
| 1131-A. Ana             | ?    | C/ em França.               |
| 1131-B. Teresa de Jesus | ?    | —                           |
| 1131-C. Glória          | ?    | C/c Francisco, n.º 1018.    |

JOSÉ ANTÓNIO FERNANDES PIRES, n.º 698, casou com MARIA AMBROSINA MARTINS RODRIGUES, de Fragoso. Tiveram:

|                    |      |                  |
|--------------------|------|------------------|
| 1132. Maria Arlete | 1951 | Viúva c/ filhos. |
|--------------------|------|------------------|

...

ANTÓNIO PEREIRA FERNANDES, n.º 908, casou com ANA ALVES DE AMORIM, de Carvoeiro. Tiveram:

|              |   |   |
|--------------|---|---|
| 1133. Manuel | ? | — |
|--------------|---|---|

...

CASIMIRA DA CONCEIÇÃO PEREIRA FERNANDES, n.º 909, casou com EDUARDO PEREIRA PIRES. Tiveram:

|                          |      |   |
|--------------------------|------|---|
| 1134. Ana de Jesus       | 1943 | — |
| 1135. António Felisberto | 1945 | — |
| 1136. Manuel             | 1947 | — |
| 1137. Afonso             | 1949 | — |
| 1138. Eduardo            | 1951 | — |

MARIA JOSÉ FERNANDES NEIVA, n.º 912, solteira, teve:

|                        |      |                |
|------------------------|------|----------------|
| 1139. Domingos Arménio | 1940 | C/ em Durrães. |
|------------------------|------|----------------|

MARIA JOSÉ FERNANDES NEIVA, n.º 912, casou com JOSÉ FERNANDES DIAS, n.º 458. Tiveram, no Lugar do Fojo:

|                   |      |                        |
|-------------------|------|------------------------|
| 1140. Maria Ester | 1949 | C/c Justino, n.º 1025. |
| 1141. José        | 1951 | —                      |

...

ERMELINDA FERNANDES NEIVA, n.º 913, casou com MANUEL PEREIRA MACIEL, filho de José Pereira Dantas e de Antónia da Rocha Maciel, de Tregosa. Tiveram:

|                    |      |                         |
|--------------------|------|-------------------------|
| 1142. José         | 1947 | C/c Madalena, n.º 1083. |
| 1143. Maria do Céu | 1949 | —                       |
| 1144. Domingos     | 1951 | —                       |

...

## APÊNDICE II

### ROL DA ÁGUA DE ARÊFE <sup>(79)</sup>

#### *Nota introdutória:*

Para efeito de rega, o domingo começa ao pôr do sol de sábado, o mesmo sucedendo nos outros dias de semana.

A água começa a girar, ou entra em giro, na véspera do dia 20 de Abril, ao pôr do sol e termina no dia 6 de Setembro, igualmente ao pôr do sol. A água de Arêfe tem a preferência na passagem pelos regos. Se qualquer outra água se lhe juntar, seguirá juntamente com ela.

#### DOMINGOS

| Semanas                             | Noite  | Manhã          | Tarde      |
|-------------------------------------|--------|----------------|------------|
| 1. <sup>a</sup> e 11. <sup>a</sup>  | Passal | Quinta         | Quinta     |
| 2. <sup>a</sup> e 12. <sup>a</sup>  | Quinta | Joaquim Castro | Quinta     |
| 3. <sup>a</sup> e 13. <sup>a</sup>  | Quinta | Quinta         | Felicidade |
| 4. <sup>a</sup> e 14. <sup>a</sup>  | Passal | Quinta         | Quinta     |
| 5. <sup>a</sup> e 15. <sup>a</sup>  | Quinta | Joaquim Castro | Quinta     |
| 6. <sup>a</sup> e 16. <sup>a</sup>  | Quinta | Quinta         | Felicidade |
| 7. <sup>a</sup> e 17. <sup>a</sup>  | Passal | Quinta         | Quinta     |
| 8. <sup>a</sup> e 18. <sup>a</sup>  | Quinta | Joaquim Castro | Quinta     |
| 9. <sup>a</sup> e 19. <sup>a</sup>  | Quinta | Quinta         | Felicidade |
| 10. <sup>a</sup> e 20. <sup>a</sup> | Passal | Quinta         | Quinta     |

NB. — As terras de Felicidade e Joaquim Castro foram outrora do Passal. Como referimos já, a Quinta era conhecida por Quinta da Igreja, indício de que esteve outrora ligada ao benefício da Igreja Paroquial.

<sup>(79)</sup> De acordo com o original fixado em 1936, a partir da memória histórico-económica da população, pelo Prof. José Maria Neiva Maciel e Joaquim Neiva Maciel.

É necessário ter em conta que actualmente já há mais algumas divisões no aproveitamento das águas de Arêfe, em virtude das heranças ou compras que desde então se efectuaram.



# SEGUNDAS-FEIRAS (Anos Pares)

| Semanas                             | Noite                                               | Dia Solar                                                  |
|-------------------------------------|-----------------------------------------------------|------------------------------------------------------------|
| 1. <sup>a</sup> e 11. <sup>a</sup>  | Angelina — 1/4<br>Castro — 3/4                      | Francisco Costa<br>Francisco Costa                         |
| 2. <sup>a</sup> e 12. <sup>a</sup>  | António do Campo                                    | Castro — 1/3 — Passos — 1/3<br>Passos — 1/3                |
| 3. <sup>a</sup> e 13. <sup>a</sup>  | Morgado<br>Silva — 1/8 — David 1/8<br>Jacinta — 1/4 | Francisco Costa<br>Francisco Costa                         |
| 4. <sup>a</sup> e 14. <sup>a</sup>  | António do Campo                                    | Castro — 1/3<br>Passos — 1/3 — Passos 1/3                  |
| 5. <sup>a</sup> e 15. <sup>a</sup>  | Passos<br>Castro                                    | Francisco Costa<br>Francisco Costa                         |
| 6. <sup>a</sup> e 16. <sup>a</sup>  | António do Campo                                    | Silva — 1/8 — David — 1/8<br>Jacinta — 2/8 — Morgado — 4/8 |
| 7. <sup>a</sup> e 17. <sup>a</sup>  | Passos e Angelina<br>Castro                         | Francisco Costa<br>Francisco Costa                         |
| 8. <sup>a</sup> e 18. <sup>a</sup>  | António do Campo                                    | Maciel — 1/3 — Castro — 1/3<br>Passos — 1/3                |
| 9. <sup>a</sup> e 19. <sup>a</sup>  | Morgado<br>Silva — 1/8 — David 1/8<br>Jacinta — 1/4 | Francisco Costa<br>Francisco Costa                         |
| 10. <sup>a</sup> e 20. <sup>a</sup> | António do Campo                                    | Maciel — 1/3 — Castro — 1/3<br>Passos — 1/3                |

NB. — Estarão bem os terços e os oitavos? Dizia Joaquim José de Faria que andava alguém a regar água de 2.<sup>a</sup> feira e que lhe não pertencia. Dizia o mesmo que ninguém podia tirar a água desta carreira.

# SEGUNDAS-FEIRAS (Anos Ímpares)

| Semanas                             | Noite                                                  | Dia Solar                                                   |
|-------------------------------------|--------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------|
| 1. <sup>a</sup> e 11. <sup>a</sup>  | Francisco Costa                                        | Angelina — 1/3 — Castro — 1/3<br>Maciel — 1/3               |
| 2. <sup>a</sup> e 12. <sup>a</sup>  | Passos e Castro                                        | António do Campo<br>António do Campo                        |
| 3. <sup>a</sup> e 13. <sup>a</sup>  | Francisco Costa                                        | Silva — 1/8<br>David — 1/8 — Morgado — 4/8<br>Jacinta — 1/4 |
| 4. <sup>a</sup> e 14. <sup>a</sup>  | Passos e Castro                                        | António do Campo<br>António do Campo                        |
| 5. <sup>a</sup> e 15. <sup>a</sup>  | Francisco Costa                                        | Castro — 1/3 — Passos — 1/3<br>Maciel — 1/3                 |
| 6. <sup>a</sup> e 16. <sup>a</sup>  | Morgado<br>Silva — 1/8<br>David — 1/8<br>Jacinta — 2/8 | António do Campo<br>António do Campo                        |
| 7. <sup>a</sup> e 17. <sup>a</sup>  | Francisco Costa                                        | Castro — 1/3 — Passos — 1/3<br>Angelina — 1/3               |
| 8. <sup>a</sup> e 18. <sup>a</sup>  | Passos e Castro                                        | António do Campo<br>António do Campo                        |
| 9. <sup>a</sup> e 19. <sup>a</sup>  | Francisco Costa                                        | Silva — 1/8<br>David — 1/8 — Morgado — 4/8<br>Jacinta — 2/8 |
| 10. <sup>a</sup> e 20. <sup>a</sup> | Passos e Castro                                        | António do Campo<br>António do Campo                        |

NB. — Os possuidores de terços combinam qual o terço que lhes convém: ou o primeiro, ou o segundo, ou o terceiro.



# TERÇAS-FEIRAS (Anos Pares)

| Semanas                             | Noite          | Manhã                        | Tarde          |                                     |
|-------------------------------------|----------------|------------------------------|----------------|-------------------------------------|
| 1. <sup>a</sup> e 11. <sup>a</sup>  | Silva Peixota  | Azevedos                     | Silvério       | Santos Caseira                      |
| 2. <sup>a</sup> e 12. <sup>a</sup>  | Augusto Castro | Púcaro Vilar Quintas Caseiro | António Castro | Marinhas António Passos             |
| 3. <sup>a</sup> e 13. <sup>a</sup>  | Azevedos       | Silva Peixota                | Pe. Quintas    | Santos Púcaro Vilar Quintas Caseiro |
| 4. <sup>a</sup> e 14. <sup>a</sup>  | Augusto Castro | Púcaro Vilar Quintas Caseiro | António Castro | Marinhas Fassos                     |
| 5. <sup>a</sup> e 15. <sup>a</sup>  | Silva Peixota  | Azevedos                     | Silvério       | Santos Caseira                      |
| 6. <sup>a</sup> e 16. <sup>a</sup>  | Augusto Castro | Púcaro Vilar Quintas Caseiro | António Castro | Marinhas                            |
| 7. <sup>a</sup> e 17. <sup>a</sup>  | Azevedos       | Silva Peixota                | Pe. Quintas    | Santos Púcaro Vilar Quintas Caseiro |
| 8. <sup>a</sup> e 18. <sup>a</sup>  | Augusto Castro | Púcaro Vilar Quintas Caseiro | António Castro | Marinhas                            |
| 9. <sup>a</sup> e 19. <sup>a</sup>  | Silva Peixota  | Azevedos                     | Silvério       | Santos Caseira                      |
| 10. <sup>a</sup> e 20. <sup>a</sup> | Augusto Castro | Púcaro Vilar Quintas Caseiro | António Castro | Marinhas                            |

# TERÇAS-FEIRAS (Anos Ímpares)

| Semanas                             | Noite            |                                       | Manhã          | Tarde                      |                                       |
|-------------------------------------|------------------|---------------------------------------|----------------|----------------------------|---------------------------------------|
| 1. <sup>a</sup> e 11. <sup>a</sup>  | Augusto Castro   | Púcaro<br>Vilar<br>Quintas<br>Caseiro | Pe. Quintas    | Santos                     | Púcaro<br>Vilar<br>Quintas<br>Caseiro |
| 2. <sup>a</sup> e 12. <sup>a</sup>  | Azevedos         | Silva<br>Peixota                      | António Castro | Marinhas<br>António Passos |                                       |
| 3. <sup>a</sup> e 13. <sup>a</sup>  | Augusto Castro   | Púcaro<br>Vilar<br>Quintas<br>Caseiro | Silvério       | Santos<br>Caseira          |                                       |
| 4. <sup>a</sup> e 14. <sup>a</sup>  | Silva<br>Peixota | Azevedos                              | António Castro | Marinhas<br>António Passos |                                       |
| 5. <sup>a</sup> e 15. <sup>a</sup>  | Augusto Castro   | Púcaro<br>Vilar<br>Quintas<br>Caseiro | Pe. Quintas    | Santos                     | Púcaro<br>Vilar<br>Quintas<br>Caseiro |
| 6. <sup>a</sup> e 16. <sup>a</sup>  | Azevedos         | Silva<br>Peixota                      | António Castro | Marinhas                   |                                       |
| 7. <sup>a</sup> e 17. <sup>a</sup>  | Augusto Castro   | Púcaro<br>Vilar<br>Quintas<br>Caseiro | Silvério       | Santos<br>Caseira          |                                       |
| 8. <sup>a</sup> e 18. <sup>a</sup>  | Silva<br>Peixota | Azevedos                              | António Castro | Marinhas                   |                                       |
| 9. <sup>a</sup> e 19. <sup>a</sup>  | Augusto Castro   | Púcaro<br>Vilar<br>Quintas<br>Caseiro | Pe. Quintas    | Santos                     | Púcaro<br>Vilar<br>Quintas<br>Caseiro |
| 10. <sup>a</sup> e 20. <sup>a</sup> | Azevedos         | Silva<br>Peixota                      | António Castro | Marinhas                   |                                       |



## QUARTAS-FEIRAS

| Semanas                             | Noite          | Manhã            | Tarde                              |
|-------------------------------------|----------------|------------------|------------------------------------|
| 1. <sup>a</sup> e 11. <sup>a</sup>  | Quinta         | Augusto Castro   | António Campo<br>Manuel Marques    |
| 2. <sup>a</sup> e 12. <sup>a</sup>  | Maciel         | António Campo    | Marinhas-Menina<br>Bicho-Sobreira  |
| 3. <sup>a</sup> e 13. <sup>a</sup>  | Manuel Jacinta | Augusto Castro   | António Campo<br>Manuel Marques    |
| 4. <sup>a</sup> e 14. <sup>a</sup>  | Maciel         | António Campo    | Bicho-Sobreiro<br>Marinhas-Menina  |
| 5. <sup>a</sup> e 15. <sup>a</sup>  | Maciel         | Augusto Castro   | António Campo<br>Manuel Marques    |
| 6. <sup>a</sup> e 16. <sup>a</sup>  | Manuel Marques | António do Campo | Marinhas-Menina<br>Bicho-Sobreira  |
| 7. <sup>a</sup> e 17. <sup>a</sup>  | Morgado *      | Augusto Castro   | António do Campo<br>Manuel Marques |
| 8. <sup>a</sup> e 18. <sup>a</sup>  | Manuel Marques | António Campo    | Bicho-Sobreira<br>Marinhas-Menina  |
| 9. <sup>a</sup> e 19. <sup>a</sup>  | Quinta         | Augusto Castro   | António do Campo<br>Manuel Marques |
| 10. <sup>a</sup> e 20. <sup>a</sup> | Manuel Marques | António do Campo | Marinhas-Menina<br>Bicho-Sobreira  |

\* Nos anos ímpares, o Morgado rega nos 1.º, 9.º, 11.º e 19.º giros e a Quinta nos 7.º e 17.º giros.

A água das quartas-feiras não é «de cabeça», isto é, vem somente das duas poças de baixo, em Arêfe. Chamam-lhe também «água morta», ou «de Chaves».

# QUINTAS-FEIRAS

| Semanas                             | Noite          | Manhã                      |                 | Tarde                   |
|-------------------------------------|----------------|----------------------------|-----------------|-------------------------|
| 1. <sup>a</sup> e 11. <sup>a</sup>  | João Marques   | Morgado<br>David — Jacinta | António Jacinto | Castro                  |
| 2. <sup>a</sup> e 12. <sup>a</sup>  | Manuel Marques | Silvério                   |                 | Urbana Peixota<br>Malta |
| 3. <sup>a</sup> e 13. <sup>a</sup>  | João Marques   | Morgado<br>David — Jacinta | António Jacinto | Castro                  |
| 4. <sup>a</sup> e 14. <sup>a</sup>  | Manuel Marques | Silvério                   |                 | Urbana Peixota<br>Malta |
| 5. <sup>a</sup> e 15. <sup>a</sup>  | João Marques   | Morgado<br>David — Jacinta | António Jacinto | Castro                  |
| 6. <sup>a</sup> e 16. <sup>a</sup>  | Manuel Marques | Silvério                   |                 | Urbana Peixota<br>Malta |
| 7. <sup>a</sup> e 17. <sup>a</sup>  | João Marques   | Morgado<br>David — Jacinta | António Jacinto | Castro                  |
| 8. <sup>a</sup> e 18. <sup>a</sup>  | Manuel Marques | Silvério                   |                 | Urbana Peixota<br>Malta |
| 9. <sup>a</sup> e 19. <sup>a</sup>  | João Marques   | Morgado<br>David — Jacinta | António Jacinto | Castro                  |
| 10. <sup>a</sup> e 20. <sup>a</sup> | Manuel Marques | Silvério                   |                 | Urbana Peixota<br>Malta |

Urbana Peixota dá um giro em cada ano a Teresa Caseira, sendo num ano o 1.º giro; noutro, o 2.º; noutro, o 3.º; noutro, o 4.º; noutro, o 5.º Depois volta ao primeiro.



# SEXTAS-FEIRAS

Anos de 1936-1942... 1978-1984-1990-1996-2002-etc. <sup>(80)</sup>

| Semana                                  | Noite            |                   | Manhã            |                   | Tarde            |                   |
|-----------------------------------------|------------------|-------------------|------------------|-------------------|------------------|-------------------|
| 1. <sup>a</sup> e 11. <sup>a</sup><br>A | Cruz<br>Palhares | António<br>Passos | António Costa    |                   | Machado<br>Beata |                   |
| 2. <sup>a</sup> e 12. <sup>a</sup><br>B | Maciel<br>Cruz   |                   | Silvério         |                   | Augusto Castro   |                   |
| 3. <sup>a</sup> e 13. <sup>a</sup>      | Machado<br>Beata |                   | Cruz<br>Palhares | Julião            | António Costa    |                   |
| 4. <sup>a</sup> e 14. <sup>a</sup>      | Maciel           |                   | Maciel — Mariana |                   | Silvério         |                   |
| 5. <sup>a</sup> e 15. <sup>a</sup>      | António Costa    |                   | Machado<br>Beata |                   | Cruz<br>Palhares | António<br>Passos |
| 6. <sup>a</sup> e 16. <sup>a</sup>      | Silvério         |                   | Augusto Castro   |                   | Cruz — Maciel    |                   |
| 7. <sup>a</sup> e 17. <sup>a</sup>      | Cruz<br>Palhares | Julião            | António Costa    |                   | Machado<br>Beata |                   |
| 8. <sup>a</sup> e 18. <sup>a</sup>      | Maciel — Cruz    |                   | Maciel           |                   | Augusto Castro   |                   |
| 9. <sup>a</sup> e 19. <sup>a</sup>      | Machado<br>Beata |                   | Cruz<br>Palhares | António<br>Passos | António Costa    |                   |
| 10. <sup>a</sup> e 20. <sup>a</sup>     | Augusto Castro   |                   | Maciel — Cruz    |                   | Maciel           |                   |

A e B: Se este ano começou a regar o Grupo A, para o ano começa a regar o Grupo B e assim sucessivamente.

<sup>(80)</sup> A divisão das águas das Sextas-feiras repete-se de seis em seis anos. Referimos a contagem dos primeiros anos citados no Rol e fazemos já a contagem até ao fim do Século, para possibilitar a sua utilização actual.

# SEXTAS-FEIRAS

Anos de 1937-1943 ...1979-1985-1991-1997-2003...

| Semanas                             | Noite            |                | Manhã           | Tarde           |                |
|-------------------------------------|------------------|----------------|-----------------|-----------------|----------------|
| 1. <sup>a</sup> e 11. <sup>a</sup>  | Silvério         |                | Augusto Castro  | Maciel Cruz     |                |
| 2. <sup>a</sup> e 12. <sup>a</sup>  | António Costa    |                | Machado — Beata | Cruz Palhares   | Julião         |
| 3. <sup>a</sup> e 13. <sup>a</sup>  | Maciel — Mariana |                | Silvério        | Augusto Castro  |                |
| 4. <sup>a</sup> e 14. <sup>a</sup>  | Cruz Palhares    | António Passos | António Costa   | Machado — Beata |                |
| 5. <sup>a</sup> e 15. <sup>a</sup>  | Augusto Castro   |                | Maciel — Cruz   | Silvério        |                |
| 6. <sup>a</sup> e 16. <sup>a</sup>  | Machado — Beata  |                | Cruz Palhares   | Julião          | António Costa  |
| 7. <sup>a</sup> e 17. <sup>a</sup>  | Maciel           |                | Augusto Castro  | Maciel — Cruz   |                |
| 8. <sup>a</sup> e 18. <sup>a</sup>  | António Costa    |                | Machado — Beata | Cruz Palhares   | António Passos |
| 9. <sup>a</sup> e 19. <sup>a</sup>  | Maciel           |                | Maciel          | Augusto Castro  |                |
| 10. <sup>a</sup> e 20. <sup>a</sup> | Cruz Palhares    | Julião         | António Costa   | Machado — Beata |                |

NB. — Para se ver como se há-de começar a regar vai-se ver à 9.<sup>a</sup> e à 10.<sup>a</sup> sexta-feira do ano anterior.



# SEXTAS-FEIRAS

Anos de 1938-1944... 1980-1986-1992-1998-2004...

| Semanas                             | Noite                          | Manhã           |                | Tarde                          |
|-------------------------------------|--------------------------------|-----------------|----------------|--------------------------------|
| 1. <sup>a</sup> e 11. <sup>a</sup>  | Machado — Beata                | Cruz Palhares   | António Passos | António Costa                  |
| 2. <sup>a</sup> e 12. <sup>a</sup>  | Augusto Castro                 | Maciel — Cruz   |                | Silvério                       |
| 3. <sup>a</sup> e 13. <sup>a</sup>  | António Costa                  | Machado — Beata |                | Cruz Palhares   Julião         |
| 4. <sup>a</sup> e 14. <sup>a</sup>  | Silvério                       | Maciel          |                | Maciel — Mariana               |
| 5. <sup>a</sup> e 15. <sup>a</sup>  | Cruz Palhares   António Passos | António Costa   |                | Machado — Beata                |
| 6. <sup>a</sup> e 16. <sup>a</sup>  | Maciel — Cruz                  | Silvério        |                | Augusto Castro                 |
| 7. <sup>a</sup> e 17. <sup>a</sup>  | Machado — Beata                | Cruz Palhares   | Julião         | António Costa                  |
| 8. <sup>a</sup> e 18. <sup>a</sup>  | Augusto Castro                 | Maciel — Cruz   |                | Maciel                         |
| 9. <sup>a</sup> e 19. <sup>a</sup>  | António Costa                  | Machado — Beata |                | Cruz Palhares   António Passos |
| 10. <sup>a</sup> e 20. <sup>a</sup> | Maciel                         | Augusto Castro  |                | Maciel — Cruz                  |

NB. — Nos anos pares, Augusto Castro dá o 2.º giro ao Maciel e nos ímpares pertence ao Cruz dar o último giro também ao Maciel.

# SEXTAS-FEIRAS

Anos de 1939-1945... 1981-1987-1993-1999-2005...

| Semanas                             | Noite           |                | Manhã            |                | Tarde                   |
|-------------------------------------|-----------------|----------------|------------------|----------------|-------------------------|
| 1. <sup>a</sup> e 11. <sup>a</sup>  | Maciel — Cruz   |                | Silvério         |                | Augusto Castro          |
| 2. <sup>a</sup> e 12. <sup>a</sup>  | Cruz Palhares   | Julião         | Antônio Costa    |                | Machado — Beata         |
| 3. <sup>a</sup> e 13. <sup>a</sup>  | Augusto Castro  |                | Maciel — Mariana |                | Silvério                |
| 4. <sup>a</sup> e 14. <sup>a</sup>  | Machado — Beata |                | Cruz Palhares    | Antônio Passos | Antônio Costa           |
| 5. <sup>a</sup> e 15. <sup>a</sup>  | Silvério        |                | Augusto Castro   |                | Maciel — Cruz           |
| 6. <sup>a</sup> e 16. <sup>a</sup>  | Antônio Costa   |                | Machado — Beata  |                | Cruz Palhares<br>Julião |
| 7. <sup>a</sup> e 17. <sup>a</sup>  | Maciel — Cruz   |                | Maciel           |                | Augusto Castro          |
| 8. <sup>a</sup> e 18. <sup>a</sup>  | Cruz Palhares   | Antônio Passos | Antônio Costa    |                | Machado — Beata         |
| 9. <sup>a</sup> e 19. <sup>a</sup>  | Augusto Castro  |                | Maciel           |                | Maciel                  |
| 10. <sup>a</sup> e 20. <sup>a</sup> | Machado — Beata |                | Cruz Palhares    | Julião         | Antônio Costa           |



# SEXTAS-FEIRAS

Anos de 1940-1946... 1982-1988-1994-2000-2006...

| Semanas                             | Noite            |                | Manhã           | Tarde           |               |
|-------------------------------------|------------------|----------------|-----------------|-----------------|---------------|
| 1. <sup>a</sup> e 11. <sup>a</sup>  | António Costa    |                | Machado — Beata | Cruz Palhares   | Ant. Passos   |
| 2. <sup>a</sup> e 12. <sup>a</sup>  | Silvério         |                | Augusto Castro  | Maciel — Cruz   |               |
| 3. <sup>a</sup> e 13. <sup>a</sup>  | Cruz Palhares    | Julião         | António Costa   | Machado — Beata |               |
| 4. <sup>a</sup> e 14. <sup>a</sup>  | Maciel — Mariana |                | Silvério        | Maciel          |               |
| 5. <sup>a</sup> e 15. <sup>a</sup>  | Machado — Beata  |                | Cruz Palhares   | Ant. Passos     | António Costa |
| 6. <sup>a</sup> e 16. <sup>a</sup>  | Augusto Castro   |                | Maciel — Cruz   |                 | Silvério      |
| 7. <sup>a</sup> e 17. <sup>a</sup>  | António Costa    |                | Machado — Beata | Cruz Palhares   | Julião        |
| 8. <sup>a</sup> e 18. <sup>a</sup>  | Maciel           |                | Augusto Castro  | Maciel — Cruz   |               |
| 9. <sup>a</sup> e 19. <sup>a</sup>  | Cruz Palhares    | António Passos | António Costa   | Machado — Beata |               |
| 10. <sup>a</sup> e 20. <sup>a</sup> | Maciel — Cruz    |                | Maciel          | Augusto Castro  |               |

# SEXTAS-FEIRAS

Anos de 1941-1947... 1983-1989-1995-2001-2007...

| Semanas                             | Noite                  | Manhã           |                | Tarde                          |
|-------------------------------------|------------------------|-----------------|----------------|--------------------------------|
| 1. <sup>a</sup> e 11. <sup>a</sup>  | Augusto Castro         | Maciel — Cruz   |                | Silvério                       |
| 2. <sup>a</sup> e 12. <sup>a</sup>  | Machado — Beata        | Cruz Palhares   | Julião         | António Costa                  |
| 3. <sup>a</sup> e 13. <sup>a</sup>  | Silvério               | Augusto Castro  |                | Maciel — Mariana               |
| 4. <sup>a</sup> e 14. <sup>a</sup>  | António Costa          | Machado — Beata |                | Cruz Palhares   António Passos |
| 5. <sup>a</sup> e 15. <sup>a</sup>  | Maciel — Cruz          | Silvério        |                | Augusto Castro                 |
| 6. <sup>a</sup> e 16. <sup>a</sup>  | Cruz Palhares   Julião | António Costa   |                | Machado — Beata                |
| 7. <sup>a</sup> e 17. <sup>a</sup>  | Augusto Castro         | Maciel — Cruz   |                | Maciel                         |
| 8. <sup>a</sup> e 18. <sup>a</sup>  | Machado — Beata        | Cruz Palhares   | António Passos | António Costa                  |
| 8. <sup>a</sup> e 19. <sup>a</sup>  | Maciel                 | Augusto Castro  |                | Maciel                         |
| 10. <sup>a</sup> e 20. <sup>a</sup> | António Costa          | Machado — Beata |                | Cruz Palhares   Julião         |



## SÁBADOS

(Anos Pares)

| Semanas                             | Noite  | Manhã | Tarde          |
|-------------------------------------|--------|-------|----------------|
| 1. <sup>a</sup> e 11. <sup>a</sup>  | Maciel | Malta | Miranda        |
| 2. <sup>a</sup> e 12. <sup>a</sup>  | Malta  | Malta | Manuel Marques |
| 3. <sup>a</sup> e 13. <sup>a</sup>  | Maciel | Malta | Miranda        |
| 4. <sup>a</sup> e 14. <sup>a</sup>  | Malta  | Malta | Manuel Marques |
| 5. <sup>a</sup> e 15. <sup>a</sup>  | Maciel | Malta | Miranda        |
| 6. <sup>a</sup> e 16. <sup>a</sup>  | Malta  | Malta | Manuel Marques |
| 7. <sup>a</sup> e 17. <sup>a</sup>  | Maciel | Malta | Miranda        |
| 8. <sup>a</sup> e 18. <sup>a</sup>  | Malta  | Malta | Manuel Marques |
| 9. <sup>a</sup> e 19. <sup>a</sup>  | Maciel | Malta | Miranda        |
| 10. <sup>a</sup> e 20. <sup>a</sup> | Malta  | Malta | Manuel Marques |

NB. — A água pertencente ao Maciel é nas semanas em que não tem água nas Sextas-feiras.

(Anos Ímpares)

| Semanas                             | Noite | Manhã  | Tarde          |
|-------------------------------------|-------|--------|----------------|
| 1. <sup>a</sup> e 11. <sup>a</sup>  | Malta | Malta  | Miranda        |
| 2. <sup>a</sup> e 12. <sup>a</sup>  | Malta | Maciel | Manuel Marques |
| 3. <sup>a</sup> e 13. <sup>a</sup>  | Malta | Malta  | Miranda        |
| 4. <sup>a</sup> e 14. <sup>a</sup>  | Malta | Maciel | Manuel Marques |
| 5. <sup>a</sup> e 15. <sup>a</sup>  | Malta | Malta  | Miranda        |
| 6. <sup>a</sup> e 16. <sup>a</sup>  | Malta | Maciel | Manuel Marques |
| 7. <sup>a</sup> e 17. <sup>a</sup>  | Malta | Malta  | Miranda        |
| 8. <sup>a</sup> e 18. <sup>a</sup>  | Malta | Maciel | Manuel Marques |
| 9. <sup>a</sup> e 19. <sup>a</sup>  | Malta | Malta  | Miranda        |
| 10. <sup>a</sup> e 20. <sup>a</sup> | Malta | Maciel | Manuel Marques |

NB. — A água dos sábados não é de cabeça, ou seja, vem só das poças de baixo. Chamam-lhe também «água morta» ou «de Chaves» como a das quartas-feiras.

# APÊNDICE III

## ROL DA ÁGUA DA FONTE DA VILA

Desde o dia 29 de Junho (S. Pedro), até ao fim de Agosto. Para efeito de regas, os dias começam de véspera, ao pôr do sol.

| MACIEIS |    | AZEVEDOS | OUTROS               |    |                |
|---------|----|----------|----------------------|----|----------------|
| 29      | 30 | 1        | Noites<br>Bernardina | 2  | Dias<br>Passos |
| 3       | 4  | 5        | Reis                 | 6  | Vicente        |
| 7       | 8  | 9        | Bernardina           | 10 | Passos         |
| 11      | 12 | 13       | Rosa Castro          | 14 | Vicente        |
| 15      | 16 | 17       | Bernardina           | 18 | Passos         |
| 19      | 20 | 21       | Reis                 | 22 | Vicente        |
| 23      | 24 | 25       | Bernardina           | 26 | Passos         |
| 27      | 28 | 29       | Rosa Castro          | 30 | Vicente        |
| 31      | 1  | 2        | Bernardina           | 3  | Passos         |
| 4       | 5  | 6        | Reis                 | 7  | Vicente        |
| 8       | 9  | 10       | Bernardina           | 11 | Passos         |
| 12      | 13 | 14       | Rosa Castro          | 15 | Vicente        |
| 16      | 17 | 18       | Bernardina           | 19 | Passos         |
| 20      | 21 | 22       | Reis                 | 23 | Vicente        |
| 24      | 25 | 26       | Bernardina           | 27 | Passos         |
| 28      | 29 | 30       | Rosa Castro          | 31 | Vicente        |



# APÊNDICE IV

## ÁGUA DA FONTE DE EGRA OU DE AGRA

(Anos Ímpares)

### SEMANAS DE SÃO JULIÃO <sup>(81)</sup>

|         | Noite         | Manhã      | Tarde      |
|---------|---------------|------------|------------|
| Domingo | Augusto Costa | Augusto    | Augusto    |
| Segunda | Augusto Costa | A. Campo   | Cruz       |
| Terça   | Azevedo       | Azevedo    | Azevedo    |
| Quarta  | Azevedo       | Azevedo    | Azevedo    |
| Quinta  | Azevedo       | A. Jacinto | A. Jacinto |
| Sexta   | Quinta        | A. Jacinto | A. Jacinto |
| Sábado  | Quinta        | Quinta     | Quinta     |

### SEMANAS DE PONTE <sup>(82)</sup>

|         | Noite         | Manhã    | Tarde    |
|---------|---------------|----------|----------|
| Domingo | Augusto Costa | Azevedo  | Azevedo  |
| Segunda | Azevedo       | Azevedo  | Azevedo  |
| Terça   | Azevedo       | Azevedo  | Azevedo  |
| Quarta  | Azevedo       | Azevedo  | Azevedo  |
| Quinta  | A. Jacinto    | A. Campo | A. Campo |
| Sexta   | Quinta        | Quinta   | Quinta   |
| Sábado  | Quinta        | Quinta   | Quinta   |

<sup>(81)</sup> Semanas em que há feiras em S. Julião de Freixo, que é de quinze em quinze dias.

<sup>(82)</sup> Semanas em que há feira em Ponte de Lima, que é também de quinze em quinze dias, alternando com a de S. Julião.

# ÁGUA DA FONTE DE EGRA OU DE AGRA

(Anos Pares)

## SEMANAS DE SÃO JULIÃO

|         | Noite         | Manhã         | Tarde      |
|---------|---------------|---------------|------------|
| Domingo | Augusto Costa | A. Campo      | A. Campo   |
| Segunda | A. Campo      | Augusto Costa | Cruz       |
| Terça   | Azevedo       | Azevedo       | Azevedo    |
| Quarta  | Azevedo       | Azevedo       | Azevedo    |
| Quinta  | Azevedo       | A. Jacinto    | A. Jacinto |
| Sexta   | Quinta        | A. Jacinto    | A. Jacinto |
| Sábado  | Quinta        | Quinta        | Quinta     |

## SEMANAS DE PONTE

|         | Noite         | Manhã         | Tarde         |
|---------|---------------|---------------|---------------|
| Domingo | Augusto Costa | Azevedo       | Azevedo       |
| Segunda | Azevedo       | Azevedo       | Azevedo       |
| Terça   | Azevedo       | Azevedo       | Azevedo       |
| Quarta  | Azevedo       | Azevedo       | Azevedo       |
| Quinta  | A. Jacinto    | Augusto Costa | Augusto Costa |
| Sexta   | Quinta        | Quinta        | Quinta        |
| Sábado  | Quinta        | Quinta        | Quinta        |



## APÊNDICE V

### ÁGUA DA FONTAÍNHA

Repartida de Verão e de Inverno

#### SEMANAS DE SÃO JULIÃO

|         |                                 |
|---------|---------------------------------|
| Domingo | Joaquim Barbosa                 |
| Segunda | Morgado                         |
| Terça   | Quinta                          |
| Quarta  | Lugar do Postiço (Ana e Josefa) |
| Quinta  | Domingos Gomes e Domingos Reis  |
| Sexta   | Quinta (Lugar do Pedro)         |
| Sábado  | Silvério                        |

#### SEMANAS DE PONTE

|             |                                                                                                                                                                                                          |
|-------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Domingo     | Joaquim Barbosa                                                                                                                                                                                          |
| Segunda     | Morgado                                                                                                                                                                                                  |
| Terça       | Quinta                                                                                                                                                                                                   |
| Quarta (83) | <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div> Domingos Gomes<br/>e<br/>João Palhares </div> <div style="text-align: center;">A</div> <div> B<br/>e<br/>Rosa de Castro </div> </div> |
| Quinta      | Domingos Gomes                                                                                                                                                                                           |
| Sexta       | António Togeira e José (Ferreiro)                                                                                                                                                                        |
| Sábado      | Maria Cardosa                                                                                                                                                                                            |

(83) Se o grupo A regou uma vez de noite, para a outra vez regará durante o dia e vice-versa.

## APÊNDICE VI

### ÁGUA DA POÇA DE VILAR OU SUBVILAR

Entre em giro em 29 de Junho (S. Pedro), até 15 de Agosto (Festa da Assunção). Todavia, para o Campo do Passos e Fonte de Mana só termina em 7 de Setembro. A água de lima pertence à quinta do Alferes ou de Vilar.

### SEMANAS DE SÃO JULIÃO

|         | Noite           | Manhã                              | Tarde           |
|---------|-----------------|------------------------------------|-----------------|
| Domingo | Quinta de Vilar | Quinta de Vilar                    | Quinta de Vilar |
| Segunda | Fonte de Mana   | Fonte de Mana                      | Quinta de Vilar |
| Terça   | Quinta de Vilar | António A. Leite<br>Maria Sobreira | Quinta de Vilar |
| Quarta  | Campo da Vinha  | Campo da Vinha                     | Campo da Vinha  |
| Quinta  | Mariana         | Mariana                            | Silvério        |
| Sexta   | José Passos     | José Passos                        | José Passos     |
| Sábado  | A. Campos       | A. Campo                           | Silvério        |

### SEMANAS DE PONTE

|         | Noite                              | Manhã                              | Tarde           |
|---------|------------------------------------|------------------------------------|-----------------|
| Domingo | Quinta de Vilar                    | Quinta de Vilar                    | Quinta de Vilar |
| Segunda | António A. Leite<br>Maria Sobreira | Fonte de Mana                      | Quinta de Vilar |
| Terça   | Quinta de Vilar                    | António A. Leite<br>Maria Sobreira | Quinta de Vilar |
| Quarta  | Campo da Vinha                     | Campo da Vinha                     | Campo da Vinha  |
| Quinta  | Mariana                            | Mariana                            | Silvério        |
| Sexta   | José Passos                        | José Passos                        | José Passos     |
| Sábado  | A. Campo                           | A. Campo                           | Silvério        |



TOMBO DA IGREJA DE DURRÃES, DE 1548 <sup>(84)</sup>

Tonbo dos bês e propriyedades que tẽ a Igreja de Sam Lourenço de Doraes na freguesia do dito Sam Lourenço he na de Cardoso <sup>(85)</sup> e de santa Logriça dAgjar e Qujntiães tudo do termo de Barcellos desta diocesi de Bragua cõ o trellado da carta da vedoria que foy pasada pera se fazer o tal tonbo pasada por o Licenceado Sebastião Gonçalvez Cerqueira ho quall de verbo a verbo é o segujnte. Fernand'Afonso notario appostolico per autoridade appostolica q̃ pera yso tenho ho spreuy.

O Licenceado Sebastião Gonçalvez Cerqueyra do desembargo do muito emllustre Senhor Dom Manoell de Sousa arcebispo he Senhor de Bragua prymas faço saber aos q̃ este meu alluara vyrẽ q̃ heu dou de espaço a mestre Joam abbade de Doraes q̃ daquy ate dia de Pasqua da Resureysão primeyra q̃ vem faça ho tonbo da dita Igreja como lho foy mādado na vysytação pasada prouxyma sem embargo de lhe ser mandado q̃ o fizese primeyro sẽ por yso emcorer em pena allgũa ate o dito dia de Pasquoa e não compryndo elle ate então pagara a pena da costetuyção q̃ sobre o tall quaso he posta. Dado em Bragua a xbiiijº d'Outubro de quynhentos e corenta e sete annos. Manoell Pereira o fez por Gregorio da Costa Serqueyra.

Año do nacymento de noso Senhor Jhesu Christo de mill e quynhentos e corenta e ojto anos aos noue dias do mes de Feuereiro do dito año na freguesia de Sam Lourenço de Doraes ha porta da Igreja sobredita por mestre Joam diguo Jhoam abbade da dita Igreja foy apresentada a mym notairo habajxo nomeado esta carta de vedoria atras escrita do Senhor Sebastjã Gonçalvez Cerqueyra desembargador em a quall carta mandava a elle dito abbade que fizese tonbo das pertenças da dita Igreja cõforme as costetuyções deste arcebispado a quall apegção e tonbo eu notario fiz cõ Dyeguo Afonso cleriguo de mjsa morador em Balugaes e asy mais cõ Alluaro Annes casejro do mosteiro de Carvoeyro e cõ Jeronimo Fernandez morador ẽ Doraes llauradores aos quaes por mỹ notario ffoy dado juramento dos samtos avangelhos pera q̃ vysẽ e tonbasẽ os ditos bês e propriyedades e medysẽ por vara de mjdí e cõfrontasem com quẽ partiã os ditos bês da dita Igreja e os bês e propriyedades della sãõ os que se ao diante segẽ. Fernand'Afonso notario apostolico per autoridade appostolica q̃ pera yso tenho ho spreuj morador em Viana // Dado anno dia ut supra.

<sup>(84)</sup> Cópia do original manuscrito existente no Arquivo Distrital de Braga, Caixa 242, doc. n.º 1.

<sup>(85)</sup> Paróquia que existiu entre Durrães e Tregosa, centrada na antiga Quinta de Cardoso, ainda hoje existente, e de que ainda resta hoje uma antiquíssima capela com o respectivo cruzeiro e adro.



Item loguo junto da dita Igr.<sup>a</sup> hũ recio q̃ jaz todo cercundado sobre sy p̃ paredes alltas e tẽ dentro duas llaramjeiras grandes e hũa azãboejeira e asy hũas casas telhadas sobradadas cõ hũ eydo de guado pera ter guado e mato tem de comprido a dita casa e eydo Xbj varas e de llarguo quatro varas e m<sup>a</sup> e tẽ dentro do dito recio hũ laguar q̃ jaz despouado e o recio podera lleuar de sem.te hũ bõ m<sup>o</sup> allqr. de s.te he asy dentro do dito recio hũ palheyro velho.

Item loguo abayxo da dita Igr.<sup>a</sup> e casas hũa vynha darjuão q̃ jaz toda circundada sobre sy p̃te do aguiã cõ devesa da dita Igr.<sup>a</sup> e do abreguo <sup>(86)</sup> cõ a qujngosta e do llevãte cõ erdade de seara da dita Igr.<sup>a</sup> e do poente p̃ parede cõ o monte tẽ de comprido cento e corenta varas e de llarguo cynquoenta e duas varas e ha vinha podera dar de vynho em cada hũ anno andando bẽ coregyda oytenta allmudes he tem hũ pequeno dechão omde fazẽ naball q̃ podera lleuar de sem.te hũ allqr. todo ho mais he vinha.

Item loguo abajxo da dita vjnha e casas hũ campo erdade q̃ chamã a seara q̃ jaz todo sercundado sobre sy p̃ paredes p̃te dagujã p̃ paredes cõ erdejros e do abreguo cõ parede no camynho e de lleuante p̃ qujgosta e de poente cõ ha dita vinha tẽ de compdo dozentas e cjm<sup>a</sup> varas e de llarguo cjnquoenta varas e podera lleuar de sem.te vjnte allqs. tẽ aguo d'arefee das poças do sabado a noyte ate domjngo a noyte e tẽ sertos carvalhos nos beyraes q̃ darão dous caros de madeira.

Item tẽ junto a dita vjnha p<sup>a</sup> a p̃te da aguyã hũa deuesa suposta q̃ p̃te de aguyã cõ erdeiros e de abreguo cõ vynha da dita Igr.<sup>a</sup> e do llevante cõ a seara da dita Igr.<sup>a</sup> e do poente cõ parede cõ ho camynho e tẽ de compdo noventa varas e de llarguo noventa varas dara cada cjnq<sup>o</sup> años corenta caros de mad.ra.

Item na dita freg.<sup>a</sup> hũa vynha q̃ se chama a vynha da fonte q̃ jaz toda sercundada sobre sy p̃te daguiã na qujngosta e do abreguo cõ ha qujntãa e de llevãte cõ ho camynho e de poente cõ ha dita qujtã tẽ de compdo corenta e catro varas e de llarguo corenta varas dara de vjnho cada hũ año corenta allmudes.

Item na dita freg.<sup>a</sup> hũ quampo q̃ se chama de chello q̃ jaz todo sercundado sobre sy p̃te dagjã cõ ho camjnho e de abreguo cõ ho camjnho e do lleuaste cõ ha qujntãa e do poente cõ ho camjnho tẽ de compjdo cento e vynte e seis varas e de llarguo setemta varas lleua de sem.te o q̃ esta em erdade sete allqs. de c.<sup>o</sup> e tẽ hũa devesa sobre tojo denso q̃ dara cada seis años dez caros de madeyra regua se cõ aguo d'arefe este campo Fernand'Afonso notario ho spreuy.

Item na dita freg.<sup>a</sup> outro campo d'erdade q̃ chamã a senra do out.ro q̃ jaz toda sercundada sobre sy p̃te lagjã cõ ha qujntãa e do abreguo cõ a qujntãa e do lleuante yso mesmo e do poente cõ a qujntãa tẽ de compdo

---

(86) *Abrego*, ou seja, a parte do Sul, nas demarcações antigas. Nome dado, noutros tempos, ao vento sudoeste. Por sua vez, *Aguião*, ou *Aquilão*, representa o Norte. Na mitologia é o nome de um dos ventos, filho de Eolo e da Aurora, esposa de Oríthia. É o Bóreas dos Gregos. Termo também utilizado para nomear o vento norte.



c.to e trjnta varas e de llarguo p̃ ho mais llarguo noventa varas lleua de sem.te qujnze allqs. regua se cõ aguo da poça do Recio.

Item na dita freg<sup>a</sup> no loguo onde chamão a Dona hũa llejra de deuesa sobre toro q̃ p̃te dagujã cõ erd.ros e de abreguo yso mesmo e do lleuante cõ ho reguo e do poente cõ erdeiros dara cada seis años de mad.ra quatro caros tem de comprido vjnte e seis varas e de llarguo xbj varas.

Item na dita freg<sup>a</sup> outro campo q̃ se chama do triguall q̃ jaz todo cercundado sobre sy p̃te dagujã cõ camjnho e do abreguo cõ erdeiros he do lleuante cõ Carvoejro e do poente cõ erd.ros tẽ de comprido cento e trjnta varas e de llarguo trynta varas lleua de sem.te seis alqs de cemteo regua se cõ aguo do ribeiro.

Item na bouça de Sam Migell na dita freg<sup>a</sup> hua bouça d'erdade q̃ jaz toda cercundada cobre sy p̃te dagujã cõ ho camjnho e do abreguo cõ Pero Velhaço e do lleuante cõ Sã Migell e cõ ho lecenceado e erdeiros e do poente p̃ camjnho publico tẽ de comp̃do oytenta e oyto varas e de llarguo setemta he seis varas lleua de sem.te dez allqs. he m.to rojrn tera.

Item n'agra de samta Logriça hũa peça d'erdade q̃ p̃te dagujã cõ Samta Logriça e do abreguo cõ erd.ros no mato e de lleuante cõ Pallme e cõ erd.ros e de poente cõ erd.ros tẽ de comp̃do c.to e xiiij varas e de llarguo vjnte e catro varas lleua de sem.te quatro allqs. e tera roym.

Item em o loguo aonde chamã pajucall hũa llejra d'erdade q̃ p̃te dagujã cõ erd.ros e do abreguo cõ camjnho e do lleuante cõ erd.ros e do poente cõ erd.ros d'Afonso Anes d'Eyra tẽ de comprido oytenta e seis varas e de llarguo xbij varas lleua de sem.te hũ allqr. e m° e rojrn.

Item na dita freg<sup>a</sup> de Doraes no loguo omde chamã a semra ao cabo da seara cinco carvalhos q̃ p̃tẽ dagujã e poente e lleuante cõ cam° e do lleuante cõ erd.ros darã cada tres anos... caros de mad.ra.

Item na freg<sup>a</sup> de Qujntjaes hũa llejra d'erdade em o loguo omde chamã Cornjdo q̃ p̃te dagjã cõ camjnho e do abreguo cõ o reguo e do lleuante cõ erd.ros de Duarte e do poente cõ Domingos da Macejra tẽ de comp̃do sesenta varas e de llarguo treze varas lleua de sem.te hũ allqr. he boa rega se.

Item na dita freg<sup>a</sup> de Doraes omde chamã Subvjllar hũa grande peça d'erdade p̃te dagujã cõ Ruy Diaz e do abreguo e das outras p̃tes tẽ de comp̃do noventa e seis varas e de llarguo no meo cjnquoenta e ojto varas lleua de sem.te ojto allqs. e nesta peça entrão duas llejras d'erdade que elle dito Ruy Diaz tinha ahy as quaes as deu em escambo ao abade q̃ presente estava p̃ vista d'omes bõos damdo elle Ruy Diaz tres partes por hũa a aquall q̃ elle Ruy Diaz ouve em escambo das sobreditas p̃ o q̃ tynha nesta peça tẽ de comp̃do vjnte e sete varas he de llarguo na p̃te de agujã doze varas e no abreguo dez e esta da dita Igr<sup>a</sup> a elle Ruy Diaz e jaz no campo da senra e elle Ruy Diaz fara hũa parede tanto q̃ tirar o llavor q̃ ora tẽ des o quanto da vjnha de Lourenc'Eanes e vem a direito dar na cepa castanha e a cepa ficara a dita Igr<sup>a</sup> e foram contentes asy elle Ruy Diaz com o abbade por vir bem a dita Igr<sup>a</sup> e asynaram aquy elles sobreditos he



os homes bõos Alvaro Anes do mosteiro he Jerónimo Fernan dez de Doraes Fernand'Afonso notario ho esprevy.

Item na senra hũa peça d'erdade que parte d'agujã com Lourenço Annes e do abreguo mesmo e do lleuante com Ruy Diaz e do poente com Ruy Diaz tem de comprido cento x varas lleua de sem.te cynquo allqs e nesta tera non tem aguo e neste campo jaz hũ quarto d'erdade que he de Isabell Barbosa que lleua hũ bõo quarto de sem.te que he dizima a Deus.

Item na freg<sup>a</sup> de Traguosa omde chamã ho Lauadeiro hũ cortelho d'erdade q̃ pte dagujão cõ ho rio e do abreguo p̃ camjnho e do poente cõ Gonçalo Dominguez e cõ Afonso Gill tem de comprido Lxxx varas e de llarguo quarenta varas lleua de sem.te dous allqs. he rojm tera e por aquj diserã q̃ nõ tinha a dita Igr<sup>a</sup> mais bês q̃ apregar e asinarõ aquy fernando Afonso notario app.lico p̃ autoridade app.lica q̃ pera yso tenho q̃ este tonbo sprevj e a todo fuy presente e tyrey do proprio q̃ fica em meu poder e cõcertej e aquj meu publico signal fiz que tall he Rezam e Requyzytos.

(Sinal e Assinaturas)

IN DOMINO CONFIDO

#### APÊNDICE VIII

### EXTRACTO DA BENEDICTINA LUSITANA SOBRE O MOSTEIRO DE CARVOEIRO <sup>(87)</sup>

#### CAPÍTULO XI

#### Do Mosteyro de S. Maria de Caruoeyro no Arcebispado de Braga

Despois de tantos Mosteyros sepultados, como são os de que temos tratado até agora, entremos na historia de hum, que ainda pella misericordia de Deus está viuo, & em pee, & de que a nossa Congregação Benedictina ao presente goza. Este he o de S. Maria de Caruoeyro edificado dentro do Arcebispado de Braga a sinquo legoas da dita Cidade junto á estrada Real, que vay pera a Villa de Viana, duas legoas, pouco mais ou menos antes della, ao pee de hum monte, em cujo cume esteue em tempos passado's hũa pouoação grande chamada *Carmona*, cujas ruynas, & vestigios ainda hoje apparecem. Fica tambem perto da corrente do rio *Neyua*, que entra no mar Oceano com Fós propria, não longe da dita Villa de Viana, como sabemos todos, os que o temos passado hũa, & muytas vezes. Por onde foy inaduertencia de *Duarte Nunes de Leão* na sua descrição de Portugal, Capitulo 18, dizer as palauras seguintes: *Este rio per si não entra no mar, mas entra em companhia do rio Cauado, em que se mete, e entra no mar entre Fão, e Esposende, etc.* Porque o dito rio *Neyua* nem entra

(87) Frel Leão de S. Tomás, *Benedictina Lusitana*, II, Coimbra, 1651, pp. 109-113.



no mar entre as duas pouações nomeadas, senão muyto mais a diante dellas, pera a parte do Norte.

O terreno, em que o Mosteyro de *Caruoeyro* està fundado, compete com a bondade dos ares d'elle, porque se a terra he fertil, abundante, & fructifera, os ares são muy saudaveis, & muy beneuolos pera a vida, & saude humana. Sua antiguidade he grãde, porq̃ ainda q̃ della não sabemos por escrituras, q̃ aja, a tradição commũa a publica. Por quãto he cõstante q̃ os moradores daquella terra, por ficarẽ mais liures dos assaltos dos Mouros, a desemparrãrão, & se forão pera hũa serra, q̃ chamão da *Padela*. E que quando despois os Mouros se forão lançando daquellas partes, el Rey, (que deuia ser *Dom Affonso o Magno*) as deu a hum fidalgo illustre daquelles tempos, pera que as pouasse, & mandasse cultuiar. E pera este effeyto trouxe da serra da *Padela* quatro irmãos, que chamauão *Gandarinhos*. A estes repartiu, & deu a dita terra, como a simples colonos, donde nasceu a simples colonia della, que ainda hoje perseuera, como logo diremos.

Este fidalgo foy o primeyro q̃ edificou o dito Mosteyro ainda que como alguns dizem, *Dom Payo Gutterres* foy o que fundou. Mas deuia de ser reedificação d'elle, como socedeu a outros muytos, de que temos feyto menção no primeyro tomo. Algum modo de proua da antiguidade deste Mosteyro se pode colher de hum zimbão, que tinha na Claustra (a que os antigos chamauão *Desforço*), com que se fazia sinal pera os Monges acodirem a Capitulo, & Refeytorio, porque tinha à roda impressa a era de 923, que era anno de Christo outocentos & sinco. Foy este Mosteyro nem dos mayores, nem dos menores, mas tinha sufficiente numero de Monges; Porq̃ em certa escritura antiga se achão assinados mais de trinta Mõges. Mas foy, & he ainda hoje muy senhoril, porq̃ nenhũ dos moradores de seu Couto tem terra, nem montado, ou tomadia, q̃ seja sua propria, tudo o q̃ trazem, laurão, & cultiuão, recebem da mão do Dom Abbade d'elle, como simples colonos, & elle lho tira, & trespassa quando, & como quer. E tanto he isto assi q̃ quãdo algum delles quer casar filho, ou filha, ou trespassar algũa terra, vay primeyro largalla na mão do Abbade, pedindolhe q̃ lha dee pera casamento do seu filho, ou pera a pessoa, a quem a quer trespassar. O qual senhorio poucos annos ha q̃ se confirmou por sentença da casa da supplicação de Lisboa, sendo Abbade do dito Mosteyro o *Padre Frey Bento de S. Tiago*.

Tem mais este Conuento tão liure jurisdição, que nenhum senhor, nem justiça, entra em seu Couto, & o Dom Abbade nomea Porteyro, & Achegador, que penhora pellas diuidas, que lhe deuem, & manda pôr em pregão os ditos penhores, pera que do preço delles o Mosteyro seja pago. E entre os moradores de seu Couto determina as duuidas, & causas sã mais appellação, nem aggrauo, & se têm differenças entre si, que cheguem a ferirse, não vão querellar a Villa de Barcellos sem licença do D. Abbade.

O que mais illustrou este Conuento foy hum Abbade. S. que nelle floreceu por nome *Dom Pedro Affonso*, de cuja patria, nascimento, & criação mal se pode affirmar cousa algũa com certeza. Pello computo dos



annos ho prouauel conjectura que este santo Religioso S. podia ser hum, dos que trouxe o Arcebispo de Toledo, & Legado da See Apostolica o nosso *Dom Bernardo*, passando de França pera Hespanha em companhia de São Giraldo, & de Dom Mauricio. Ainda que o nome não parece de estrangeyro... Seu transito socedeu no ano de 1104. Seu corpo jaz em hũa sepultura junto à Sanchristia da Igreja de Caruoeyro em hum arco de pedra, & della deuocão commum do pouo tira terra por hum circulo redondo, que tem, & lançandose ao pescoço he remedio muy ordinario cõtra maleytas...

#### § Dos Abbades do Mosteyro de Caruoeyro

Depois que a Religião tomou posse do Mosteyro de Caruoeyro, conforme as Bulas de reformação passadas pello Papa Pio Quinto, foy gouernado este Mosteyro no que tocava á meza Conuentual por Priores eleytos em Capitulo Geral, por ser ainda viuo o ultimo Abbade Cõmendatario do dito Mosteyro *Pedro da Gram*, & forão estes Priores doze em numero.

No anno de 1602, foy eleyto o primeyro Abbade *Fr. Prudencio de Santo Thome*, natural de Monte Longo, por morrer nesse anno o vltimo Cõmendatario.

No anno de 1604, foy eleyto por Abbade o *N. P. Frey Antonio dos Reys* que começando a gouernar por esta casa, veyo despois a ser Geral da Religião tres vezes, como fica dito, tratando do Mosteyro de Tibaens.

No anno de 1605, foy eleyto por Abbade *Fr. Antonio d'Ascenção*, natural de Monte Longo, de quem falamos, tratando do Mosteyro de S. Miguel de Refoyos.

No anno de 1608, foy eleyto por Abbade *Fr. Eugenio de S. Tiago*, natural d'Arrifana de Sousa, de quem temos dito tratando do Mosteyro de Pombeyro.

No anno de mil seiscentos & onze, se elegeu por Abbade *Frey Ieronimo d'Azeuedo* da illustre familia dos Azeuedos, cujo solar vemos na Prouincia de entre Douro, & Minho nas ribeyras do rio *Cadauo* perto da Villa de *Barcellos*. Foy homem de bella condição, & natureza, & de muy bom talento pera as letras, & como tal foy eleyto por passante no nosso Collegio de Coimbra, pera continuar as eschololas, mas hũa graue doença, que teue o fez desistir do tfrabalho do estudo especulatiuo, porem no Pulpito mostrou o talento, que pera tudo tinha...

No anno de mil & seiscentos, & quatorze, foy eleyto *Frey João do Apocalypse*, de quem dissemos tratando do Mosteyro de Santo Thirso.

No anno de mil seiscentos & dezassete, foy eleyto *Frey Balthasar da Apresentação*, natural de Paço de Sousa, de cuja virtude, & Religião não podemos falar, por ser ainda viuo, & por não iremos contra o dito do Sabio, *Ne laudes hominem in vita sua*, rezão porque não fazemos tambem doutros grandes elogios q̃ merecem.

No anno de 1620, foy eleyto *Fr. Romano Serueyra*, de quem já falamos, tratando do Mosteyro de Santo Thirso.

No anno de 1623, foy eleyto por Abbade *Frey Miguel da Trindade*, natural de Villa do Conde, Religioso muy curiozo do que pertencia ao



Culto Diuino, & que continuou com a deução de Nossa Senhora do desterro, com grande edificação do pouo.

No anno de 1626, foy eleito *Frey Bento de Lacerda* natural do Porto.

No anno de 1629, foy eleyto por Abbade o *N. P. Fr. Thomas do Socorro* natural de Braga.

No anno de 1632, foi eleyto *Frey Gregorio da Cruz*, natural da dita Cidade de Braga.

No anno de mil seiscentos & trinta & sinco, foy eleyto a segunda vez o *Nosso Padre Frey Thomas*. No seguinte trienio foy eleyto outra vez *Frey Gregorio da Cruz*.

No anno de mil seiscentos & quarenta & hum, foy eleyto *Frey João da Esperança*, Mestre em Artes pella Vniuersidade de Coimbra, & natural da mesma Cidade.

Tem este Mosteyro fermosa renda, mas a mayor parte della tem a Religião neste tempo applicada a outras obrigaçoens a que acode.

#### § De alguns fidalgos Illustres sepultados no Mosteyro de Caruoeyro

Alguns Senhores Illustres daquelles tempos antigos se mãdarão sepultar no nosso mosteyro de Caruoeyro pella deução, que tinham á Virgem N. Senhora, a que o Mosteyro està dedicado, desejando de descansar à sua sombra: Hum de que o Conde D. Pedro faz menção, foi *D. Nuno Velho* sogro de D. Gomes Pays da Sylva, filho de D. Payo Gutterres, o q̃ edificou, ou reedificou Tibaes, o qual D. Gomes foy casado cõ *D. Vrraca Nunes* filha do dito D. Nuno, a quẽ o Conde chama o Postimeyro.

Jaz mais sepultado no dito Conuento *D. Gomes Pires* marido de *Dona Maria Ozores*, como se acha em hũa memoria do nosso P. Frey Bernardo de Braga. O Conde Dom Pedro no titulo 54 diz que jaz sepultado em Caruoeyro *Sarracino Soares*, Irmão de *Dona Maria Ozores*, a quem chama Soares, molher do dito *Dom Gomes Pires Maceyra*.

Estes forão os que se sepultarão em Caruoeyro, & os de quem temos mais clara noticia, alem doutros muytos, que escolherão nelle sepultura...

### APÊNDICE IX

#### EXTRACTOS DE TESTAMENTOS CONSERVADOS EM DURRÃES E COM IMPORTÂNCIA PARA A HISTÓRIA DA FREGUESIA

##### A — *Inventário dos bens de António Peixoto* (Séc. XVIII) Da freguesia de *Dorrays* (sic).

... Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1730 annos aos vinte dias do mez de Janeiro do dº anno e setra c ficesse enventário por lhe ficarem Filhos menores do dito Defunto Antonio Peyxoto. Faleceo aos doze dias do mesmo mes e Anno...



### *Bêns Móveis*

Item um Balsete de castanho com duas gavetas e suas Fichaduras em Bom uzo que foy posto e avaliado pelos louvados em dois mil e coatro sentos Reys.

Item uma caixa de castanho com fichadura sem cadiado que foy posta e avaliada pelos louvados em novecentos e cecenta Reys.

Item outra cayxa de castanho com Fichadura bem uzada que levava 25 Alq.s. Foy posta em quatrocentos Reys.

Item outra cayxa de castanho com Fichadura velha que levava 38 razas. Foy posta em 0\$400.

Item uma arqua de pes sem corbetoura que levava 80 razas foy posta em 2\$400.

Item uma cayxa de pinho que está nos meunhos com Fichadura que levava 15 razas. Foy posta em 0\$400.

Item outra caixa de castanho que está na azenha, sem fichadura que levava 30 razas. Foy posta em 1\$200.

Item coatro tamboretos uzados de castanho que foram postos em duzentos Reis.

.....

Item uma gramalheira, umas founcinhas, um ferro do monte, um tonel, uma pipa, dois barris, uma dorna, 45 meadas de linho, duas saias de baeta, 12 carros de esterco, postos em 1200 Reys.

### *Bêns de Raiz*

Item disse que possuia a metade do asento e casas donde vivia o defunto que consta de casas terra e vinha e quinteyro e a metade de cinco moinhos que estam dentro do mesmo acento que sãm foreyros ao convento de Carvoeyro, de que se paga penção que tudo foy posto e avaliado pellos louvados abatida a penção em duzentos e vinte e cinco mil reis — 225\$000.

Item disse que pessuhia duas Azenhas. E uma alveyra e outra negreyra por baixo do mesmo acento, com seu sercuito à volta com sua vinha e horta chamado dos Velhos de herdade dizima a Deos que foram postas e avaliadas pellos louvados em quinhentos e cecenta mil reis — 560\$000.

Item disse que possuia uma piquena terra labradia e mato e vinha no lugar do Rio desta dita freguesia. E herdade dizima a Deus e foy posta pelos louvados ... 22\$000.

Item disse que possuia uma leyra de terra nas Lamas...

Item ... duas inçoas pegado às mesmas azenhas...

Item...

Item disse que possuia quatro carvalhos no Souto da possa de Novais...

Item...

Item...

(original em poder do Snr. Joaquim N. O. Maciel).



B — *Transcrição actual de outros testamentos:*

1. Do Doutor Manoel Cardoso Soares:

No ano de 1749, o Doutor Manoel Cardoso Soares fez testamento em que declara que dentro da quinta onde vive tem um campo chamado a «Dona», dízimo a Deus, e no fundo da quinta um pedaço de deveza que parte com o seu prazo, de que é directo Senhor e Abade de S. Fins de Tamel, e nele deixa dezasseis missas cada ano enquanto o mundo durar:

4 ao Santíssimo Sacramento

4 a Nossa Senhora

4 a S. Vicente

4 a S. Lourenço

Todas ditas na Igreja de Dorraens. Mais declara que no Campo de Senra (?) chamado de Tregosa (?) tem uma testa de largura de uma grade pelo meio, dízimo a Deus. Como consta do mesmo prazo, nela deixa uma missa cada ano de esmola de seis vinténs dita em a capela de Santo António do Monte e enquanto ela durar e se pelo tempo adiante se arruinar, será dita nesta Igreja. (Arquivo Paroquial, Livro dos Testamentos, fl 36 v.).

2. Do Capitão António Bernardino Leite, no seu Testamento feito em 24 de Abril de 1813:

... Declaro que sou Senhor e possuidor de um praso de que é directa Senhora a Igreja desta freguesia que houve por compra e se compõe das casas, quinta em que vivo e várias pertenças a qual nomeio no dito meu filho Joaquim José Leite meu testamenteiro com a reserva do usufruto, digo, com a reserva e condição do usufruto do dito praso, minha mulher Maria Josefa de Abreu será senhora do usufruto do mesmo praso enquanto viva for... (Arquivo Paroquial, Livro dos Testamentos, fl. 99).

APÊNDICE X

1129, Julho, 1 — CARTA DE COUTO DO MOSTEIRO DE CARVOEIRO <sup>(88)</sup>

(T. T. Reg. Afonso II, fl. 64 \*)

In nomine Sancte et Individue Trinitatis Patris et Filii et Spiritus Sancti Trinitas indivisa que nunquam erit finienda sed permanens per infinita seculorum secula amen. Idcirco ego inclitus infans domnus Alfonsus bone memorie magni Adefonsi imperatoris Ispanie nepos comitis

<sup>(88)</sup> Rui Pinto de Azevedo, *Documentos Medievais Portugueses, Documentos Régios*, Doc. n.º 100, Lisboa, 1958, p. 124 s.

Em quase todos os reinados, os Monges de Carvoeiro solicitaram a Confirmação da Carta de Couto concedida por D. Afonso Henriques, para manter o seu domínio sobre Durrães e Carvoeiro. Transcrevemos já a confirmação de D. Afonso II. Em



Enrici et regine Tarasie filius atque Deo auxiliante Portugalensium princeps. In honore domini nostri Ihesu Christi et Beate Marie semper Virginis omniumque sanctorum pro remedio anime mee ac parentum meorum pro te etiam Sarraceno Ossoriz atque pro uno bono equo et una lorica optima facio tibi cautum ad illud monasterium de Carbonario. Habet namque terminos per arcam de Alvela et inde per Vivvanes deinc Affolatos quomodo dividit Dorrane et Vilar et inde per Vermui deinc inter Arefi et Fragoso et inde per ubi dividit Sancta Logricia et Dorrane et inde per Valegon deinde quomodo dividit Congustum et Rial et inde ad illam ermitam de Sancto Mamete et inde venit per Agudelo deinde venit a Fornelos et inde per illam hermitam de Sancto Salvatore deinde vero inde Portellam et Carbonario deinde inter Carbonario et Capararios et inde ad illam arcam ubi primitur (a) incohavimus. Et si aliquis homo tam de propinquis quam de extraneis ad hoc factum nostrum irrumpendum venerit quod fieri non credo abbati et monachis illius monasterii vel qui vocem illorum pulsaverit D solidos componat et regie potestati quod libet iudicium (b) precipit et in super sit excommunicatus et a liminibus Sancte Matre Ecclesie segregatus et cum Iuda traditore in palacio gehenne habeat habitaculum. Facta carta donationis et firmitatis die primo Kalendarum Iulij sub Era M.C.LX.<sup>a</sup>VII.<sup>a</sup> Ego infans domnus Alfonsus hanc cartam propria manu roboro.

Qui presentes fuerunt:

Pelagius Braccarensis archiepiscopus conf., Ermigius Moniz curie dapifer conf., Laurentius alferaz conf., Petrus Pai conf., Fernandus Captivus conf., Pelagius ts., Egas ts., Petrus ts., Petrus Cancellarius infantis notuit.

Ego Alfonsus II<sup>us</sup> Dei gratia Port(ugalensis) rex una cum uxore mea regina domna Urraca et filiis nostris infantibus domno S(ancio) et domno Alfonso et domno Fernando et domna Alionor cartam illam cauti quam avus meus rex domnus in hac carta verbo ad verbum continetur roboro et confirmo vobis Menendo Suarij abbati eiusdem monasterij cunctisque sucessoribus vestris, et cautum ipsum pro ut avus meus illud fecit ego illud vobis concedo et confirmo per presentem paginam quam precipi fieri et meo sigilo plumbeo communiri que fuit facta apud Vimaranes VI.<sup>o</sup> Kalendarum Iunij Era M.<sup>a</sup> CC.<sup>a</sup> L.<sup>a</sup> VII.<sup>a</sup> Ego vero et uxor mea necnon et filij nostri supra nominati qui hanc cartam confirmationis fieri precipimus

---

diversos manuscritos vimos, pelo menos, as Confirmações a esta Carta de Couto concedida por D. Afonso V, D. João II, D. João III, D. João IV. Na Biblioteca Nacional de Lisboa, Divisão de Reservados, Mss. (Cx.) 73, Doc. 51, podemos ler o seguinte: *Confirmação da Carta trasladada ao Abbade e mais religiosos do Mosteiro de S.ta Maria de Carvoeiro, da ordem de S. Bento, pela qual V. Mag.de lhe confirma o Couto do referido mosteiro, q. lhe fez D. Affonso Henriques, etc. 1665.* O documento, em pergaminho, tem a assinatura do Rei D. Afonso VI.

Por seu lado, os livros que nos restam do Mosteiro de Carvoeiro transcrevem também a Carta de Couto e as suas posteriores confirmações. Veja-se o Maço n.º 96, de Sentenças, fls. 65 a 70 v., do Convento de Carvoeiro, no Arquivo Distrital de Braga.



coram subscriptis eam roboravimus et in ea hec signa apponi fecimus. Qui affuerunt: Domnus M(artinus) Iohannis signifer domni regis conf., Domnus P(etrus) Iohannis maior domus curie conf., Domnus G(unsalvus) Menendiz conf., Domnus Egidius Valasquiz conf., Domnus Garsia Menendiz conf., Domnus Rodericus Menendiz conf., Domnus Valascus Menendiz conf., Domnus P(etrus) Garsie conf., Domnus Martinus Petri conf., Domnus Poncius Alfonsi conf., Domnus Lopus Alfonsi conf., Domnus S(tephanus) Bracarensis archiepiscopus conf., Domnus P(etrus) Colimbriensis episcopus conf., Domnus S(uarius) Ulixbonensis episcopus conf., Domnus S(uarius) Elborensis episcopus conf., Domnus Pelagius Lamecensis episcopus conf., Domnus Bartolomeus Visensis episcopus conf., Domnus M(artinus) Egitanensis episcopus conf., Magister P(elagius) cantor Portugalensis ts., Petrus Garsie ts., Martinus Petri ts., Petrus Petri ts., Vicensius Menendiz ts., Iohanninus ts., Gunsalvus Menendi Cancellarius — Dominicus Petri scripsit.

(a) e (b) — 'sic', por primitus e liber, respectivamente.

1129, Julho, 1 — CARTA DE COUTO DO MOSTEIRO DE CARVOEIRO  
(Tradução)

(Torre do Tombo, Reg. Afonso II, fl. 64 \*)

Em nome da Sancta e Indivídua Trindade Pai, Filho e Espírito Santo, Trindade indivisa que nunca acabará, mas permanece pelos séculos sem fim, amen. Eu, o ínclito infante Dom Afonso, neto de Afonso Magno, Imperador de Boa Memória de Espanha, e filho do Conde Henrique e da Rainha Teresa e, com o auxílio de Deus, Príncipe de Portugal. Em honra de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Bem Aventurada sempre Virgem Maria e de todos os Santos, para remédio da minha alma e dos meus pais, e por ti Sarrazino Ozores, em troca de um bom cavalo e uma boa armadura, faço a ti couto àquele Mosteiro de Carvoeiro. Os seus termos são pela Arca de Alvella e daí por Vivvanes até Affolatos como se divide Dorrane e Vilar e daí por Vermui até por entre Arefi e Fragoso e daí por onde se divide Santa Logricia e Dorrane e daí por Valegon e depois como se divide Congustum e Rial e daí àquela ermida de São Mamede e daí vem por Agudelo e depois vem a Fornelos e daí pela ermida de São Salvador e ainda pela Portela e Carbonario e depois entre Carbonario e Capararios e daí àquela arca onde primeiro começámos. E se algum homem, seja dos vizinhos, seja dos estranhos, se levantar contra esta nossa determinação, o que eu não creio, pague ao abade e aos monges daquele mosteiro ou aos seus representantes 500 soldos e responda perante a autoridade régia e, além disso, seja excomungado e expulso dos limites da Santa Madre Igreja e habite com Judas traidor no palácio da Gehena. Feita a carta da Doação e confirmada no primeiro dia de Julho de 1129. Eu, infante D. Afonso, assino esta carta com a minha própria mão.



Estiveram presentes:

Pelágio, Arcebispo de Braga, Ermígio Moniz, Dápifer da Cúria, Lourenço, Alferes, Pedro Pais, Fernando Cativo, Pelágio, Pedro, Pedro Chanceler do Infante escreveu.

\*

\* \*

Eu Afonso II por graça de Deus Rei de Portugal, com a minha esposa Dona Urraca e os nossos filhos os infantes Dom Sancho, Dom Afonso e Dom Fernando e Dona Leonor, confirmo e corroboro a vós Mendo Suares, abade do mosteiro de Carbonario e a todos os vossos sucessores a carta daquele couto que o meu avô de excelentíssima memória o Rei Dom Afonso fez ao mesmo mosteiro, cujo teor se contém verbo a verbo nesta carta e o mesmo couto que o meu avô vos concedeu eu próprio vo-lo confirmo e concedo pelo presente documento que resolvi fazer e com o meu selo de chumbo o corroboro. Feito em Guimarães 6 de Junho de 1219. Com efeito, eu e minha esposa, assim como os nossos filhos supra nomeados que assinamos esta carta, promulgámo-la diante das seguintes assinaturas e nela fizemos gravar estes sinais + + + + +. Estiveram presentes: D. Martinho João, signifer do rei, D. Pedro João Mordomo da Cúria, D. Gonçalo Mendes, D. Egídio Vasques, D. Garsia Mendes, D. Rodrigo Mendes, D. Vasco Mendes, D. Pedro Garsia, D. Martinho Peres, D. Pôncio Afonses, D. Lopo Afonses, D. Estêvão, Arcebispo de Braga, D. Pedro, Bispo de Coimbra, D. Soeiro, bispo de Lisboa, D. Soeiro, bispo de Évora, D. Paio, bispo de Lamego, D. Bartolomeu bispo de Viseu, D. Martinho, bispo Egitanense, Mestre Pelágio, cantor Portucalense, Pedro Garsia, Martinho Peres, Pedro Peres, Vicente Mendes, Joanino, Gonçalo Mendes, Chanceler — Domingos Peres escreveu.

#### COUTOS CONFINANTES COM O DE CARVOEIRO

1127, Dezembro, 4 — Extracto da CARTA DE COUTO DE S. VICENTE DE FRAGOSO <sup>(89)</sup>

..... Et ego facio per terminum quo mihi placet et directum quomodo dividet de Cardos et deinde per terminum de Arefy et deinde per terminum de Quintiaes et deinde per terminum de Feroçam et deinde quomodo dividet per illum terminum de Palmi et per inter ambas foces et vadit per trans flumen ad Rivulo Sicco et per terminum antiquum quem vocitant Carraria et venit ad Cardos. Hec est terminatio de Sancti Vincencij de Fragoso.....

N. B. A palavra Arefy também aparece escrita em outro documento (B) do seguinte modo: 'Arrefi'.

---

(89) R. Pinto de Azevedo, *op. cit.*, doc. n.º 86.



In nomine Patris et Filij et Spiritus Sancti. Ego infans domnus Alfonsus bone memorie magni Adefonsi imperatoris Hyspanie nepos comitis Enrici et regine Tarasie filius cautum facio Deo et Sancte Marie Bracarensi et vobis archiepiscopo domno Pelagio ad ipsam ecclesiam de Capareiros pro remedio anime mee et parentum meorum. Et est cautum per hos terminos a foce de Vaiga per ipsum fluvium usque ad terminos de illa aldeia et inde ad illum fogum et inde per cacumine montium et inde per illum cautum de Carbonario et inde per ipsum fluvium de Nevia usque ad foze de Veiga ubi primitus incoavimus. Si autem aliquis homo venerit tam de extraneis quam de propinquis.....

## APÊNDICE XI

### DOCUMENTOS DO MOSTEIRO DE CARVOEIRO AINDA EXISTENTES <sup>(91)</sup>

#### *Arquivo Distrital de Braga:*

1. LIVROS DE RECIBO — de 1583 a 1833, ambos inclusive, Livros n.<sup>os</sup> 1 a 80.
2. TOMBOS — 1, sem data, vol. II — Livro n.<sup>o</sup> 81.
3. DEPÓSITO — de 1632 a 1816, ambos inclusive, Livros n.<sup>os</sup> 82 a 89.
4. LIVROS VÁRIOS:
  - Livro n.<sup>o</sup> 90 — Livro das Visitas (1731-1733). Refere as visitas de Abade Geral. Quando o consultámos, em 1977, estava bem conservado.
  - Livro n.<sup>o</sup> 91 — Livro das Audiências (1756-1777). Contém pormenores interessantes do dia-a-dia do Couto. Pena que a metade superior do livro esteja já toda comida pela traça.
  - Livro n.<sup>o</sup> 92 — Livro de descargo do recibo (1786-1788).
  - Livro n.<sup>o</sup> 93 — Livro de descargo do recibo (1795-1797).
  - Livro n.<sup>o</sup> 94 — Livro de descargo do recibo (sem data).
  - Maço n.<sup>o</sup> 95 — Papéis vários (14 documentos).
  - Maço n.<sup>o</sup> 96 — Sentenças.
  - Maço n.<sup>o</sup> 97 — 13 documentos: — Índice dos prazos (Séc. XIX).
    - Fragmento do Índice do Cartório.
    - Fragmentos do Índice dos livros de prazos.
  - Maço n.<sup>o</sup> 98 — Maço de prazos (Sécs. XVII-XVIII).

<sup>(90)</sup> R. Pinto de Azevedo, *op. cit.*, doc. n.<sup>o</sup> 138.

<sup>(91)</sup> Para os documentos existentes em Braga, valemo-nos de José Mattoso, *Inventário dos Fundos de Antigos Mosteiros Beneditinos existentes no Arquivo Distrital de Braga*, Braga, 1967. Sep. da Rev. *Bracara Augusta* (Braga) XX (1967) 53-54.

### *Arquivo Nacional da Torre do Tombo:*

Quando em 1978 consultamos a Relação dos Livros e Documentos vindos da Repartição de Fazenda de Viana do Castelo (em 5/5/1890), verificamos que a Torre do Tombo contém também bastantes livros do antigo Convento de Carvoeiro. Os Docs. vão do n.º 166 ao n.º 248 e ocupam o Compartmento n.º 1, Estantes 12 a 16. Do conjunto de 83 Livros existentes consideramos nomeadamente os n.ºs 206, 207, 208, 209 e 210, respeitantes aos Tombos de Casas e Herdades (desde 1543) e o Livro n.º 234, de Sentenças (1603-1637). A maioria dos Livros são de prazos e de Vedorias.

### EXTRACTOS DE ALGUNS DOCUMENTOS, OU RESUMO DOS MESMOS

#### *Arquivo Distrital de Braga:*

Maço n.º 95 (Papéis vários). Documento n.º 57: Referente à Querela de D. Abade do Mosteiro com Manoel José da Cunha, filho de Suzana Maria da Cunha, do Morgadio de Malta, Durrães, acerca do pagamento de *lutuozza* por morte da mãe e herança. Venceu o Morgado de Malta.

Livro n.º 91 (Livro das Audiências), sem indicação do fólio, nem data, por estar comida pelo caruncho a parte superior do mesmo: Pessoas da freguesia de Durrães que são condenadas por não irem limpar e fazer as poças de Arêfe:

João Gonçalves, de Durraens, foi condenado em quítos reis — 500.

António Figueiras, o mesmo — 500.

António da Silva, o mesmo — 500.

José Guerra, por fugir do Rego foi condenado no mesmo — 500.

Manuel Moré (?) por não acabar a limpeza do Rego foi condenado em trezentos reis.

Noutras audiências há também condenações, como por exemplo:

«Nesta audiência se queixou Domingos Gomes de Carvalho que huas ovelhas de Josefa Souza viúva andão desapastoreadas. Fazendo dano e que no lugar de tras o Mosteiro lhe comerão hum painço. Aqui esteve presente? Josefa Souza não negou nem allegou defesa attendível pera não ser condenada. Por isso a condeno em reis 200». Também não podemos indicar o número do fólio deste documento, porque todo o Livro n.º 91 tem a parte superior destruída pela traça.

#### *Arquivo da Torre do Tombo:*

Livro n.º 279: «Conforme ao Tombo das Terras fl. 64 avia neste lugar chamado porto de Rial, dous moinhos, do qual lugar, moinhos e casas foy feito prazo a A.º enes de irêa no anno de 1536, sendo commendatário Fr. Ant.º de Sá... Depois ouve esta fazenda por compra Pero Dñz e sua



molher M<sup>a</sup> molr<sup>a</sup> a surda, e desfizerão os moinhos e fizerão hũa azenha; Este p<sup>o</sup> díz vendeo esta fazenda a G<sup>o</sup> Miz o qual conforme ao l.<sup>o</sup> de descargo do R<sup>o</sup> fol. 60 pagava vinte e seis alqs. e meio de meado e duas galinhas; G<sup>o</sup> Miz tem hũa filha chamada C<sup>a</sup> Miz que casou cõ Fr.co Vicente; E Fr.co Vicente casou hũa filha com Manoel Carvalho, e sogro e genro falecerão em hũ anno, casou depois a V<sup>a</sup> de Manoel Carvalho com D.os Glz alfayate. E outra filha que ficou de Fr.co Vicente casou com D.os o Surdo. E os seus cunhados ambos partirão esta azenha pelo meo á somanas, faleceo a molher do D.os A<sup>o</sup> e ficarão lhe filhos, fez o mosteiro prazo desta azenha aos sobre-ditos cunhados como adiante se dirá.

D.s Glz alfayate E Molr<sup>o</sup> de Rial

|           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|-----------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Prazo     | Ha prazo feito no anno de 1627 a D.os Glz e a sua molher M <sup>a</sup> miz em                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| Luct. 200 | 1 <sup>a</sup> e 2 <sup>a</sup> Vida hu filho ou filha (— fl. 279 v. —) em 3 <sup>a</sup> da metade da azenha de Rial, e suas pertenças e orta cõ pensão de quatorze alqs., e quarto de meado, hũa g <sup>a</sup> e pella orta hũ frango no qual foro entra hu alqr. de acrecentamento e alqr. e meo de milho pella medida corrête noua do dizimo. E o mais pão será pella medida da mesa Abbacial luctuosa duzentos rs. 1. <sup>a</sup> Vida dominio a quinta parte. Está o prazo no l. <sup>o</sup> delles fol. 601. Vive a 1 <sup>a</sup> V. |

Meado quatorze alqrs e quarto.

Hũa galinha.

Hũ frango.

Milho pella corrête alqr. e meo».

Livro n.<sup>o</sup> 209, fl. 285: «... a Manoel da Cunha e a sua molher em 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> vida f<sup>o</sup> ou f<sup>a</sup> em 3<sup>a</sup> da azenha e folão que está nesta freg.<sup>a</sup> na estrada de Viana de que paga quatro alqrs. de meado, oitenta rs. e dous frangos...». Fl. 165 e 165 v. — Padela, Vacaria e Agros. Fl. 256: Algarés. Fl. 262: Cortinhal, etc. Livro n.<sup>o</sup> 210: fl. 1, refere as Lamas, as Senras, etc. (ano de 1560).

fl. 7, diz que «L.ço Glz. Cabano, de Doraes, paga pela bouça das Pol-dras deste casal (Casalinho) tres alqrs. de meado, hũa galinha, dez molhos de palha e ovos seis»...

Outros documentos referentes ao Mosteiro de Carvoeiro e existentes na Torre do Tombo: Ano de 1778 — Ms. 109 — n.<sup>o</sup> 1.

1779 — Ms. 116 — n.<sup>o</sup> 69.

1780 — Ms. 127 — n.<sup>o</sup> 12.

1786 — Ms. 167 — n.<sup>o</sup> 86.

1792 — Ms. 229 — n.<sup>o</sup> 15.

1793 — Ms. 236 — n.<sup>o</sup> 37.

1794 — Ms. 242 — n.<sup>o</sup> 118.

1778 — Ms. 113 — n.<sup>o</sup> 5.



Original encontrado numa casa de Durrães sobre os prazos a pagar <sup>(92)</sup>

ROL DAS PENÇOINS QUE SOU OBRIGADO A PAGAR  
AO MOSTEIRO DE CARVOEIRO

A terra da caniça paga 33 rs. em dinheiro foi emprazada Antonio da Costa.

a leira na agrinha medido pela conventual alqueire e meio e medido pela abaçial huma maquia D.ro 12 rs.

Palha huma copa. Foi cabeça de prazo Franco Meira e mulher.

o prazo que foi emprazado a Maria da Costa V<sup>a</sup> huma leira nagrinha do pito amais tres leiras de mato na louza e huma leira de terra na senra e outra leira no lugar de miranda estas leiras que forão emprazadas a Maria da costa V<sup>a</sup>: pagão de penção demiado milho alvo e centeio quatro alqueires e çinco maquias e meia huma galinha dous frangos e trinta rs. em dinheiro onze ovos e sete copas e tres quartos de palha painça medido pela Raza abaçial.

APÊNDICE XII

DECLARAÇÃO E CONFRONTAÇÃO DOS LIMITES DA FREGUESIA  
DE S. LOURENÇO DE DURRÃES ANEXA  
DE S. PEDRO FINS DE TAMEL

«Aos treze dias do Mês de Outubro de mil e oitocentos e três anos nesta freguesia de S. Lourenço de Durrães aonde eu escrivão vim com o Doutor António José Morais, Juiz deste tombo, e Juiz de fora com Alçada na vila de Barcelos, e seu termo por sua Alteza Real o Príncipe Regente Nosso Senhor que Deus guarde para efeito de fazer averiguar e confrontar os limites desta dita freguesia, e sendo presente o actual Abade de freguesia de S. Pedro Fins de Tamel à qual é anexa esta dita freguesia e estando presentes informadores e homens velhos de são consciência passou ele Ministro a fazer esta averiguação e confrontação pelo que informaram o dito Abade e mais pessoas que é o seguinte:

Principia o limite desta referida freguesia ao pé do Rio Neiva no sítio de Lourido que confronta com a freguesia de Tregosa e daí corre em direitura ao sítio de Lage onde se acha um marco: e daí vai à torre velha que está dentro da mata ou deveza da quinta de Cardoso: e daí corre direitura ao Lugar do Monte que de fora da dita quinta onde se acha um marco no sítio onde chamam Oiteiro Meão e daí vai ao alto do Monte onde chamam Vermoim e neste sítio se acha uma cruz feita a pico e confina este limite até aqui com a freguesia de Tregosa, e daí corre em direitura ao Penedo da Raposa aonde se acha um marco e confina com a freguesia de Fragoso e daqui vai ter ao sítio dos Salgueirinhos aonde se acha um

---

(92) O manuscrito tem à margem a data de 1642, mas deve ser apenas do princípio do séc. XIX. Essa data parece referir o início do emprazamento.



marco e confina com a freguesia de Santa Lucrécia de Aguiar e finaliza no sítio da Lousa onde outro sim se acha um marco confinando também neste sítio com a dita freguesia de Santa Lucrécia de Aguiar e depois divide o Rio Neiva, até o sítio de Lourido aonde principia o dito limite.

E nesta forma houve ele dito Ministro esta averiguação confrontação por bem feita e não houve dúvida nem encontro algum e assinaram comigo António José Gonçalves e Sousa escrivão deste Tombo o escrevi.

António José Morais

O Abade

JOAQUIM GOMES CERQUEIRA

### NOTA DE JOAQUIM O. MACIEL A DECLARAÇÃO DOS LIMITES DE DURRÃES

In *Lírio do Neiva* — n.º 34 — Fevereiro de 59

Na cópia dos limites de Durrães que acima vai transcrita verifica-se que o actual Alto de Marmorim era designado por Alto de Vermoim e quanto à cruz feita a pico, diziam pessoas idosas que o penedo onde a cruz estava gravada foi cortado para esteios bem como o Penedo do Forcado no Alto das Fontainhas e havia também quem dissesse ser este segundo penedo muito conhecido tanto em Portugal como no Brasil.

No Penedo da Raposa, Salgueirinhos e Lousa existe um marco pequeno com as iniciais S. L. na face voltada para a freguesia de Aguiar. No Outeiro Meão, Lousa e Vinhela existe um marco alto, do Convento de Carvoeiro, com a data de 1666 em qualquer deles.

As avaliações matriciais efectuadas no século passado não respeitaram os limites da Freguesia, porque há bouças de Fragoso que a maior parte do terreno pertence a Durrães e o mesmo acontece com as bouças de Durrães no sítio da Parinheira.

### APÊNDICE XIII

#### AUTO DA BÊNÇÃO DA PRIMEIRA PEDRA PARA A NOVA IGREJA DA FREGUESIA DE DURRÃES (tradução literal do latim)

«No dia 21 do mês de Junho do ano do Senhor de 1959, ano da bênção solene do Monumento a Cristo Rei levantado junto da cidade de Lisboa, no Pontificado de Sua Santidade João XXIII, Pontífice Máximo da Santa Igreja; e sendo Supremo Chefe da Nação Portuguesa, Sua Excelência o Senhor Contra-Almirante Américo Tomás — O Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor D. Francisco Maria da Silva, Bispo Titular de Telmisso e Auxiliar de Diocese de Braga, com delegação de S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor D. António Bento Martins Júnior, Arcebispo de Braga, Primaz das Espanhas, e assis-

tente ao Sólido Pontifício, na presença de numeroso clero, autoridades civis do lugar e enorme concurso de povo benzeu solenemente a Primeira Pedra da Nova Igreja de S. Lourenço de Durrães que vai ser construída com as esmolas dos fiéis.

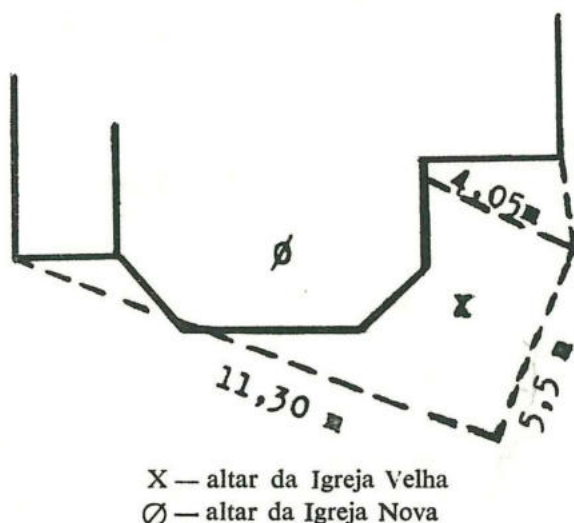
Permita Deus Omnipotente e Sempiterno que este novo templo dedicado ao seu Santíssimo Nome veja em breva o seu desejado fim.

Como testemunho e comprovação desta soleníssima bênção foi lavrado o presente Auto que vai ser assinado por S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Bispo de Telmisso, clero e muitos dos circunstantes que a ela assistiram.»

Este auto, em latim, foi posto dentro da primeira pedra, juntamente com algumas moedas correntes.

---

#### LOCALIZAÇÃO DO ALTAR DA IGREJA VELHA EM RELAÇÃO AO DA NOVA



---

A Nova Igreja de Durrães foi inaugurada em 16 de Junho de 1963. Foi seu obreiro o actual Pároco, Rev. Padre José Martins Mendes.

Para uma descrição da antiga Igreja, leia-se TEOTÓNIO DA FONSECA, *O Concelho de Barcelos Aquém e Além-Cávado*, I, Barcelos, 1948, p. 223-227.

#### APÊNDICE XIV

##### ALGUNS APONTAMENTOS DE JOAQUIM N. O. MACIEL SOBRE DURRÃES

A — *Apelidos de Famílias de Durrães, indicativos das respectivas terras de origem.*

Abreu — Palme e Balugães.

Alves — Capareiros, Mujães e Fragoso.

Araújos — Quintiães.

Bandeiras — Capareiros.

Barbosas — Quintiães e Aguiar.



Caridade — Vitorino de Piães.  
 Carneiros — Marinhas.  
 Castros — Cossourado e Aguiar.  
 Cruz — Poiães, Quintiães e Carvoeiro.  
 Cunhas — Carvoeiro.  
 Dias — Tibães e Mujães.  
 Farias — Cossourado e Gondomar.  
 Gomes — Arcozelo e Tregosa.  
 Gonçalves — Navió, Mujães e Tregosa.  
 Grilos — Balugães.  
 Guerras — Poiães.  
 Leites — Vila do Conde e Tregosa.  
 Limas — Deocriste e Geraz do Lima.  
 Machados — Carvoeiro e Tregosa.  
 Martins — Carvoeiro e Tregosa.  
 Monteiros — Arcozelo, S. Veríssimo de Tamel, Aguiar.  
 Motas — Carvoeiro.  
 Neivas — Carvoeiro e Fragoso.  
 Novais — Balugães.  
 Pereiras — Silveiros, Tregosa e Portela Suzã.  
 Pinheiros — Fragoso.  
 Pintos — Carvoeiro.  
 Pires — Mujães, Marinhas.  
 Ramalhos — Fragoso.  
 Ramos — Capareiros, Tregosa.  
 Reis — Alvarães, Capareiros.  
 Rochas — SubPortela, Mujães.  
 Rodrigues — Vila de Punhe, Quintiães, Portela, Piães.  
 Santos — Guimarães.  
 Silvas — Capareiros, Aguiar.  
 Sobreiros — Nogueira.  
 Sousas — Capareiros, Lijó, Quintiães.  
 Vieiras — Nogueira.

*B — Lugares habitados de Durrães:*

|                |                |
|----------------|----------------|
| Apeadeiro      | Igreja         |
| Campo          | Lages          |
| Campo do Forno | Monte          |
| Castelos       | Novais         |
| Carvalhinhos   | Riboeira       |
| Cruz           | Rio            |
| Cruzeiro       | Souto          |
| Cincos         | Souto de Vilar |
| Espinheiro     | Subvilar       |
| Fonte de Egra  | Vilar          |
| Fojo           | Sertão.        |

*C — Nomes de Sítios, Terras e Lugares da freguesia:*

|                   |                   |                   |
|-------------------|-------------------|-------------------|
| Arefe             | Bouça do Longo    | Campo da Luz      |
| Amial             | Bouça da Gata     | Calçada do Maciel |
| Azenha Nova       | Cortiças          | Calçada de Cima   |
| Apeadeiro         | Carrasco          | Cincos            |
| Azenha dos Velhos | Castanheiral      | Cabrita           |
| Azenha dos Frades | Costa do Pinheiro | Corredoura        |
| Barbosas          | Carreira Grossa   | Castelos          |
| Bufareira         | Coutada           | Corujeira         |
| Boucinha          | Costa de Vilar    | Chelo             |
| Bouças            | Chamusca          | Campo             |
| Bouça do Rio      | Chão das Neves    | Campinho          |
| Bouça da Cerca    | Chão de Arêfe     | Campados          |
| Bouça da Pomba    | Chão de Eiró      | Chuinho           |
| Bouça do Cabeço   | Chaves            | Campo Carunho     |
| Bouça da Giesta   | Cruz              | Carvalhinhos      |
| Bouça do Carrasco | Cruzeiro          | Cachada           |
| Bouça dos Chãos   | Campo do Forno    | Cachadinha        |
| Bouça Redonda     | Casal             | Caminho Novo      |
| Cortelho da Erva  | Lage Subalongo    | Poça Nova         |
| Cortelho Preguiça | Lage do Rato      | Poça Velha        |
| Cortelho do Rato  | Linhar            | Poça do Aldrego   |
| Cotorela          | Laranjeira        | Poça da Cotorela  |
| Dona              | Lameiro           | Rio               |
| Devesa Basta      | Lamas             | Real              |
| Devesa Castanha   | Lousa             | Retorta           |
| Devesa da Cruz    | Novais            | Regueira          |
| Devesa do Campo   | Nogueira          | Raminhos          |
| Escadinha         | Olival            | Santo António     |
| Espinho           | Outeiro           | São Miguel-o-Anjo |
| Fonte da Vila     | Outeiro Meão      | Senhor do Lírio   |
| Fonte da Várzea   | Outeiro de Vilar  | Souto             |
| Fonte Maior       | Penedo da Raposa  | Souto de Vilar    |
| Fonte de Agra     | Parinheira        | Soutinho          |
| Fonte de Mana     | Penedo do Forcado | Senra             |
| Fontainhas        | Pesqueira         | Senra de Vilar    |
| Fojo              | Painçal           | Salgueirinhos     |
| Ferreiras         | Palames           | Subvilar          |
| Forja             | Pereiras          | Sertão            |
| Frades            | Ponte Nova        | Subalongo         |
| Grilo             | Ponte de Real     | Trás-de-Arêfe     |
| Gramil            | Pinheiral         | Trocas            |
| Grijão            | Pau da Cabeça     | Trigal            |
| Igreja            | Paúl da Nogueira  | Várzea            |
| Lírio             | Pomar de Luz      | Vilar             |



|         |                 |                 |
|---------|-----------------|-----------------|
| Lourido | Poço das Bouças | Vinhela         |
| Longo   | Poço da Loba    | Vivenda         |
| Lages   | Poço das Tábuas | Vale Melhorado. |

D — *Elevações do Monte de Arêfe:*

Alto de Marmorim, pertencente a Durrães, Fragoso e Tregosa.  
 Alto do Penedo da Raposa, pertencente a Durrães, Fragoso e Tregosa.  
 Alto dos Mouros, limites com Tregosa.  
 Alto do Pau da Cabeça, ou Cabeço da Arêfe.  
 Alto dos Salgueirinhos, limites com Aguiar.  
 Alto da Carreira Grossa, limites com Aguiar.  
 Alto dos Castelos, limites com Aguiar.  
 Alto do Outeiro Meão, limites com Tregosa.  
 Alto de Carrasco, na Chão da Arêfe.  
 Alto de Santo António.  
 Alto do Penedo do Forcado.  
 Alto do Soutinho, ou Côtto de João Gonçalves.  
 Alto das Fontainhas, ou Outeiro de Vilar.  
 Alto da Bufareira, na Corujeira.  
 Alto do Senhor do Lírio.

APÊNDICE XV

ARQUIVO PAROQUIAL DE DURRÃES

No Arquivo Paroquial há dois livros que, pela sua antiguidade e interesse, convém citar, podendo mesmo ser objecto de estudos posteriores. Por agora, limitar-nos-emos a uma notícia dos mesmos.

1.º Livro: *Livro das Vesitações, 1687.*

Contém 142 fls. O primeiro documento é datado de 5 de Julho de 1687. O último, de 28 de Fevereiro de 1829. Conteúdo: Actas das Visitações, nomeadamente do Cónego Mestre-Escola, em cujo benefício a Paróquia estava integrada. Contém igualmente Pastorais e outros documentos eclesiásticos, inventários da Fábrica da Capela-Mor, etc.

Como exemplo e para elucidação, transcrevemos, do fl. 2, datado de 29 de Abril de 1690, o seguinte texto de uma Visitação:

«... Fiz a procissão dos defuntos, visitei os santos óleos e pia baptismal, aprovando no espiritual e no temporal ordenei o seguinte: o Rev. Pároco em tudo cumpra e guarde e faça cumprir e guardar a seus fregueses os cap.llos das vesitações pasadas que não estiveram revogados ou satisfeitos sob as penas e censuras delles...»

## 2. Livro: *Livro dos Testamentos*, 1723.

Iniciado em 1723. Último testamento datado de 1844. Termina com um documento-acta da colocação das cruzes da Via Sacra na Igreja, em 1888, no fl. 148 v., o último que se encontra escrito, apesar de ter numerados 201 fls. Faltam os fls. 111 a 116 e 130 a 147, mas parece não haver diferença no texto. As folhas teriam sido arrancadas quando em branco ou então houve lapso na paginação. Idênticas falhas aparecem nos últimos fólios, que se encontram em branco.

Fl. 1 — «Cometemos ao Pe. João Lopes nosso capelão numerar e rubricar este Livro que há-de servir p<sup>a</sup> nelle se escreverem os Testamentos das pessoas que falecerem na freg<sup>a</sup> de S. Lourenço de Dorraens. Lhe fará encerramento no fim com declaração das folhas que contém. Braga, 17 de Fevereiro de 1723.»

Fls. 1-2 — Testamento de Maria Alv.res viuva que ficou de Domingos Carvalho do lugar de Dorrais. 1718.

Fls. 2-4 — Testamento de Gregório Rodrigues viuvo que ficou de Natária Peixota. 1723. (Natália Peixota, n.º 6 do Apêndice I).

Fl. 4-4 V — Testamento de Maria Martins, mulher que foi de Domingos Martins do Espinheiro desta freg<sup>a</sup> de Sam Lourenço de Dorrais. 1723.

Fls. 4v-5v — Testamento que fez Joham Cardoso morador que foi nesta freguesia de Sam Lourenço de Dorrais. 1722.

Fls. 5v-7v — Testamento de Jeronima Velloso. 1723. (Falta, por lapso, o fl. 6).

Fls. 7v-8 — Testamento de Gregorio Glz solteiro, do lugar do Foio. 1726.

Fls. 8v-9v — Testamento de João Carvalho, do lugar de Dorrais. 1726.

Fls. 9v-10 — Testamento de Maria Martins Roxa, do lugar do Foio. 1727.

Fls. 10v-14 — Testamento de Domingos da Costa, do lugar de Dorrais. 1727.

Fls. 14-15 — Escritura de doaçam q. fes Luis Carvalho. 1729.

Fls. 15v-16 — Testamento por escritura que fes Angella da Silva solteira assistente dentro da portaria de comunidade do Salvador desta Sidade de Braga. 1727.

Fl. 16v — Testamento que fes Isabel da quinta solteira. 1731.

Fl. 17 — Testamento que fez Maria Rodrigues solteira. 1733.

Fl. 17v — Testamento de Vintura Soares. 1733.

Fls. 17v-19 — Testamento de Domingas Carvalha. 1734.

Fls. 19-20v — Testamento de Domingos Alv.res. 1734.

Fl. 21-21v — Testamento de Paulla, solteira, filha de Gregório Rodrigues. 1735.

Fls. 21v-22 — Testamento de Anna Gomes viuva. 1735.

Fl. 22-22v — Testamento de Maria Martins, solteira. 1736.

Fls. 22v-23 — Testamento de António Martins. 1727.

Fls. 23v-24v — Testamento que fes António Alves v<sup>o</sup> do lugar dos Castellos. 1740.

Fls. 26-29 — Testamento que fes o Pe. Domingos Cardoso de Menezes vigário que foi desta freg<sup>a</sup>. 1741.



- Fls. 25-26 — Testamento que fes M<sup>a</sup> Luíza v<sup>a</sup> do lugar de Dorraens. 1740.
- Fls. 29v-30v — Testamento que fes Cezília Carvalha solteira do lugar dos Castellos desta freg<sup>a</sup>. 1742.
- Fls. 30v-32v — Testamento que fes Manoel da Costa desta freg<sup>a</sup> do lugar de Novaes. 1742.
- Fls. 32v-34 — Testamento que fes Domingos Carvalho natural desta frg<sup>a</sup>... e morador na freg<sup>a</sup> de Santa Maria de Tregosa. 1744.
- Fls. 34-35v — Testamento que fes Antónia Carvalha viuva do lugar de Dorraens. 1740.
- Fls. 35v-36 — Testamento de Domingos Correa Martins solteiro. 1746.
- Fls. 36-40 — Testamento que fes o Doutor M.el Cardoso Soares da freg<sup>a</sup> de S. Lourenço de Dorraens, termo da Villa de Barcelos. 1749.
- Fls. 40-41 — Testamento de Sylvestre Carvalho. 1750.
- Fls. 41-42 — Testamento que fes Rosa Martins do lugar do Fojo. 1751.
- Fls. 42-43 — Testamento que fes Francisca Cardosa. 1752.
- Fls. 43-44 — Testamento que fes Domingas Alves, solteira. 1752.
- Fls. 45-46 — Testamento que fes Fran.co Pr<sup>a</sup> Velho do lugar de Villar. 1756.
- Fls. 46v-48 — Testamento que fes Domingos Martins, do Espinheiro. 1757.
- Fls. 48-51 — Testamento que fes Ádega Pr<sup>a</sup>. 1758.
- Fls. 51v-53 — Testamentos que fizerão Ago.nho Gonçalves e sua irmã Anna. 1758.
- Fls. 53-54v — Testamento que fes Ago.nho Glz. solteiro do lugar do Souto. 1759.
- Fls. 54v-55v — Testamento que fes Maria Correa. 1761.
- Fls. 55v-56v — Testamento que fes Paulla Correa viuva de M.el Dias delgado. 1761.
- Fls. 56v-57 — Testamento que fes João Afonço. 1763.
- Fl. 57-57v — Testamento que fes... (ilegível, devido à humidade)... 1764.
- Fl. 58-58v — Testamento de Thereza M<sup>a</sup>(?) (mulher de João da Costa). 1765.
- Fls. 58v-59v — Testamento de Isabel Alves criada que foi de Bento Pereira de Azevedo. 1766.
- Fls. 59v-60 — Testamento que fes Maria Barbosa, mulher de Diogo Peixoto. 1770.
- Fls. 60-61v — Testamento que fes Donna Antónia de Abreu Barbosa, mulher de Bento Pr<sup>a</sup> de Azevedo. 1771.
- Fls. 62-65v — Despozição que fes Bento Pr<sup>a</sup> de Azevedo para dar comprimento ao testamento com que faleceo sua mulher D. Antónia... 1771.
- Fls. 65v-66 — Testamento de Maria de Faria Maris v<sup>a</sup> que ficou de Fran.co Pr<sup>a</sup> Velho desta freg<sup>a</sup> da quinta de Villar. Em 1765. *Treslado*: 1773.
- Fls. 66v-67 — Testamento de João Alves. 1777.
- Fls. 67-68 — Testamento de Custódia Maria v<sup>a</sup> do lugar do Rio. 1780.
- Fls. 68-69 — Testamento com que faleceo Maria José Pr<sup>a</sup> da quinta de Villar, solteira. 1780.
- Fls. 69-70 — Testamento de João da Cunha, solteiro. 1784.



- Fls. 70-71 — Testamento de Antónia Souza. 1785.
- Fls. 71-73 — Testamento com que faleceu Francisca Carvalha veuva de Francisco da Costa desta freg<sup>a</sup> de Dorraens, falecida em 14 de Abril de 1787.
- Fls. 73-75 — Testamento com que faleço Francisca Rodrigues mulher de Manoel Fernandes do Rio, desta freguesia de Durraens, em o primeiro de Outubro de 1788.
- Fl. 75-75v — Testamento com que faleço Maria Maciel veuva do lugar do Rio..... aos 4 de Abril de 1789.
- Fls. 76-77v — Testamento com que faleço Manoel Glz. Furtado, solteiro. 1788.
- Fls. 77v-79 — Testamento de Rosa Meira mulher de Manoel de Miranda. 1790.
- Fl. 79-79v — Cópia do testamento com que faleço Quitéria Carvalha S<sup>a</sup> desta freg<sup>a</sup> do lugar do Fojo aos 15 de Setembro de 1790.
- Fls. 80-82 — Testamento com que faleço o Rev. Pe. João de Carvalho desta freg<sup>a</sup> aos 6 de Dezembro de 1791.
- Fls. 82-83 — Testamento com que faleço Maria Barb<sup>a</sup> v<sup>a</sup> de B.to Rodrigues aos 5 de Mayo de 1790.
- Fls. 83-84 — Test<sup>o</sup> de Gerónimo da Costa. 1793.
- Fls. 84-85v — Test<sup>o</sup> de Agost<sup>o</sup> Martins do lugar do Fojo. 1794.
- Fl. 86-86v — Test<sup>o</sup> com que faleço M<sup>a</sup> Pereira v<sup>a</sup> de João Avz (?) do lugar do Cruzeiro. 1795.
- Fl. 86v-88 — Test<sup>o</sup> com que faleço Suzana M<sup>a</sup> Isabel de Faria da q.ta de Villar, aos 10 dias de Fevereiro de 1796.
- Fls. 88v-89 — Test<sup>o</sup> com que faleço João Fig.as aos 5 dias do mes de Dezembro do anno de 1799.
- Fls. 89-90 — Test<sup>o</sup> de Domingos Rodrigues falecido aos 20 de M. de 1800. 1794.
- Fls. 90-91 — Test<sup>o</sup> com que faleço João Barbosa veuvo aos 19 de M. de 1800.
- Fls. 91-92v — Test<sup>o</sup> com que faleço Thereza Franc.ca v<sup>a</sup> de Geronimo da Costa desta freg<sup>a</sup> de Dorraens aos 20 de Setembro de 1800.
- Fl. 92v — Test<sup>o</sup> com que faleço João Soares Machado aos 18 de Junho de 1802.
- Fls. 93-94 — Test<sup>o</sup> com que faleço Maria Rodrigues solteira do... Fojo em 1805.
- Fls. 94-96 — Test<sup>o</sup> com que faleço Manoel Joaquim da Cunha, solteiro, da quinta de Malta aos três dias do mês de Janeiro de 1808.
- Fls. 96v-98v — Test<sup>o</sup> com que faleço Francisca Cardosa. 1784.
- Fls. 98v-101v — Testamento com que faleço António Bernardino Leite desta freguesia de Sam Lourenço de Durrais. 1813.
- Fls. 101v-102v — Test<sup>o</sup> com que faleço Maria Rodrigues v<sup>a</sup>. 1814.
- Fls. 102v-104 — Test<sup>o</sup> com que faleço Maria Fernandes viúva que ficou de João Figueiras. 1818.
- Fls. 104-105v — Test<sup>o</sup> de Domingos Fernandes de Durraens. 1816.



- Fls. 105-106v — Testº de António Peixoto. 1807.  
 Fls. 106v-108 — Testº de Domingos Francisco e sua mulher. 1816.  
 Fl. 108-108v — Testamento vocal que fes Agostinho Franco Marques Mele-  
 ciano do Regim.to de Barcellos, estando destacado na praça de  
 Valença onde faleceo. 1822.  
 Fls. 108-118 — (Não há paginação dos fls. 111 a 116). Testº de Anna Pei-  
 xota viuva que ficou de Manoel Martins de Carvalho do lugar das  
 Lages. 1824.  
 Fls. 119-123 — Testamento com que faleceo Manoel da Costa. 1825.  
 Fls. 123-124 — Testº com que faleceo Antónia Figueiras viuva de José  
 Maria. 1823.  
 Fl. 124-124v — Testº de Custódia Alves viuva de Rafael Gonçalves. 1829.  
 Fls. 125-126v — Testº d'António Maciel. 1832.  
 Fls. 126v-128v — Testº de Maria Pereira viuva de José Alves do Cruzeiro.  
 1835.  
 Fls. 128v-129v — Tistamento com que falleceo Maria Josefa d'Abreu viuva  
 d'António Bernardino Leitte ... no dia 5 de Maio de 1835.  
 Fls. 129v-148v — (Do fl. 129v passa logo ao fl. 148). Testamento de Fran-  
 cisco Peixoto fallecido no dia 19 de Novembro de 1844.  
 Fl. 148v — Acta da colocação das Cruzes da Via-Sacra. 28 de Março  
 de 1888.  
 Fl. 201v — «Tem este livro cento e hũa meyas folhas que vão rubrica-  
 das com o meu sobrenome Lopes, Braga 19 de Fevereiro de 1723.  
 o Pe. João Lopes.»

## APÊNDICE XVI

### TRADIÇÕES POPULARES, SUPERSTIÇÕES, ETC.

#### 1. *Para saber o dia mais chuvoso do ano:*

Para se saber qual o mês mais chuvoso do novo ano, nas Têmporas do Natal arranjam-se 12 tigelas e põe-se em cada uma delas uma casca de cebola, à noite. Cada tijela representará o nome de um mês. Na manhã seguinte, a cebola que tiver largado mais água indica, na respectiva tigela, o mês mais chuvoso do próximo ano.

#### 2. «*Maganíficas*» <sup>(93)</sup> *que se recitam para afastar as trovoadas:*

A — S. Jerónimo, Santa Bárbara Virgem,  
 Afastai as trovoadas, que andam desalmadas.  
 Levai-as para os montes maninhos,  
 Onde não haja pão nem vinho,

<sup>(93)</sup> Deturpação popular do termo litúrgico *Magnificat*. Este formulário encontra-se em todo o País, até no Algarve, como mais ou menos variantes. Compara-se estas duas versões com aquela, mais longa, que J. Leite de Vasconcelos recolheu em Durrães e vem publicada na *Etnografia Portuguesa*, V, 1967, p. 268.

Nem bafinho de criança,  
Nem mulher de parto.  
Santos ventos, Santos fortes.  
Miserere nobis.

B — Onde vais, Santa Barbarinha Virgem?  
Vou aplacar a trovoada,  
Que anda desalmada.  
Vou mandá-la para os montes maninhos,  
Onde não haja pão nem vinho,  
Nem bafinho de criança,  
Nem mulher de parto.  
Santos ventos, Santos fortes,  
Miserere nobis.

3. *Padre Nosso Pequenino* <sup>(94)</sup>:

Padre nosso pequenino,  
Sete livros a rezar,  
Sete candeias a alumiar.  
Nosso Senhor é meu Padrinho,  
Nossa Senhora é minha Madrinha,  
Que me pôs a Cruz na testa  
(Pra) que o demónio não me empeça  
Nem de noite nem de dia  
Nem ao toque do meio dia.  
Já os galos cantam,  
Já os anjos se alevantam,  
Já o Senhor subiu à Cruz,  
Para sempre, Amém, Jesus.

4. *Modo de talhar o bicho*:

Eu te talho, bicho, bichão  
Aranha, aranhão,  
Bicho de toda a nação.

---

(94) Não sabemos até que ponto esta versão é a mais corrente e a mais original, uma vez que existem outras na localidade. Compare-se com a que recolhemos na zona serrana do Sotavento Algarvio:

Padre Nosso Pequenino,  
Tem a chave do Menino,  
Quem lhe deu, quem lha daria?  
S. Pedro e Santa Maria.  
Correu monte, correu fonte,  
E o pecado não me encontre,  
Nem de noite nem de dia.  
Já os galos pretos cantam,  
Já os anjos se alevantam,  
Já o Senhor subiu à Cruz,  
Para sempre, Amén, Jesus.



Em louvor de São silvestre,  
Tudo faça, tudo preste,  
Em louvor de Nosso Senhor,  
Que é o verdadeiro Mestre.

5. *Coser o pé aberto:*

Põe-se uma chocolateira com água a ferver. A água é deitada num *sopeiro*. Depois de se *debruçar* a chocolateira vazia sobre a água, colocam-se sobre o fundo daquela umas tesouras e um pente cruzados. Em seguida, põe-se o pé em cima de tudo. Pega-se num novelo e uma agulha com linha enfiada, mas separada daquele, e enquanto se passa a agulha por baixo do pé e por cima do novelo, 9 vezes, uma pessoa diz:

— Eu que coso?

A pessoa doente diz:

— Pé aberto ou desfiado.

E a outra pessoa:

— É isso mesmo que eu coso, em poder de Deus e da Virgem Maria, tudo quanto fazia tudo me abessia<sup>(95)</sup>. Assim seja eu uma Avé Maria.

Todos os presentes rezam a Avé Maria e Santa Maria, em particular, nove vezes. Se a água do *sopeiro* subir para a chocolateira, ou borrete, é pé aberto e continua-se a mesma cerimónia. Se não subir, não vale a pena. Se subir, repete-se a operação 3 vezes, em três dias. (Segundo uma mulher de Durrães, que ditou esta descrição ao Autor, em 4/9/69).

6. *Superstições ligadas à criança:*

Quando uma mulher tem um filho, ao tirar a primeira camisinha que o bebé vestiu, deverá guardá-la sem a lavar. Se um dia adoecer, é porque foi mau olhado. Nessa altura, deve-se pôr a camisinha a ferver numa panela até que a pessoa que a tolheu venha aflitiva bater à porta, pedindo para não ferverem mais a camisa, prometendo que a criança sara em pouco tempo e não mais lhe acontecerá mais algum mal. (Registada pelo Autor em 31/8/69).

Após o nascimento do bebé, a mulher deverá vestir uma camisa suja do marido. Os lençóis da cama da mãe serão também já utilizados noutra cama, por lavar. Isto até que a mãe já esteja boa e se possa levantar.

Não é bom pôr as tesouras no cabelo das crianças, nem pente, antes dos dois anos, pois a criança correrá o risco de ficar muda.

As unhas das crianças também só deverão ser cortadas, até aos dois anos, com os dentes da mãe.

A mãe não deverá beber com a criança ao peito. Se isto acontecer,

---

(95) *Abessia* — Palavra indicativa da antiguidade desta fórmula. A palavra arcaica *abêsso* (não confundir com *avêsso*), significava mal ou maldade desejada ou feita a outrem.

a criança terá de ir ao mar tomar as sete ondas ou beber água de Missa Nova.

A água do banho das crianças será deitada em qualquer sítio, menos ao relento da noite.

As roupinhas dos bebês, para secar, não se devem virar do avesso, porque não é bom.

Ao lavar os cueirinhos dos bebês, não se deve bater com eles no lava-douro, porque causa dores às crianças.

Quando se está sentado à mesa, nunca se deve passar um bebê por cima da mesa para o colo de outra pessoa.

Não se devem deixar beijar duas crianças com menos de dois anos, pois uma poderá ficar muda.

Os dentes caídos devem ser deitados para cima do forno, senão não voltam a nascer.

As crianças que começam a demonstrar tendência para o roubo, deverão comer um arroz de ratinhos tenros.

Para que as crianças a quem os ratos levaram o cordão umbilical não venham a ser ladrões, deverá pedir-se às suas madrinhas, quando atingem os 3-4 anos, que lhes façam um bolo num tacho, de farinha milha fervida com azeite. A criança comerá o que lhe apetecer e o resto será deitado a um cão.

Se uma criança parecer muda, terá de ir ao colo da madrinha, por todas as portas da freguesia, pedir uma esmolinha.

Uma mulher grávida não deve:

- pôr uma corda à cintura, pois a criança nascerá aleijada.
- trazer uma chave à cintura, pois a criança nascerá com lábio rachado.
- cheirar uma flor, pois a criança trará uma flor na cara.

## 7. Outras superstições:

Se duas pessoas beberem ao mesmo tempo, morre primeiro o que primeiro acabar de beber.

Se alguém beber os restos de outros copos, ficará a conhecer os segredos das pessoas que os beberam.

As vacas não deverão comer folhas de figueira, nem aspirar o seu fumo, pois o leite pode secar-lhes.

Se uma vaca estiver dando leite e outro animal fêmea o provar, diminui o leite daquela e aumenta o deste.

São sinais de morte: — um chapéu em cima da cama.

— um guarda chuva aberto dentro de casa.

— umas tesouras abertas.

— galo que canta de noite.

— galinha que canta de galo.

— o piar do mocho.

Na noite de Natal, deverá ficar aceso toda a noite o cepo de Natal



e a comida não deverá ser levantada das mesas, para as alminhas se virem aquecer e alimentar.

Quando as crianças saem de noite, deverão levar a proteger a cabeça alguma peça de vestuário do pai ou do padrinho <sup>(96)</sup>.

#### 8. *Crenças nas bruxas:*

Certas camadas da sociedade ozoranense justificam a existência das bruxas, contando histórias que dizem verídicas. Citaremos duas:

A — Madrinha e afilhada dormiam na mesma cama. A primeira saía todas as noites e benzia a afilhada, para ela não acordar. Mas um dia esta acordou e insistiu para ir com a madrinha, que acabou por aquiescer, dizendo-lhe: — Vais, mas não digas o nome de Jesus, mas apenas Ju. Caso contrário, ficarás lá.

Foram então para muito longe, para casa de um padre, e meteram-se na adega, abrindo as torneiras das pipas de vinho e bebendo, juntamente com outras feiticeiras. A afilhada, estupefacta, não se conteve que não exclamasse: — Ai Jesus, que se perde tanto vinho!

A madrinha dela imediatamente lhe disse: — Ai tu disseste Ju? Pois, então, vamos nós e ficas tu! E saíram pelo buraco da fechadura e a pobre rapariga ficou presa, tendo sido encontrada no dia seguinte pela criada do Abade, a quem explicou o sucedido e assim se soube.

B — O Ti Zé Castro costumava ir de madrugada cortar as águas de lima para as suas terras. Uma vez, pelas duas horas da manhã, ia por um caminho fora e viu no monte de Carvoeiro as luzinhas das bruxas que iam para a dança. Ao ver o espectáculo, disse: — Ah! diabos, vinde para cá que vos racho com esta sachola!

O Ti Zé foi, regou e regressou a casa. Mas ao chegar ao portal, que deixara apenas encostado, viu que o mesmo estava trancado com uma enorme vara de pinho verde...

#### 9. *Situações concretas na actualidade:*

Há pessoas em Durrães que continuam a utilizar o bruxo ou bruxa como solução para os seus problemas. Determinado homem, sentindo-se mal, foi à bruxa. Ela disse-lhe que tinha três espíritos. Para eles saírem, a mulher teria de ouvir cerca de 100 missas e ir fazer uma romaria de joelhos a uma capela, dando três voltas à mesma. (Caso contado ao autor em 1976).

Outro caso: Um rapazito adoeceu. Foi levado a um bruxo. Este disse que foi uma mulher que lhe *botou* o mau olhado. Para sarar, a família dele tinha que ir buscar ao cemitério terra tirada de sete campas de sete homens machos (sic). Essa terra seria colocada num caco com brasas acesas à porta da mulher que deitara o mau olhado. Assim fizeram e a criança sarou... (Caso contado ao autor em 16 de Maio de 1976).

---

<sup>(96)</sup> Para outras superstições em Durrães, veja-se o trabalho de Luís Pinheiro citado na nota n.º 1.

LITERATURA ORAL POPULAR

1. *Janeiras e Reis:*

As Janeiras não se cantam  
 Nem aos Reis nem aos Fidalgos,  
 Mas nós vimo-las cantar,  
 Por ser ano melhor ano.  
 Melhor ano na saúde,  
 Descontando no pecado.  
 A pombinha vai correndo,  
 Vai correndo à porfia.  
 A ver quem chega primeiro,  
 Aos pés da Virgem Maria.  
 Já lá vão as três Marias,  
 De noite, pelo luar,  
 À procura de Jesus,  
 Nunca o puderam achar!  
 Foram dar com ele em Roma,  
 Revestido num altar,  
 Com um cálix de ouro na mão,  
 Três anjinhos a ajudar  
 E outros três a alumiar!  
 Oh! que missa tão alegre,  
 Que até ao Céu vai chegar.

Reis:

Os Três Reis do Oriente  
 Tiveram sonho profundo.  
 Sonharam que era nascido  
 O Libertador do Mundo.  
 Foram a casa de Herodes,  
 Para os bem encaminhar.  
 Herodes, como malvado,  
 Tratou de os enganar.  
 Guiados por uma Estrela  
 Com Ele logo foram dar.  
 Todos três lhe ofereceram  
 Ouro, Mirra e Incenso.  
 Não lhe ofereceram mais nada,  
 Pois Ele era o Deus Imenso.



Outros *Reis*:

Ô da casa, ó gente nobre,  
Cantareis e ouvireis (bis).  
Da parte do Oriente,  
São chegados os Três Reis (bis).

Reis que do Oriente vindes,  
Jesus Cristo adorar (bis).  
À busca do Rei Herodes,  
Para os bem encaminhar (bis).  
Herodes como malvado  
Tratou de os enganar (bis)  
Os Reis como eram santos,  
Seguiram o seu destino. (bis)  
Guiados por uma Estrela  
Foram dar ao Deus Menino (bis)  
Todos três lhe ofereceram  
Ouro, Mirra e Incenso. (bis)  
Não lhe ofereceram mais nada,  
Porque Ele era o Deus Imenso. (bis)  
A estrela foi abaixada  
Por cima duma cabana. (bis)  
A cabana era pequena,  
Não cabiam todos três. (bis)  
Mesmo assim o adoraram  
Cada um por sua vez. (bis)  
Glória seja dada ao Padre,  
Ao Filho seja também. (bis)  
Glória ao Espírito Santo,  
Para todo o sempre, Amém. (bis).

2. *Quadras de conteúdo vário:*

O defunto, a quem passa pelo cemitério:

Ô irmão, que vais passando,  
Não te enojas de me ver.  
Que como tu já eu fui,  
Como eu tu hás-de ser.

Ao deitar:

Pela vossa Conceição,  
Ô Maria Imaculada,  
Tornai bem puro o meu corpo,  
Minha alma santificada.

Ao levantar:

Meu Jesus, misericórdia,  
Por Vós espero ser vosso.  
Maria, sede comigo,  
Pois sem Vós eu nada posso.

O que resta das poesias de João dos Santos Neiva, o *Jagodes*:

Adeus, ó fonte da Vila,  
Onde sempre vou beber.  
Tens umas letras na pedra,  
Pra ninguém as entender! <sup>(97)</sup>.

Quadras utilizadas em canções nos trabalhos do campo. Umas originais, outras de origem variada e mais ou menos conhecidas:

Debaixo da Ponte Nova  
Andam *truitas* a nadar.  
Debaixo do burro anda,  
Quem se ri do meu cantar!

Graças a Deus para sempre,  
Já ouvi a tua voz.  
Que a tinhas escondida,  
Dentro da casca da noz.

O Castelo de Viana,  
Bota bandeiras de luto,  
Foi-se meu amor embora,  
Tenho pena, choro muito.

Quem a mim ouvir cantar,  
Que dirá e tem razão.  
Que eu estou muito contente,  
Sabe Deus minha paixão.

O cravo tem vinte folhas,  
A rosa tem vinte e uma.  
O cravo anda em demanda  
Por a rosa ter mais uma.

A rosa para ser rosa,  
Há-de ser de Alexandria.  
E a mulher pra ser mulher,  
Deve-se chamar Maria.

Minha Mãe é minha amiga,  
Quando coze dá-me bolo.  
Quando se zanga comigo  
Dá-me com a pá do forno.

José amo, José quero,  
José trago no sentido.  
Por tua causa, José,  
Trago o meu sono perdido.

---

(97) Referência às seguintes iniciais que se encontram no rochedo da Fonte da Vila, desde a década de 1920, da autoria do Prof. Daniel Maciel:

O F Q N S  
M E  
O F S T M  
A S D T V

que escondem a quadra:

Ó Fonte que nunca secas,  
Murmurando enternecida,  
Ó Fonte, se tu matasses,  
A sede de toda a vida.



## ASPECTOS DA FESTA EM DURRÃES

Já nos referimos, no texto, a um ou outro aspecto da festa religiosa.

Algumas palavras, aqui, sobre a festa profana. Esta não encontrou em Durrães grandes possibilidades de desenvolvimento, porque a autoridade eclesiástica viu nela uma forma de diversão não recomendável, por se tornarem possíveis certas liberdades. A dança, por exemplo, é uma expressão cultural que o povo não conhece nem pratica, ao contrário do que acontece com freguesias do Alto Minho, que se tornaram conhecidas em Portugal e no estrangeiro pelas suas manifestações coreográficas. Este aspecto negativo tem sido contrabalançado pela acção positiva dos últimos párocos em fomentar e ajudar os grupos cénicos, alguns dos quais se tornaram célebres na região, como o Grupo Dramático LÍRIO DO NEIVA.

Mesmo assim, em relação às actividades económicas, na altura de certas colheitas, ainda se desenvolveu em Durrães um certo tipo de festa, nomeadamente nas desfolhadas, espadeladas e malhadas.

Um documento do Séc. XIX, ainda antes do Liberalismo, e existente em Durrães, dá-nos conta de que já então as pessoas festejavam certos acontecimentos ligados à economia rural, a ponto de o pároco se ver obrigado a proibir os grandes ajuntamentos nocturnos que então ocorriam. Diz o documento: «Proibemos os seroens e adjuntos nocturnos de ambos os sexos nas fiadas, espadeladas e esfolhadas com penas cominadas na Pastoral do Sereníssimo Snr. D. Gaspar, de Feliz Memória. Ficam proibidos os adjuntos no Cruzeiro e adro, antes, depois e ao tempo dos Offícios Divinos, sob pena de 50 reis, que aplico para a cera do SS. Sacramento... Ao Juiz da freguezia para executar o giro que é costume. Durrães, 21 de Agosto de 1831. O Vigário, Joaquim José de Barros Neiva».

Os condicionalismos actuais e as transformações de que já nos demos conta no texto vão fazendo com que estas manifestações rareiem cada vez mais. As «fiadas» e espadeladas já desapareceram. As desfolhadas ainda mantêm, aqui e ali, o seu aspecto festivo. As malhadas, principalmente as do centeio, também já desapareceram como expressão de alegria colectiva. Por isso a nossa descrição se destina essencialmente a conservar para o futuro alguns elementos do que eram estas manifestações em Durrães até há uns vinte, trinta anos. Se elas hoje ainda aparecem, são muito limitadas no tempo e no espaço.

Quando havia uma espadelada as pessoas animavam-se bastante. Ouvia-se dizer: — Hoje é a espadelada na casa de fulano. E tudo lá aparecia, à noite. Outras vezes a rapaziada nova mascarava-se e iam procurar onde se desenrolavam as operações, orientando-se pelo som das canções que ecoavam na freguesia. Os mascarados eram parte essencial das espadeladas, bem como das desfolhadas. Faziam partidas e rondavam as rapa-



rigas que pretendiam. Sem revelar a sua identidade, ajudavam as moças nos trabalhos e colaboravam nas canções. Os cantos eram comuns: *Ó ramo, ó lindo ramo... Navio que vais à vela... Ó oliveira da serra... Trai-trai, olaré trai-trai... Lá vai o João pelintrão*. Cantava-se também ao desafio ou cantigas mais ou menos originais, como:

Ó de trás da laranjeira,  
Bem te podes ir embora.  
O meu pai não vai prà cama,  
Eu não posso ir lá fora.

As espadeladas duravam até à uma hora da madrugada, ou mais, no fim das quais se serviam castanhas cozidas ou assadas, com uma boa pinga. À falta de castanhas, boa sardinha com uma pitadita de sal, para puxar, como se costumava dizer.

As malhadas do milho eram bastante simples. Normalmente eram feitas de madrugada e por gente da casa. As malhadas do centeio é que se revestiam de maior importância, pois umas famílias ajudavam-se às outras e depois pagavam-se mutuamente esses favores. Os malhadores reuniam-se sempre à noite, nos meses de Julho, para fugir ao calor. Até à uma hora da noite iam dormir para cima do centeio, com mantas, porque o centeio aquecido debulhava melhor. Mas, em vez de dormir e descansar, o pessoal punha-se na brincadeira. À uma hora da madrugada começava o trabalho. Na eira, iluminada com candeias e lampiões ou, nos últimos tempos, com luz eléctrica trazida por uma gambiarra, seis a oito homens dividiam-se em dois grupos, um de um lado, outro de outro. O centeio era colocado numa fila, no meio da eira e começava a malha. Criava-se então rivalidade entre os grupos de malhadores, procurando dar cada qual com mais força. O som dos malhos era tão intenso que ecoava nas quebradas dos montes circundantes. Alguns lavradores, para que as suas malhadas ficassem memoráveis e fossem as mais famosas, mandavam construir as eiras com um cântaro com o fundo para o ar na parte central das mesmas, imediatamente sob o pavimento cimentado, ou então com um falso, para que o som dos malhos chegasse o mais longe possível. A competição attingia o máximo e animava participantes directos e coadjuvantes. Aqueles que perdessem ficavam com a *anha*. Isto durava toda a madrugada e os trabalhos da eira continuavam pelo dia fora. Aí pelas quatro horas da manhã servia-se a primeira refeição, a *enchiadeira*, com bacalhau frito, acompanhado de batatas também fritas. Ou então, batatas à espanhola com bolinhos de bacalhau. Às oito horas, o primeiro almoço, boa refeição constituída por sopa de feijão branco e batatas com bacalhau regado com bom azeite. Algumas casas mais ricas serviam até cabrito ou vitelo. À uma hora da tarde, o segundo almoço, com arroz de frango, carne de vaca guizada com batata e, como sempre, bom vinho verde tinto da casa a acompanhar. Os trabalhos eram ainda interrompidos com uma boa merenda e, ao escurecer, o pessoal que tinha vindo ajudar voltava a suas



casas levando muitas vezes, principalmente os malhadores mais novos, uns raminhos de alfáfega com cravos oferecidos pelas moças da casa, e que eram conservados durante muito tempo em pequenas jarras, como lembrança das malhadas.

Podemos ligar o desaparecimento destes comportamentos à progressiva emigração, não esquecendo que a sua ausência contribui para um distanciamento entre os vários grupos locais, a que nos referimos já. Era grande a despesa efectuada nestas ocasiões, mas ela justificava-se perfeitamente no contexto então existente.

## APÊNDICE XIX

### PATRIMÓNIO HISTÓRICO-RELIGIOSO-CULTURAL

Reservámos este Apêndice para tocarmos em dois aspectos que não podem ser esquecidos ao falar de Durrães.

O primeiro, refere-se à antiga Igreja de Durrães, que começou a ser demolida em 23 de Junho de 1959, para dar lugar a nova construção, mais de acordo com as necessidades actuais da freguesia. Exceptuando a talha de alguns altares, não dispunha de outros valores que justificassem a sua conservação juntamente com uma Igreja Nova que precisava do mesmo local para ser construída, segundo as pessoas ao tempo responsáveis pelo projecto.

A demolição poucos indícios revelou de antigos edifícios que tivessem existido no local, segundo nos constou. Apenas uma pequena pedra com uma inscrição já anteriormente visível na parede exterior da Igreja Velha, e hoje existente no novo adro, tem suscitado um certo interesse pelo seu possível significado.

A inscrição parece estar truncada, o que nos levaria a crer que existiu, pelo menos, outra pedra com o resto. Mas não se compreende como conservaram apenas essa pedra na parede da Igreja Velha, quando o texto nela gravado parece coevo da reconstrução da mesma, em data desconhecida, mas que não é anterior ao Séc. XVI.

Por outro lado, consta que alguém tentou, na altura da demolição, aprofundar as letras com um cinzel, o que poderia ter deturpado uma ou outra. A inscrição, tal qual se pode ler, é a seguinte:

---

|   |    |   |       |
|---|----|---|-------|
| M | O  | S | Rç    |
| D | O. | M | Õ TE  |
| E | D  | I | Z I M |
| A | D  | E | O S   |

---

Não se trata, como é evidente, de texto em latim, como se tem pretendido interpretar. A grafia é do tipo do Séc. XVI. A primeira linha



parece exigir uma ou mais palavras anteriores. As restantes linhas, só poderão ter a seguinte leitura: ... Do MÔTE É DIZIMA DEOS. A pedra parece ser um documento que os construtores ou restauradores da Igreja Velha sentiram a necessidade de pôr bem visível, como indicativo de que determinado direito relativo ao Monte de Durrães era nessa altura dízimo a Deus, ou seja, tinha sido objecto de arrendamento ou emprazamento em tempos passados, mas a sua propriedade continuava a estar ligada à Igreja, que deveria receber o respectivo foro.

O segundo aspecto, refere-se às Capelas e Cruzeiros de Durrães. Na resposta dada pelo Vigário da Paróquia ao Questionário feito às freguesias no reinado de D. José I, em 1758 <sup>(98)</sup>, lê-se que a esta terra «tem duas capelas, uma no lugar de S. António; outra no lugar do Fojo, de S. Miguel Anjo. Estas são administradas pelo mesmo povo. À capela de S. António, no seu dia vêm procissões e clamores a ela das freguesias de Carvoeiro e Fragoso».

A capela de Santo António desapareceu completamente. Os seus alicerces estão soterrados, tornando difícil a sua localização exacta. A de S. Miguel, sobreveio-lhe a ruína, mas os ozoranenses em boa hora a reedificaram, tendo sido inaugurada em 1 de Outubro de 1978 <sup>(99)</sup>.

No que respeita aos cruzeiros, desapareceram os das capelas de S. Miguel e de S.to António. O pedestal deste último, derradeiro testemunho da próxima localização da capela, foi tombado para uma cova do caminho por um buldozzer que andou a aplainar o estradão do monte.

Há a referir os dois cruzeiros paroquiais, remontando o mais antigo ao Séc. XVI, mandado levantar pelo Abade João Maciel. O mais recente, com cerca de trinta anos, está centrado no lindo miradouro de Durrães, a que se chama também Largo do Cruzeiro.

Por último, o Cruzeiro do Senhor do Lírio, património comum da freguesia desde tempos imemoriais, mas que se encontra vedado actualmente ao público por ter sido construído um muro à volta das propriedades que o circundam. Última etapa de um Calvário de que se conserva apenas uma Cruz junto ao Cruzeiro Paroquial antigo, o Senhor do Lírio está no coração de todos os Ozoranenses, que anseiam pelo dia em que este local de veneração dos seus maiores lhes seja restituído, como é de justiça. Em 1940, cento e seis pessoas, representando todas as famílias de Durrães, assinaram um pedido de reabertura do recinto do Cruzeiro do Senhor do Lírio. O documento original com as assinaturas ainda existe, a lembrar que os ozoranenses não desistem daquilo que lhes pertence e querem transmitir aos vindouros o património que os seus antepassados lhes legaram.

---

<sup>(98)</sup> Torre do Tombo, *Memórias Paroquiais*, Livro 13-32-191.

<sup>(99)</sup> Leiam-se as notas n.º 56 e n.º 66.



# ORIGEM DO NOME DE DURRÃES

A evolução dos nomes de lugar assenta, geralmente, numa raiz historicamente distanciada. Essa evolução diferencia-se mais ou menos mediante o confronto de vários factores.

No caso das localidades do Norte de Portugal, essa fenomenologia do nome está ligada nomeadamente à Reconquista e Repovoamento dos séculos IX-XI. O avanço dos cristãos para o Sul, aproveitando as desordens interiores do invasor árabe, dá azo à tomada de posse das terras que antigamente haviam pertencido à Espanha visigótica.

O direito de «presúria» efectua-se, com efeito, progressivamente, distribuindo-se por uma hierarquia senhorial, sem esquecer as agregações monásticas, que tanto contribuíram para um são e profícuo repovoamento. Ao direito de «presúria» segue-se, muitas vezes, a ligação do nome do «possessor» à toponímia das terras a ele sujeitas.

Nesta conjuntura, entre as várias localidades que seguiram essa regra, e nomeadamente citamos Guimarães, de Vímara, Alvarães, de Álvaro, etc., aparece-nos também Durrães.

A primeira referência histórica à localidade é-nos patenteada num rolo de pergaminho existente no Arquivo Distrital de Braga <sup>(100)</sup>. Esse rolo conserva uma cópia em letra carolina do Censual de Braga, do Séc. XI (entre 1085 e 1099). Mandado realizar pelo Bispo D. Pedro, é uma primeira tentativa estatística sobre a situação da diocese, uma vez coroada de êxito a Reconquista do Noroeste da Península <sup>(101)</sup>.

Esse documento, que contém grande número das actuais freguesias de entre Lima e Ave, refere-se a Durrães, nos seguintes termos: *De Sancto Laurenti de Zloranes*.

Esta forma única deixará de aparecer na documentação posterior, como podemos verificar:

Séc. XI — De Sancto Laurenti de *Zloranes* <sup>(102)</sup>.

1129 — Quomodo dividit *Dorraines* <sup>(103)</sup>.

1320 — Sancti Laurencii de Durrãaes <sup>(104)</sup>.

1528 — S. Lourenço de Dorrãaes <sup>(105)</sup>.

<sup>(100)</sup> Arquivo Distrital de Braga, Gav. 1.<sup>a</sup> das Igrejas, n.º 1.

<sup>(101)</sup> Estudo completo e autorizado do P. Avelino de Jesus da Costa, *O Bispo D. Pedro e a Organização da Diocese de Braga*, Coimbra, 1959, 2 Volumes.

<sup>(102)</sup> Ver nota n.º 100.

<sup>(103)</sup> *Carta de Couto do Mosteiro de Carvoeiro*. Vid. Apêndice X.

<sup>(104)</sup> *Catálogo das Igrejas*, de Fortunato de Almeida. Transcrição já mais moderna.

<sup>(105)</sup> *Livro de Benefícios e Comendas*, Arquivo Distrital de Braga, Papeis das Igrejas, n.º 16.



1535 — Dorraens <sup>(106)</sup>.

1548 — Sam Lourenço de Doraes <sup>(107)</sup>.

1706 — S. Lourenço de Dorrães, & Dorlães, como vulgarmente lhe chamão <sup>(108)</sup>.

Como vemos, modos diferentes de escrever coexistem e se repetem, parecendo até haver regressos mais ou menos desculpáveis. Com efeito, ainda hoje deparamos com pessoas escrevendo o topónimo de maneira diferente: Dorrães, a penúltima forma na linha da evolução e, por sinal, a mais correcta, Durrais, Dorães, Durraens, etc., o que se explica pelo desconhecimento da terra e, a maior parte das vezes, por ignorância ortográfica.

Com uma forma de difícil achado etimológico, houve quem, atendendo à forma Dorlães, explicasse o termo como a sequência natural do nome de uma quinta pertencente a um tal —e imaginário— Senhor Dorla <sup>(109)</sup>. Solução simplista que não respeita nem atende aos antecedentes linguístico-históricos. Outras soluções não iam muito mais além.

A referência do Censual, atrás citado, veio trazer mais luz sobre o assunto. O termo *Zloranes*, embora alatinado, vem revelar uma onomatologia patronímica subjacente, aplicada, no caso, a um nome de lugar. Este fenómeno, que subsiste em alguns prédios rurais do domínio romano, dá-se mais acentuadamente a quando do repovoamento dos sécs. IX-XI, conforme já referimos, e em referência a esses prédios rurais que advieram ao patrono, por força do direito de presúria <sup>(110)</sup>.

É possível que Durrães haja tido vários *possessores*. Sabemos, porém, que um tal Sarrazino Ozores ou Ossoriz era possuidor da localidade nos começos do Séc. XII. A Carta de Couto de 1 de Julho de 1129, assinada por D. Afonso Henriques, nomeia-o como senhor das terras que a partir de então formaram o Couto de Carvoeiro. Sarrazino Ozores, por seu lado, era filho de D. Ozório Velloso, Conde de Cabreyra, neto de Ramiro II, a ter em conta a informação fidedigna do P. António Carvalho da Costa na sua *Corografia Portuguesa* <sup>(111)</sup>, e está sepultado no Convento de Carvoeiro, segundo testemunho de vários autores <sup>(112)</sup>. É natural que estas terras pertencessem já ao Pai de Sarrazino Ozores, D. Ozório. A relação

---

<sup>(106)</sup> Documento da Instituição do Morgado de Malta, em Durrães, datado de 7 de Janeiro de 1535.

<sup>(107)</sup> *Tombo de Durrães*, de 9 de Fevereiro de 1548, Arquivo Distrital de Braga, Caixa 242, Doc. n.º 1.

<sup>(108)</sup> P. António Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa*, I, Lisboa, 1706, p. 302.

<sup>(109)</sup> Ernesto de Amorim Magalhães, *Barcelos, do Passado, no Presente*, Barcelos, 1958, p. 292.

<sup>(110)</sup> Joseph M. Piel, *Nomes de «possessores» latino-cristãos na toponímia asturo-galaico-portuguesa*, in *Biblos* (Coimbra) XXIII (1947).

<sup>(111)</sup> P. António Carvalho da Costa, *op. cit.*, p. 309.

<sup>(112)</sup> P. António Carvalho da Costa, id. Pinho Leal, em *Portugal Antigo e Moderno*, II, Palavra Carbona, Lisboa, 1874, p. 104, é da mesma opinião. Leia-se



delas com esta família é corroborada pelo facto de também estar sepultado no Convento de Carvoeiro o cunhado de D. Sarrazino, D. Gomes Pires, casado com Dona Maria Ozores, segundo lemos na *Benedictina Lusitana*. Daí um certo conhecimento das terras então integradas no Couto de Carvoeiro como terras de Ozório ou de Ozores, que na forma alatinada da época daria à localidade o nome de Ozoranis ou Ozoranes.

Evoluções estereotipadas num período de formação de linguagem justificariam o aparecimento, por epêntese, do L intermediário, seguido da aférese do O inicial. E assim nos aparece o topónimo Zloranes, que mais não é do que uma deturpação popular da forma alatinada do patronímico atrás citado. A *deturpação* continuou, como lei de menor esforço, com a queda do grupo fonético ZL, a fim de possibilitar a contracção com a preposição determinativa: *S. Lourenço de (Zl)oranes*, *S. Lourenço d'oranes*, *Dorranes*, *Dorrães*, *Durrães*.

Assim se formou, a nosso ver, o nome de Durrães. A ligação efectuada entre o termo actual e o padroado local antigo parece ser totalmente compatível. Parece mesmo evidente a sincronia entre o patronímico e o topónimo, apesar de revelar uma diacronia exagerada. Todavia, a raiz não se perdeu da base inicial.

O termo reconstituído *Ozoranis* ou *Ozoranes* levou-nos a utilizar o vocábulo *Ozoranenses* sempre que nos referimos aos habitantes de Durrães, por nos parecer o mais correcto.

Escrevemos este texto já em 1971. De então para cá, descobrimos que Luís Pinheiro havia mantido correspondência com Xavier Fernandes, do *Jornal de Notícias*, sobre este assunto. Xavier Fernandes, na sua coluna intitulada *Português para todos*, respondeu às cartas de Luís Pinheiro, no *Jornal de Notícias* de 23 de Abril de 1956 e de 17 de Outubro de 1958. No primeiro, apontava para a necessidade de encontrar referências históricas. Entretanto, Luís Pinheiro tinha conhecimento do Censual de Braga, onde leu *Lloranes*. O segundo artigo do *Jornal de Notícias* vem dizer que se estava no caminho certo, mas nada de concreto se poderia ainda concluir. Na nossa óptica, faltou a Luís Pinheiro a leitura feita pelo Doutor Avelino de J. da Costa — Zloranes e não Lloranes — e a sua relação com os *possessores* de Durrães durante a Reconquista.

---

também o que diz a *Benedictina Lusitana*, no texto que transcrevemos em Apêndice VIII.

É interessante ver a Lenda da Miragaia ou de Gaia, nascida dos amores do Rei Ramiro II com uma princesa árabe. D. Ozório Velloso seria neto deste casal e D. Sarrazino Ozores bisneto. A Lenda de Gaia tem duas versões nos Nobiliários, sendo a 1.<sup>a</sup> conservada no II Livro das Linhagens, *Scriptores*, I, 180-181 e estando a 2.<sup>a</sup> coligida no IV Livro de Linhagens, *Scriptores*, I, 274-277, *Portugaliae Monumenta Historica*, 1856 e ss. Almeida Garrett, in *Miragaia, Romanceiro*, I, 181-211, tem uma ótima apresentação do tema.



## BIBLIOGRAFIA

- E. DE AMORIM FERNANDES, *Barcelos, do Passado, no Presente*, Barcelos, 1958.
- A. BORGES COELHO, *Comunas ou Concelhos*, Lisboa, 1973.
- J. CAMPOS FERREIRA, *A propriedade rústica em Portugal*, Lisboa, 1915.
- P. A. CARVALHO DA COSTA, *Corografia Portuguesa*, I, Lisboa, 1706.
- C. E. R. M. — *Sobre o Feudalismo*, Trad. de Maria de Fátima Martins Pereira, Lisboa, 1973.
- A. DE J. DA COSTA, *O Bispo D. Pedro e a Organização da Diocese de Braga*, Coimbra, 1959, 2 volumes.
- P. M. DA CUNHA SERRA, *Contribuição para o estudo do povoamento do Noroeste Peninsular*, Lisboa, 1962.
- J. DIAS, *Vilarinho da Furna, Uma Aldeia Comunitária*, Porto, 1948.
- B. ENES PEREIRA, *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa*, Lisboa, 1965.
- T. DA FONSECA, *O Concelho de Barcelos Aquém e Além-Cávado*, I, Barcelos, 1948.
- H. LAUTENSACH, *Bibliografia geográfica de Portugal*, Lisboa, 1948.
- C. MEILLASSOUX, *Mulheres, Celeiros & Capitais*, Trad. de António Figueiredo, Porto, 1977.
- P. MEREA, *Ainda a concessão da Terra Portucalense*, Coimbra, 1963.
- M. DE OLIVEIRA, *As Paróquias rurais portuguesas — Sua origem e formação*, Lisboa, 1950.
- D. PERES, *Como nasceu Portugal*, Porto, 1967.
- L. PINHEIRO, *Alguns aspectos etnográficos da Ribeira do Neiva*, Porto, 1960.
- M. J. PINHEIRO MACIEL, *Para uma visão histórica do Vale do Neiva*, in *O Rio Neiva, Monografia*, Porto, 1978, pp. 105-140.
- R. PINTO DE AZEVEDO, *Documentos Medievais Portugueses, Documentos Régios*, Lisboa, 1958.
- A. SAMPAIO, *Estudos d'Economia Rural do Minho*, in *Estudos Históricos e Económicos*, II, Porto, 1923, Apêndice.
- A. SAMPAIO, *As Villas do Norte de Portugal*, Porto, 1903.
- J. SILVA LOURENÇO, *Algumas considerações sobre o emprego das unidades de trabalho, gado e tracção na análise económica da exploração agrícola*, Lisboa, 1961.
- J. SILVA MARTINS, *Estruturas Agrárias em Portugal Continental*, Lisboa, 1973-75. 2 Volumes.
- T. DE SOUSA SOARES, *Reflexões sobre a origem e a formação de Portugal*, in *Revista Portuguesa de História* (Coimbra) VII (1957).
- FR. L. DE S. TOMAS, *Benedictina Lusitana*, II, Coimbra, 1651.
- M. G. VIANA, *O problema agrícola português considerado à luz da psicologia e da sociologia*, Porto, 1948.





# ÍNDICE

|                                                                | Págs. |
|----------------------------------------------------------------|-------|
| INTRODUÇÃO ... ..                                              | 5     |
| ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO ... ..                      | 6     |
| Situação Geográfica ... ..                                     | 6     |
| Situação Histórica ... ..                                      | 8     |
| ECONOMIA OZORANENSE ... ..                                     | 12    |
| No passado ... ..                                              | 12    |
| No presente ... ..                                             | 15    |
| Calendário agrícola ... ..                                     | 15    |
| Recursos naturais comuns e sua apropriação individual-grupal   | 17    |
| Relações de produção e forças de trabalho ... ..               | 22    |
| Outras formas de economia ... ..                               | 25    |
| Canalização de excedentes ... ..                               | 27    |
| Conclusão sobre a economia ozoranense ... ..                   | 27    |
| A SOCIEDADE OZORANENSE ... ..                                  | 28    |
| Dominantes sociais ... ..                                      | 28    |
| O factor religioso ... ..                                      | 29    |
| O parentesco ... ..                                            | 34    |
| A emigração ... ..                                             | 37    |
| As Relações Sociais ... ..                                     | 41    |
| CONCLUSÃO ... ..                                               | 44    |
| APÊNDICE I — Relação evolutiva do parentesco em Durrães ... .. | 45    |
| APÊNDICE II — Rol da água de Arêfe ... ..                      | 103   |
| APÊNDICE III — Rol da água da Ponte da Vila ... ..             | 117   |
| APÊNDICE IV — Rol da água de Fonte de Egra ... ..              | 118   |
| APÊNDICE V — Rol da água da Fontainha ... ..                   | 120   |
| APÊNDICE VI — Rol da água de Vilar ... ..                      | 121   |



|                                                                                                                        |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| APÊNDICE VII — Tombo da Igreja de Durrães, de 1548 ... ..                                                              | 122 |
| APÊNDICE VIII — Extracto da <b>Benedictina Lusitana</b> sobre o Convento<br>de Carvoeiro ... ..                        | 125 |
| APÊNDICE IX — Extractos de testamentos conservados em Durrães e com<br>importância para a história da freguesia ... .. | 128 |
| APÊNDICE X — Carta de Couto do Mosteiro de Carvoeiro e respectiva<br>tradução. Coutos confinantes ... ..               | 130 |
| APÊNDICE XI — Documentos do Mosteiro de Carvoeiro ainda existentes                                                     | 134 |
| APÊNDICE XII — Declaração dos limites da freguesia, em 1803 ... ..                                                     | 137 |
| APÊNDICE XIII — Auto da bênção da primeira pedra da nova Igreja<br>de Durrães ... ..                                   | 138 |
| APÊNDICE XIV — Alguns apontamentos de Joaquim N. O. Maciel sobre<br>Durrães ... ..                                     | 139 |
| APÊNDICE XV — Arquivo Paroquial de Durrães ... ..                                                                      | 142 |
| APÊNDICE XVI — Tradições populares, superstições, etc. ... ..                                                          | 146 |
| APÊNDICE XVII — Literatura oral popular ... ..                                                                         | 151 |
| APÊNDICE XVIII — Aspectos da festa em Durrães ... ..                                                                   | 154 |
| APÊNDICE XIX — Património histórico-religioso-cultural ... ..                                                          | 156 |
| APÊNDICE XX — Origem do nome de Durrães ... ..                                                                         | 158 |
| BIBLIOGRAFIA ... ..                                                                                                    | 161 |





biblioteca  
municipal  
barcelos



8685

Monografia de Durrães